

As די
fatias רעפֿטלער
de ברויט
pão

A literatura de
Lisa Abramovictz

Felipe Abramovictz (org.)

As די

fatias רעפֿטלער

de ברויט

pão *Di reftlekh broyt*

A literatura de
Lisa Abramovictz

Felipe Abramovictz (org.)
Projeto As fábulas da minha avó

sumário

Introdução	5
Apresentação	9
Prefácio do organizador	11
A pequena ilha de pedra	17
Dezoito minutos antes do pôr do sol	205
Os castiçais da vovó	367
Glossário	436

Em memória de meus avós
Maurício e Adélia Zaitz

LASCIA ELISA ABRAMOVICTZ

Introdução

Felipe Abramovictz

Lascia. Elisa. Lisa. 1995. Visita à casa dos avós. Rastros de memória, talvez as primeiras, as mais antigas. Bairro da Pompéia, São Paulo. Objetos por toda a parte: uma estátua branca de um cachorro, um espelho serigrafado com réplica de Alphonse Mucha, um porta-retrato com a fotografia de um passeio em Poços de Caldas.

Ao lado da porta, uma cadeira. Rebecca, minha bisavó, onipresente e atenta. Palavras em iídiche. Ao fundo, o quarto dos meus avós, Leão e Elisa, como Lascia gostava de ser chamada. Uma grande cômoda, com os nove tomos da coleção “Judaica” e um livro encadernado escrito a máquina com inúmeras marcações a caneta. O livro da minha avó. Ou melhor, os livros. Tempo em suspenso. Desejo de me sentir presente.

Os álbuns de fotografia postos na mesa. Do porão, caixas de papelão tomam a sala. 1940, Bom Retiro. 1960, Rua Clélia, Lapa. Ou melhor, Vila Romana. 1890, Bessarábia. Rostos que nunca conheci. 1980, Caxambu. Não. São Lourenço. 1990, imagens de uma viagem para Caldas Novas, meus avós vestem roupões. 1970, Candy, a cachorra sobre a qual ouvi tantas histórias, encara a câmera. 1920, em um reflexo de um espelho, os bisavós que nunca conheci.

No fundo da caixa, alguns manuscritos. Conto as páginas. A história parece não ter fim. Páginas soltas lembram aquelas vistas na gaveta de meu pai, esparramadas por todo canto. Encontro outro caderno escrito a mão. Depois, mais um. Contos. Sete contos. E uma história real.

Por fim, um terceiro, acompanhado de um envelope que revela que o conto ali contido havia sido enviado a um concurso. Ao fundo, a encadernação se une a outro caderno, volto os olhos para a palavra Fim. Reúno os três manuscritos, diante da descoberta. “O livro da minha avó” que povoava as lembranças da minha infância, na verdade, eram três. Ou dois e meio.

Vasculho as gavetas do quarto do meu pai. Contos de dez anos atrás, fotografias, antigos exames médicos e receituários. Vestígios de

traças atravessam as páginas espalhadas no fundo da gaveta. Pouco a pouco, folheio as páginas que encontro, tentando ao máximo reunir todo possível, reconhecendo pela primeira vez a grafia da minha vó.

É preciso ordenar, juntar. Fixo os olhos nas numerações das páginas, certo que aquele livro escrito a máquina se tratava do manuscrito que sempre permanecerá ao lado da cama dos meus avôs. 4-6o. 68-120. 162. FIM. 161. 147. 146. 145... Junto os pedaços, 10 anos que vi aqueles escritos pela última vez. Ou seriam mais? Faltam páginas. A capa enfim aparece. Num Gueto da Idade Média. Lisa Abramovictz. Será que fomos tão próximos? Em seguida, mais uma capa, sinalizando que o título já era outro.

Nas anotações a caneta, a palavra gueto dá lugar à juderia, depois a uma pequena ilha de pedra. A gaveta é tirada para fora da cômoda. Ao fundo, mais páginas. Alívio. O quebra-cabeças se fecha. Coloco o livro ordenado em uma pasta. Cinco minutos depois, reabro a pasta e começo a leitura, reticente de que aquele gesto pudesse desfazer o encanto do desconhecido.

Penso na escolha de palavras, na forma como os parágrafos estão dispostos na página, nas curvas das letras “L”. Prossigo e cada vez me sinto mais distante da cômoda do quarto de minha avó e sou levado a outros tempos, outras histórias. Sigo diante dos manuscritos por horas a fio, até a última página.

No dia seguinte, transcrevo o título para o computador e, página a página, releio todo o livro enquanto digito. Provando o gosto de um sonho interrompido, do não-concluso, do livro engavetado, guardo os manuscritos na pasta. Levo a pasta novamente para a caixa de papelão junto das fotos de família.

A caixa volta ao porão. Volto ao computador, abro o e-mail, anexo o arquivo. Com a lista de destinatários em branco, encaminho para meu próprio e-mail. Sem assunto. Recebo o mesmo. Abro o arquivo, pela primeira vez me apropriando daquelas palavras.

Lisa, Elisa, Lascia, nunca me pareceram tão familiares.

nia, dos que permaneceram na "quempada" ^{espuma}
- Com o passar do tempo a sorte vai se
sentir lograda, com a falta dos competentes
administradores e o povo vai se sentir lesado
com a ausência de muitos tabuleiros médicos.
Quando a angustia nos aflige nas noites so-
litarias vamos procurar viver o som histo-
rico que vem do vento frio do deserto. Num
futuro remoto a geração de fadus, que tiver o
fútil de coexistir com o sono concreto-
do da liberdade de Israel, poderá dizer
com toda consciência que viveu plenamente.
Em dado momento o crado cantado abrandou
a voz e começou a fazer perguntas aos
seus companheiros de jornada.
Repentinamente virou-se para Pablo e
perguntou: — E você meu jovem passo
hábe como se chama?
Pablo respondeu sem hesitar: — O meu
nome é Ephraim David Abramovitch,

Apresentação

Luna Alkalay

Ao apresentar os livros de Lisa Abramovitch, prosseguimos com nossa proposta de resgate de livros de família dando voz a escritos esquecidos em inúmeras gavetas em inúmeros abandonos. Relatos que não só recuperam trajetórias plenas de memórias e de sabedoria como de grande qualidade literária e valor histórico. Estejam disfarçados em receitas ou diários de uma vida, eles traduzem momentos significativos da trajetória de suas autoras.

Escritos singelos e sinceros nos possibilitam a aproximação com nossa própria formação e com o percurso que essas mulheres foram capazes de expressar. Lisa Abramovitch, para nossa surpresa, optou por criar uma ficção repleta de humanismo na qual ela reflete a eterna opressão vivida pelas comunidades judaicas ao longo da história. Ao localizar seus romances na Sevilha medieval ou num pequeno vilarejo da Bessarábia nos anos 1910, Lisa Abramovitch fala forte e alto dos perigos, desafios, medos que ela, sua família, assim como tantas outras tiveram que enfrentar nas diásporas que até hoje afligem imigrantes obrigados a abandonar seus locais de origem.

Lisa e tantas outras autoras à espera desse resgate têm o que dizer e merecem ser ouvidas em tempos difíceis como estes em que nos encontramos.



Prefácio

Felipe Abramovitz

“As Fatias de Pão – Fábulas da Minha Vó” é um percurso afetivo entre as obras de ficção escritas por minha avó, Lisa Abramovitz, há mais de três décadas, encontradas no fundo das gavetas.

Dois dos livros foram transcritos dos cadernos da autora especialmente para o projeto e outro a partir de uma comparação entre duas versões escritas a máquina. Para a publicação, os livros passaram por um denso processo de revisão, visto que as versões localizadas não tinham indicações que nos permitiam concluir quando os livros eram considerados finalizados pela autora. Optou-se, portanto, por tomar como base o livro que foi localizado em uma versão mais próxima da final, “A Pequena Ilha de Pedra”, para que o estilo da autora fosse rigorosamente mantido.

Em seguida, ao lado da editora do livro, Luna Alkalay, pude me dedicar a uma densa revisão e reescrita: quando fossem necessárias alterações mais substanciais, respeitaríamos o estilo da autora, sem que nenhuma alteração nos distanciasse do caminho percorrido na dramaturgia original e que nenhum novo parágrafo tivesse que ser escrito.

O primeiro passo, portanto, seria uma compreensão sobre as características de escrita de Lisa. Conhecer a autora que não conheci pessoalmente. Numa primeira leitura, o leitor notará especialmente o interesse de Lisa por partir para o processo de escrita para conhecer um pouco mais da cultura judaica, da história das diásporas e da literatura escrita e guardada por mulheres. A descoberta dos porquês. Na leitura é possível sentir os passos dessas descobertas num percurso muito pessoal da autora, assim como o desejo de compartilhar essas narrativas com o leitor. O interesse historiográfico e pelo idioma hebraico, é parte dessa percepção. Mas estaria ali o estilo?

Havia algo mais específico, de difícil simplificação, que fugia dessa conceituação. Resolvi, portanto, partir para o que havia de mais específico na narrativa dos três livros: a intromissão recorrente dos relatos, das histórias escutadas em primeira mão, dos segredos con-

fidenciados por familiares que passaram pela longa diáspora judaica da primeira metade do século XX e seus traumas, mixada como parte de uma história escrita com distanciamento do relato mais pessoal. Tanto a Sevilha medieval, quanto o relato da Bessarábia dos anos 1910, pareciam agora mais familiares. Não que as histórias fossem propriamente biográficas: as inspirações estavam distanciadas do seu referencial histórico, afetivo e geracional. O rabino do gueto de Sevilha, uma criação ficcional, era inspirado na figura de muitos outros rabinos, inventados ou não. Um ponto de encontro entre as leituras sobre a Sevilha medieval, os toques do shofar nas sinagogas do Bom Retiro ou até mesmo dos relatos ouvidos dos antepassados na Rússia ou na cidade de Sfat, Israel. Qual o motivo da escolha de personagens e realidades tão distantes dela, nascida e crescida em São Paulo, com poucas oportunidades de conhecer o mundo além das fronteiras de sua cidade natal? O que eu sabia sobre esses personagens, que surgiam e desapareciam nas narrativas? O que ela sabia?

Foi nesse momento que percebi que essas questões não eram centrais para a literatura de Lisa. Não se tratava de histórias sobre indivíduos, antepassados ou descendentes, mesmo que – através de suas ausências – eles ali estivessem. Nas obras dela, a realidade era apresentada por uma coletividade, uma comunidade. A comunidade judaica. Através dessa coletividade ela externava as temáticas que atravessam as obras, para um público que vai muito além dessa comunidade e de barreiras etárias: opressão, discriminação, preconceito, diáspora para leitores de todas as idades. Para tanto, Lisa se ampara na tradição oral judaica. É nessa tradição que a autora encontra sua forma de narrar suas histórias de distintas gerações, famílias, temporalidades.

Os três livros se permitem saltos bruscos de tempo, guiados pelas mudanças nas coletividades provocadas pelas fugas, violências. Traumas das diásporas vêm à tona a partir de um ponto de vista da comunidade judaica e suas tradições, entre as quais o vocabulário em hebraico e iídiche e o relato das conversas entremeadas por fatias da chalá.

Entre as referências diretas, encontra-se a estruturação dos relatos contidos no Talmud e na Midrash e nas histórias judaicas de tradição oral do Leste Europeu, contadas a partir da herança popular.

A referência à fábula no título do projeto parte justamente desse ponto: o romance é estruturado em blocos curtos tecidos por uma linha de baixa gramatura, com forte referência nos contos morais. É a geografia dos vilarejos retratados e seus poucos habitantes ao longo de décadas ou até séculos, que guia o leitor entre histórias de partilha de um bem comum e seu posterior apagamento.

Não são os personagens que têm a maior complexidade na descrição, mas a vida em si mesma, o dia a dia daquela comunidade, o vai e vem, o anseio comum. A cada trecho do texto, a narrativa é tomada por outras narrativas curtas que atravessam a trama recheadas de valores éticos, em uma linguagem simples, direta, como se fosse parte da memória coletiva do vilarejo retratado.

Para Lisa, interessava especialmente construir nas suas narrativas uma mediação calcada num espaço afetivo de diálogo que permitisse que o leitor pudesse ser estimulado a refletir sobre o lugar da memória enquanto um lugar de invenção. Está na experimentação sobre as fronteiras entre o familiar e a noção de comunidade na sua dimensão sensível, o gesto mais potente de sua obra.

O primeiro livro a ser apresentado, “A Pequena Ilha de Pedra”, é um relato ficcional ambientado na Sevilha medieval que introduz a constante aflição vivida por uma comunidade judaica sob o perigo e a opressão que ainda hoje são sofridos por refugiados obrigados a abandonar seus locais de origem.

A obra de Lisa, que aborda o momento em que os judeus foram expulsos da judiaria de Sevilha e obrigados a emigrar, narra a história de duas gerações de uma mesma família em busca de uma maneira de resistir ao autoritarismo e à repressão daqueles que não lhes permitiam exercer sua fé e sua cultura. Foi concebido a partir do resgate de histórias orais da tradição judaica e de uma pesquisa historiográfica densa sobre o gueto de Sevilha.

É uma ficção repleta de humanismo na qual ela reflete a eterna opressão vivida pelas comunidades judaicas ao longo de várias gerações.

“Dezoito minutos antes do pôr do sol”, segundo livro, é ambientado num vilarejo da Bessarábia na primeira metade do século XX. Na obra, as vivências de 25 famílias judias em meio às transformações sofridas pelas duas Grandes Guerras e Revoluções. Histórias de violência, mediadas pelo senso de comunidade daquelas famílias, que pouco a

pouco são esfaceladas pelos conflitos e pelo antissemitismo.

Por fim, “Os Castiçais da Vovó – Sete contos e uma história real”, livro estruturado a partir de histórias vividas e ouvidas pela autora. Contos, encontros e encantos, para todos os públicos e idades. Em destaque, o conto que dá nome ao livro e “O contador de histórias”, nas quais ela ficciona a sua própria história.

Espero que os livros possam permitir que a obra de Lisa seja enfim lida, debatida, como fabulada pela autora há mais de trinta anos. Dar vida às narrativas escritas é, sobretudo, uma homenagem à fabulação.

Se em vida Lisa não conseguiu que sua literatura fosse lida nem pelo núcleo familiar mais próximo (no qual me incluo), o lançamento cuidadoso de suas histórias poderá mitigar esse silenciamento, que coincidentemente ou não, é o tema que ecoa ao longo das três obras.



A
pequena
ilha
de
pedra

Numa Judaria da Idade Média Introdução da autora

A Idade Média, cognominada também “Idade das Trevas”, prolongou-se por um período de quase mil anos. Os homens pareciam paralisados pela ignorância, superstições e falta de conhecimento. Era como se um espesso manto de poeira envolvesse os países do velho mundo, cobrindo os sentidos e a inteligência do homem.

Cada país, regido por um poder absoluto, dominado pela corporação clerical e uma dispendiosa corte, vivia indiferente à falta de recursos do povo. A apatia dos reinos pelos direitos humanos de seus súditos desencorajava os homens mais dotados para tentar desenvolver projetos ou experiências em qualquer ramo científico, intelectual ou artístico. Temerosos também com o povo dominado pelo misticismo e crenças absurdas, preferiam abdicar de suas pretensões antes que fossem taxados de bruxos e conduzidos às crepitantes fogueiras.

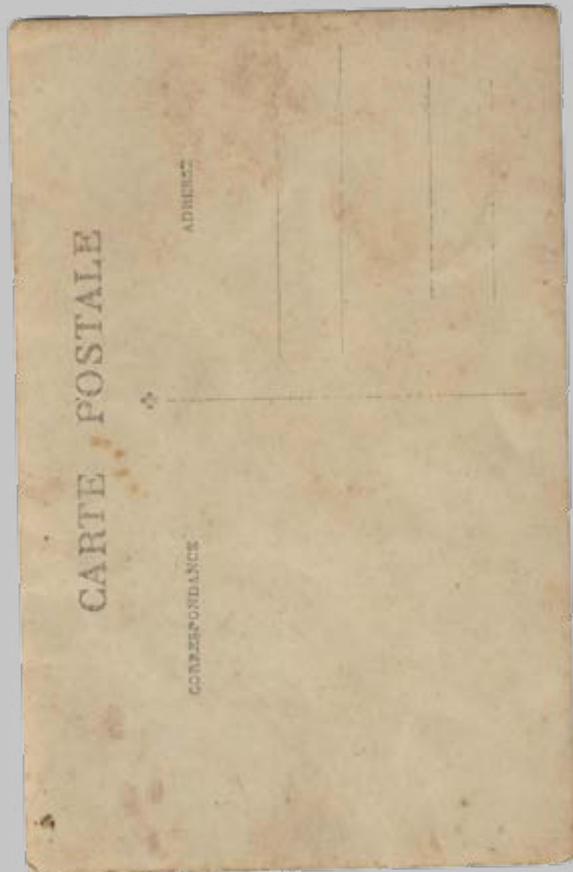
Com o feudalismo, que descentralizou o poder real, houve um desenvolvimento econômico. Entretanto, os senhores feudais, proprietários de terras, preocupavam-se somente com guerras e torneios.

Nesse mundo de horizontes estreitos viviam cristãos, maometanos e judeus. Estes últimos, os mais sofridos, dispersos desde a destruição do segundo templo, habitavam o norte da África, a Europa Oriental e Central. Mesmo assim, sua fé inabalável, sua riqueza bíblica, suas tradições e lendas atravessaram os séculos.



Nota do organizador: Nos manuscritos do livro, há uma menção ao título “Numa Juderia da Idade Média”. Na publicação do livro, optamos pelo título que acompanhava a introdução.

Capítulo I



Na era da morosidade, heróicas famílias judias que viveram séculos na obscuridade despertaram minha imaginação, para tecer uma história, que se mescla com fatos verídicos.

Levas de judeus vindos da África do Norte espalharam-se por várias cidades e vilas da Espanha. Corria o ano de 1370 num gueto da cidade de Sevilha, conhecido pelo povo espanhol como juderia.

A pequena comunidade era liderada pelo rabino David Ibn Abraão. Homem de várias atividades, exercia também as funções de médico e químico. Descendente de uma família de médicos, herdara do pai tudo que sabia. Sua família era formada pela esposa Ester e os filhos Marcus, Salomão, Joseph, Miriam e Efraim.

Quando sua família se recolhia, Rabi David todas as noites ia até a janela e, como um protetor de seu querido povo, vasculhava todos os recantos, até onde sua vista pudesse alcançar. Examinava os guardas, que se postavam diante dos trancafiados portões, cercados por altíssimos muros. Apesar da prisão domiciliar inspirar uma relativa segurança, os seus residentes sentiam-se humilhados. Eram considerados párias da sociedade, sem os direitos mínimos de cidadãos.

Com a paz reinante no gueto, Rabi David, segurando um lampião, entrou no último compartimento da casa. Nos cantos do quarto estavam empilhados tônicos, unguentos e chás medicinais.

O pai de Rabi David, um conceituado médico de Toledo, ensinara seu filho a manipular os componentes químicos na fabricação de remédios, como também o incentivou a pesquisar novas drogas, para aliviar o sofrimento dos enfermos.

Era aniversário da morte dos pais “yahrtzeit” e, na quietude da noite, Rabi David, depois de orar, voltara seus pensamentos para a trágica morte dos entes queridos e de centenas de judeus.

Ele estudava na Yeshivah, quando soube do massacre no gueto de Toledo. Os fatos aconteceram em 1355 com a Guerra Civil, quando Henrique de Trastamara mandou seus soldados trucidarem e pilharem os judeus da juderia de Toledo. Só escaparam os fugitivos e os convertidos.

Quinze anos haviam se passado, mas Rabi David não podia esquecer a cena chocante que presenciou: corpos de pessoas queimadas,

inclusive de seus pais, parentes e amigos.

A única esperança de apego à vida que lhe restara era encontrar Ester, irmã de seu amigo Efraim, que não constava dos mortos. Rabi David lembrava do instante em que correria desesperadamente, vasculhando todos os esconderijos à sua procura. Quando a encontrou trêmula e assustada, ambos se abraçaram unidos pelo mesmo sentimento de dor.

Para alegrar um pouco seu coração, recordou de sua emoção durante a cerimônia de casamento com Ester na comunidade judaica de Sevilha, onde resolveram permanecer, pela receptividade amiga de seus habitantes.

Depois de preparar os remédios de seus doentes, Rabi David foi se deitar. No dia seguinte, enquanto orava na sinagoga com os religiosos madrugadores, Ester preparava o desjejum. Pela janela dos fundos, era possível enxergar o telhado da velha sinagoga. Com a proximidade do inverno, o dia estava frio e opaco.

Ester aqueceu as mãos no fogo do fogão à lenha. A seguir pôs para ferver o leite e a água do chá. O cheirinho bom de pão no forno atraía primeiro o pequeno Efraim.

“– Mamãe, estou com fome”.

“– Um pouco de paciência filho, seu pai vem chegando e seus irmãos já sentiram o cheiro do pão”.

Todos sentados para a refeição matinal Rabi David repetiu as palavras diárias da oração ‘Benedición de la Mesa’:

“– Abençoado sejas Tu Ó Senhor Nosso D’us Rei do Universo, que fazes brotar o pão da terra”.

Rabi David, homem de muitas ocupações, só dispunha da refeição matinal e noturna para conversar com os filhos. Os primogênitos, os gêmeos Salomão e Marcus, de quatorze anos, e Joseph, de treze, que já haviam feito o Bar Mitzvah, esperavam ansiosamente a permissão do pai para estudar na Yeshivah.

Rabi David, iniciando a conversa, perguntou aos três filhos mais velhos: “– Gostaria realmente de saber de vocês se estão dispostos a frequentar uma Yeshivah?”. Salomão respondeu: “– Eu quero me aprofundar nos estudos e me tornar um rabino, pai”. Marcus falou a seguir: “– Pai, eu gostaria de frequentar a Yeshivah somente para adquirir uma instrução razoável, mas meu ideal mesmo, é ser um médico

como o senhor”. Joseph, então, foi o último filho a responder: “– Eu quero conseguir ambas as profissões como o senhor: rabino e médico”.

“– Meus filhos, prestem atenção nas minhas palavras: na opinião de uma pessoa mais experiente, acho que vocês devem permanecer ainda na nossa companhia uns dois anos. Vocês podem ser considerados felizes, por ter um melamed com instrução acima do esperado. É bondoso e dedicado. Além do dever de ensinar o usual como o alef-beit, o Pentateuco, as orações em hebraico e o preparo para o Bar Mitzvah, ele também tem um estudo aprimorado do Talmud, que poderá ser muito útil, enquanto vocês aguardam o momento propício de ingressar na Yeshivah. Assim como meu pai fez comigo, vou ensinar a vocês tudo o que os médicos acumularam até os dias de hoje. Também poderão me acompanhar, duas vezes por semana, nas visitas aos doentes. Se não estiverem de acordo, vou respeitar suas decisões, porque já posso considerá-los homens responsáveis pelos seus atos”.

Os três rapazinhos respeitosamente aprovaram a opinião do pai.

O pequeno Efraim interrompeu a conversa, interrogando: “– Pai, por que ninguém me pergunta o que eu quero ser quando crescer?”

“– Pode responder meu filho, nós todos queremos saber”.

“– Eu quero ser um vagabundo, não gosto de estudar”, concluiu Efraim.

As incontidas risadas foram interrompidas pelo sisudo Joseph. “– Pai, é bom o senhor ficar sabendo que o Efraim e seu colega Aron não se comportam como devem no cheder. Mesmo nós, os mais velhos, separados apenas por uma porta aberta, podemos notar o aborrecimento do professor. Eles ficam desatentos aos ensinamentos do pobre melamed e fazem muito barulho”.

“– O melamed merece o respeito de seus alunos. Você e seu colega vão pedir desculpas ao melamed e prometer prestar mais atenção nas aulas”.

Efraim, envergonhado, respondeu: “– Pai, eu prometo me comportar, porque tenho pena do melamed, que tem uma bruxa de mulher, três filhas mais bruxas ainda e nenhum filho para socorrê-lo”.

Rabi David balançando a cabeça em sinal de desaprovção disse: “– Estou decepcionado, Efraim, e espero que você não me cause mais decepções, caso contrário, vou tomar certas providências... E você, Miriam, o que tem a dizer?” .

“– Pai, a mamãe e eu andamos conversando e achamos que nós mulheres devíamos poder escolher também uma profissão, além de cuidar da casa e dos filhos”.

Rabi David não pôde deixar de sorrir, quando respondeu: “– Minhas queridas Miriam e Ester: o dever da mulher é educar, amar seus filhos, além de cuidar dos afazeres domésticos. A maioria dos maridos judeus até reconhece o sacrifício de suas esposas. Nós vivemos durante séculos num atraso imutável. Só a religião com sua fé e sabedoria nos impulsiona para frente. Quando os homens que habitam a terra se tornarem mais esclarecidos e menos preconceituosos, talvez um dia as mulheres tenham oportunidade de mudar sua condição social”.

Falando como um visionário, digamos daqui a quinhentos anos.

“– Papai”, respondeu a filha, “nesse caso não interessa a nós mulheres”.

“– Crianças”, lembrou Ester. “– Está na hora de dar graças”.

As cinco crianças responderam em uníssono. “– Abençoado seja o Misericordioso Rei do Universo”.

Capítulo II

Após o desjejum, o silêncio substituiu o alegre diálogo. Os meninos foram ao cheder, Rabi David saiu para as visitas de seus doentes e Miriam tratou de pôr ordem nos quartos.

As conversas matinais ao redor da mesa eram um alento para Ester começar um dia exaustivo. A união familiar que se estendia a toda comunidade era uma força que o povo judeu conservava como um estímulo de sobrevivência.

Enquanto trabalhava arduamente, Ester procurava recordar cada palavra pronunciada pelos membros da família, cristalizando aqueles momentos felizes. Olhando pela janela, viu David saindo da casa da viúva Sure, que estava adoentada. Ele iria percorrer as ruelas estreitas do gueto, levando remédios e uma palavra de carinho aos enfermos.

Quando o velho portão da juderia se abriu, rangendo como um lamento de dor, atravessaram para a ilusória liberdade os judeus, em busca do sustento da família.

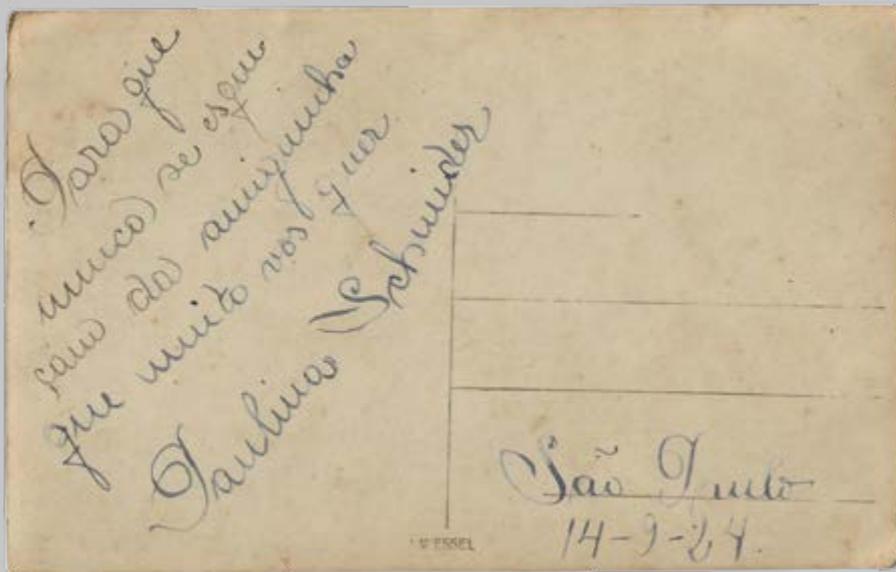
Horas mais tarde, também saiu por aquela porta Rabi David para atender o pedido de socorro do povo de Sevilha.

Rabi David, o caridoso, o médico que não fazia distinção entre o rico e o pobre, o judeu e o gentio. Percorria longas distâncias, com o intuito não só de curar, como aconselhar os pacientes, muitos deles analfabetos, que não compreendiam facilmente as explicações.

As doenças mais comuns dos cristãos eram os eczemas, feridas e doenças do coração causadas pela gordura da carne de porco e o excesso de sal nos alimentos. O médico David aconselhava moderação na alimentação e dieta, como também ensinava sobre a higiene corporal e os cuidados com o lixo e excrementos expostos, que causavam a atração dos mosquitos e que propagavam doenças e epidemias. Com os poucos recursos de que a medicina dispunha, dizia o médico, era melhor evitar do que remediar.

Com uma clientela acima do normal, ele só fazia questão de receber dos ricos. Era uma espécie de compensação pelas enormes taxas impostas aos judeus, que consumiam seus parcos ganhos. Rabi David compensava seus patrícios, distribuindo o necessário aos mais humildes.

Quando os sinos das igrejas repicavam anunciando a missa ves-



pertina, os judeus se apressavam para voltar ao gueto antes que os portões se fechassem, como uma barreira intransponível.

Reclusos como assassinos, aguardavam com fé, século após século, o direito de viver sem pesadelos. Entretanto, o calor familiar do lar afastava o cansaço e a insegurança.

Na sinagoga, Rabi David e os devotos oravam antes de regressarem aos seus lares.

Todas as noites Ester e os filhos esperavam ansiosos a chegada de Rabi David. Depois das orações, das conversas habituais e de um apetitoso jantar, os filhos iam se deitar. Ester entregava a David a lista de nomes das pessoas que deveria visitar no dia seguinte e, a seguir, também ia se recolher.

Lendo a lista, ficou surpreso com o nome de um famoso fidalgo, o Barão de Castilho, proprietário feudal de terras distantes da cidade de Sevilha. Seria uma longa distância a percorrer, porém Rabi David, com exceção do dia santificado do Shabat, jamais deixaria de atender, quem quer que fosse. Ele não desconhecia a fama do barão, comentada pela boca do povo: homem aventureiro, destemido guerreiro, caçador implacável de seus inimigos fidalgais, mas extremamente fiel aos verdadeiros amigos. Envaidecido com seus títulos, suas insígnias e sua ascendência nobre, julgava-se superior aos seus cavaleiros e vassallos.

Rabi David foi o primeiro a atravessar o portão naquela manhã fria de outono. Carregava com ele toda a variedade de medicamentos de que dispunha. Quanto mais se distanciava do núcleo populacional, as casas iam se tornando mais escassas. Fora dos limites da cidade, o vento desprendia das árvores as folhas secas, que rodopiavam no ar, antes de pousarem definitivamente no solo. No céu cor de chumbo as aves em bandos voavam para lugares mais acolhedores.

Apesar da animosidade de muitos cristãos, Rabi David sabia que seus patrícios, como ele, também amavam aquela terra que seus ancestrais habitavam há séculos. Sonhavam com a Terra Prometida, no entanto consideravam a Espanha sua segunda pátria.

Caminhando pela mata, ele percebeu o galope de dois cavalos. Estacou assustado, porque os assaltos eram constantes.

Ouviu uma voz dizendo: “– Não tenha receio Rabi David. Sou um cavaleiro do Barão de Castilho, que vai protegê-lo até sua chegada. Trouxe um animal manso para o senhor montar e vou levá-lo a passos

lentos até o castelo”.

O cavaleiro ajudou-o a subir no cavalo e ambos seguiram viagem. O fidalgo contou a Rabi David que os melhores clínicos da Espanha foram chamados para tratar do único filho do barão, mas o doente só tendia a piorar.

Depois de um tempo exaustivo, Rabi David avistou imensas plantações, com camponeses lavrando a terra com enxadas rudimentares. Ficou deslumbrado com o perfil descomunal do castelo, que estendia suas muralhas, com toda espécie de armadilhas, para servir de obstáculos aos assaltantes e senhores da guerra. Contrastando com essa fortaleza fria e impenetrável, lagos e bosques circundavam os muros.

Uma ponte levadiça foi posta em linha reta para os dois homens entrarem. Olhando para cima, Rabi David notou que, pelas inúmeras torres, olhos atentos vigiavam a amplidão daquele mundo dia e noite. O fidalgo despediu-se de Rabi David, que foi conduzido por um serviçal a uma ampla sala, com mesas e bancos. Na parede oposta, cabeças de animais e peles simbolizavam as caçadas.

Rabi David só percebeu a presença do barão quando ouviu seu nome. Voltou-se incontinentemente, surpreendido com o aspecto de um homem, que não combinava com a descrição do povo. Apresentava um olhar cansado e cabelos encanecidos. Não tinha a imponência dos grandes fidalgos, apresentando uma decadência visível no seu corpo decrépito. Estendeu a mão para David e sua voz rouca soou como um pedido de socorro. Depois das apresentações, o médico, penalizado, seguiu o barão por uma escada estreita até o quarto do menino. Enquanto subiam, o pai, desesperado, disse a Rabi David que depositava nele suas últimas esperanças. Para acalmá-lo, ele respondeu que faria tudo que estivesse ao seu alcance.

Num quarto estreito, um menino de aproximadamente oito anos cochilava, com a respiração ofegante. Rabi David, sentado num banquinho esperou até que o pequeno Pablo, como seu pai o chamara, abrisse os olhos. Mesmo antes de examiná-lo, o experiente médico percebeu que o caso era grave, mas com algumas perspectivas de cura. O menino tinha o rosto afogueado pela febre alta e sua tosse era desesperadora.

O diagnóstico dos outros clínicos não condizia com o seu. Apesar da nulidade no conhecimento interno do corpo humano, no tempo em

que a medicina gatinhava, Rabi David era um homem que tinha um pouco de milagreiro e muito de gênio, com seus diagnósticos acertados e suas fórmulas eficazes de ervas e folhagens. Acariciando os cabelos do menino disse: “– Eu sou um amigo que vai ajudá-lo a ficar curado, mas para isso, conto com sua cooperação, comendo bastante e tomando os remédios que eu vou indicar”.

Quando ele tirou os medicamentos apropriados de um saco de pano, entrou no quarto uma bela mulher, que foi apresentada como a Baronesa de Castilho. Rabi David explicou detalhadamente aos pais sobre a eficácia dos medicamentos, o horário e a dosagem exata de cada um. Em seguida, explicou que a alimentação também era um fator importante de cura.

Não aceitou o convite para almoçar, mas prometeu retornar no dia seguinte. Entre idas e vindas, sempre acompanhado de um fidalgo, Rabi David e a família regozijavam-se da crescente melhora do menino. Em um mês, o pequeno Pablo estava totalmente curado.

Nas conversas, o Rabino ficou sabendo pelo próprio barão as razões que o fizeram envelhecer prematuramente: a doença do filho e o arrependimento de uma vida pecaminosa com muitas mortes nas costas. Por outro lado, o barão tomou conhecimento das pessoas que habitavam o gueto, seus nomes e seus problemas. Despediram-se como velhos amigos. O médico recebeu apenas o que pediu, nem mais, nem menos.

O frio intenso congelou os ossos de Rabi David. Montado no lombo de um cavalo, obteve permissão para retornar à juderia. Era um domingo, dia de pouca utilidade para os judeus que, obrigados a permanecerem em casa, ocupavam-se com os problemas domésticos enquanto os cristãos frequentavam as igrejas.

Quando o Rabino chegou, Ester preparou-lhe um chá reconfortante e uma tina com água quente.

Ester, que esperava que o marido fosse regiamente recompensado, ficou decepcionada com as poucas moedas que ele depositou sobre a mesa. Ela já ia comentar sobre a sovinice do barão, quando um burburinho, que aumentava de volume a cada minuto, chamou-lhe a atenção. Abriu a porta da rua e foi surpreendida com o melamed como um guia na frente de seus alunos, seguidos pelos moradores do gueto, correndo em direção ao portão.

De repente, a multidão se comprimiu nas paredes para dar passagem a um grupo de cavaleiros, montados nos seus reluzentes cavalos. Vinha atrás uma tropa de burros carregando pesadas mercadorias. Galopando pelas ruas estreitas, só pararam no largo em frente à sinagoga.

O Rabino, que se refazia do cansaço, assustado com o tumulto e o trotar de cavalos e burros, correu atrás da multidão.

Um dos cavaleiros pedindo silêncio disse: “– O Barão de Castilho pediu que eu transmitisse ao Rabino David que todo o ouro do mundo não pagaria pela gratidão, e que lhe devia a vida de seu filho. Eu vou chamar pelo nome de cada família, que irá receber uma caixa de moedas e um baú de mercadorias”. O povo comprimia os olhos, ainda não acreditando naquele sonho dourado. Depois que todos receberam seus presentes, o séquito de fidalgos, baronetes e servos, despedindo-se do boquiaberto Rabino, saiu pelo grande portão.

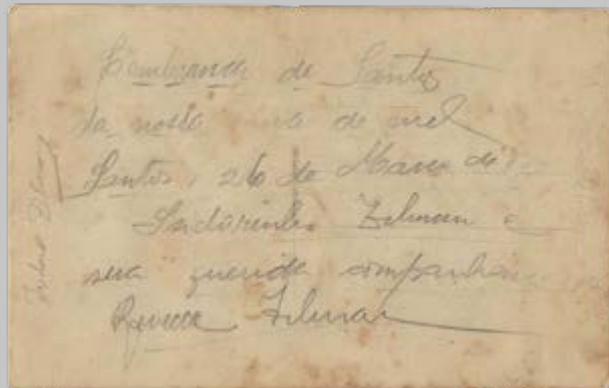
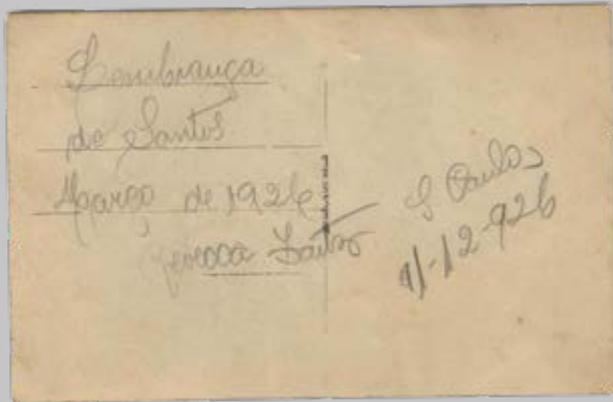
Uma multidão de gentios, aglomerados atrás dos muros, comentava o gesto inusitado. Entre eles, uma turba de arruaceiros, aguardava o momento propício para pilhar a juderia. Já cientes da cobiça de um certo grupo, um dos fidalgos disse em altos brados: “– Aqueles que ousarem roubar os presentes oferecidos aos judeus pelo Barão de Castilho serão severamente punidos”.

O povo, que conhecia a fama vingativa do barão, voltou para suas casas, enquanto os cavaleiros retornavam ao castelo.

As mulheres e as crianças impacientes abriram os baús, retirando de seu interior tecidos de seda, bordados de ouro e prata, lã de camelo, tapetes, couro, perfumaria e guloseimas de mel. Enquanto as crianças se fartavam com os doces, as mulheres admiravam aquelas desconhecidas mercadorias.

Rabi David pediu silêncio diante de tanto alarde dizendo: “– Recolham os presentes e vão para casa, enquanto os homens vão contar suas moedas”. David sabia que, por muito tempo, as jovens senhoras do gueto iriam acariciar os brocados e pedrarias para se transportarem ao reino de Castela e sua corte de pujança e esplendor.

Capítulo III



No dia seguinte, a dura realidade da vida afastou os devaneios dos moradores do gueto, que voltaram às suas atividades normais. No cheder, os rapazinhos que já haviam alcançado a maioridade religiosa estudavam ou liam silenciosamente. Além dos filhos do rabino, apenas dois estudantes pretendiam ingressar na Yeshivah. A maioria iria tratar de ganhar a vida no comércio ou aprender um ofício. A sala onde estudavam os mais velhos era conjugada com outra, onde as crianças iniciavam seu aprendizado.

O melamed procurava, inutilmente, incutir nas crianças as normas de boa conduta. A maioria, desatenta ao insípido e rigoroso estudo, inventava brincadeiras. Efraim, ainda não refeito da tarde anterior, sonhava com cavalos e cavaleiros armados com reluzentes espadas.

Vibrou com a ideia que lhe ocorreu de fazer duas espadas de madeira, para lutar com seu amigo Aron.

O melamed, não conseguindo controlar a desordem, resolveu sentar-se e aguardar. Voltado para os seus pensamentos, julgava que ninguém mais lembrava que seu nome era Moisés. Ele estudara numa Yeshivah, com pretensões de tornar-se um rabino, mas modestamente retirou-se quando percebeu que sua capacidade não iria atingir literalmente seus objetivos.

Dizia, humildemente, que era um desígnio de D'us, porque seu ideal mesmo era lecionar com toda abnegação. Só que sua dedicação era muitas vezes suplantada por sua complacência.

Repentinamente os alunos silenciaram, abrindo seus livros na página designada pelo professor. Duas lágrimas de felicidade rolaram pelas faces do melamed. Ao meio dia, Sure, a esposa do melamed, veio avisar que terminara a aula. Os alunos voltaram às suas casas, para retornar às três horas da tarde.

Efraim foi até os fundos da casa, onde ficava o amontoado de lenha. Conseguiu encontrar dois longos pedaços de madeira e com algumas ferramentas, pôs-se a trabalhar. Logo percebeu que tinha um dom especial para lidar com madeira. As duas espadas ficaram idênticas às armas de metal.

Efraim e seu colega Aron entraram na classe e começaram um

encarniçado duelo. Os colegas, eufóricos com o espetáculo, gritavam entusiasmados. Os irmãos de Efraim, horrorizados, tentavam em vão apartar os lutadores. Joseph, o mais rancoroso, foi chamar o melamed.

Pela primeira vez, os alunos do cheder viram o melamed enraivecido. Ele pôs as mãos na cabeça, gritando: “– Parem já com esta barbaridade, ou eu chamo seus pais, onde quer que eles se encontrem”. Efraim e Aron ao ouvir a voz alterada do professor estacaram incontinentes.

O melamed, furioso, gritou: “– Vocês dois vão à cozinha e só retornem quando estas armas estiverem completamente carbonizadas”.

Quando ambos voltaram rubros e cabisbaixos, o melamed, mais tranquilo, disse: “– Como castigo, cada um de vocês vai repetir a lição de casa cinco vezes, nem que para isso fiquem acordados até o amanhecer”.

Joseph pediu a palavra: “– Eu acho que o meu irmão, como autor da brincadeira, deve receber o castigo em dobro”.

O melamed respondeu: “– Você tem toda razão Joseph, portanto Efraim vai repetir dez vezes a lição.

Efraim, olhando furioso para o irmão, disse: “– Você me paga, seu traidor”.

O professor não deu continuidade à aula interrompida no período matinal.

“– Certamente a maioria de vocês conhece um fato histórico que tanto pode ser verídico como lenda: O Livro e a Espada. Quando os israelitas estavam reunidos ao pé do Monte Sinai recebendo de Moisés as Tábuas da Aliança, outorgadas por D’us, apareceu no céu um livro e uma espada. A voz divina, Bat Kol, pediu aos israelitas que escolhessem. “– Podem ter uma coisa ou outra, mas não as duas: o Livro ou a Espada”. Naturalmente os israelitas preferiram o Livro. Em seguida, o Divino disse a Israel: “– Abençoado seja ele. Se respeitarem o que está escrito no Livro serão preservados da espada, mas se não o respeitarem, a espada os destruirá no fim!”.

Continuou o melamed: “– Estes acontecimentos passaram há tantos séculos atrás e, apesar de nosso povo ter sofrido perdas inconcebíveis, continuará vivo até o final dos dias. O que nos mantém unidos é tão somente nossa fé em D’us e a veracidade dos mandamentos contidos nos cinco livros de Moisés. Nossa herança espiritual, que abrange a ética social, cultural e religiosa foi moldada nos padrões mais eleva-

dos de justiça, caridade e amor ao próximo. As sementes que foram outorgadas ao supremo legislador foram frutificar no livro. Os judeus, distanciados uns dos outros pela dispersão, têm seu ponto espiritual de encontro no Livro. Alguma dúvida?”

Elias, um dos alunos, perguntou: “– Se D’us prometeu que se os israelitas escolhessem o livro seriam preservados da espada, por que estamos eternamente sendo massacrados?”. “– Veja bem Elias, o gentio herdou dos povos primitivos seu instinto tribal de matar: são filhos da guerra. O sexto mandamento atesta esta verdade: não matarás. Se tivéssemos optado pela espada, todo nosso povo teria sido destruído e não estaríamos agora aqui argumentando. Os antigos povos guerreiros desapareceram justamente porque a espada era sua força”.

O melamed, motivado pela sua eloquência, continuou falando e respondendo perguntas, até que sua esposa Sure veio avisar que a aula terminara.

Depois do jantar, Joseph relatou ao pai a diabrura de Efraim e Aron.

Rabi David, sem se alterar e nem comentar sobre o ocorrido, disse que Efraim e o coleguinha já haviam recebido o castigo merecido e que não tinham ainda alcançado a maioria para compreender muita coisa.

Efraim, feliz com a decisão do pai, tratou de copiar sua longa lição, sem perda de tempo. Ester, que de vez em quando deixava o calor das cobertas para espiar através da fresta da porta, ficou feliz quando viu seu filho Salomão levantar-se para auxiliar o irmão.

Capítulo IV

Às quintas-feiras, as mulheres do gueto começavam o dia com uma atividade diferente: iam às compras. Gostavam desta tarefa.

As limitações de trabalho impostas aos judeus, como também os indevidos impostos empobreciam os habitantes da juderia. Entretanto, graças ao espírito altruísta de Rabi David e de alguns colaboradores, não faltavam recursos para a alimentação e o ensino primário.

Assim que as mulheres saíam de suas casas, esqueciam sua reclusão por algum tempo e seguiam alegremente ao encontro das vizinhas. Conversavam sobre os filhos e os problemas domésticos, trocavam ideias e receitas.

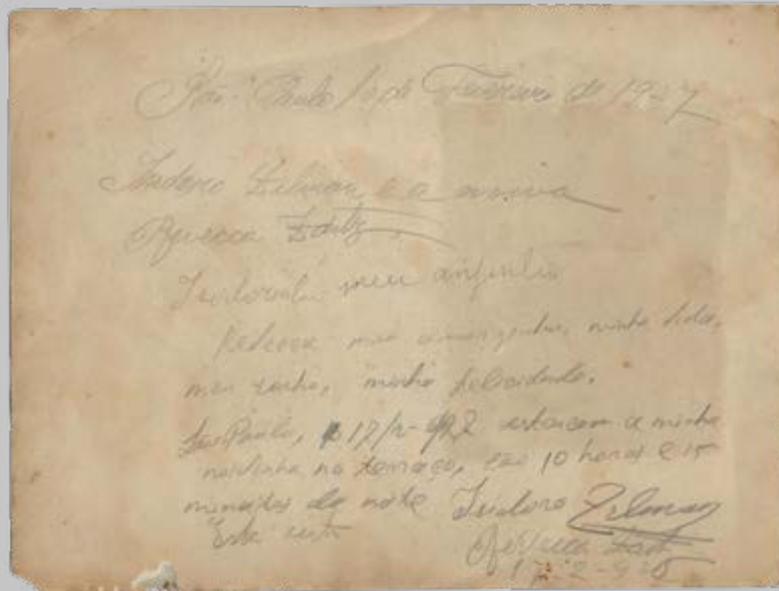
Todas procuravam ficar próximas de Ester que, como esposa do rabino, era a mensageira das notícias boas e más que aconteciam nessa pequena ilha de pedra.

As mulheres aproveitavam para comprar todo suprimento necessário para uma semana. Nunca deixavam de abastecer suas despensas, não importava o frio, a chuva ou a voracidade do vento. Compravam legumes, frutas, cereais, peixes e aves vivas.

Deste momento em diante principiava a preparação para o Shabat. O shohet, então, dava início à sua função de sacrificar as aves, de acordo com o ritual exigido pelas leis da religião. Ele corria de porta em porta com a rapidez que lhe era peculiar. O trabalho árduo das mulheres redobrava, o que dificultava o serviço doméstico. Era preciso deparar as aves, limpar e arrancar as espinhas dos peixes, preparar a carne de acordo com a tradição e assar os pães. Ester tinha a ajuda de Miriam, enquanto as outras mulheres eram auxiliadas por mães, sogras e filhas.

Na sexta-feira, quando tudo ficava pronto e cheiroso, era hora de cuidar da higiene do corpo e das melhores vestimentas.

Na mesa festiva, uma alvíssima toalha tinha na sua cabeceira os pães tradicionais chalot cobertos com um pano bordado e uma garrafa de vinho. Ao lado, o cálice para o kidush. A bênção das velas, pronunciada pela dona da casa dezoito minutos antes do pôr do sol, era antecipada pelas moedas colocadas numa pequena caixa, em benefício dos mais necessitados.



Após o serviço religioso da sexta-feira, Rabi David convidou para hospedar-se em sua casa um pregador “maguid” que chegara horas antes do anoitecer. Não era a primeira vez que o maguid Elias visitava o gueto de Sevilha. Seu dom para a oratória era contagiante, sendo admirado pelas pessoas dos guetos e vilas por onde passava. Suas palavras impregnadas de ricas passagens bíblicas entusiasmavam até os céticos. Seu conhecimento do Talmud era supérfluo, mas dominava razoavelmente o Pentateuco. No domingo, antes de retornar às temíveis estradas, ele alegrava homens, mulheres e crianças, com seu jeito cativante de contar histórias e ditos humorísticos acumulados nas suas constantes peregrinações.

Quando o maguid Elias entrou no lar de Rabi David, foi surpreendido por uma mudança inesperada de ambiente, que o deixou sem fala. Foi preciso sentá-lo numa cadeira, mas o maguid, sempre tão eloquente, não conseguia articular nenhum som.

Rabi David, Ester e os filhos, muito atenciosos, conseguiram tirá-lo do torpor. Rabi David, após a oração e o aperitivo, contou ao boquiaberto maguid, sem omitir detalhes, os fatos que tiveram início no castelo feudal até o desfecho com a chegada de aproximadamente dez cavaleiros em seus reluzentes cavalos e trinta mulas carregadas de mercadorias. “– Se o maguid entrar em qualquer casa do gueto terá esta mesma visão: caríssimos tapetes orientais, forrando o chão mal nivelado, contrastando com esburacadas paredes. Ficará também, encantado, como eu estou agora com minha belíssima esposa e filha, vestidas com roupagens principescas e raros adornos”.

Depois de comer e beber fartamente o maguid comentou: “– Ninguém vai acreditar quando eu contar que no gueto de Sevilha entraram vinte cavaleiros, montados em reluzentes cavalos e sessenta mulas carregadas de pesadas mercadorias”.

Todos os presentes riram quando Rabi David, conhecedor das bravatas do maguid, disse: “– Quando chegar a Córdoba serão obviamente quarenta cavaleiros e cento e vinte mulas. Imagine depois de percorrer intermináveis estradas e você chegar em Barcelona? De quanto irá constar o número de cavaleiros, cavalos e tropas de burros?”.

No sábado, o povo dedicou-se às orações e ao estudo da Torá e, no domingo, ouviram os contos do maguid, que se despediu, seguindo viagem.

Com a costumeira rotina, o povo retornou à dura realidade da vida. Os homens voltaram à procura do sustento da família, enquanto as mulheres tinham que se dedicar às árduas tarefas do lar.

Na gelada tarde de segunda-feira, Ester estranhou exaltadas vozes femininas na entrada de sua casa. Assim que abriu a porta, um grupo de mulheres, comandadas por Sure, a mulher do melamed, gesticulando e falando ao mesmo tempo, precipitaram-se sala adentro.

“– Vocês vão sentar e se acalmar”, disse Ester, “somente uma de vocês vai contar o que está acontecendo”.

Sure, como guia do grupo, resolveu ser a portadora da notícia. “– Ontem, depois que o maguid encantou nossos ouvidos com interessantes histórias, aproximou-se dele Jacob que, como todas nós sabemos, é o rapaz mais cobiçado das moças casadouras. Dois de nossos homens se juntaram a eles, a fim de ouvir a conversa. O Jacob perguntou ao maguid se conhecia um casamenteiro shadchan eficiente, porque as moças do gueto não eram de seu agrado. Ele dizia que queria como esposa uma mulher tão linda, que encantasse seus olhos e causasse admiração em toda comunidade. Mas o que nos causou indignação foi que ele enumerou defeitos em cada uma de nossas filhas. Disse que minha filha Molka era nariguda, que a Pessi tinha os olhos enviesados, que a Etel tinha a boca grande e dentes tortos. Enfim, encontrou falhas físicas em todas as moças, cujas mães ofendidas estão aqui. Nós viemos pedir a você Ester, que fale com Rabi David para que ele tente convencê-lo a escolher uma de nossas filhas. Se ele assim o fizer, nós aceitaremos suas desculpas em consideração à sua mãe há pouco falecida”.

“– Bem”, disse Ester, “é óbvio que o Jacob se comportou muito mal, mas nós não podemos impedi-lo de procurar uma noiva noutra gueto. Vou falar com David, hoje mesmo e quarta-feira o mais tardar vocês saberão o que o rapaz decidiu”.

Rabi David ficou decepcionado quando Ester lhe contou a novidade. Constrangido, ele disse: “– Eu considero Jacob um homem íntegro, cumpridor de muitas mitzvot, frequentador assíduo da sinagoga e de uma generosidade sem limites, contribuindo frequentemente em benefício dos menos afortunados. Ele tem um tino especial para os negócios e sabe como se livrar do fisco. Apelidado carinhosamente pelo gentio de Jacobito, sabe como agradá-lo com sua amabilidade e

suas quinquilharias. Seu pai, não sei se você se recorda, morreu jovem num acidente com uma carroça”. Ester arrematou: “– E sua mãe, a boa Surke, faleceu o ano passado, deixando Jacob sem parentes, mas com uma infinidade de amigos e uma fila de pretendentes”.

“– Amanhã mesmo, Ester, eu vou ter uma conversa com o provocador de tanto alarde”.

Após o serviço religioso vespertino de terça-feira, Rabi David e o jovem Jacob entraram na sala contígua ao salão de orações para conversar.

Jacob, que já desconfiava que sua conversa com o maguid tinha transpirado ao reparar nos olhares impiedosos das pessoas com quem encontrava nas ruas do gueto, foi logo dizendo: “– Rabino, amanhã bem cedo eu parto para Córdoba à procura da judia mais linda que eu possa encontrar através do casamenteiro. Minha situação econômica permite que eu tenha este privilégio. Eu preciso me apressar porque o casamenteiro está apenas de passagem na cidade”.

Rabi David respondeu: “– Meu caro amigo, eu não posso intervir na sua vida pessoal, mesmo gostando de você, como um filho. Entretanto, Jacobito, você vai ouvir o meu conselho. Deve desculpar-se perante as mães e filhas que ofendeu. São moças prendadas, simpáticas e bonitinhas. É muito importante que você tome cuidado, porque não sabe em que terreno estará pisando. Entre nós judeus, também existe gente desonesta. É preciso se certificar que, além de muito bonita, a jovem possua qualidades espirituais”. “– Rabino, eu peço desculpas ao senhor e a todos que eu ofendi. Como eu viajo amanhã muito cedo, eu lhe peço, por favor, que transmita por mim as minhas sinceras desculpas à comunidade”.

O rabino, depois de desejar-lhe uma boa viagem e muita sorte, disse que faria o possível para contornar a situação. Assim que abriram os portões da juderia, Jacobito, montado num garanhão árabe, saiu galopando pelas estradas poeirentas à procura de sua bela e desconhecida mulher.

Capítulo V

Em todas as casas em que constava a lista depreciativa de Jacob, as moças e seus pais estavam ainda ressentidos, mesmo tendo como portador das desculpas o Rabino David. Molka, a filha mais velha do melamed, ao ouvir o lépido galope do cavalo de Jacobito, perdeu sua última esperança de conquistá-lo. Olhou pela vigésima vez no espelho. Apalpou o nariz, que realmente era um pouco maior que o normal, mas em compensação tinha lindos olhos e uma boca pequena. Inteligente e estudiosa, contava com a ajuda do pai professor. Lia tudo que lhe caia nas mãos. Suas bonitas irmãzinhas Golda e Raquel, apesar da insistência do pai para ensiná-las, aprenderam de má vontade pouco mais que o alfabeto.

Quando Sure chamou pelas filhas para ajudá-la na primeira refeição do dia, Molka olhava mais uma vez no espelho. Golda e Raquel gritaram: “– Largue este espelho antes que seu nariz cresça ainda mais”.

Molka irritada respondeu: “– Vocês são duas ignorantes e convencidas”.

“– Nós somos ignorantes, mas bonitas e é isso que importa para um bom casamento. Pois saibam que a melhor amiga de vocês, a Miriam, filha do Rabino é muito mais bonita que as duas juntas e nem por isso deixa de ser culta e inteligente. E agora chega de discussão e vamos ajudar a mãe”.

O melamed, satisfeito com a refeição matinal, tratou de iniciar a aula o quanto antes. Dirigiu-se às pressas ao cheder, antes que a gritaria tomasse proporções gigantescas.

Na cozinha as quatro mulheres conversavam.

Golda disse: “– Mãe, a Molka está nervosa, porque achava que era a melhor candidata para casar com o Jacobito”

“– É verdade”, confirmou Raquel, “na sinagoga, ela olha sempre languidamente para o Jacob”. Sure respondeu: “– Molka tem direito de gostar de quem quiser. Ela vai encontrar um homem ajuizado e menos infantil que o Jacob”. Molka, sem poder conter as lágrimas, saiu correndo para o quarto. Ela amava aquele homem atraente e altivo. Olhou novamente no espelho e enxugou as lágrimas. Teria que vencer a primeira decepção de sua vida.



Um mês mais tarde, ao amanhecer de uma terça-feira, chegava em seu garanhão árabe, o jovem Jacobito.

Prestes a sair para a labuta diária, os homens se reuniram no salão da sinagoga para ouvir o jovem Jacob. Molka e as outras candidatas, subitamente esperançosas ao verem que Jacob chegara sozinho, correram para saber o que havia acontecido.

Pedindo permissão ao rabino, ele começou a falar: “– Com a ajuda do casamenteiro, encontrei felizmente a mulher dos meus sonhos. Ela é a judia mais linda da face da terra. Só pude vê-la dentro da sinagoga, durante a cerimônia religiosa que celebrou nosso casamento, e agora vou ter a oportunidade de conversar com minha belíssima esposa, que já deve estar chegando de carroça com seu pai. Eu peço a vocês que a tratem com amabilidade”.

Poucos minutos depois, desceram de uma carroça pai e filha. Ele cumprimentou educadamente a todos, dizendo que tinha um compromisso inadiável e partiu apressadamente.

O povo, diante da beleza incomum da moça, suspirava empolgado. Alguns notaram, porém, uma tristeza nas feições da jovem. Ainda assim, certos de que se tratava de algo passageiro, parabenizaram Jacob que, cheio de orgulho, entrou em casa com sua mulher.

Pouco depois, um grito lancinante apavorou os moradores do gueto. O primeiro a sair foi Rabi David, que tentava localizar de onde ele partira. Quando ecoou o segundo grito, que mais parecia um lamento de dor, o rabino não tinha mais dúvidas que ele partira da casa de Jacob. Correu para casa do rapaz e, sem pestanejar, entrou desorientado.

Jacob, sentado na cama, chorava de cabeça baixa. Sua linda esposa, sentada numa cadeira fazia gestos com as mãos. Rabi David ficou apavorado, quando percebeu que a moça era surda-muda. Como médico, tratou de se acalmar e tomar a primeira providência. Consolou Jacob pedindo que se esforçasse para ficar tranquilo, que ele iria até em casa apanhar um remédio.

Dispensou o aglomerado de pessoas curiosas dizendo: “– Voltem para suas casas e tratem de seus afazeres. O Jacobito teve um pesadelo, mas já está tudo bem”. Apanhou uma mistura pastosa que tinha efeito tranquilizante e voltou à casa do rapaz. Deu três colheres de sopa do preparado para o rapaz e duas para a moça, que continuava gesticulando. O rabino percebeu que além da deficiência física, ela

também era portadora de deficiência mental.

Jacob pediu desculpas ao rabino por tanto transtorno, dizendo que precisava contar o que aconteceu: “– Quando cheguei a Córdoba fui procurar o casamenteiro indicado pelo maguid, deixando bem claro que eu queria para esposa uma jovem deslumbrante, não importando o preço que eu tivesse que lhe pagar. Em três dias ele levou-me para conhecer uma moça de tão rara beleza, que me deixou num estado de êxtase. Seus pais vieram ao meu encontro, enquanto a moça, cujo nome é Maria, se afastava. Seu pai foi logo dizendo que ela era tímida e recatada, mas com a convivência ela perderia a vergonha. Sem desconfiar, eu caí na armadilha. A cerimônia religiosa foi emocionante, mas eu desconfio que o rabino estava certo que eu sabia da anormalidade da moça. Rabino, eu estou desorientado e preciso de seus conselhos. Os pais da moça me iludiram, portanto eu acho que tenho direito a uma separação legal”.

O rabino respondeu: “– Meu filho, a maior vítima deste incidente é esta pobre moça. A sua mímica, sempre igual, significa certamente que ela deseja voltar para casa. Você, Jacobito, também errou, com esta ideia fixa de casar com uma beldade. Você precisa amadurecer para compreender que a beleza física só é completa quando conjugada com a beleza interior”.

“– O rabino tem razão. A minha precipitação e imprudência já me castigaram, mas não são motivos para que eu pague por este erro a vida inteira. Os pais de Maria portaram-se comigo como dois farsantes. Foram ignóbeis com a filha, querendo passar para outrem, através de um casamento, suas obrigações de ampará-la e cercá-la de carinho”.

O rabino encerrou a conversa dizendo: “– Vamos colocá-la na cama. Ela adormeceu e você também em breve vai sentir os efeitos do medicamento. Pelas nossas leis você tem todo direito ao divórcio (“guet”). Vou deixar uma anotação ao rabino do gueto, que você levará junto com o contrato de casamento “ketubah”. Amanhã, assim que os portões abrirem, vocês partirão. Vou tentar explicar ao nosso povo o que aconteceu, mas não sei qual vai ser sua reação”.

Ao amanhecer, uma carroça atravessou os portões da juderia levando uma pobre moça ao seu lugar de origem e um homem, que perdeu em um dia, todos os seus sonhos.

O povo, extremamente curioso, aguardava inquieto as explicações

do rabino. Quando ele chegou, pedindo silêncio, disse: “- Como nós somos uma grande família, vou contar a vocês o que aconteceu com nosso amigo Jacobito. Ele sendo jovem e inexperiente, caiu numa armadilha. Foi vítima de pais inescrupulosos. Obcecado com a ideia de casar com uma linda mulher, não percebeu que ela tinha uma deficiência física: ela é uma surda-muda”.

Um burburinho maldoso tomou conta do ambiente. Pais e filhas, ofendidas, criticavam Jacobito ironicamente. Palavras agressivas dirigidas ao rapaz ausente surgiram de todos os lados. O rabino exasperado pediu silêncio. “- Nós não temos direito de julgá-lo por um ato impensado. Lembrem-se que só D’us pode perdoar nossos pecados, porque tem direito de nos julgar. Jacobito já pediu desculpas pelas ofensas. Não esqueçam que Jacob é um homem batalhador e generoso, contribuindo para o sustento da comunidade. Quando ele voltar, vamos tratá-lo com amabilidade. E agora vamos cuidar de nossas obrigações”.

De volta para casa, Molka suspirava feliz. Surgira uma nova esperança de conquistar Jacobito.

Capítulo VI

À noite, no convívio do lar, cada família do gueto sentiu-se na obrigação de dar explicação aos filhos sobre o incidente com Jacobito e o divórcio.

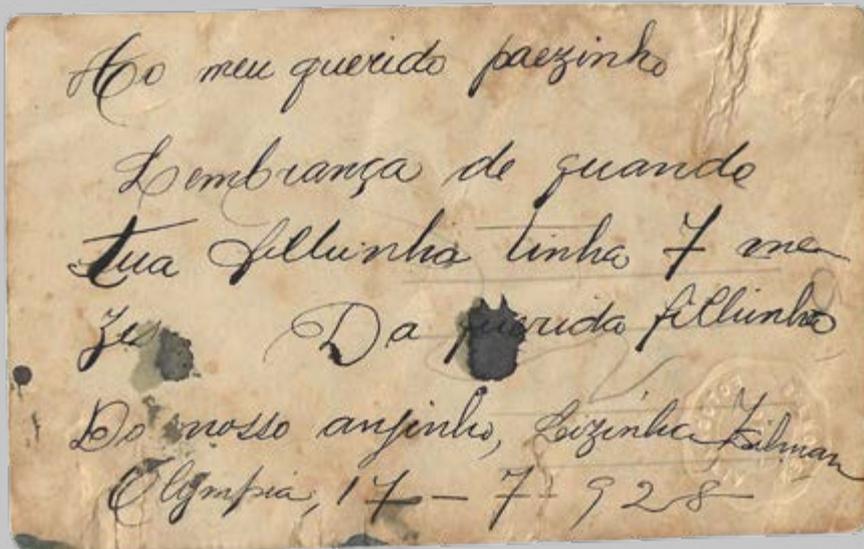
Rabi David, habituado a fazer perguntas, viu-se de repente assediado pelos filhos, que queriam respostas concretas. O rabino pediu silêncio.

“– Vou encerrar o caso Jacobito com as seguintes palavras: ele tem direito incontestável à separação, pela simples razão de que foi ludibriado. Decididamente, uma anulação justa e imediata. Se não fosse a mentira, ele teria que aceitá-la como ela é. O divórcio é uma das leis mais antigas dos hebreus. Como ela era usada indiscriminadamente, sem justa causa, foi aprimorada pelos sábios religiosos para diminuir a opressão contra as mulheres. O divórcio passou a ser concedido apenas em caso de infidelidade e esterilidade. Felizmente hoje em dia é pouco comum a separação de um casal. Em tempos remotos, a mulher era tratada como escrava, portanto era considerada uma propriedade de seu marido. Quando seu dono se fartava de sua presença, trocava a mulher por outra que fosse agradável aos seus olhos. Simplesmente a dispensava com uma notificação de divórcio, não respeitando os longos anos de convivência”.

Ester interrompeu o marido dizendo: “– Nos tempos tribais, a situação da mulher era ainda mais desesperadora, porque ela podia ser vendida junto com um burro ou um camelo, como se fosse uma mercadoria”. “– Você tem razão”, continuou o rabino, “além do mais, nos tempos primitivos, praticava-se a poligamia, que ainda acontece entre os califas em seus haréns”.

Miriam revoltada pediu a palavra: “– Pai, eu fico pensando que absurdo devia ser o tratamento dado à mulher pelo marido déspota. A mulher deve ter sofrido barbaridades pela sua humildade e fragilidade. Mesmo nos dias de hoje o trabalho da mulher se restringe a procriar e cuidar do lar. Nós avançamos muito pouco no conceito dos homens, porque não temos oportunidade de demonstrar nossas possibilidades culturais e artísticas”.

Salomão, que ouvia a irmã com atenção, disse: “– Em parte você tem razão, Miriam. A personalidade da mulher é sempre sufocada



Ao meu querido paizinho
Lembrança de quando
tua fillinha tinha 7 anos
Da querida fillinha
Do nosso anjinho, Loizinha Saloman
Olympia, 14 - 7 - 928

pelo trabalho exaustivo do lar, restando pouco tempo para possíveis outras ocupações”.

“– E você Joseph”, perguntou o rabino “está de acordo com sua mãe e sua irmã?”.

“– Nunca”, respondeu Joseph, “eu sou radical como grande parte dos homens religiosos. O trabalho da mulher é no lar e na educação dos filhos”.

“– E você Marcus, não vai opinar?”. “– Na minha opinião nós temos que nos preocupar com o preconceito religioso, que gera tanto ódio contra nós. Está sempre em evidência e é um assunto muito grave para ficarmos nos entretendo com a revolta de duas mulheres”.

Miriam respondeu ríspida: “– Nós não estamos nos revoltando como você está nos dizendo, Marcus. É verdade que de todas as mulheres do gueto, só a mamãe, a Molka, filha mais velha do melamed e eu sonhamos com o fim da submissão, mas sabemos que a mentalidade atrasada dos homens impede qualquer tentativa de vitória”.

O rabino, admirado com o desembaraço da filha concluiu: “– Miriam, você tem um potencial elevado para sua idade mental, entretanto suas ideias de emancipação da mulher, só serão válidas, provavelmente daqui a uns quinhentos anos, como eu mencionei anteriormente. Ouve, portanto, o meu conselho, filha. E deixa para a posteridade a resolução deste problema. E agora vamos nos recolher que já se faz tarde”.

O pequeno Efraim, atento à conversa disse: “– Porque eu sou sempre deixado de lado?”. Ester e David, afagando os cabelos de Efraim, responderam: “– Pode falar, filho”.

“– Eu só queria dizer que, de toda esta conversa, só me agradou aquela que falava sobre a poligamia. Para nós homens seria tão bom se voltasse!”.

Enquanto todos riam, Ester feliz apertou em seus braços protetores seus cinco filhos.

Na manhã seguinte, na casa do melamed, sua filha Molka estava tão entretida com seus pensamentos, que não ouvia o tagarelar da criança no cheder, nem mesmo a conversa da mãe e suas irmãs, durante as tarefas diárias. Precisava encontrar uma maneira de atrair a atenção de Jacobito para sua pessoa.

Entre o ir e vir do rapaz de uma cidade a outra, ela teria tempo suficiente para imaginar um jeito de conquistá-lo. Os olhares que lhe

lançara na sinagoga não surtiram efeito. Também, pensava Molka, fora uma ideia absurda procurar chamar a atenção de um homem religioso, durante o culto. Nos próximos dois meses, não haveria nenhuma comemoração religiosa e, com a pobreza do gueto, não havia também nenhuma probabilidade de datas festivas. Molka pensou em pedir ajuda ao rabino, mas seria uma humilhação se Jacobito recusasse conhecê-la melhor depois das ofensas que ela e as moças tinham sofrido. Ela teria que agir por conta própria. Amava aquele homem e não queria arriscar-se a perdê-lo novamente. Mas como? O que fazer?

Durante o dia, o contato com a família afastou Molka de seus pensamentos. Porém, no silêncio da noite, envolvida em seus sonhos, sentiu-se triste e oprimida. Ela precisava munir-se de coragem e lutar com toda sua capacidade para conseguir atrair o homem de sua vida. Animada com a perspectiva de vencer, adormeceu.

Quando Molka acordou, ainda estava escuro. Abrindo a janela, teve a ideia de usá-la como meio de comunicação com Jacobito. A única janela que dava para a rua era do cheder. Por sorte, sua residência ficava próxima dos portões da juderia, portanto num lugar estratégico, para observar as pessoas que seguiam para o trabalho. Alegrou-se ao lembrar que Jacobito era um madrugador, assim ninguém ficaria vendo sua ousadia de esperar pela passagem dele.

Alguns dias se passaram e lá estava Jacobito montado em seu cavalo, de volta ao gueto.

No dia seguinte, quando Molka avistou o rapaz descendo a rua, fez um enorme esforço para se controlar. Ele passou indiferente, sem notar sua presença. Desiludida, fechou a janela e voltou a se deitar. Nos dias subsequentes nada mudou aquele quadro. Jacobito mal respondia o cumprimento amável da moça. Molka não era mulher de desistir facilmente, continuando postada na janela, dia após dia, até o final do inverno, quando adoeceu.

Uma manhã, no início da primavera, Molka permaneceu imóvel na sua cama. Sentia calor entremeado com frio, mal estar e dores pelo corpo.

Rabi David atendeu incontinentemente o chamado do melamed. Depois de um exame prolongado, o médico acalmou a família.

“– A temperatura precisa baixar. Com estes remédios e um bom repouso, em breve, a Molka vai se restabelecer. Fiquem tranquilos,

que eu virei vê-la amanhã”.

Quando Rabi David saiu, o melamed correu para o quarto da filha. Ele tinha uma predileção especial pela primogênita. Era a única que lhe dava valor, como homem digno e professor dedicado. Como a filha dormia, acariciou seus cabelos, ajeitou suas cobertas e saiu mais tranquilo.

Quando Jacob atravessou os portões da juderia, ficou decepcionado com a ausência de Molka. Habitara-se ao seu amável cumprimento e a sua presença diária. Ela embelezava a janela carcomida pelas intempéries. Bem, pensou Jacobito, houve algum imprevisto, mas certamente amanhã ela estará me esperando. No dia seguinte, olhando para a janela vazia, sentiu uma imensa solidão. Como iria trabalhar, sem aquele sorriso cativante e aqueles olhos tão profundos? Lembrou que Rabi David poderia ajudá-lo.

Após o serviço religioso vespertino, Jacob perguntou ao rabino, se tudo estava bem na casa do melamed. O rabino pôs-se a rir. “- Se Molka está bem, não é o que você queria saber?”. Jacob sem graça respondeu: “- Então o rabino a viu na janela esperando por mim?”.

“- Estou sabendo agora. Molka ficou doente, mas não se preocupe que ela já está se restabelecendo”. “- O rabino pegou-me de jeito, mas eu sei que este segredo da janela, ficará entre nós. Faz muito tempo que ela gosta de mim, mas só nestes últimos dias percebi que meus sentimentos são recíprocos. Por favor, diga a Molka o que eu lhe confiei e pergunte quando posso visitá-la e assumir o compromisso de casamento, com seus pais”.

Rabi David, agora rindo de satisfação, respondeu: “- Você fez uma ótima escolha. Hoje mesmo, após o jantar você saberá a resposta”.

A alegria de Molka e da família foi compartilhada pelo rabino. Na noite seguinte, Jacobito assumiu diante da feliz Molka o compromisso de casamento, que seria realizado dentro de dois meses.

A notícia do matrimônio se espalhou como um rastilho de pólvora por toda a comunidade do gueto. As casadouras rivais de Molka trataram de aceitar os candidatos em evidência, certamente menos apesoados que Jacob e tão pobres como elas.

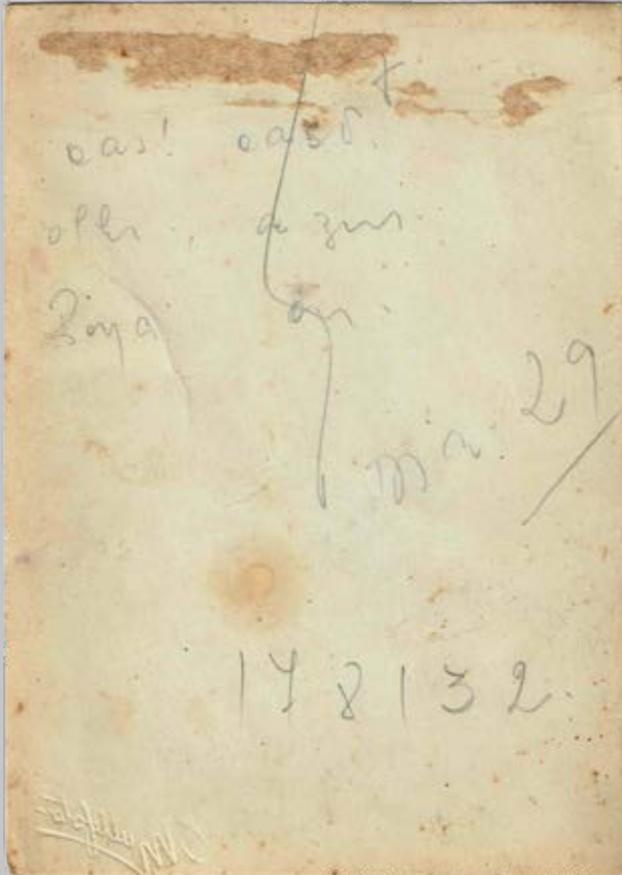
O casamento era o único meio de sobrevivência da mulher. No lar de Rabi David, Ester e Miriam comentavam com alegria o desfecho feliz dos dois jovens.

O pequeno Efraim pediu a palavra: “- Hoje, durante a aula, o melamed estava tão feliz que eu resolvi transformar Molka numa fada, mas as outras continuam bruxas”. “- Por que essa implicância com Dona Sure e suas filhas?”. “- Eu sou um péssimo aluno, mas o primeiro a chegar no cheder. Um dia eu estava quieto no meu lugar, quando ouvi uma gritaria. A seguir Dona Sure, Golda e Raquel, cada uma segurando uma panela vazia, correram atrás do melamed. Quando elas me viram, voltaram à cozinha”.

O melamed apoiou-se em Molka para não cair. O rabino respondeu “- Elas não têm o direito de proceder desta maneira, porém a fome altera a boa conduta das pessoas. O melamed é um homem de muitas qualidades, mas tem um defeito: é extremamente orgulhoso. Não aceita a caridade da sinagoga e, pior ainda, não cobra os maus pagadores da escola”.

Ester concluiu dizendo: “- Molka, depois do casamento, dará um jeito de ajudar a família e, naturalmente, o melamed não precisa ficar sabendo”. Efraim, satisfeito com o resultado positivo da conversa, abraçou os pais e foi se deitar.

Capítulo VII



O tímido sol da primavera despertava a alegria nas pessoas enregeladas por um longo período de inverno. A suave brisa matutina penetrava pelas janelas abertas, trazendo os perfumes das flores e o aroma das primeiras frutas.

Jacobito seguia para o trabalho levando na memória a figura da jovem Molka, que continuava na janela para vê-lo passar. Com o próximo casamento, ele estava a alguns passos para formar uma família.

No Shabat, jantando na constante companhia de Molka e sua família, Jacob sentiu o que significavam aqueles calorosos momentos. Já providenciara uma festa para todo o povo do gueto. Eles estavam eufóricos, porque, com o empobrecimento da juderia, era raro uma celebração religiosa de casamento com tanta fartura.

Jacobito lembrou de uma reunião na sinagoga, quando Rabi David comentava que há quase dois séculos atrás, no Concílio Lateranense de 1215, a igreja ordenou que os judeus fossem segregados em residências obrigatórias. Perderam seus direitos civis e legais. Os pesados tributos que lhes foram impostos causaram a crescente falta de recursos da população.

Jacobito, procurando um consolo para esta situação humilhante, desabafou em voz alta para as ruas desertas: “– Enquanto Rabi David e eu, ‘o Jacob dos bons fluidos’, vivermos, ninguém na nossa comunidade passará fome”. A seguir desapareceu na estrada poeirenta.

Molka fechou a janela do cheder, como fazia diariamente, após olhar seu noivo passar e voltou a se deitar. Tinha aproximadamente uma hora de um silêncio convidativo à meditação. À tarde iria com a mãe e irmãs à casa de Ester, convidadas para um chá.

Aproveitaria a ocasião para devolver dois livros pertencentes ao rabino. Faltavam somente três dias para alcançar sua felicidade. Acordou de seus sonhos, quando ouviu sua mãe chamando as filhas para a labuta diária.

Ester e Miriam conversavam alegremente, com as convidadas sentadas ao redor da mesa, enquanto tomavam chá.

A anfitriã, acariciando os livros devolvidos, colocou-os na prateleira, dizendo: “– Estes livros raros têm para David e para mim um grande

valor estimativo. Grande parte deles pertenceu ao ilustre médico, pai de David e a outra parte ao meu pai, o copiadador Salomão. Desde o tempo de Esdras, o primeiro escriba, que os livros sagrados, como também os profanos têm sido coletados e reproduzidos por mãos habilidosas. Meu pai, um poliglota, copiava em árabe, espanhol e na língua sagrada 'lashon ha kodesh' livros que eram encomendados por intelectuais e religiosos”.

Molka interrompeu Ester, dizendo: “- Eu não consigo compreender, porque ninguém encontra um meio de publicá-los em série. Haveria oportunidade das pessoas tornarem-se mais esclarecidas”.

“- Nós estamos vivendo há quase um milênio num atraso imutável. Já está mais do que na hora do homem tentar uma renovação em todas as áreas, para que surja um desenvolvimento progressivo e mude este cenário mundial. Não é um problema de capacidade mental”.

Ester, percebendo que a conversa tornara-se enfadonha para Golda e Raquel, começou a fazer perguntas sobre os preparativos do casamento. As quatro jovens e as duas senhoras começaram a falar ao mesmo tempo, com rompantes de entusiasmo. Molka para ser ouvida, naquela barafunda de vozes, falava alto e em bom tom que ela e Jacobito iriam jejuar até o princípio do Shabat, quando acenderia pela primeira vez as velas do castiçal da casa do marido. As mulheres esqueceram por algumas horas a árdua rotina do cotidiano.

Numa manhã de sexta-feira da primavera do ano de 1371, o Rabino David da juderia de Sevilha iria celebrar o matrimônio de Jacob e Molka. Para que todo povo assistisse a cerimônia religiosa, foi erguida a chupah 'pálio' no grande pátio em frente à sinagoga. O noivo percorreu as ruas, precedido pelo rabino, pelos amigos e por um músico 'tzelmes'.

A seguir, a noiva, acompanhada dos pais e irmãos, foi levada pelo mesmo cortejo ao encontro do noivo. Quando Jacob e Molka se encontraram sob a chupah, deram-se as mãos, sendo recebidos por todos os presentes com punhados de grãos de trigo e cevada.

Rabi David, notando a felicidade do casal e as fisionomias radiantes do melamed e da mulher, disse que não podia deixar de pronunciar algumas palavras, antes de iniciar o serviço religioso: “- Nós sabemos que o casamento é o mais importante de todos os 613 preceitos da Torá, porque é uma instituição santificada por D'us. Representa a multiplicação da família e, através dela, novas gerações irão surgir

para a posteridade. Nós temos sofrido nestes tempos hostis, terríveis reveses e só com perseverança e a vontade suprema de cumprir a missão que D'us nos outorgou com a Torá vamos sobreviver para sempre. Jacob e Molka, duas pessoas de caráter nobre são hoje os representantes deste acontecimento sagrado e festivo”.

Rabi David, após tecer elogios aos noivos, oficiou o matrimônio. Ergueu um cálice de vinho recitando as bênçãos do noivado. Jacob e Molka provaram o vinho e a seguir o rabino leu em voz alta para a noiva o contrato de casamento “quetubah”. Entre as bênçãos pronunciadas, Jacob e Molka gravaram em suas mentes o trecho mais eloquente.

“- Vós criastes a alegria e a satisfação, o júbilo e a exaltação, o prazer e a delícia, o amor, a camaradagem, a paz e a solidariedade. Sede abençoado, Senhor, que fazeis com que o noivo se regozije com a noiva”.

A seguir, ambos beberam do vinho oferecido pelo rabino, terminando a cerimônia quando Jacob quebrou o copo. Após o término, o povo gritou em uníssono: “- Mazeltov, Siman tov” e alegremente começaram a dançar com Molka, embalados pela música.

Aproximadamente ao meio dia, o aroma delicioso do lauto banquete invadia todo o gueto. As melhores iguarias judaicas da Idade Média foram colocadas em mesas, por mulheres de dons culinários, muito bem pagas pelo Jacobito. Cada família foi apanhar em sua própria casa, pratos, talheres e cadeiras. Os noivos, em jejum, olhavam à distância.

O povo já havia dado sua participação, dedicando sua atenção exclusiva aos noivos. Agora era hora de aproveitar a “boa mesa”.

Esquecidos com a euforia reinante, Jacobito e Molka saíram do reboliço e entraram juntos pela primeira vez em casa.

Ele disse: “- Farei o que estiver ao meu alcance para torná-la feliz”. Ela respondeu: “- Você merece tudo o que um homem almeja e, seguramente, um de seus sonhos é possuir uma família numerosa”. Notando o encabulamento do marido, Molka continuou: “- Podemos começar agora mesmo”.

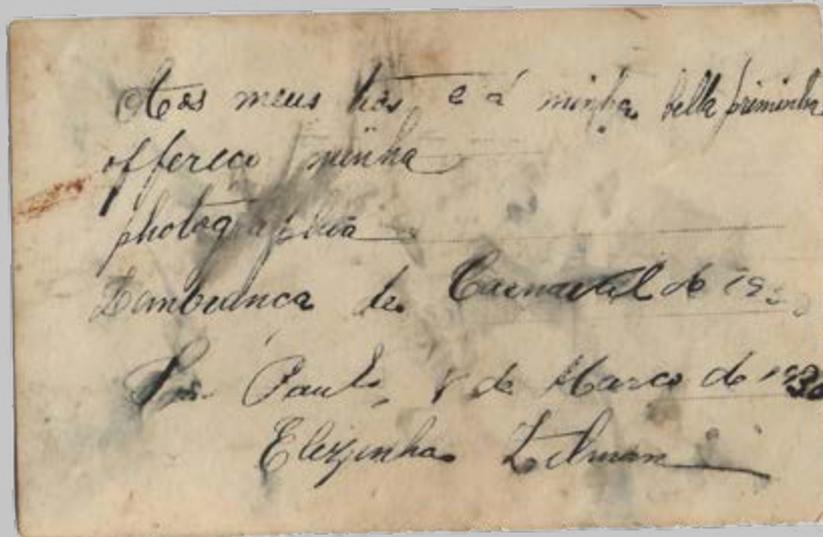
Com o fim do banquete, todos trataram de cooperar com a limpeza. Recolheram seus pertences, varreram as ruas e o pátio da sinagoga. As pessoas deixaram a conversa para outra ocasião e entraram em seus lares, com o intuito de se prepararem para o Shabat.

Dezoito minutos antes do pôr do sol, Molka acendeu pela primeira vez as velas dos castiçais de seu novo lar, dando início às fervorosas

orações. Simultaneamente, as mulheres do gueto fizeram o mesmo.

Olhando através do vidro da janela, Molka, impregnada de felicidade, alcançou as chamas reluzentes de todos os castiçais do gueto.

Capítulo VIII



No verão de 1974 partiram para a Yeshivah de Córdoba os três filhos mais velhos de Rabi David. Era a primeira vez que o casal se separava dos filhos e, naturalmente, nas refeições noturnas a família se ressentia da ausência deles. Com a família reduzida para quatro pessoas, os diálogos tornaram-se menos disputados. Ester, olhando para os lugares vazios, fazia um enorme esforço para não chorar.

Rabi David, para animar a conversa, perguntou ao caçula, que já comemorava o bar mitzvah, se pretendia mesmo abandonar os estudos. Efraim, admirado por ser o alvo das atenções respondeu: “– Pai, eu sei que gostaria que eu seguisse sua carreira de médico ou sua profissão de rabino, como a maioria de seus ascendentes. O senhor pode orgulhar-se de Salomão, Marcus e Joseph. Entretanto minha vocação não atinge estes objetivos intelectuais. Eu sou um homem comum do povo, que almeja trabalhar como marceneiro. Mesmo que esta profissão não soe agradável aos seus ouvidos, eu não vou abdicar de meu futuro sustento. Há muito tempo percebi que não tenho facilidade e nem vontade para me dedicar aos estudos. Além do mais, não suporto ficar retido entre quatro paredes. Gosto de conviver com a natureza e usufruir tudo que ela possa me oferecer. Amo a vida agitada, o som de vozes, a correria das crianças. Gosto de seguir ao encalço dos trovadores e ouvir suas canções e poemas de amor. Sou um judeu, mas nem por isso deixo de ser um ardente espanhol”.

“– Meu filho, eu não o recrimino pela opção que escolheu. D’us ama igualmente todos os seus filhos, desde o mais humilde, ao mais importante da comunidade. Todos nós temos uma função aqui na Terra, desde o cozeiro até um ilustre magistrado. Só não podemos incluir no rol dos homens de bem, os desonestos, os injustos e os assassinos fanáticos incentivadores do ódio contra raças e religiões”.

Efraim interrompeu a conversa dizendo: “– Vou trazer dois objetos que eu acabei de fazer”. Quando ele colocou duas belas caixas sobre a mesa, os pais e a irmã ficaram maravilhados com tanta perfeição. Enquanto Ester e Miriam examinavam a forma e os arabescos originais das caixinhas, Efraim, feliz com a boa aceitação de seu trabalho, disse: “– É um presente para a mamãe e para minha irmã”. O Rabi

disse:”- Amanhã mesmo, filho, eu vou pedir ao velho Elias, que é do ramo, que lhe auxilie, porque realmente você tem mãos habilidosas”.

“- Obrigado meu pai, pela sua compreensão. Assim que eu adquirir prática, vou fazer uma mesa e uma cadeira para o melamed. Sua velha mesa balança de um lado para o outro e, quando ele se apoia para corrigir as lições, sua cadeira range com qualquer movimento. Eu continuo frequentando o cheder pelo menos duas vezes por semana. É que sinto falta do meu bom e humilde mestre. Ontem seus olhos cansados se iluminaram quando Molka apareceu com seus dois filhos. Mamãe, a senhora sabia que a Molka está outra vez de barriga?”.

“- Filho, você precisa se expressar com mais delicadeza. A avó Sure me contou que Jacobito quer muito uma filha, vamos esperar que todos os sonhos do casal se realizem”.

Dois dias mais tarde, Efraim começou a frequentar a marcenaria do velho Elias. Para surpresa do marceneiro, o jovem aprendia rápido e com destreza a manejar as ferramentas. De manhã saía com seu amigo Aron atrás dos lenhadores, que lhes cediam os troncos mais apropriados, para a fabricação dos objetos, em troca de dinheiro.

Ensinavam Efraim a replantar tudo que era derrubado. Nos lindos dias de primavera, os dois adolescentes não resistiam à deslumbrante natureza e corriam atrás da infância perdida. Atravessavam bosques e rios, rolavam as ribanceiras, sentiam a doçura das frutas silvestres e extasiavam-se com os pássaros e os animais. Repentinamente cansados voltavam gritando: “- Viva a vida! Viva a liberdade!”.

Com a ajuda do velho Elias, a primeira mesa e a primeira cadeira fabricadas por Efraim ficaram perfeitas. Colocou seu presente ao lado da velha mesa e chamou pelo professor. A sua reação foi imediata: ria e chorava ao mesmo tempo. A seguir, mais tranquilo, abraçou Efraim dizendo: “- Este presente é a maior prova de carinho de um aluno ao seu professor. Não porque o presente seja valioso e útil, mas pelo interesse de bem estar de um pupilo ao seu mestre”. Efraim respondeu: “- Muito obrigado, eu é que tenho que agradecer, os anos de abnegação e paciência para comigo e peço desculpas pelas infundáveis travessuras”. Elias disse: “- Seja feliz meu filho”.

Efraim continuou a praticar com o velho Elias, aprendendo a fazer qualquer tipo de móvel, até ficar apto a trabalhar por conta própria. Pouco lucrava nas suas vendas, porque o fisco com os judeus era exorbitante.

Nos meses de verão, uma vez por semana, Efraim acompanhava seu pai pelos campos e bosques à procura de ervas medicinais. Rabi David pesquisava, durante anos seguidos, com o material recolhido. Selecionando e estudando as propriedades terapêuticas das plantas, transformava-as em elixires, unguentos e chás, que produziam efeitos milagrosos nos seres humanos.

Num causticante dia de verão, pai e filho percorreram uma longa distância para apanhar uma planta rara que só se reproduzia entre pedras úmidas de um rio. Depois de muito estudo, Rabi David descobriu que as folhas transformadas em chá produziam um efeito relaxante e seu caule, adicionado a outras substâncias, combatia qualquer infecção e febres altíssimas de causas desconhecidas. Pai e filho apanharam cuidadosamente as plantas, deixando intactas suas raízes para que tornassem a se reproduzir. Cansados, resolveram tomar fôlego antes de regressar.

Quando se agacharam para beber água do rio, dois vultos saíram de repente do mato. O mais velho, aparentando uns cinquenta anos, disse: “- Judeu não tem o direito de beber da nossa água, porque são sujos e podem nos envenenar”. Efraim quis responder a ofensa, mas foi impedido pelo pai. Rabi David respondeu com sua voz mansa: “- A água é um meio de sobrevivência e deve ser compartilhada com todos os seres da Terra, desde o passarinho até o animal selvagem”. O homem esbravejou enraivecido: “- Eu entendi muito bem o que o assassino de Cristo quis dizer”.

A seguir, arrancou o saco de plantas das mãos de Rabi David, despejando seu conteúdo no rio. Pisoteou as raízes conservadas com tanto esmero, destruindo tudo que restava.

De volta para a casa, Efraim consolava o pai, prometendo não descansar enquanto não encontrasse plantas da mesma espécie. No dia seguinte, Efraim foi o primeiro a sair, quando abriram os portões da juderia. Caminhou pelo mato, com o propósito de encontrar essas plantas raras tão eficazes.

Distanciava-se cada vez mais da cidade enveredando por caminhos desconhecidos. Estacou assustado, quando viu à sua frente o rapaz que acompanhava o racista, no dia anterior: “- Não tenha receio, eu sou do bem. Aprendi com minha mãe, que todas as pessoas têm direitos iguais e não devem ser discriminadas. Meu nome é Pedro, e

peço desculpas pelo meu padrasto, que é um homem irascível. Ontem eu não me manifestei a seu favor e de seu pai, porque meu padrasto maltratava a minha mãe. Se você está à procura daquelas plantas, não se preocupe que eu já as encontrei”.

Pedro levou Efraim até um rio, pouco caudaloso, escondido no mato cerrado. As pedras eram numerosas e gigantes e entre elas brotavam abundantemente as ervas medicinais. Feliz da vida, Efraim agradeceu ao rapaz e apertou sua mão estendida. Voltaram conversando até a entrada da cidade, onde se separaram, para que o padrasto não desconfiasse da boa ação de seu enteado.

Efraim foi até os fundos de sua casa, espalhando as plantas pelo chão, para que não apodrecessem. Após o jantar, Efraim pediu ao seu pai que o acompanhasse até o quartinho dos fundos. Rabi David, surpreendido por um tapete de plantas, abraçou o filho, visivelmente emocionado. Efraim, então, contou ao pai como aquele rapaz cristão, tão alheio a tudo ao seu redor, mostrou-se digno, cooperando por uma causa justa.

Enquanto Efraim foi se deitar, o cientista, químico, médico Rabi David varou a noite preparando seus benéficos medicamentos. De madrugada, prestes a se deitar, ouviu batidas insistentes na porta.

Jacobito, com as feições alteradas entrou gritando: “– Rabi David, a criança não quer nascer. A parteira pediu para chamá-lo. Por favor, salve minha Molka”. O médico correu atrás do aflito marido, pedindo calma. Foi um parto complicado, que exauriu as forças de Molka, mas ela sobreviveu. Nascera o terceiro filho do sexo masculino da família. Jacobito depois de abraçar Molka, disfarçando sua decepção, disse: “– A nossa filha fica para a próxima vez”.

Capítulo IX

Mesmo sentindo-se exausto pelo agitado dia anterior, Rabi David não deixou de cumprir todas as suas obrigações.

Após a oração matinal na sinagoga, o reforço da refeição e as visitas aos doentes do gueto, o médico atravessou o portão da juderia para sua tarefa mais árdua. Teria que transpor longas distâncias, para atender gentios que viviam em núcleos residenciais diferentes.

Enquanto caminhava, ele lembrava com amargura do homem que esbravejara palavras ofensivas e de seu comportamento desumano, destruindo as ervas medicinais. Fazia parte da turba de arruaceiros que bebericavam nas tabernas. Mesmo em tempo de calmaria, pensava Rabi David desalentado, quando o ódio aos judeus parecia adormecido, esses ferrenhos racistas encontravam um jeito de espezinhá-los.

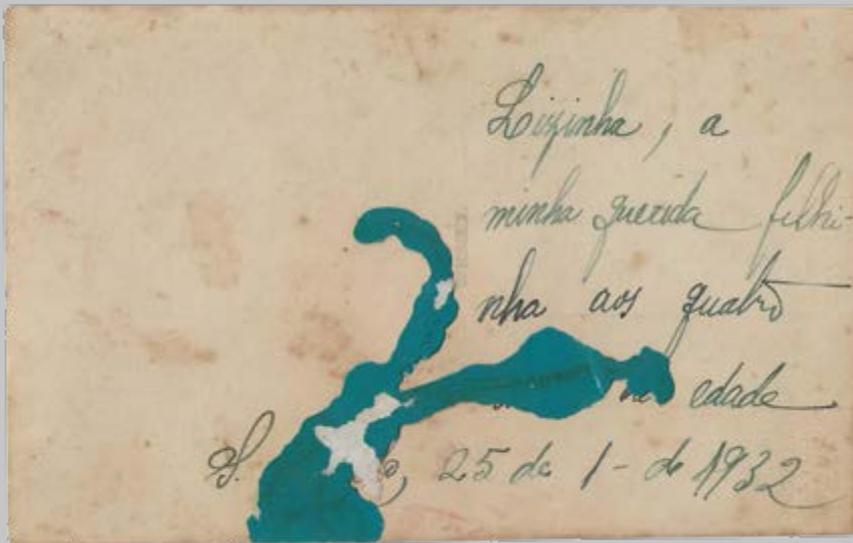
Entretanto, muitos cristãos nutriam uma grande amizade para com os judeus, que correspondiam com afeto. Em comum, os séculos de convivência no país e, embora saudosistas da pátria distante, amavam aquela terra, seu folclore, sua história de lutas e sua música ardente.

Rabi David, contudo, sentia-se tenso e preocupado, porque sabia que grande parte dos cristãos sofria a influência maléfica da corte e do clero com sua oratória instigando o povo a cultivar o ódio aos judeus. Repetiam que os judeus eram filhos do diabo e assassinos de Cristo.

Até o início de 1096 os judeus da Europa eram atacados esporadicamente. A partir dessa data, as cinco cruzadas transformaram suas vidas num flagelo interminável. Na Alemanha, França, Áustria, Espanha, Portugal e vários outros países da Europa, os cavaleiros da cruz instigavam o povo para o massacre dos judeus. Essa fúria sangrenta foi se intensificando com o decorrer dos anos.

Rabi David demonstrava sua constante preocupação pelo bem estar e integridade física das pessoas de sua comunidade. Ele sabia que qualquer incidente, revolta, guerrilha e até a fome e a miséria eram manipuladas pelas autoridades eclesiásticas e do reino para que a culpa recaísse sobre os judeus.

Próximo da residência de seu primeiro cliente, esqueceu momentaneamente sua inquietação para compenetrar-se nos seus deveres. Após cumprir as visitas, Rabi David tratou de apressar o passo, para



não se atrasar para a reza vespertina.

Enquanto caminhava, pensava nos três filhos ausentes. Os dias santificados estavam chegando e a expectativa de ver Marcus, Salomão e Joseph animou-o a prosseguir.

Já próximo do portão da juderia, riu ao lembrar que Efraim e Joseph tinham opiniões sempre opostas. Quando Joseph delatava suas travessuras, Efraim respondia irritado: “– Você não sabe o que é viver. Está sempre debruçado nos livros. Nunca parou para perceber o esplendor da natureza. Jamais elevou seus olhos para observar o nascer e o pôr do sol”.

Ao voltar da reza vespertina, como seu cansaço era visível, Ester, Miriam e Efraim conseguiram após o jantar persuadi-lo a se deitar. Adormeceu com o carinho e o efeito relaxante do chá, preparado pela esposa.

Na noite seguinte, depois que o Rabino dispensou os religiosos da costureira reunião na sinagoga para resolução de problemas do gueto, um deles cujo nome era Saul, pediu permissão para conversar em particular. O Rabino admirava o velho Saul, pela sua religiosidade e seu altruísmo. Homem de profissão humilde, mas esforçado no seu trabalho de consertar sapatos e até de fabricá-los para todos os habitantes do gueto e de um bom número de cristãos. Tinha uma das famílias mais numerosas do gueto: nove filhos, sendo dois do sexo masculino, o mais velho e o caçula e sete filhas, todas já casadas.

Rabi David perguntou: “– Saul, algum problema o aflige?”.

“– Não é propriamente um problema. O Levi já completou trinta e oito anos e ainda não se casou. Agora que suas irmãs estão casadas, ele não tem mais desculpas para me dar. De tanto eu insistir ele acabou escolhendo a bela Golda, filha do melamed. Meu filho gostaria de saber a opinião da moça a respeito dele. Se Levi tiver a felicidade de ser aceito por ela, vou falar com o melamed”.

O Rabi respondeu: “– Vamos com calma, Saul. Como Golda comparece todos os dias na casa da irmã para ajudá-la com as crianças e eu vou ver como vai a parturiente e o bebê, posso aproveitar para perguntar sua opinião”. Saul agradeceu e saiu.

No dia seguinte, Rabi David, satisfeito com a rápida recuperação de Molka, contou a Golda, que recebera o pedido de casamento de Levi, filho de Saul. Golda, sem demonstrar qualquer emoção respondeu: “–

Já recebi propostas, mas nenhuma me atraiu. Já o Levi é do tipo que eu admiro: alto, musculoso, bem mais velho e além do mais em boa situação econômica. Portanto, rabino pode dizer ao Levi que eu aceito”.

Molka ficou decepcionada com a decisão precipitada da irmã. “– Golda, você está sendo tola e calculista. Precisa de um tempo para conhecê-lo e também sentir se existe alguma atração entre os dois. Veja como Jacobito e eu somos felizes”.

“– Eu quero ter um lar, filhos, enfim uma família”. Rabi David, então, se pronunciou: “– Golda, pelo menos dê um bom tempo para que vocês se conheçam melhor”.

“– Eu não preciso de tempo para pensar. Sei que ele tem um bom caráter e dinheiro e para mim é o suficiente”.

Quando Jacobito chegou, Molka contou a novidade e sua preocupação com a falta de sensibilidade da irmã. Jacobito comentou, que também achava Levi um rapaz esquisito, mas que não convinha interferir, porque talvez a união desse certo.

Naquela mesma noite, com a aprovação do melamed, da mulher e de Saul e seus familiares, os filhos assumiram o compromisso de casamento, no tempo mínimo de dois meses para a realização.

Nesse curto período de conhecimento mútuo, Golda não notou nada que desabonasse seu noivo. A casa em que Levi e Golda iriam residir era muito bem conservada. Fora moradia de uma família que se mudara para Toledo.

No dia anterior ao casamento, Golda e sua irmã Raquel punham ordem na casa, soltando gritinhos de satisfação. Os móveis do quarto foram feitos pelas mãos habilidosas de Efraim e tinham uma aparência de suntuosidade que agradou muito à noiva. Após a cerimônia religiosa, foi servido um almoço para parentes e amigos. As despesas naturalmente correram por conta do sapateiro Saul.

Quando os noivos entraram no seu novo lar, Golda foi para o quarto, esperando que Levi a seguisse. Aguardou em vão pelo marido, até perder a noção do tempo e adormecer. Acordou com um som estranho, que vinha do chão. Ficou chocada quando deparou com o Levi, sentado num banquinho, movendo-se para frente e para trás.

Golda, intrigada, munindo-se de coragem perguntou: “– O que está acontecendo? Porque você não está na cama ao meu lado?”. Como Levi não respondia, ela ameaçou acordar todo o gueto com seus gritos.

Assustado ele saiu de seu estranho recolhimento suplicando: “– Por favor Golda, eu sou tímido e nervoso e peço a você que tenha um pouco de paciência comigo”. Golda ficou decepcionada. Esperava uma noite feliz e, entretanto, já estava sofrendo.

Na noite subsequente, o marido voltou a agir da mesma forma. Sentado no banquinho, jogava seu corpo para frente e para trás numa cadência sempre igual.

Golda deitada na cama, linda e esperançosa, aguardava a reação que não chegava. Não suportando mais essa situação levantou e disse: “– Timidez, nervosismo têm limites. Minha paciência já está se esgotando. Venha deitar ao meu lado, caso contrário amanhã terei que tomar uma providência”.

Levi começou a chorar convulsivamente. Sua esposa, penalizada, acariciou seus cabelos e estendeu os braços. Ele levantou e, de mãos dadas, sentaram na beira da cama. Pobre Golda, como estava iludida, pensando ter resolvido o problema. O único gesto dele foi enxugar as lágrimas. Ficou paralisado, sem mover um músculo e sem emitir nenhum som.

Golda, tristemente, compreendeu que não se tratava de encabulamento, mas de alguma coisa muito mais complexa. Precisava tomar uma atitude sem ofendê-lo ou difamá-lo. Mas como? Com quem?

Resolveu aguardar mais uma noite, para que não restasse nenhuma dúvida sobre a atitude que iria tomar. Ela queria dar mais uma chance ao marido. Pelo visto, o quarto não era um ambiente positivo para ele, portanto, após o jantar principiou a falar com palavras afetuosas.

“– Eu gostaria que você deixasse sua insensibilidade de lado e falasse com seu coração. Por pior que seja o que o aflige, eu exijo uma explicação e prometo que vou entender”. “– Golda, eu primeiro quero pedir perdão por tê-la feito sofrer. O que tenho a lhe dizer é muito sério e conto com seu sigilo absoluto”, disse ele. “– Fique tranquilo Levi, e pode contar com minha discrição”.

“– Até aos quinze anos fui um menino feliz. Depois do trabalho na sapataria conversava com meus amigos. Falávamos sobre as mocinhas da vizinhança. Com o passar do tempo notei que meus amigos modificaram seu modo de pensar e agir com as mulheres. Eu continuei na mesma. Afastei-me deles para que não notassem minhas falhas biológicas. Meu pai começou a me pressionar para que eu formasse

uma família. Nas minhas entregas de mercadoria, consultei na surdina vários médicos de Córdoba. Apenas um me prometeu garantia de cura. Devo procurá-lo a cada duas semanas. Se você for paciente comigo, Golda ainda poderemos ser muito felizes”.

Golda viu tanta determinação nas suas palavras e tanta esperança nos seus olhos que prometeu a Levi o tempo que fosse necessário, para cura de sua impotência.

Capítulo X

Com a chegada de Rosh Hashaná havia ainda um vestígio de verão no ar. O calor sufocante do final da estação anunciava sua despedida. Em breve, o vento iria recrudescer a cada dia, maltratando a natureza.

Um ano de ausência dos três filhos do rabino foram recompensados pela chegada tão esperada. Ester, irrequieta, beijava, abraçava e examinava seus filhos, numa atividade dominadora, sem dar oportunidade para que os outros membros da família se aproximassem. Finalmente se aquietou para que o rabino, Miriam e Efraim se achegassem. Depois de respostas satisfatórias, Ester e Miriam liberaram os irmãos para acompanharem o pai à sinagoga.

Mãe e filha prepararam o banquete de ano novo. Estavam felizes porque toda a família estaria reunida até uma semana depois do dia da expiação, o Yom Kipur. À noite, sentados ao redor da mesa, cada um dos presentes umedeceu uma fatia de chalá no mel, pronunciando: “- Que seja Tua Vontade, que um ano bom e doce se renove para nós”. O rabino observando os membros de sua querida família disse: “- Que D’us na sua infinita misericórdia e justiça ouça nossas orações de arrependimento”.

Chegara o Yom Kipur, o dia santificado mais importante para todos os judeus. As contínuas orações a D’us implorando perdão, pedindo absolvição pelas falhas cometidas e confessando os pecados, num clima de total abstinência alimentar, aconteciam em todas as comunidades judaicas do mundo conhecido. Liderados pelo Rabino David Ibn Abraão, homens e mulheres, sentados em lados opostos do corredor central, oravam.

A jovenzinha Miriam olhava para o pai com orgulho redobrado. Naquele dia, era ele o governante protetor daquela ilha murada de pedra chamada, com desprezo pelo gentio, de Juderia. Isolados como intrusos, encontravam na fraternidade e no calor humano de cada judeu, a força necessária para prosseguir.

Miriam gostava de observar um por um os habitantes do gueto, reunidos na sinagoga. As mulheres vestidas com suas roupas do Shabat, adquiriam um olhar solene, como se um toque de magia as envolvesse naquele dia santificado.

Os homens irmanados num só ser, pareciam idênticos, com seus xales de oração “talit” e suas vozes suplicantes alcançando as alturas.

Os nossos filhos
Ester e Efraim
Lembrança de quando
tinha 17 anos e Ester
e 30 Efraim
S. Paulo 22-1-935

Embargo
de 1935

WESSEL

Miriam, maravilhada com aquele ambiente encantado, estendeu seu olhar até o púlpito. A Arca da Lei e os rolos da Torá estavam revestidos de crepe branco. Eram as roupagens imaculadas que guardavam as palavras sagradas de D'us.

Depois de examinar todos os membros da congregação, fixou seu olhar em Golda. Sua tristeza e magreza eram visíveis. Miriam matutou: “– Recém-casada e... será que não está feliz?”.

Sabia que não devia se intrometer, porém sua curiosidade era mais forte. No intervalo das orações perguntou à sua amiga Raquel o que estava acontecendo com sua irmã. “– É bom que você saiba, Miriam, que a Molka está muito preocupada com a Golda. Meus pais felizmente não perceberam nada, entretanto seu ar tristonho, seu desânimo, não são compatíveis com seu jeito alegre de ser. A Molka não conseguiu arrancar da nossa irmã nenhuma resposta concreta. Diz sem entusiasmo, que tudo está bem com ela e o Levi, mas responde com evasivas”.

“– Não seria conveniente Golda procurar o meu pai? Pode ser que ao médico e rabino ela fosse mais explícita”. “– Não adianta tentar Miriam. Ela disse à Molka que se falasse com quem quer que fosse, romperia relações com ela para sempre”.

Miriam tratou de esquecer, como Molka e Raquel, o aspecto deprimido de Golda, se era essa a sua vontade.

Após o festival de Sucot, os filhos de Ester e Rabi David despediram-se da família e dos amigos e voltaram para a Yeshivah.

Salomão e Joseph iriam cursar os sete anos necessários para se formarem rabinos. Entretanto, Marcus prometeu voltar definitivamente, dentro de dois anos, com o intuito de ajudar o pai e aperfeiçoar-se como médico.

Dois anos passaram céleres. A família do rabino estava feliz, com a volta do filho, Marcus. Praticando e aprendendo, ele auxiliaria o pai na difícil tarefa de clinicar.

A vinda de Marcus foi o único acontecimento feliz, naquele ano de 1376. Nesse mesmo ano, um período turbulento sacudiu várias famílias do gueto. Apesar das constantes ameaças externas dos cristãos, não foram eles que provocaram um trágico acontecimento, mas simplesmente o destino.

Quando Golda prometeu a Levi guardar segredo sobre sua ausência de virilidade, nunca imaginou que a vida lhe seria tão madrasta.

Nos primeiros meses, ela ainda nutria uma forte esperança de cura do marido. Às vezes Levi deitava-se ao seu lado, porém o máximo de intimidade que conseguia, era beijá-la e abraçá-la. Não avançava o sinal, mesmo com as palavras de incentivo da esposa. Ele também lhe dizia palavras afetuosas, prometendo breve cura.

Levi, porém, era acometido de frequentes crises de desespero, encontrando no banquinho seu único ponto de apoio. Recluso no seu mundo de solidão, não enxergava, nem ouvia o mundo exterior. Seu comportamento dúbio maltratava Golda, que não via resultado positivo no médico de Córdoba que cobrava uma exorbitância em troca de uns elixires adocicados.

Uma noite, após o jantar, Golda deu a entender ao marido que sua paciência tinha se esgotado, já que dentro de três meses iriam completar dois anos de casados. Ela queria o divórcio, mas prometia não revelar a ninguém o motivo da separação.

Levi, que esperava a qualquer momento a reação da esposa, disse: “– Golda, eu sei que tenho sido egoísta, privando-a de ser feliz com outro homem. Vou levar uma encomenda para Córdoba e consultar o meu médico pela última vez. Ele me prometeu um remédio eficaz, que está chegando da Índia. Vou tentar pela última vez o tratamento. Se dentro de dois meses eu não tiver um resultado positivo, vamos pedir a separação. Porém, quero que saiba que gosto muito de você, a pessoa mais importante da minha vida”.

“– Sabe, Levi, eu não consigo mais disfarçar nossa angústia, porque tenho sofrido pressões externas. Nos jantares de Shabat seu pai e suas sete irmãs ficam me cobrando um filho. Quando saio à rua, as faladeiras do gueto repetem sempre a mesma frase: “– Coitada, tão bonita, mas estéril”.

“– Golda, não se aflija tanto. Nós vamos resolver este grave problema. Como vou viajar, quero mostrar a você onde guardo nosso dinheiro. Levi ergueu a tampa do grande baú e tirou todo seu conteúdo. Depois, com uma leve pressão, arrancou um fundo falso. Golda ficou surpresa com tantas moedas de valor.

Levi, então, partiu para Córdoba, levando suas encomendas de sa-patos e a esperança redobrada de vencer a árdua batalha que a vida lhe pregara.

Capítulo XI

Com a partida do marido, Golda passava os dias na casa dos pais ou na companhia da irmã e das crianças. Os saudáveis filhos de Molka eram uma boa distração para a irmã frustrada.

As noites, porém, eram intermináveis. Na solidão de seu quarto, a infeliz esposa precisava arranjar uma justificativa para o divórcio que fosse aceitável para as famílias e condizente com as leis.

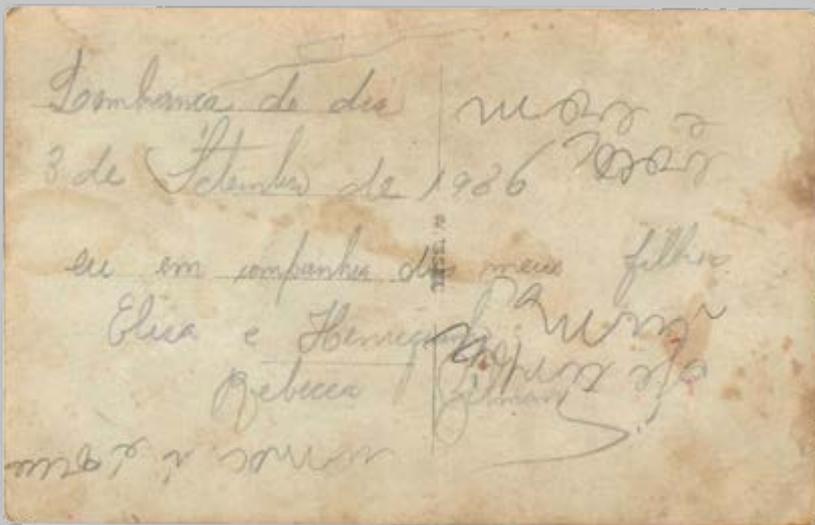
Como a verdadeira razão tinha que ficar oculta, seria muito difícil encontrar uma solução, apenas com mentiras. As duas razões predominantes permitidas sem restrições eram a infidelidade e a esterilidade. Mas Levi vivia repetindo que não queria prejudicá-la com mentiras infames. A verdade seria chocante para a família de Levi e principalmente seu pai, que cairia em desgraça. Sem chegar a nenhuma conclusão, Golda só adormecia ao amanhecer, esperançosa em encontrar uma solução na noite seguinte.

Enquanto Golda pensava numa solução adequada, Levi cavalgando sem descanso, chegava a Córdoba. Após entregar as encomendas, deixou o cavalo numa estrebaria para se alimentar e recuperar suas forças. Impaciente, mas otimista, ele correu para a casa do médico.

Foi surpreendido por um grupo de pessoas clamando em altos brados: “- Charlatão, fugiu com o nosso dinheiro. Curandeiro, falsário, ladrão!”. Levi, ainda incrédulo, apoiou-se numa árvore para não cair, quando ouviu entre uns e outros:

“- É um falso médico, não curou nem melhorou nossos males, exagerou na cobrança das consultas, vendeu por uma exorbitância elixires, compostos de água com açúcar”. A seguir, a multidão voltou a gritar em uníssono: charlatão, charlatão...

Decepcionado e desorientado, Levi só queria morrer. Tratou de se acalmar para que o raciocínio voltasse a funcionar. Distante de casa, ele tinha a chance de elaborar um plano que trouxesse liberdade para sua esposa. Na sua mente desiludida, começavam a se formar ideias fatídicas. Levi sabia como provocar sua morte, engendrada de um jeito que não levantaria suspeitas de suicídio. Ele não sabia se D'us iria perdoá-lo porque, pelas leis sagradas, a morte provocada era um pecado inconcebível.



Sempre que Levi deixava o gueto, agia como todos os viajantes, procurando uma hospedaria à noite e percorrendo as distâncias durante a claridade do dia. Os cavaleiros procuravam os caminhos mais seguros e populosos. Entretanto, muitas vezes era preciso percorrer trechos por estradas desertas, o que fazia com que um conhecimento apurado que evitasse as armadilhas e a velocidade imbatível de seus animais, fossem essenciais para se escapar dos assaltantes, que infestavam os esconderijos.

Levi gostava muito de Golda e queria que fosse feliz. Não suportava mais vê-la se consumindo. Seu pai, o velho Saul, sofreria muito com seu desaparecimento, mas não teria de que se envergonhar.

O segredo de sua falha como homem, não seria revelado e sua morte seria considerada consequência de um ataque dos assaltantes de estrada. Levi sentiu-se mais seguro, quando lembrou que Golda poderia se casar com seu irmão Judah. Pelas leis judaicas a viúva que tivesse um cunhado solteiro deveria ser pedida em casamento por ele e assim perpetuar o seu nome. Judah era um jovem atraente e certamente iria ampará-la.

Levi apanhou o seu cavalo e começou a regressar. Iria agir quando estivesse bem próximo da juderia, assim seus patrícios não tardariam a encontrar seu corpo. A embriaguez fazia parte de sua trama. Primeiro, porque ele ficaria menos suscetível à dor das pancadas que iria receber e, segundo, não levantaria nenhuma suspeita de ser um ataque provocado pela vítima. Comentariam certamente, que mesmo Levi sendo sempre tão cauteloso, fora o excesso de vinho que o tornara imprudente.

Já nas redondezas de Sevilha, enveredou na noite tenebrosa pelo atalho mais próximo do covil dos ladrões. Não tardou muito a sentir pancadas mortais na cabeça, amortizadas pelo corpo encharcado de vinho.

Golda começou a se afligir quando percebeu que Levi estava tardando a regressar. Procurou seu sogro, que também já estava preocupado e enviou seu filho Judah para se aconselhar com o rabino.

Quem abriu a porta foi Miriam, surpreendida por um rapaz calado, que não conseguia se refazer da timidez. Ela sentiu-se atraída pela simpatia e falta de jeito do rapaz. Judah conseguiu se controlar e, olhando profundamente para a moça, ficou extasiado com seu belo

rostro, esquecendo até de seu objetivo. Finalmente, sem saber como se expressar, disse: “– Eu sou Judah”. “– E eu sou Miriam”.

O constrangimento de ambos foi interrompido com a chegada do rabino David. Mais à vontade com a presença do rabino, lembrou-se do que viera fazer naquela casa e contou sobre a viagem de Levi e sua demora em regressar. O rabino, então, aconselhou: “– Não quero ser alarmista, mas você deve reunir no mais breve tempo possível um grande grupo de jovens que saibam cavalgar e sair ao encalço de seu irmão. Ele pode ter sofrido um acidente e talvez não possa se locomover. Eu desejo boa sorte e um feliz regresso”.

Judah agradeceu e, despedindo-se do pai e da filha, saiu apressadamente.

No dia seguinte, assim que os portões se abriram, um grupo de valentes rapazes montados em cavalos velozes saiu galopando através de estradas poeirentas à procura de Levi. O povo do gueto, já ciente do acontecido, sentiu no ar um presságio de desgraça. Golda e os parentes temiam pela segurança de Levi e a incerteza de uma fatalidade se mesclava a uma esperança de vida.

Foi só quando anoiteceu e os portões da juderia começaram a ranger que os jovens cavaleiros, de cabeça baixa, entraram silenciosamente no gueto. No lombo do cavalo de Judah vinha o corpo de seu irmão. O povo começou a se aglomerar, mas, respeitosamente, conservava-se calado.

Rabi David correu em auxílio de Golda e dos parentes, reunidos em sua casa. O choro convulsivo dos pais de Levi que ainda não acreditavam na desgraça, contaminara os outros membros da família.

Golda, amparada por seus pais e irmãs, estava lívida. Saul, a esposa e Golda foram medicados pelo rabino, que começava também a cumprir suas obrigações espirituais. Dentro e fora da residência do morto, todos comentavam discretamente sua imprudência, sem que ninguém, nem mesmo Golda, tivesse a leve suspeita de suicídio.

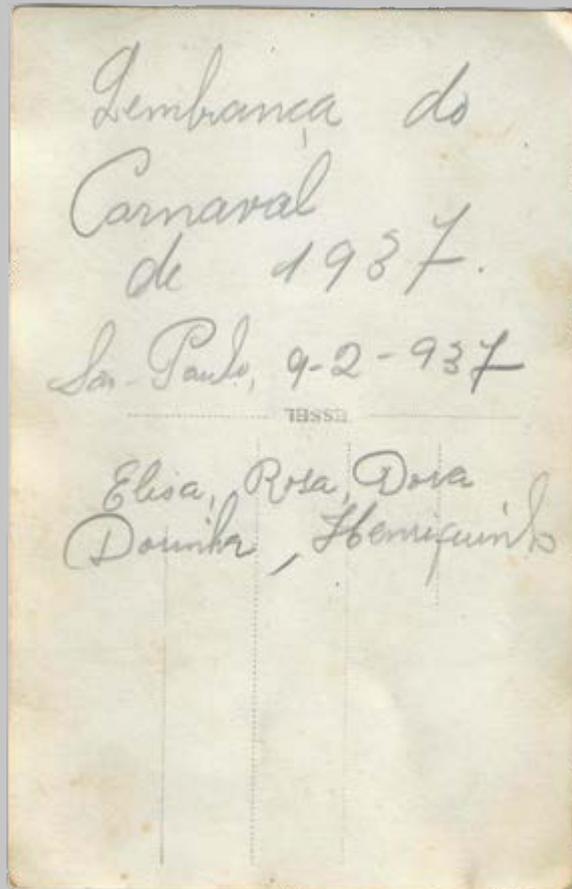
Crimes dessa natureza, comentava o povo, eram comuns nas estradas do país, onde os bandos de malfeteiros determinavam suas próprias leis.

Durante o Shivah, os presentes mantiveram-se sentados no chão, orando o Kadish duas vezes ao dia, atentos para que o minyan fosse atendido. Os dez homens permaneceram em vigília.

Após essa dolorosa semana, os parentes voltaram às suas atividades

normais. Golda, voltou a morar com seus pais, levando consigo suas tristes lembranças e o baú com o legado de Levi.

Capítulo XII



O povo do gueto mostrava-se abalado com a trágica morte de Levi. A convivência diária dos moradores tornara essa imensa família inseparável. E era Rabi David quem conduzia com maestria seus habitantes para o objetivo fundamental de suas vidas: a religião com toda sua riqueza bíblica.

Na primeira semana do penoso passamento, desfilavam diante da família de Saul e do melamed, uma a uma, as pessoas do gueto, transmitindo um caloroso conforto.

Quando Miriam se aproximou de Judah para cumprimentá-lo, seus olhares se cruzaram. Perceberam o incomensurável amor que os uniria para sempre.

Três meses após a morte do filho, o velho Saul ainda estava traumatizado, entretanto a companhia de seus trinta e cinco netos, de suas numerosas filhas, amortecia sua dor. Sua esposa, portadora de uma doença desconhecida, tinha poucos momentos de lucidez.

Levi, o primogênito, fora para o pai a maior alegria de sua juventude, e a sucessão de tantas filhas fora recompensada pelo seu filho muito amado, o temporão Judah.

Saul era um homem devoto e cumpridor de muitas mitzvot, porém exageradamente autoritário, exigindo dos filhos obediência fanática. Temeroso do temperamento opressivo do pai, Levi ocultou sua falha biológica. Foi empurrado para o casamento, prejudicando a si próprio e a uma bela moça.

Quanto a Golda, não possuía a perspicácia de sua irmã Molka para sequer desconfiar do sublime sacrifício de Levi.

Após noventa e um dias, tempo exigido para o luto, o velho Saul procurou pelo melamed e sua esposa Sure. “- Eu venho, com todo respeito, pedir a viúva de meu filho Levi em casamento para meu filho Judah. Segundo nossas leis, a viúva deve se casar com o irmão do falecido, para perpetuar o nome em Israel”.

O melamed, emocionado, respondeu: “- Saul, eu já conheço sua conduta de homem justo e cumpridor dos preceitos da Torá. Agradeço o amparo que quer dar à minha filha. Vamos chamá-la para que ela mesma decida”.

Sara, feliz da vida, correu à procura da filha. Golda não aprendera com o primeiro casamento que a precipitação traz maus resultados para um desfecho feliz. Aceitou incontinentemente a proposta, sem se certificar se ela era oriunda do pai ou de Judah. Já estava sonhando com o atraente rapaz e a perspectiva de viver confortavelmente.

O velho Saul voltou para a sapataria, ciente que havia cumprido sua missão e que Judah estaria de acordo com sua resolução, sem levantar nenhum empecilho.

Quando o pai começou a explicar o motivo de sua visita à família do melamed e o compromisso assumido, Judah ficou lívido. Pela primeira vez teve a ousadia de interrompê-lo. “– O senhor devia ter-me consultado, afinal é um compromisso sério e terá que desfazê-lo, porque eu não quero me casar com Golda”.

Saul ficou colérico e, esbravejando, respondeu: “– Judah, você não pode me envergonhar. Eu já dei a minha palavra e além do mais não podemos desobedecer às escrituras sagradas”.

“– Não vai adiantar nada o senhor insistir com esse casamento sem fundamento. Este preceito só devia se concretizar no tempo do primitivismo, quando as mulheres eram tratadas como escravas. Muitas leis do tempo de antanho não se adaptam mais a nossa era e eu não entendo como algumas delas possam ainda vigorar. Os rabinos através dos séculos, já modificaram preceitos absurdos que se tornaram obsoletos”

Inconformado, Saul respondeu: “– Judah, estou decepcionado com você. Não entendo sua persistência, mas você vai ter que me obedecer”. “– Pai, eu não quero ser rude, mas precisa compreender que tenho minha própria personalidade e não vou modificar meu modo de pensar. Além do mais, eu gosto muito de uma outra moça”.

“– Já que você não quer me ouvir, vamos falar com Rabi David. Ele é um bom conselheiro e consegue resolver qualquer questão por mais complicada que ela se apresente”.

Após a oração vespertina, o rabino atendeu pai e filho na sala contígua à sinagoga. O velho Saul contou sua decisão de cumprir na íntegra a lei das escrituras, em que o irmão do falecido se casa com a viúva, demonstrando assim piedade fraterna. Entretanto, Judah não pretendia obedecer, porque gostava de outra mulher.

O rabino, conhecedor a fundo de cada membro de sua congregação, considerava o sapateiro Saul um bom homem, não fosse seu fanatismo

religioso e sua mania de domínio sobre os filhos.

Saul, disse o rabino: “– Seu filho já atingiu há muito tempo a maioridade, portanto, ele é responsável pelos seus atos. Judah tem o direito de resolver sem interferência da família o que lhe aprouver, desde que esteja dentro das normas sociais e religiosas. Ele tem o direito de resolver o seu futuro. Podemos realizar a cerimônia do Chalitzah (descalçar), assim ele se liberta do compromisso de casamento. Apesar de que acho o rito do descalçar arcaico e já devia ter sido abolido. Nós temos guardado entre os pertences da sinagoga o sapato apropriado para a cerimônia. Mas, para isso, Saul, você deve ir à casa do melamed e se desculpar”.

O melamed logo compreendeu as razões de Judah, mas Sure e Golda sentiram-se ofendidas. Disseram que Judah merecia a cerimônia deprimente do Chalitzah.

Dois rabinos de uma Yeshivah se prontificaram a cooperar com Rabi David para o rito do Chalitzah.

A notícia desta cerimônia rara se propagou pelo gueto como um rastilho de pólvora. As pessoas ficaram agitadas com a novidade. O silêncio da rotina diária foi substituído pelo vozerio dos grupinhos que se formavam ao longo das ruas.

O povo esqueceu temporariamente a tragédia de Levi para viver uma cena, semicômica, cujos protagonistas eram Judah e Golda.

Rabi David e os dois rabinos convocaram algumas testemunhas e resolveram não promover o rito na sinagoga. Na casa do rabino a cena com poucos espectadores seria menos deprimente.

Judah, a caminho da casa do rabino, estava cabisbaixo, com todos os olhares voltados para ele. Enquanto andava, seu pensamento estava concentrado em Miriam.

Assim que terminasse aquele espetáculo desagradável, ele iria falar com os pais da moça. O seu amor por ela era deveras profundo para adiar o compromisso.

Golda, a caminho da casa do rabino, também pensava. Apesar de sua rara beleza, ela sabia como era difícil para uma viúva sem filhos casar novamente. A esterilidade era considerada um defeito grave e o povo não perdoava. Nunca, pensava Golda, alguém poderia imaginar que o causador de sua desgraça era Levi. Ela prometera ao marido manter segredo, mas seria difícil suportar o silêncio com o ódio que

sentia de Judah por tê-la desprezado.

Enquanto Ester, Miriam e Efraim se refugiavam no quarto, todos permaneciam reunidos na sala, e entre eles Marcus, convocado para ser testemunha. Os rabinos sentados no centro da sala interpretavam três juízes, enquanto várias testemunhas postavam-se ao lado.

Já com o sapato apropriado, Judah deu alguns passos e, a seguir, Golda exclamou acusando: “– Meu cunhado recusa-se a preservar ao irmão um nome em Israel, por que não quer se casar comigo?”

Judah respondeu: “– Não quero recebê-la como esposa”.

Indignada, Golda retira o sapato de chalitzah de Judah e o atira longe. Ela cospe três vezes diante do rapaz e repete a frase usada para a ocasião. “– Assim se procede com o homem que não quis construir a casa de seu irmão e seu nome será daqui por diante chamado em Israel a casa daquele que teve seu sapato desamarrado”.

Golda repetiu a frase três vezes e, a seguir, os juízes e as testemunhas também repetiram três vezes. Finalizando essa cena descabida, Judah devolve o sapato e ouve as palavras dos juízes: “– Que seja a vontade de D’us que as mulheres judias não tenham mais que serem submetidas à humilhação de chalitzah”.

Judah, sentindo-se sufocado, foi o primeiro a sair. Resolveu aguardar a escuridão da noite para retornar. Estava constrangido para responder às perguntas das pessoas aglomeradas em todas as portas. Ele agia com rapidez, abrindo caminho com cotoveladas a quem impedisse sua passagem. Quando finalmente entrou em casa, sentiu-se amargurado, com as palavras ríspidas do pai.

Saul ficou mais flexível quando o filho lhe contou que sua escolhida era Miriam, filha do Rabi David. Após o jantar, Judah voltou a casa do rabino, acompanhado de seu pai.

Surpreendidos pelo pedido do rapaz, ouviram a resposta afirmativa de Miriam. Ester, emocionada, abraçou sua filha, porém o rabino queria explicações. Judah controlando o seu mau jeito disse: “– Miriam é a mulher da minha vida e dona do meu coração. Não podemos viver separados”.

Miriam, feliz com as palavras ternas de Judah, respondeu: “– Não foi preciso palavras para compreender que fomos feitos um para o outro. Nós nos entendemos pelo olhar, e foi por isso que ninguém percebeu nada”.

Rabi David, satisfeito com as declarações de afeto, aceitou o pedido de casamento e, felizes, todos se abraçaram.

Efraim abriu uma garrafa de vinho, para comemorar esta data tão significativa para seus pais e sua querida irmã.

Capítulo XIII

Quantas vezes a humilhação de um espetáculo degradante provoca no íntimo de uma pessoa de caráter frágil, um desejo de vingança. Tornou-se ainda mais penoso para Golda suportar a rejeição do rapaz, quando correu a notícia de que Judah e Miriam estavam de casamento marcado.

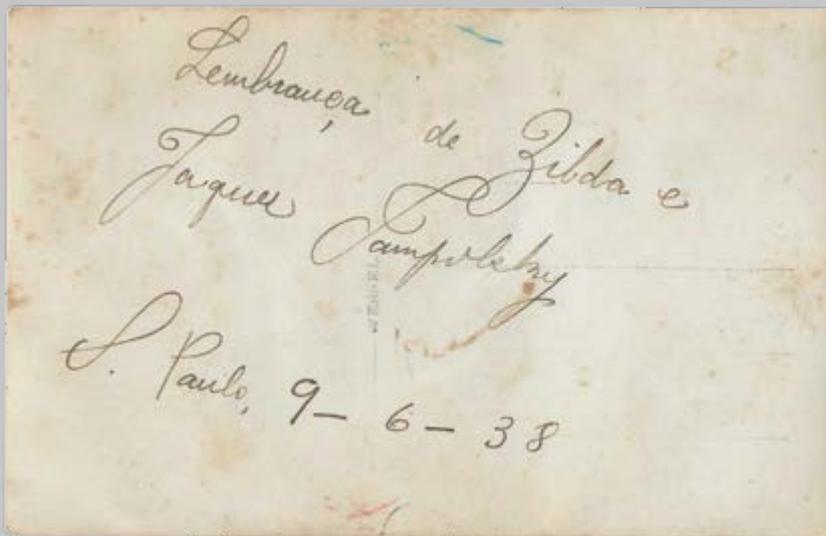
Na sua mente invadida por tantas decepções, fora a filha do rabino que lhe roubara a felicidade. Não seria a amizade que unia sua irmã Raquel e Miriam que iria impedir seu desejo de conseguir levar a melhor.

Por mais que tentasse, era impossível encontrar uma solução sem revelar o segredo de Levi. Fria, calculista e ressentida, Golda tinha um trunfo: iria profanar uma promessa em troca de um lar seguro com Judah e filhos. Precisava agir com rapidez, afinal, imaginava que um mês de felicidade entre Judah e Miriam não deixaria marcas profundas.

Faltando sessenta dias para a união, ela apareceu na sapataria de Judah. Surpreso com a presença inesperada da cunhada, manteve-se calado, demonstrando indiferença.

Golda, aparentando tranquilidade, disse: “– Você precisa me ouvir, porque vou lhe revelar um terrível segredo de seu irmão Levi. Prometi sigilo absoluto, mas meu sofrimento me impede de cumpri-lo. Como toda jovem, casei feliz e cheia de esperança de constituir uma bela família. Entretanto, nada disso se concretizou porque fui vítima de um impacto tão inesperado, que destruiu minha vontade de viver. Levi era portador de uma deficiência sexual, que o tornara impotente”.

Judah, traumatizado com a notícia, precisou se sentar para não cair. Golda tomou fôlego e continuou: “– Tentei todos os truques para atraí-lo, mas tudo em vão. Sentado num banquinho ele se movia para frente e para trás, sem articular nenhuma palavra. Ameacei contar a toda comunidade o que estava acontecendo se ele não se decidisse a falar. Após alguns dias, levei-o até nossa cama, enxuguei suas lágrimas e acariciei seus cabelos. Finalmente ele me revelou sua impotência e o tratamento, com um médico de Córdoba que lhe prometeu resultados milagrosos. Penalizada com o sofrimento de Levi prometi esperar no máximo dois anos. Ele respondeu com convicção e otimismo que em breve seríamos muito felizes. O destino foi cruel comigo. Durante dois



anos, sofreu pressão dos parentes que notaram na minha aparência sinais de sofrimento. Além do mais, até as faladeiras da rua me cobravam filhos. Sussurravam quando eu passava: Coitada tão bonita, mas estéril. Nessa viagem fatídica, Levi estava esperançoso com um remédio tido como eficaz, oriundo da Índia. Antes de partir ele me revelou onde guardava seu dinheiro. Como sempre, eu lhe aconselhei cautela pelas estradas infestadas de assaltantes e as ruas das grandes cidades coalhadas de inimigos de judeus. Levi me respondeu com um abraço e um sorriso, que se algo lhe acontecesse, eu não ficaria desamparada, porque sua família obedecia às leis das escrituras e que Judah tinha uma alma nobre. Eu gostava muito de Levi, mas minha decepção e minha dor, não suportam mais sacrifícios. Vou lhe dar um mês para que rompa com Miriam e case comigo, caso contrário todo o gueto vai tomar conhecimento que eu fui vítima de uma farsa”.

Judah ficou apavorado. A sucessão de pesadelos que culminara com o rito da chalitzah não terminara, mas estava tomando proporções cada vez maiores.

Miriam representava para Judah a felicidade, entretanto ele sentia que iria perdê-la para sempre.

O choque daquela revelação foi tão intenso que Judah chorou. Seu pobre irmão sofrera tanto em silêncio! Ninguém percebera sua angústia, quando já quarentão, seu pai insistia que ele se casasse. “- Arrastou uma moça cheia de sonhos para a infelicidade e agora sou eu quem sofrerá as consequências. Se eu seguir o meu impulso e enveredar pelo caminho da felicidade, casando com Miriam, não terei paz. Golda não hesitará e o primeiro a saber será o meu pai. Ele não suportará e vai sucumbir”.

Judah, raciocinando com mais tranquilidade, ficou lívido quando percebeu que Levi tinha se suicidado. Seu irmão era um homem cauteloso, conhecedor do terreno que pisava, veloz como um raio e nunca bebera mais que um trago. Naturalmente, sem esperança de cura, deixara-se matar.

“- Levi estava certo que eu iria ampará-la. Ele se sacrificou para que Golda fosse feliz, mas ela nunca entenderia e nem seria capaz de descobrir que ele provocara sua própria morte. Só encontro uma solução: desfazer o compromisso e me casar com Golda. Tenho um mês para armar um esquema que me desligue aos poucos de Miriam, sem

que ela perceba que existe uma barreira intransponível nos separando”.

No Shabat de sexta-feira, Judah jantou em companhia da família do rabino sem demonstrar nenhuma alteração nas suas atitudes. Entretanto, no dia seguinte, com o término do Shabat, Judah, disfarçando sua tristeza, procurava uma razão para se indispor com Miriam.

O rabino e o filho Marcus foram preparar os medicamentos para o dia seguinte e Efraim saíra para conversar com os amigos. Ester foi à cozinha lavar a louça, que se acumulara durante o Shabat. Pouco depois, Miriam abriu a porta para Molka, que vinha devolver um livro emprestado. Ela cumprimentou Judah, que atenciosamente perguntou dos filhos e de Jacobito. Ela respondeu que estava bem.

Miriam, que sempre comentava com a Molka sobre o livro em questão, começou a analisá-lo. Tratava-se do Guia dos Perplexos de Rabi Moisés Ben Maimon.

Ester veio da cozinha e as três mulheres, empolgadas com o livro do grande pensador, médico, filósofo e religioso, começaram a comentá-lo. Miriam, acariciando o famoso livro disse: “- Maimônides era seguidor de Aristóteles da era helenística. Graças aos árabes que assimilaram a cultura grega e não deixaram que ela desaparecesse”.

Molka comentou: “- Pelo que eu compreendi, os homens religiosos que paralelamente se dedicam aos estudos filosóficos tendem a não aceitar como indiscutível a interpretação sem restrições da Torá”. Ester respondeu: “- O Guia dos Perplexos não é aceito pelos tradicionalistas inflexíveis. Em certa ocasião, alguns rabinos mandaram queimá-los”.

Judah ouvia as três mulheres com admiração. Guardara na memória as palavras de Rabi David que Ester, Miriam e Molka não deviam terem nascido nesta época de ignorância e desigualdade sociais, mas no fim do milênio, próximo do século XXI.

Judah era um homem compreensivo, que não se sentia nem humilhado nem rejeitado. Entretanto, graças a este ambiente de calorosas opiniões, ele começou a desenvolver uma ideia que poderia decepcionar definitivamente sua noiva. Primeiro ele precisava reverter sua figura de bom rapaz em uma pessoa revoltada e intransigente. Tinha que aproveitar a ocasião, para iniciar sua farsa.

Ele jamais revelaria o segredo de Levi para se justificar. Também, aparentando ser um rapaz grosseiro, contribuiria para sua querida Miriam esquecer-lo com mais facilidade.

Judah ia se apossar de um ponto forte de Miriam para transformá-lo num ponto fraco. Estava determinado a não fraquejar e, assim que Molka saiu e Ester voltou aos seus afazeres, Judah disse: “– Miriam eu não esperava que me tratasse com tanta indiferença. Você ficou exibindo seu conhecimento e me deixou abandonado”.

Miriam, um pouco magoada, respondeu: “– Desculpe Judah, mas eu não quis ofendê-lo”.

“– Mas me ofendeu muito, querendo provar na minha presença que é mais importante do que eu. Só faltava você dizer que eu sou um ignorante sapateiro”.

Miriam ficou perplexa, não podia acreditar naquelas palavras hostis, vindas de seu noivo: “– Eu não estou reconhecendo você, Judah”.

“– Sou assim mesmo e não admito uma mulher metida a sábia. A sua obrigação é apenas cuidar da casa e ajudar na educação dos filhos”.

“– Estou decepcionada com você, Judah. É como a maioria dos homens: preconceituoso, prepotente e orgulhoso. Se você não se desculpar e mudar sua opinião, teremos que romper nosso compromisso, apesar de ainda gostar muito de você”.

Judah pensou que fosse enlouquecer. Agira como um canalha, ele que amava tanto aquela moça. Infelizmente não podia retroceder. “– Eu não vou mudar minha opinião e nem me desculpar diante de uma mulher. Se você não me aceita como eu sou, nada posso fazer”.

Miriam deixou suas lágrimas rolarem pelo seu lindo rosto antes de abrir a porta da rua para que Judah saísse. Pela primeira vez em sua vida, ela sentiu a amargura da infelicidade. Na lentidão do silêncio noturno, refletindo sobre as palavras rudes de Judah, compreendeu que era impossível fazer as pazes. Teria que encontrar forças dentro de si mesma para superar seu sofrimento.

Durante o desjejum, Ester foi a primeira a notar a fisionomia alterada da filha. Miriam, acalentada pelo carinho dos pais e irmãos, desabafou toda sua decepção.

Rabi David aconselhou a filha dizendo: “– É melhor sofrer um dia, uma semana ou mesmo um mês, do que com o irremediável de uma vida inteira. Você vai encontrar um rapaz digno, que lhe mereça”.

Miriam aconchegou-se nos braços dos pais enquanto Marcus e Efraim acariciavam seus longos cabelos negros.

Quanto a Judah, agiu com astúcia, para que Saul não tivesse nem

a leve suspeita de sacrifício. Convenceu seu pai que tinha errado em afrontá-lo e que não devia ter desobedecido às leis das escrituras sagradas. Iria cumprir os desígnios de D'us e se casar com Golda.

Capítulo XIV

Após tantos incidentes, que tiveram início com a união de Golda e Levi, Judah achou conveniente dar uma satisfação ao Rabi David, naturalmente sem revelar o segredo do irmão. Judah pediu desculpas, afirmando que sua ignorância não era compatível com a cultura de sua filha Miriam.

O rabino, homem observador, conhecedor profundo de cada membro da comunidade, sabia que uma razão muito grave o impedira de ser feliz. Aceitou celebrar seu casamento com a viúva de Levi sem fazer comentários, dispensando-o a seguir.

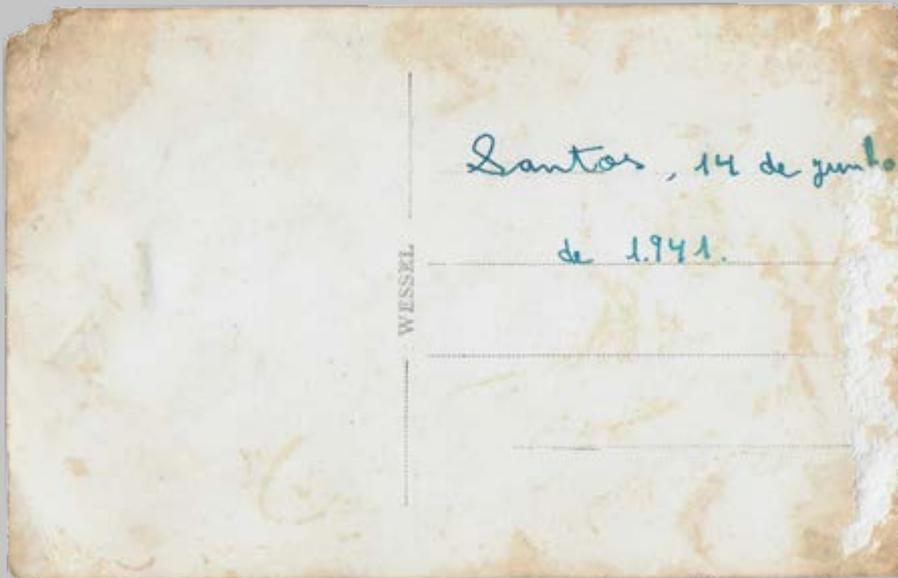
Quando o povo se inteirou dessa surpreendente reviravolta, correu às ruas gesticulando e exclamando: que mistério era esse que envolvia as famílias do melamed, do sapateiro Saul e do rabino?

Formaram novamente grupinhos comentando que a sucessão de acontecimentos que tiveram início com a morte de Levi, o rito da chalitzah, o rompimento do breve noivado de Miriam e Judah e agora culminando com a repetição do compromisso de Golda e seu cunhado. Estavam interligados por uma trama indecifrável.

Pairava no ar uma sensação de verdade disfarçada. A curiosidade do povo, que se sentia ludibriado, ameaçava Judah, exigindo uma explicação.

Todos reunidos no pátio da sinagoga, Judah começou a falar apoiado pelo rabino. “– Nesta comunidade somos uma grande família, portanto não resta dúvida que eu lhes devo uma explicação, junto com minhas desculpas. O meu dever como seguidor dos preceitos de D’us era me casar com a viúva de meu pobre irmão, que morreu prematuramente nas mãos de assaltantes. Desobedeci meu pai que já tinha assumido esse compromisso, para preservar o nome de Levi em Israel e amparar sua viúva. Reconheço que fui um egoísta, pretendendo casar com a filha do rabino, que merece um homem mais digno e mais instruído do que eu. Após a chalitzah, me dei conta do erro cometido. Agradeço a todos pela atenção e a Rabi David pela oportunidade de me explicar”.

O povo, apiedado de Judah e crendo nas suas explicações, tratou de voltar às suas ocupações e esquecer definitivamente todos esses episódios.



Entretanto, havia uma pessoa além do rabino, cuja notável percepção a levava a crer que as justificativas não eram totalmente convincentes. Molka, conhecedora profunda do caráter da irmã, já notara que Golda, pelo seu olhar triunfante, fora a causadora do rompimento do feliz casal. Deixou seus filhos com a irmã Raquel e a levou ao seu quarto para conversarem em particular.

Golda, nervosa ao perceber as intenções da irmã, disse: “– O que você quer saber? Tudo o que Judah contou não é o suficiente? Ele já não se justificou perante toda comunidade? Eu não estou me apropriando de Judah: ele simplesmente se arrependeu e me quer como esposa”.

“– Você não me engana Golda. Existe uma chantagem por trás dessa verdade velada. Todos nós da família queremos seu bem, porém não às custas da infelicidade de Miriam e Judah”.

Golda soluçando respondeu: “– Eu sou uma vítima de toda esta história. Só indiretamente posso ser considerada o motivo da separação do casal, que, aliás, também são vítimas dos acontecimentos. Molka, você é uma pessoa inteligente, portanto precisa compreender que eu não posso revelar um segredo que eu jurei honrar a um homem que já morreu”.

Molka, percebendo que o sofrimento do passado de Golda viera à tona e que ela fora sincera, abraçou a irmã, dando por encerrado este assunto.

Alguns meses mais tarde, numa manhã de sexta-feira, casaram-se discretamente Golda e Judah. Um ano depois, nascia Levi, o primogênito do casal. O tempo se encarregou de apagar o amor que Judah sentia por Miriam. O encantamento pelo filho e o carinho de Golda contribuíram também para esquecê-la.

Quanto a Miriam, foi aos poucos desligando da imagem do atraente rapaz. Um ano mais tarde, durante os dias santificados, ela conheceu um jovem rabino de Córdoba, convidado pelos seus irmãos Joseph e Salomão. Casaram-se seis meses depois. Para tristeza de Rabi David e Ester, o casal foi residir em Córdoba, onde o rabino tinha trabalho e família.

Ester, habituada com a constante presença da filha, sentia-se deprimida. Marcus e Efraim procuravam suprir a saudade da mãe permanecendo mais tempo em casa.

Marcus resolveu também constituir uma família e, como simpá-

tizava com Raquel, a amiga de Miriam, pediu-a em casamento para a felicidade do melamed e da mulher. Marcus e Raquel foram residir com Rabi David e Ester para alegria de ambos.

Capítulo XV



No ano de 1380, uma deslumbrante primavera apossou-se de Sevilha. Efraim, que voltava de uma longínqua entrega de mercadorias, olhava extasiado para o céu azul.

As flores de tonalidades fortes enriqueciam os jardins transbordantes de sol. As casas humildes, enfileiradas em ruas estreitas e sujas, pareciam ainda mais insignificantes diante da magnitude da natureza.

De repente, o cenário se transformava, com o impacto da presença faraônica de um castelo ou uma catedral. Efraim, um amante da natureza, gostava de subir os sessenta e um metros do velho minarete. A visão das águas do rio, brilhando cristalinas e insinuantes, penetrando mata adentro, formavam um espetáculo de rara beleza.

No topo da torre ele lembrou que enquanto aprendia o ofício de marceneiro o velho Elias contou-lhe que seu tataravô presenciara uma batalha cruel entre os mouros e os cavaleiros espanhóis. Houve um aniquilamento de ambas as partes com a reconquista dos reis católicos de Castela e Aragão, aproximadamente em meados do século treze.

Naquele mesmo rio, que agora corria límpido, os sobreviventes da guerra tornaram rubras aquelas águas depositárias do sangue de espadas assassinas. A colossal mesquita de Sevilha foi demolida, restando no local apenas aquele minarete, marco histórico da permanência dos mouros na cidade.

Efraim, voltando para o gueto, observava os palácios de fidalgos espanhóis, que conservavam alguns vestígios dos emires e sultões. Seus imensos jardins com fontes, jorrando água pelas esculturas, os arcos, as portas e balcões com artísticos arabescos permaneciam intactos em um ou outro recanto e na lembrança dos velhos moradores das redondezas.

Efraim atingiu os portões da juderia reconfortado pelo seu dia aprazível. Dirigiu-se diretamente à casa do melamed como fazia duas vezes por semana. Silenciosamente, sentou-se no seu lugar habitual, sem interromper o professor.

Todos os dias, quando as crianças retornavam do almoço, o melamed voltava às explicações rotineiras dos textos sagrados. Em dado momento, percebendo a falta de motivação dos alunos fechava seu

livro, levantava lépido da cadeira e principiava a contar histórias.

A sala de aula se transformava no próprio ambiente, em que se desenrolaram os acontecimentos, em terras do oriente, há centenas de anos passados.

Cada palavra do professor vibrava intensamente no personagem em evidência. Era o valente rei David ou seu filho, o sábio Salomão. Também Moisés, o menino, demonstrando o amor e compaixão pelo seu povo e, seguindo a sequência, Moisés, o pastor, na travessia do Mar Vermelho. Relatos sobre a vida do povo no deserto, o recebimento dos rolos da Torá e a morte de Moisés às portas da Terra Prometida.

Todas essas histórias reais, acrescidas de pitadas de ficção, penetravam em cada criança como uma dádiva divina. Inebriados por aquele sonho dourado, eram transportados para o mundo de seus ancestrais.

Efraim e seus pequenos companheiros sentiam-se livres dos grilhões egípcios, caminhando ao sabor do vento, que soprava da direção leste. Ouviam a voz de seu líder, vagando pelas escaldantes areias do deserto. Sentiam o gosto do maná, descendo milagrosamente do infinito e se tornavam testemunhas preciosas de Moisés legando a Torá para a posteridade. Ensinações de um tempo que perdurou por séculos, quando uma criança era considerada apenas um pequeno homem.

Repentinamente, o encantamento era quebrado pela voz autoritária de Sara. Os meninos imbuídos pela fantasia de pertencerem a personagens históricos, despertavam de seus devaneios. No dia seguinte, voltavam à escola renovados e fortalecidos pelas histórias, lendas e tradições narradas pelo melamed, um pedagogo nato.

Durante a primavera, um acontecimento trágico despertou os alunos. Antes que pudesse chegar ao fim da história que contava com paixão aos alunos, a voz do líder subitamente desapareceu e o baque de seu corpo no chão chocou os presentes. Efraim, preocupado, fez um tremendo esforço para ajudar o professor a se desvencilhar de sua dor. Esperançoso com o calor do seu corpo e com as batidas que ouvia do coração, gritou para que dois meninos corressem à procura de seu pai. Rabi David o atendeu incontinentemente enquanto Sara aflita corria em busca das filhas.

Levaram o melamed para a cama enquanto o médico o examinava. Efraim e os alunos, postados ao longo do corredor, não conseguiam conter as lágrimas. Quando Molka, Golda, Raquel e a mãe entraram no

quarto, Efraim não se conteve e também entrou. O professor, abrindo os olhos pela última vez, disse suavemente: “– Filhas, vocês são três estrelas que iluminaram o firmamento de minha vida, e a você, Efraim, como meu mais precioso amigo, quero pedir que reze o kadish duas vezes ao dia, como se fosse o filho que eu não tive”.

Efraim, comovido, esforçou-se para falar: “– Quando chegar sua hora algum dia, eu farei sua vontade, meu grande amigo”. As filhas e a mãe abraçadas choravam convulsivamente, enquanto Rabi David ouvia a voz quase imperceptível do moribundo.

“– Rabi David ajude-me com a oração...”. E dois homens oraram juntos: “– Shema Israel. Adonai Eloheinu. Adonai Echad”. Ouça ó Israel. O Senhor é nosso D’us. O Senhor é um.

Após o funeral, os enlutados voltaram para a casa dos pais, tiraram os sapatos e sentaram em bancos baixos, onde deviam permanecer durante sete dias para o ritual do Shivat, sempre respeitado na íntegra: duas orações, uma matinal e outra ao entardecer. Rabi David encabeçava a oração, onde mais nove fiéis rezavam juntos (minyan).

O povo do gueto sentiu profundamente a morte repentina do melamed. Desfilaram diante da família discretamente, apresentando seus pêsames. A filha Molka, a mais amada pelo pai, não conseguia se controlar e era amparada por Jacobito. Efraim também estava desolado com a perda irreparável do amigo.

Molka dizia a Ester que seu pai não alcançara a longevidade. A esposa do rabino para consolá-la respondeu: “– Ele morreu feliz, porque cumpriu sua missão de ensinar com maestria seus alunos e também teve a alegria de casar as três filhas e conhecer vários netos”. Foi Sara quem continuou: “– É verdade Molka, Ester tem razão. Falando de filhos, Golda está esperando novamente e, segundo ela, pretende gerar um filho por ano e superar os pais de Judah”.

“– Eu não estou com inveja”, disse Ester jocosamente, “soube também que o nascimento do filho de Marcus e Raquel está próximo e que Miriam mandou uma carta através do maguid informando que está grávida de três meses”.

A seguir, Ester abraçou a mãe e as filhas e foi para casa preparar o jantar, enquanto os homens começavam a chegar para a oração noturna.

Após o Shivat, interrompido apenas no Shabat, as famílias dos enlutados voltaram aos seus afazeres. Efraim cumprira a promessa

que fizera ao professor e durante onze meses frequentou a sinagoga duas vezes ao dia para orar o Kadish.

Rabi David logo percebeu a sensibilidade excessiva que o filho era portador. Notou pelas suas feições alteradas e pelo seu estado de espírito que o passamento do professor deixara marcas profundas em sua mente. Com seus outros filhos, não precisava se preocupar. Estavam preparados como a maioria dos judeus a enfrentar os reveses da vida e viviam cientes que o ódio dos cristãos podia explodir, em qualquer lugar e a qualquer momento.

Os conselhos de Rabi David e Ester não alteraram muito o modo de pensar de Efraim. Ele respondeu que iria aos poucos se conformar com a morte do amigo, porque amava a vida e queria sem lamúrias usufruí-la em toda sua plenitude.

Rabi David encontrou um substituto para ensinar as crianças. Como a viúva Sara foi convidada por Golda e Judah a residir com eles, o jovem professor e esposa ocuparam a escola e suas dependências.

Quanto a Efraim, nunca mais se aproximou do cheder. Levou muito tempo para cair no esquecimento das crianças a presença do melamed.

Algumas semanas após a morte do melamed, nascia a filha de Marcus e Raquel. As irmãs da parturiente, Molka e Golda, que tinham somente filhos do sexo masculino, ficaram encantadas com a linda sobrinha. Principalmente Molka, que não gerara mais filhos e que sofria com as insinuações de Jacobito, que desejava ardentemente uma menina.

Capítulo XVI



Dois anos mais tarde, Salomão, filho de Rabi David voltava da Yeshivah já integrado como rabino. Sua intenção era ajudar seu pai e substituí-lo quando estivesse exercendo seus deveres de médico.

Quanto a Joseph, trabalhando em Córdoba e prestes a se casar, pedira através de uma carta entregue por Salomão que seus pais fizessem o possível para comparecer ao seu casamento.

Rabi David e Ester ficaram exultantes, pois aproveitariam a oportunidade de usufruir da companhia da filha e do neto. Pela primeira vez em sua vida o rabino viajava sem preocupações. Era uma época de calma, inclusive para os cristãos. Seu filho Marcus cumpria com sabedoria o tratamento dos doentes e Salomão iria substituí-lo na sinagoga.

Quando Rabi David e esposa partiram, Efraim aproveitou a ausência deles para perambular pelas redondezas e dar uma pausa ao seu trabalho. Nas suas andanças, encontrou Pedro, o rapaz que descobrira as plantas medicinais tão necessárias para Rabi David medicar seus doentes e continuar suas pesquisas.

Efraim, percebendo tristeza nas feições do rapaz, resolveu perguntar. “- Desculpe minha ousadia, mas como amigo gostaria de saber se posso ser útil e ajudá-lo de alguma forma”.

Pedro, surpreso, respondeu: “- Efraim, eu estou muito preocupado com minha mãe. Ela está cheia de hematomas causados pelas surras que leva de meu padrasto. Ele e seus companheiros arruaceiros se encharcam de vinho na taberna e minha pobre mãe sofre as consequências”.

“- Pedro, não se amofine, porque eu vou pedir ao meu irmão Marcus para socorrê-la. Meu pai foi a Córdoba e, naturalmente, quando voltar encontrará uma solução”. “- Eu agradeço o bom amigo, que pode também sempre contar comigo”. Um judeu e um cristão se abraçaram, como pessoas civilizadas e humanas.

Quando o bêbado inveterado dormitava e caía como um peso morto, Pedro ia à procura de Marcus para que tratasse com unguentos eficazes a pele maltratada da senhora Carmem. Ela dizia que não queria tomar nenhuma providência contra o marido, porque ele se vingaria

em Pedro e temia pela vida de seu único filho. Após o tratamento, a senhora Carmem servia uma deliciosa compota de frutas.

Marcus e Efraim despediram-se dos amigos prometendo retornar sempre. Os irmãos voltaram para o gueto cientes de que, em momentos catastróficos, poderiam contar com a fidelidade e amparo dos novos amigos.

Quando Rabi David e esposa chegaram saudosos do lar e dos filhos, foram interpelados com tantas perguntas ensurdecedoras que foi preciso dar um basta: “– Ester e eu vamos responder a todas as perguntas, mas de uma maneira ordenada, caso contrário vocês não vão saber as novidades”.

Já mais tranquilos, os três irmãos e a nora foram se inteirando detalhadamente de todos os acontecimentos.

Quando Rabi David entrou na sinagoga, ficou comovido. Ela estava repleta de gente, como se fosse um dia santificado. Seus fiéis vieram lhe dar boas-vindas.

Saudoso dessa incomensurável família, olhou um por um para todos os seus membros: Efraim, Marcus, Salomão, Jacobito, Judah, Elias, Saul... Quando seus olhos se detiveram no lugar onde o melamed costumava orar, disfarçou sua tristeza, só captada pela sensibilidade de seu filho Efraim.

No dia seguinte, os filhos contaram a Rabi David sobre a vida insuportável da senhora Carmem e a preocupação de Pedro com a segurança da mãe.

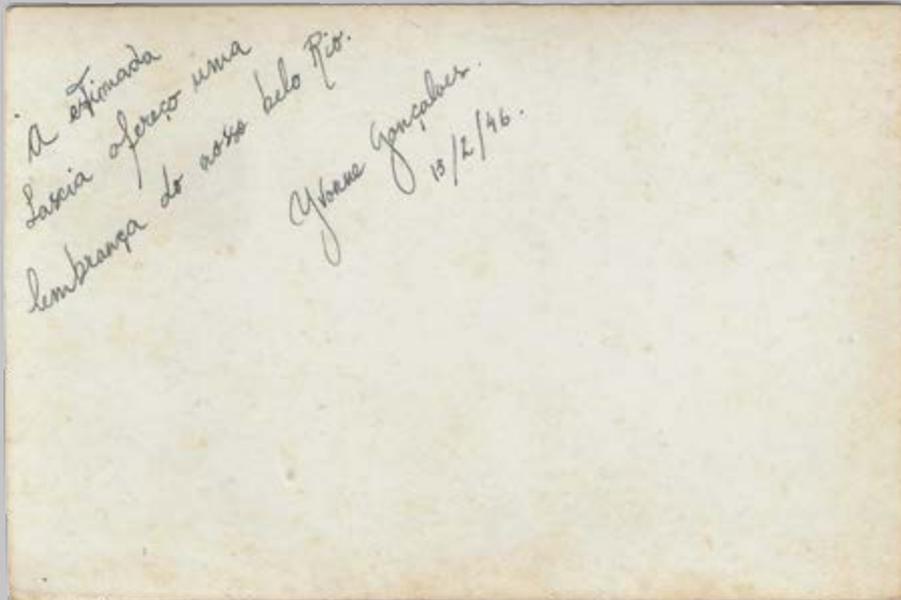
Rabi David, revoltado, respondeu: “– Eu não tenho medo daquele covarde. Venham comigo. Este homem irascível vai ter que me ouvir”.

O alcoólatra, localizado em uma taberna acompanhado de seus comparsas, preparava-se para beber. Rabi David não perdeu tempo, começando a falar antes que ele abrisse a boca para ofendê-lo: “– A partir de agora, se você maltratar sua esposa ou quem quer que seja, eu irei me queixar com o Barão de Castilho, que preza muito minha amizade. Que eu saiba ele costuma pendurar numa árvore seus inimigos”.

O covarde, sem ação diante da coragem do rabino, retrucou: “– Pelo Barão de Castilho eu vou obedecer, mas se um dia ele desaparecer, o rabino pode esperar minha vingança”.

Efraim e Marcus, orgulhosos daquele pai extraordinário, voltaram para o gueto com mais uma missão cumprida.

Capítulo XVII



Pelo calendário cristão faltavam três meses para o final de 1390, e os dias santificados dos israelitas já haviam se encerrado. No gueto de Sevilha o povo preparava-se para a festa das cabanas, o Sucot. Segundo a tradição, todos os membros da família cooperavam na construção da cabana, a sucah no pátio de sua casa. Os quatro dias de preparação eram esperados com ansiedade pelas crianças.

Os jovens, comandados por Efraim, corriam pelas matas em busca de galhos, folhas e flores. Ficou convidativa a sucah construída pelos filhos de Rabi David. Do teto coberto de galhos, pequenos orifícios deixavam penetrar a luz do sol e, à noite, o brilho das estrelas iluminava tenuamente seu interior com um toque de magia. Das paredes despencavam folhas de parreiras com cachos de uvas, intercaladas com flores que pendiam em coloridos buquês. Rabi David, os filhos e os netos preparavam-se para viver sete dias estudando a Torá, alimentando-se dentro da cabana.

Ester e o marido estavam radiantes com a presença de todos seus filhos e netos. Vieram de Córdoba, Miriam, o marido, os quatro filhos, como também Joseph com a esposa e os três filhos. Com as crianças de Marcus e Raquel, os netos, no momento, eram em dez.

Em frente à sucah, a pedido do rabino, estava reunida toda a família. Percebendo a curiosidade de suas cinco netas, o rabino levou-as para conhecer o interior da cabana.

Explicou às meninas que, em tempos primitivos, no festival da colheita o povo dançava e se banqueteava exageradamente. Entretanto, quando D'us falou a Moisés no Monte Sinai "E tu observarás a festa da colheita no fim do ano" foi para que nenhum filho de Israel esquecesse a escravidão de seu povo no Egito.

As meninas, satisfeitas com a calorosa atenção do avô, voltaram ao convívio de suas mães, enquanto os homens e os meninos entravam na sucah.

Ester observava sua filha Miriam e sua nora Raquel, que falavam ininterruptamente, lembrando o passado e contando as novidades do presente. Olhando para sua mais jovem nora, casada recentemente com Salomão, mostrava para a esposa de Joseph seus bordados. Moça

prendada e talentosa, era neta do marceneiro Elias. Seus panos para cobertura de chalot do Shabat e da matzá de Pessach eram de uma perfeição inigualável. Logo a seguir, chegavam para uma conversa Molka, Golda e a mãe.

Os maridos Jacobito e Judah com os filhos, todos do sexo masculino, já se encontravam dentro da sucah, no pátio de suas casas. No sétimo e último dia de Sucot, o povo assistiu à celebração na sinagoga (Hoshaná Rabah) e, no oitavo dia, aconteceu o festival de Shemini Atzeret, que é um rito especial de orações. Os parentes só iriam regressar a Córdoba após Simchat Torá no nono dia de festividades.

O contato com a Torá era muito apreciado pelas crianças pequenas, que ainda não tinham atingido seu Bar Mitzvah. Todos os meninos se reuniram na plataforma central da sinagoga. Um enorme xale de orações (talit) foi colocado sobre elas, e o sapateiro Saul, um religioso fiel, teve a honra de ser convocado por Rabi David para ler trechos da Torá para as crianças. A bela cerimônia terminou com Rabi David abençoando as crianças com a benção que Jacob, o Patriarca, pronunciou aos seus netos.

Após tantas celebrações religiosas, ritos e festividades, a juderia voltou as suas atividades costumeiras. As três filhas de Marcus e Raquel ficaram com os avós, enquanto seus pais acompanhavam os irmãos até os portões do gueto. Ester sentou ao lado das netas e contou-lhes uma das inúmeras histórias do famoso rei Salomão.

Uma noite, durante o jantar, Efraim, sem conter o ímpeto que lhe era peculiar, disse aos pais que iria viajar: “– Eu quero conhecer novas terras, percorrer longas distâncias com meu cavalo veloz. Quero sentir a brisa do mar, a vastidão das águas e enterrar meus pés na areia fofa. Conhecer novas espécies de aves e animais. Sentir a chuva molhando meu corpo e o vento do inverno movimentando meus cabelos”.

Como Ester pôs-se a chorar, Rabi David disse: “– Não se preocupe com Efraim. Ele é destemido e sabe enfrentar qualquer obstáculo. Além do mais, eu sei que nada o fará desistir”. Antes que Efraim respondesse, Marcus se antecipou: “– Meu irmão, pelo menos nos diga quanto tempo ficará viajando e em que cidades pretende ficar”. “– Eu pretendo me ausentar três meses. Vou à cidade portuária de Cádiz e localidades próximas. Mãe, não se preocupe, eu sei me cuidar”.

No dia seguinte, Efraim, despedindo-se dos familiares e amigos, saiu galopando em busca do desconhecido.

Foto tirado no
reveillon do Circulo
Israelita. Dia 31-12-48.

279

10-6-48.

Capítulo XVIII

O vento frio fustigava o rosto do jovem viajante, naquela manhã nada propícia para cavalgar. Mesmo com roupas adequadas para o inverno, a chuva miúda e irritante penetrava até o íntimo de Efraim. A sua impetuosidade o impedira de ouvir os conselhos dos familiares. Além do mais, um impulso desconhecido o impelia para frente.

Já bem distanciado dos arrabaldes de Sevilha, cavalgava pelo matagal deserto, tendo como cobertura um céu pardacento, com nuvens carregadas, prestes a desabar.

Repentinamente o cenário se transformou com o surgimento de um castelo descomunal. A construção feudal mais parecia uma fortaleza, com extensas muralhas e inúmeras torres com vigias, que protegiam os fidalgos e vassalos.

Naquele panorama, apeou do cavalo numa árvore e descansou cerca de uma hora antes de seguir viagem. Diante do castelo, lembrou saudoso que nas conversas noturnas seu pai contara que o feudalismo estava em declínio na Itália e, a seguir, na França e Inglaterra, principiando uma transformação histórica na economia, política, artes e ciências. “- Com exceção de nosso reino de Castela, que ainda permanecia feudal, o cavaleiro fidalgo está sendo substituído pelo capitalista burguês”, dizia o pai.

O cavalo e seu cavaleiro, já nutridos e descansados, continuaram seu caminho. Como não era estação de plantio e nem colheita, aquele lugar parecia ainda mais desolador. Para piorar o cenário, surgiram cabanas miseráveis, construídas de varas e cobertas de barro.

No telhado de palha havia um buraco e, naquele momento, uma fumaça misturada com o odor de comida mal cheirosa empesteara os arredores. Efraim sabia que nestes casebres viviam os camponeses mais humildes, que obedeciam fielmente ao regime feudal. Ao entardecer, ele alcançou uma vila com casinhas geminadas em ruas tortuosas, onde o entulho se acumulava assustadoramente. Suspirou feliz quando encontrou uma hospedaria para pernoitar.

No dia seguinte, cavalgando velozmente, chegou à cidade portuária de Cádiz. Efraim ficou deslumbrado diante daquele mar desconhecido. A vastidão de suas águas, as vagas espumantes arrebentando na

areia deram-lhe a sensação de liberdade incondicional e perpétua. Chorava, ria e dava gritos de satisfação pelo privilégio de observar o incomensurável poder da natureza.

Apeou do cavalo e sentou numa pedra. Observou o movimento dos barcos que chegavam com ricas mercadorias vindas do Oriente. Após um tempo de contemplação daquele mundo novo, Efraim montou no cavalo e procurou uma estalagem.

Arrependido por não ter optado pela primavera, ele resolveu permanecer apenas uma semana na cidade e depois retornar. Entretanto, a conspiração do destino tramava para que o jovem esquecesse a baixa temperatura e a contagem de tempo.

No dia seguinte, cavalgando pela orla marítima, distanciou-se do centro. Avistou praias desertas, com um mar de águas transparentes que batiam vigorosamente sobre as rochas. Após passar por uma aldeia de pescadores, resolveu parar para observar a beleza do lugar.

Uma jovem sentada numa pedra olhava fixamente na direção da linha do horizonte. O mar agitado umedecia ligeiramente seus longos cabelos louros. Com a aproximação de um desconhecido a jovem se virou assustada.

Efraim percebendo o constrangimento da moça disse: “– Não se preocupe. Eu estou apenas de passagem e não irei molestá-la”. A jovem respondeu: “– Eu não temo ninguém, por mais ameaçador que pareça. Provando a sinceridade de minhas palavras, saiba que sou judia e meu nome é Charne, filha do falecido Sru!”.

Efraim, surpreso, apoiou-se no seu cavalo. “– É a primeira vez que eu ouço falar de uma judia que vive isolada da comunidade. Por incrível que pareça, saiba que eu também sou judeu, moro numa juderia de Sevilha e meu nome é Efraim, filho de Ester e David Abraão”.

A jovem, surpreendida por um fato inédito, não conseguiu emitir mais nenhum som. Diante do constrangedor silêncio da moça, Efraim disse: “– Amanhã eu voltarei e espero que você compareça para trocarmos alguns esclarecimentos”. Fez um sinal de adeus, rumando em direção à cidade.

Com o impacto do encontro inusitado, Efraim, visivelmente emocionado, não conseguiu dormir. Começou a fazer suposições, baseado no aspecto da jovem Charne: olhos claros, cabelos lisos e loiros e tez rosada. Ela devia ser descendente de austríacos ou judeus alemães. Por

que será que vivia isolada? Quem era sua família? A sua curiosidade foi vencida pelo cansaço e finalmente adormeceu.

No dia seguinte, antes da hora combinada, Efraim partiu sem tomar conhecimento do frio e da chuva que se precipitava com um vento aterrador. Ficou decepcionado quando alcançou o local do encontro: as rochas haviam desaparecido, naturalmente submersas com o vendaval e com as terríveis ondas que invadiam impiedosamente todos os recantos. Procurou abrigo na colônia de pescadores e estes gentilmente lhe indicaram como chegar até a casa da jovem judia.

Após uma breve cavalgada, encontrou uma casinha bem construída e protegida das intempéries. Com o relinchar do animal, a porta se abriu e Charne apareceu, indicando com a mão um pequeno estábulo onde outro cavalo também se protegia da chuva. A seguir, Efraim entrou numa exígua sala, com apenas uma mesa e quatro cadeiras. Um aroma delicioso de pão fresco se mesclava com o calor oriundo do aposento contíguo.

Convidado a sentar, Efraim não conseguia mais desviar os olhos da formosa Charne. Após trocarem algumas palavras amáveis, entrou na sala uma mulher com um saco cheio de pão, que depositou num canto antes de seguir para a cozinha. Ao voltar, trazendo mais um enorme saco de pão, foi apresentada ao rapaz como Madrecita Dolores. Ele estava boquiaberto e ficou ainda mais intrigado. Não se contendo perguntou: “– Sua família é tão numerosa a ponto de consumir tanto pão?”

As duas mulheres, sem se controlar, começaram a rir. Até que Charne conseguiu se explicar: “– Meus pais e meus avós já morreram e, para sobreviver, eu faço pães para os meus amigos pescadores em troca de farinha, peixe, frutas e legumes. Minha querida Dolores me faz companhia. Minha mãe morreu quando eu era muito pequena e meu pai, tragicamente há um ano”.

Naquele momento, Charne interrompeu a narrativa porque dois pescadores trouxeram vários produtos, levando os dois sacos de pães em troca.

Dolores trouxe da cozinha um delicioso chá com pães quentinhos. Após saborear e elogiar o lanche, Efraim despediu-se prometendo retornar no dia seguinte.

Foto tirada
NA PRAIA DO
COPACABANA
31A - 7 - 6 - 49
Rio

AB3



Capítulo XIX

Quando Efraim chegou pela segunda vez à casa de Charne, a chuva e o vento tinham amainado. Os jovens judeus, vivendo em mundos tão diferentes estavam ansiosos para retomar a conversa interrompida no dia anterior.

Charne sentou-se em frente a Efraim iniciando a narrativa: “- Meus avós, Moiche e Manhe, nasceram na Alemanha, onde viviam com parentes e amigos numa comunidade compulsória. Tinham uma profissão modesta, mas útil: eram padeiros. Foi deles que eu herdei meu sustento e a cor de minha pele. Segundo seus ascendentes, até o princípio do milênio era possível viver em relativa segurança. Após a primeira cruzada, os judeus passaram a ser perseguidos com violência pelo povo, incentivados pelo ódio fanático do clero. Como os cavaleiros da cruz não lograram o êxito esperado na perseguição aos maometanos da Palestina, voltaram-se covardemente contra os judeus encurralados nas juderias. Para piorar a alarmante situação, a epidemia da peste negra que varreu a Europa foi imputada aos judeus. Os habitantes próximos do lago de Genebra, na Suíça, espalharam a calúnia de que os assassinos de Cristo verteram veneno nos lagos e rios, provocando mortes propositais. Foi nesse clima insuportável de viver que muitos judeus fugiram, entre eles meus avós, com seu único filho de quinze anos. Percorreram a França e a Espanha, pretendendo atravessar o estreito de Gibraltar, alcançar Marrocos e, depois de passarem por vários países, procurarem abrigo no Egito. Enquanto aguardavam pelo barco que os levaria ao norte da África, fizeram amizade com os pescadores da colônia. Moiche e Srul aventuraram-se nos frágeis barcos de pesca enfrentando com eles o mar bravio. Aprenderam a pescar, empolgando-se com esta ingrata profissão e esquecendo literalmente seus objetivos. Os hospitaleiros pescadores diziam que a amizade e o companheirismo, estavam acima das diferenças religiosas e que todos podiam viver em harmonia, provendo seu sustento. Meus avós, com a ajuda deles, construíram esta casa, fora dos limites da vila. O vovô trouxera na bagagem seus livros sagrados e pai e filho oravam juntos. Com a dificuldade de preparar carne kosher, substituíram-na por peixe, legumes e frutas. Minha avó, saudosa dos parentes, mui-

tas vezes quis voltar. O marido a isolava dizendo: “– Vamos lembrar sempre de cada um deles, sem procurar saber quais sobreviveram”. Moiche e Srul, curtidos pelo sol, adquiriram músculos e fibra naquele contínuo balançar dos barcos, enquanto Manhe pisava firme no chão, enfrentando as labaredas de fogo no constante assar dos pães. Tinha a ajuda da jovem viúva Dolores, hoje e sempre minha querida Madrecita.

Diante do olhar curioso de Charne, Efraim prosseguiu: “– Com vinte e cinco anos, Srul acompanhou seu pai a Córdoba à procura de uma esposa. Casou-se em Córdoba com uma judia disposta a acompanhá-lo a Cádiz. Desta união eu nasci, mas, infelizmente, mamãe morreu pouco tempo depois. Apesar do isolamento, éramos felizes. Meu avô me ensinou as primeiras noções de judaísmo, minha avó a assar pães e meu pai me contava belas histórias. Quanto à Madrecita, me levava passear e catar conchinhas. Ficamos traumatizados quando, há sete anos, meu avô faleceu repentinamente. Nossa família, tão diminuta, ficou mais reduzida ainda, porque vovó seguiu os passos do marido dois anos mais tarde. Só consegui suportar estas desditas com o carinho de papai e a ternura de Madrecita. Um dia, papai comentou comigo o quanto eu havia crescido e, percebendo minha solidão, decidi então abandonar o isolamento e a profissão. Disse: “– Filha eu quero vê-la feliz. Você é jovem e precisa conhecer nossa gente. Vamos para Córdoba, onde moram dois irmãos de sua mãe. Certamente, seremos bem recebidos”. Como Dolores e eu começamos a chorar, ele prometeu vir buscar Madrecita assim que tivéssemos uma residência. Na noite anterior à viagem, foi se despedir dos companheiros, que prepararam uma peixada com muito vinho. Para nosso infortúnio, passavam pelo local assaltantes de estrada que, vendo as crepitantes fogueiras, invadiram a colônia, matando alguns pescadores, entre eles meu pai. O choque da notícia me jogou na cama, onde fiquei por três meses entre a vida e a morte. Quando abri meus olhos, vi uma velha de cabelos encanecidos e profundos sulcos no rosto. Demorei a reconhecer minha querida Madrecita. Foi um período difícil, que lentamente consegui superar. Devo aos pescadores a minha eterna gratidão, porque sem medir sacrifícios viajaram muitas léguas para levar o corpo do amigo a um campo santo judaico. Agora vamos tomar o nosso chá com pãezinhos quentes, que Madrecita está trazendo e, a seguir, você conta sobre sua vida, a família e a comunidade”.

Charne e Dolores ouviram sem interrupção a narrativa de Efraim sobre o convívio familiar e a coletividade do gueto. Encantaram-se com o espírito de cooperação e união da comunidade, sua religiosidade e a dedicação aos dias santificados.

Em seguida, enalteceu as qualidades de Rabi David e a generosidade da mãe. Contou que seus irmãos seguiram as múltiplas profissões do pai, enquanto ele era simplesmente um bom marceneiro. Na infância, enquanto Salomão, Marcus e Joseph ficavam debruçados nos livros, travesso, ele corria em busca das manhãs ensolaradas e seus atrativos. Lembrou de como sua sensibilidade excessiva o fazia rir de felicidade com o nascimento de uma flor e chorar com o coração diante da morte de um amigo.

Por fim, Efraim falou sobre a vida corriqueira do povo, as festas tradicionais e religiosas e de acontecimentos inusitados, como o dos cavaleiros engalanados montados em garanhões árabes, seguidos de uma tropa de burros carregados de ricas mercadorias que ali passaram. A metamorfose do povo em espectadores de um grande coliseu em cuja arena, cavaleiros, burros e mercadorias formavam o cenário de fantasias fantásticas. Quando terminavam esses momentos de magia e o povo voltava à realidade, lá estavam os altos muros, como prova incontestável da humilhante repressão. Eram escravos do medo, prisioneiros encurralados em armadilhas prontas para explodir por qualquer motivo e por homens cujo ódio alcançava altos níveis de loucura e selvageria.

Por um instante o silêncio dominou aquele humilde recinto. Efraim olhou com meiguice para Charne, que retribuiu ternamente com seus belos olhos azuis.

Capítulo XX

Sentada numa pedra, Charne olhava fixamente para o mar, até onde sua vista pudesse alcançar. Desde a infância aprendera que as águas traziam fartura para a mesa, e que barcos com mercadorias valiosas navegavam em várias direções portuárias do Oriente ao Ocidente.

Por que, então, não esperar que seu príncipe viesse daquele mar generoso? Entretanto, seu príncipe cavalgando lépido e faceiro aparecera inesperadamente da terra. Charne e Efraim esqueceram-se do tempo e do mundo, quando perceberam que não poderiam viver mais separados.

Quando o frio era intenso, não permitindo que saíssem, conversavam longamente, muitas vezes com a presença de Dolores. Tanto um como o outro contavam sobre fatos reais, entremeados de ficção, como também acontecimentos históricos, que se desenrolaram desde os tempos primitivos.

Lágrimas de saudade afluíam aos olhos dos jovens quando vinham à lembrança as histórias de pessoas queridas como o pai de Charne ou o professor de Efraim. Quando o sentimento os afetava, eles deixavam de falar sobre tradições e fatos judaicos e apelavam para a história dos gentios.

Foi numa destas ocasiões que Charne, muito informada sobre a história da região, explicou a Efraim a respeito da fundação de Cádiz pelos fenícios. Ela disse: “- Os fenícios se estabeleceram entre os montes do Líbano e o Mediterrâneo entre o século X e o XII AC, formando estados independentes, como Tiro e Sidom. Como o solo, rochoso, não era propício para o plantio, a solução foi explorar o Mediterrâneo. Os barcos que possuíam foram construídos com o bom cedro das florestas do Líbano, e eram os mais velozes e rápidos da época. Foram os maiores navegadores da Antiguidade. Enriqueceram com o comércio com Marselha, Chipre e Cádiz, mas alguns deles eram piratas e traficantes. Fizeram progresso na arte de navegação noturna, orientados pela estrela polar que foi conhecida durante um tempo, como a “Estrela dos Fenícios”. Eis um povo que sabia se aproveitar das invenções alheias.

Efraim perguntou: “- E quanto à religião?”. “- Era o povo menos espiritual da época, justamente o inverso da nossa religião. Desapa-

receram tragados, não pelo mar, mas pela cobiça e opulência”.

Após dois meses de permanência em Cádiz, Efraim sabia que precisava regressar, porque seus pais deviam estar aflitos. Mas como, se ele amava aquela mulher com todas as suas forças? Precisava encontrar uma oportunidade para se declarar.

Dias mais tarde, o frio intenso desapareceu, renunciando em breve o sol da primavera. Efraim, cavalgando em direção à casa de Charne se deparou com o vulto de um rapazinho que vinha em sentido contrário montado num belo animal.

Só bem próximo ele reconheceu que era Charne, que ria muito da situação. “– Eu enganei você, Efraim?”. “– Estou surpreso, porque nunca vi uma mulher montada num cavalo”, disse ele. “– Eu aprendi a montar com meu pai. Madrecita costurou roupas masculinas para mim e, com meus cabelos presos e este boné, engano qualquer pessoa. Hoje é um dia propício para cavalgar à beira-mar. Então vamos lá, Efraim?”. Ela começou a correr com seu cavalo, enquanto o rapaz, atônito, a seguia.

Efraim aproveitando a oportunidade de não a encarar de frente gritou: “– Charne eu amo você. Quer se casar comigo?”. Charne respondeu: “– Você é o homem da minha vida. É meu príncipe tão esperado que não veio do mar como um valente capitão, mas surgiu cavalgando como um nobre cavaleiro”.

Charne apeou de seu cavalo esperando por Efraim. Depois de muitas juras de amor e carinho, começaram a correr com seus animais, tendo como testemunha dessa felicidade o imenso oceano.

De volta para casa, os dois namorados contaram a Madrecita a intenção de casar na sinagoga de Sevilha e que estavam imensamente felizes. Dolores aprovou o casamento, mesmo sabendo que gradativamente iria perdê-los.

Efraim, adivinhando os pensamentos dela, disse: “– Não se preocupe, Dolores, porque nós vamos levá-la conosco numa carroça”. “– Eu estou velha demais para viajar. Se vocês prometerem voltar eu ficarei mais feliz ainda do que estou agora, vendo a alegria de minha filha”, disse ela. “– Nós nunca a abandonaremos, querida Madrecita. Efraim e eu voltaremos dentro de dois meses e só retornaremos a Sevilha, próximo dos dias santificados”. “– É verdade Dolores, fique tranquila. Eu pretendo ampliar a estrebaria para transformá-la numa

marcenaria. Com o comércio ativo desta região marítima, certamente poderei exportar minhas mercadorias”.

Após um longo diálogo e um chá reconfortante, Charne, Efraim e Dolores abraçaram-se calorosamente.

Capítulo XXI

Charne e Efraim acenavam com uma das mãos para Madrecita e os pescadores e, com a outra, seguravam as rédeas dos cavalos. Ela, com roupas masculinas, parecia um rapazinho franzino, enquanto ele um atleta grego da antiguidade.

A primavera já dava sinais de sua graça e os dois amantes da natureza exclamavam extasiados com tanto esplendor. Pernoitaram na hospedaria já conhecida de Efraim e de madrugada continuaram viagem.

No entardecer de uma quarta-feira, os dois jovens entraram galopando na juderia instantes depois do recitativo do Angelus, anunciando aos judeus que seriam enclausurados, através dos portões hermeticamente fechados.

O trotar das patas dos animais alertou os moradores, que saíram de suas casas, inclusive Rabi David com Ester. A alegria da chegada foi acrescida do espanto do povo, quando o impetuoso Efraim gritou: “– Eu trouxe comigo a minha futura esposa disfarçada em rapazinho”.

Os comentários já iam começar e já estava na ponta da língua das três fofaqueiras, quando Efraim, com uma gargalhada, arrancou o boné de Charne e soltou seus longos cabelos louros. “– Esta é a minha querida Charne, uma judia alemã”.

Rabi David e Ester conseguiram se desvencilhar da paralisia provocada pelo impacto da notícia e correram para abraçar seu filho e sua futura nora.

Já em casa, toda família se reuniu para conhecer a noiva de Efraim. Após tirar a poeira do corpo e trocar de roupa, Charne foi apresentada a todos os presentes. Admirados com a beleza suave da moça, teceram merecidos elogios.

Depois de um alegre jantar, ela contou resumidamente toda sua vida e de sua família, dizendo que estava feliz em fazer parte de uma numerosa família num lar maravilhoso.

Nos dias que se seguiram, Charne foi se inteirando do modo de vida da comunidade e se integrando rapidamente com as pessoas e com seus costumes. A sua bondade e beleza cativaram a família e todos os membros da juderia.

Charne e Efraim casaram-se na sinagoga numa emocionante ceri-



mônia em uma sexta-feira numa manhã primaveril. Todos os irmãos do noivo, para alegria dos pais estavam presentes, inclusive Miriam e Joseph. O bom amigo cristão Pedro e sua mãe compareceram ao casamento, a contragosto do padrasto racista.

Após a semana comemorativa do Pessach, eles se despediram da família, amigos e vizinhos, prometendo retornar nas proximidades dos dias santificados. Efraim carregava seus instrumentos de trabalho e Charne levava na mente momentos dos mais significativos de sua vida e os ensinamentos que aprendera com Rabi David e toda a comunidade.

Não se sentia desamparada, porque tinha o amor do marido, como também os preceitos maravilhosos da Torá que guardava na sua bagagem espiritual. A grande sinagoga, como ponto primordial daquela cidade murada, ficaria para sempre no fundo de seu coração.

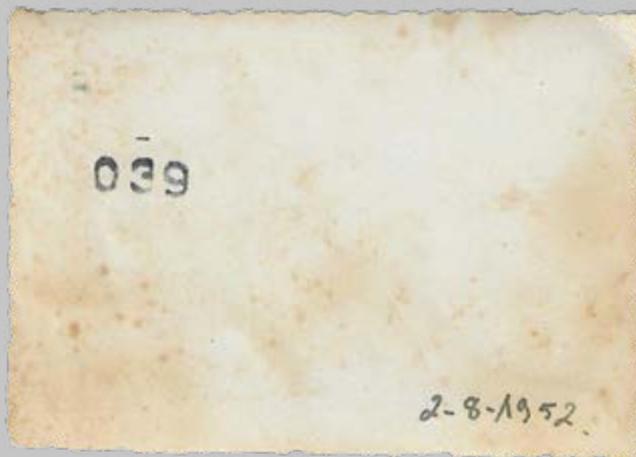
Entretanto, saudosa de Madrecita, sentia-se feliz em retornar. Não estava habituada a ser um pássaro cativo e, como Efraim, amava a liberdade total e irrestrita.

O cansaço desapareceu quando ambos se confrontaram no umbral da porta de casa com Dolores, que ria e chorava de felicidade. Após um breve descanso, Efraim começou a trabalhar. Ampliou a estrebaria, transformando-a numa marcenaria.

Seus trabalhos tinham o incentivo de Charne e de todos os pescadores, entusiasmados com a perfeição de seus móveis. A sua produção teve boa aceitação dos mercadores, que voltavam com os navios cheios dos baús de Efraim. Ele reconstruiu a casinha de Charne e fabricou lindos móveis. O seu trabalho estafante, sem auxiliares, foi recompensado pelas moedas de ouro, que caíam tilintantes dentro de um baú de fundo falso.

Todas as tardes, após o chá, os jovens deixavam sua ocupação e corriam para a beira-mar, montados em seus velozes cavalos. Efraim costumava gritar: “- Liberdade e felicidade caminham juntas”. Charne beliscava seus braços para se certificar que não era um sonho.

Quando a vermelhidão do sol manchava o poente azulado, o casal voltava para casa.



Capítulo XXII

O verão de 1391, com seu calor sufocante, afastava as pessoas das ruas. Os que se aventuravam a enfrentar o sol causticante se arrastavam com a inércia causada pela alta temperatura. Rabi David enfrentava com galhardia o longo percurso a percorrer. Seus doentes cristãos gozavam da mesma solicitude e amparo, recebido pelos seus compatriotas judeus.

Entretanto, naquele dia, o médico sentiu a manifestação de sua premonição, captando uma inquietação, pouco visível ao homem comum. Ele percebeu que pairava no ar um presságio. O Rabi queria se iludir, mas sabia que tudo indicava para uma tragédia iminente.

Para desgraça dos judeus, assumira o poder o fanático dominicano Ferrão Martinez. Ele era o vigário geral de Sevilha e confessor da rainha. O frade vinha cultivando um ódio crescente contra os judeus. Era um ferrenho racista, aproveitava-se da fome e ignorância do povo para incutir em suas cabeças que os judeus eram responsáveis por todos os seus males. A eloquência do dominicano fascinava os humildes, deixando que o veneno das palavras hostis dominasse suas mentes deformadas pelas superstições e credos absurdos. A massa popular estava se precipitando para um trágico levante.

Ao bater à porta de seu primeiro cliente, Rabi David procurou esquecer momentaneamente as preocupações. Entretanto, ao chegar em casa, todos os problemas voltaram à tona. Ester logo percebeu que havia algo de anormal. Resolveu se calar, para não preocupar os outros membros da família.

Na intimidade do quarto, Rabi David explicou à esposa que havia o receio de uma provável tragédia. Ester respondeu: “- Você precisa se certificar que não resta nenhuma dúvida do que possa nos acontecer. Eu espero que seja só uma revolta passageira, sem consequências fatais, pois afinal de contas, nós também somos espanhóis e aqui vivemos há mais de mil anos”.

“- Quem me dera que fosse somente uma ilusão e que estivéssemos acordando de um pesadelo. Amanhã vou reunir os homens na sinagoga para alertá-los, sem despertar medo ou assustá-los. Mas sabemos, Ester, que estamos encurralados e nossa única saída está

bloqueada por portões onde guardas vigiam dia e noite”. Ester, num gesto de carinho, acariciou os cabelos do marido, sabendo que não havia solução para este problema tão antigo e tão chocante.

No dia seguinte, o amigo Pedro veio falar com Rabi David. Contou que parte do povo estava sofrendo forte influência do vigário Ferrão Martinez, insuflando-os para um massacre. “– O meu padraço é um dos principais líderes desta revolta e, com a morte do Barão de Castilho, o covarde clama por vingança. Eu andei examinando os muros da juderia e encontrei uma parte fofa, causada pela infiltração da água. Com sua ajuda, e Marcus, poderíamos fazer um buraco para que todos passassem se precisassem fugir”.

“– Eu agradeço sua ajuda, meu bom amigo, entretanto, não é uma solução viável, porque com a juderia abandonada, os enfurecidos homens iriam nos perseguir até o fim do mundo. Contudo sua ideia pode ser aproveitada e salvar boa parte de mulheres, jovens e crianças”. “– Marcus, vamos então já, porque o tempo urge”. Rabi David e Salomão também saíram para convocar os homens para uma reunião na sinagoga.

Rabi David examinando seus fiéis, notou a ausência de Jacobito: “– Salomão, por acaso, você se esqueceu de convocar nosso bom Jacob?”. “– Não meu pai. Molka me avisou que ele foi a Córdoba visitar seus filhos na Yeshivah e só retorna no dia 7 de julho”.

Após uma fervorosa oração, Rabi David, tomando-se de coragem, iniciou uma conversa franca e sem rodeios: “– Meus irmãos, o que eu tenho a lhes dizer não é nenhuma novidade, mas sim uma confirmação de uma desgraça iminente, como inúmeras que nosso povo sofreu através dos séculos. Não podemos dizer que estamos habituados a atrocidades, porque ninguém gosta de ser espezinhado e muito menos aniquilado. O sofrimento, entretanto, nos transformou em homens de fibra. Infelizmente estamos vivendo em épocas pouco esclarecidas, em que a lei da espada ainda predomina. Nós sabemos que os reis de Castela sofrem a influência do clero e, para nossa desdita, o vigário de Sevilha é um dos mais fanáticos perseguidores dos judeus. Vocês sabem que não temos escapatória, mas vamos procurar evitar ao máximo um massacre em grandes proporções. Um bom amigo cristão, Marcus, está nos ajudando neste momento a abrir um buraco numa parte frágil do muro por onde passarão crianças com seus pais. Eu

vou liderar os voluntários que vão se sacrificar, porque uma fuga em massa provocaria entre os fanáticos uma histeria ainda mais selvagem. Eles sairiam em nosso percalço, não nos dando trégua. Nós vamos nos dividir em três grupos. Os homens aqui presentes que possuem filhos de até dezoito anos, devem ir imediatamente para casa, conversar com calma com a família e esperar por Marcus que irá levá-los para um lugar seguro”, o rabino continuou.

“– Dos dois grupos que restarem, boa parte deve ir para casa e se converter ao cristianismo, para não perecer tão prematuramente e também para aquietar os ânimos dos religiosos cristãos. Não precisam se afligir, porque, na surdina, poderão continuar praticando nossas tradições, respeitando os preceitos da Torá e amando o D’us único com fé inabalável. Ninguém poderá arrancar suas almas judaicas. Expliquem com sutileza e sabedoria às suas famílias o que está acontecendo, sem demonstrar desespero. Não saiam de suas casas, porque, no mais tardar, eles vão agir amanhã”.

Quando o segundo grupo se retirou, o rabino pronunciou “Deus seja louvado”. Eram incontáveis os homens valentes que estavam prontos para o sacrifício, para que outros sobrevivessem. Lá estavam Elias, o marceneiro, Saul, o sapateiro... “– Antes de voltarmos aos nossos lares, vamos orar mais uma vez e extravasar nossa tristeza, deixando na Casa de D’us todas as nossas lágrimas.

As preces aliviaram os corações daqueles homens nobres. Entretanto, Rabi David só conseguia chorar quando pensava na injustiça e na ingratidão do povo cristão.

Capítulo XXIII

Na véspera do dia fatídico de 6 de julho de 1391, a vigília do povo do gueto foi interrompida inúmeras vezes por gritos desesperados.

As famílias transportadas para um lugar seguro sentiam-se lesadas, principalmente as crianças que, unidas aos avós por laços de ternura, sabiam que nunca mais iriam encontrá-los.

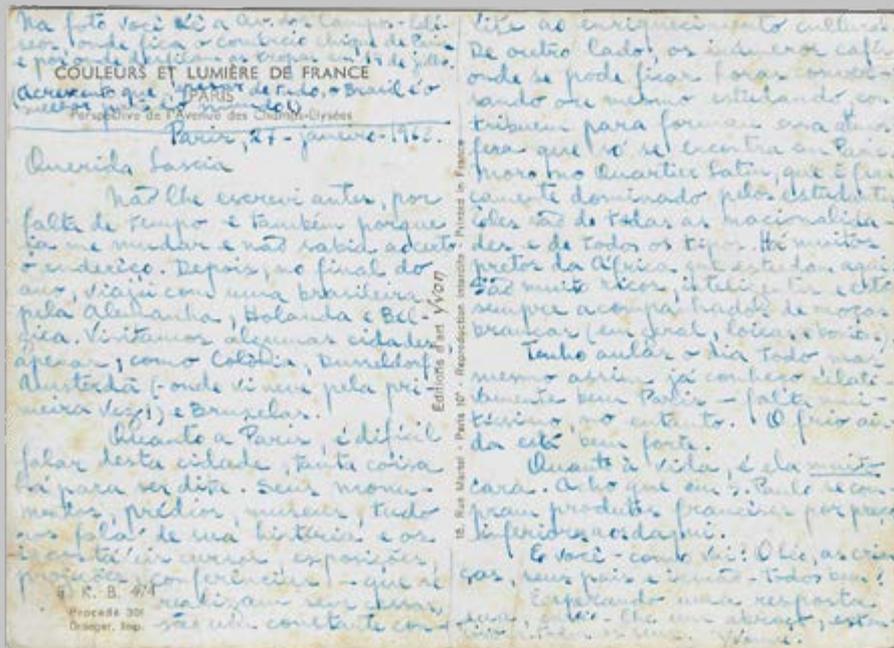
Dentre essas famílias, uma das mais numerosas era a de Judah e Golda, que estavam à espera de seu décimo primeiro filho. Golda, Raquel e sua mãe Sara, tentaram persuadir Molka a acompanhá-las ao esconderijo, sem lograr êxito. Molka não ouvia ninguém. Ela queria esperar por Jacobito, que regressaria no dia 07 da Yeshivah com notícias dos filhos.

Rabi David e os demais religiosos, no recolhimento de seus quartos, oravam sem descanso, esperando o amanhecer para voltar à sinagoga.

Ester, ao lado do marido, ainda sentia o beijo doce de cada um de seus netos. Num tremendo esforço para não chorar, ela buscou seu caderno de recordações. Na primeira página, encontrou o pequeno Efraim, pulando da cama, ao sentir o cheirinho gostoso de pão quente. A seguir, viu os outros filhos correndo para a mesa, enquanto Rabi David voltava da sinagoga. Ester guardara na mente os diálogos entre todos os membros da família. Desfilaram diante dela o marido e os filhos com seus problemas e soluções. Cada página de sua imaginação era rica de cenas felizes. Ela cristalizara os momentos ternos das noites familiares e tradicionais e agora aliviava sua dor com a lembrança de cada episódio vivido.

Ao amanhecer, o rabino conseguiu convencer Salomão e Marcus a se protegerem no esconderijo onde suas esposas e filhos estavam aguardando, levando com eles a mãe Ester. Ele dizia que o povo desfalcado e infeliz iria necessitar das orações e conselhos de Salomão. Os feridos e doentes também não poderiam sobreviver sem a assistência de Marcus. Salomão, após abraçar os pais, atravessou a juderia e desapareceu, enquanto Marcus e Ester prometeram segui-lo assim que recolhessem alguns medicamentos no fundo da casa.

Entretanto, a desgraça sem hora marcada para chegar não poupou Rabi David. Ao longe, ouviu-se um som feroz de vozes alucinadas:



“– Filhos do diabo, assassinos de Cristo”. O rabino apressou os passos em direção à sinagoga. Três arruaceiros chefiados por Antônio, padraсто de Pedro, logo o alcançaram e avançaram sobre Rabi Davi, aplicando-lhe pancadas mortais. Não satisfeitos com o assassinato, entraram na sua casa matando Ester e o filho Marcus. Os quatro assassinos vasculharam a casa à procura de dinheiro, só encontrando livros e algumas moedas. Furiosos, saíram para beber e apregoar a façanha de terem liquidado o rabino.

Enquanto isso, o grupo de cristãos, encabeçado pelo frade, entrava nas casas dos judeus, com uma cruz e uma bíblia. Muitos deles, para não sucumbir, aceitaram o batismo, convertendo-se ao cristianismo. Aqueles que estavam dispostos a sacrificar suas vidas correram para a sinagoga, juntando-se aos velhos religiosos. Molka também se abrigou na sinagoga levando junto ao seu corpo o talit de seu querido Jacobito.

Um ódio irracional acompanhava a massa humana que se precipitou na Casa de D’us. Investiram sobre velhos, mulheres e crianças com crueldade e selvageria. O sangue de inocentes jorrava, enquanto suas vozes unidas oravam o Shema: O Senhor é um. O Senhor é nosso D’us.

Após o massacre, a legião de carneiros desapareceu. Pouco a pouco, de cabeça baixa, o povo foi voltando para suas casas. Sentiam-se órfãos, desorientados e desolados. Havia perdido pais, irmãos e avós. Num abraço silencioso ajudavam-se mutuamente.

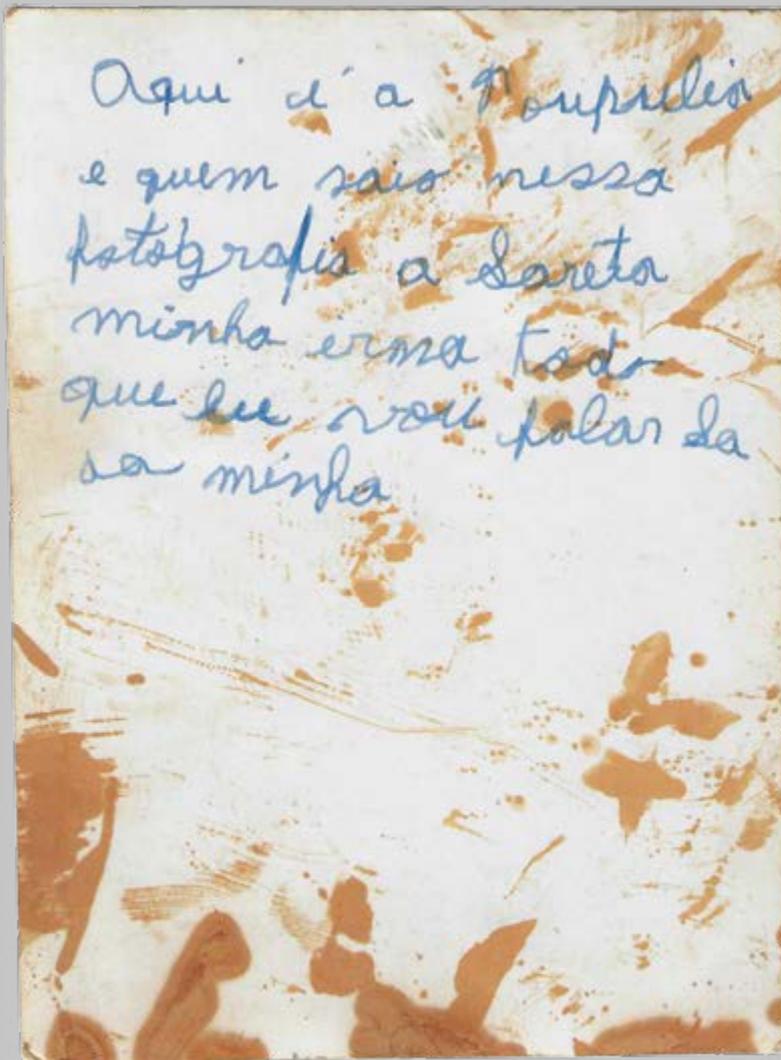
Simultaneamente ao desenrolar destes acontecimentos, a notícia do massacre já havia atravessado a cidade de Sevilha e chegado ao castelo do Barão de Castilho. Chegou aos ouvidos do jovem barão que quatro arruaceiros liquidaram o rabino, sua esposa e o filho Marcus. Vingativo e furioso, como tinha sido seu pai, o barão e um grupo de fidalgos cavalgaram velozmente em direção à cidade. Foi fácil identificar os assassinos, porque ainda apregoavam sua valentia. Antônio e seus comparsas foram arrancados da taberna e enforcados.

O Barão de Castilho, cercado pelo povo, ordenou: “– Se alguém tentar imputar aos judeus esta culpa absurda terá o mesmo fim que estes assassinos. Vocês vão sentir a falta destes dois competentes médicos quando adoecerem. Eu me sinto aliviado, porque fiz justiça. Agora vamos para casa prantear a morte dos queridos amigos”.

Um bom número de pessoas, entre eles, Pedro e sua mãe, voltou

para suas casas para chorar, não apenas pelo rabino e seu filho, mas pelo trágico fim de centenas de judeus.

Capítulo XXIV



O Rabino Salomão sabia que, com a morte do pai, pesaria sobre seus ombros toda a responsabilidade dos sobreviventes do massacre. Ele precisava adquirir forças nas orações para afastar a dor insistente pela perda dos pais, do irmão Marcus e de todos que pereceram na chacina.

Pela fisionomia do povo descrente e alheio ao desenrolar da vida terrena, o rabino iria tomar uma providência posterior, porque o primordial no momento era enterrar os mortos. O cortejo fúnebre, com a participação de todos os habitantes da juderia, era terrivelmente impressionante, pois fora provocado por uma histeria coletiva. Pessoas que interrompem seu ciclo de vida por epidemias ou acidentes da natureza não podem ser comparadas com o massacre instigado pelo ódio irracional de seres humanos.

Após a conclusão das obrigações religiosas da cerimônia fúnebre, o povo voltou para casa a fim de cumprir o shivah. A solidão e o silêncio dominavam aquele triste lugar.

De repente, na estrada empoeirada, surgiu Jacobito, o desavisado cavaleiro. Mesmo estranhando o aspecto desolador da juderia, entrou em sua casa chamando: “– Molka! Sou eu, Jacobito”. A cena inesperada tolheu sua voz e seus movimentos. Amparado por Golda e Sara foi se inteirando da desastrosa ocorrência. Seus soluços ininterruptos vararam as noites e os dias até o final da Shivat.

O rabino, então, convocou os moradores para uma reunião na sinagoga antes dos parentes do sexo masculino iniciarem o Kadish. Salomão disse: “– Meus queridos irmãos. No dia anterior ao massacre meu pai me incumbiu de substituí-lo como dirigente da comunidade. Entretanto, todos nós sabemos que Rabi David era insubstituível. A desgraça que se abateu sobre nós é muito recente para tentarmos amortizar nossa dor. Para nós judeus a vida humana é sagrada, porque foi criada por D’us. As constantes orações vão nos ajudar a superar nosso pessimismo. Não podemos ficar alheios à vida, porque ela é muito preciosa para ser desperdiçada com lamúrias. Vamos lembrar de nossos entes queridos, como eles eram em vida: um exemplo de solidariedade e amor. Também não se preocupem com o reboliço e o saque que os aproveitadores fizeram em suas casas. Vou reunir nossos

beneméritos, que vão colaborar para que ninguém passe por privações”.

As mulheres e as crianças, já mais resignadas após a fala do rabino, voltaram para suas casas, enquanto os homens principiaram as preces dos enlutados. No dia seguinte, o rabino reuniu os colaboradores de seu pai para resolver o problema da sobrevivência econômica da comunidade. Jacobito, Judah e alguns homens prometeram amparar todos os necessitados.

Salomão contou que mandou um mensageiro no mesmo dia da tragédia para Córdoba, e foi informado que, infelizmente, Joseph quebrara uma perna num acidente de carroça e Miriam já estava quase em trabalho de parto e, por isso, permaneceriam por lá. “- Ficaram muito angustiados com a notícia, prometendo orações em memória de nossos queridos pais. Quanto a Efraim, o bom amigo Pedro se prontificou a avisá-lo e já está a caminho”, completou o Rabino.

Quando Pedro já se encontrava nas redondezas de Cádiz, percebeu como era difícil revelar uma notícia tão trágica. Conhecendo o temperamento de Efraim, temia pela sua reação. Seu dever era comunicar a ocorrência de maneira sutil. Entretanto Pedro sabia que, diante de uma desgraça tão brutal, seria impossível evitar um choque emocional com consequências desconhecidas. Informado do local onde Efraim morava, Pedro não sabia como se incumbir dessa difícil tarefa.

Quando Charne abriu a porta, logo reconheceu o amigo de Efraim, que comparecera ao seu casamento. “- Infelizmente trago más notícias e espero que Efraim não esteja em casa, para juntos resolvermos como agir”.

Ao perceber a gravidade da situação, Madrecita amparou Charne, que começou a tremer. Pedro, após beber um copo com água, contou resumidamente sobre o massacre, omitindo as cenas mais impressionantes. Charne ficou desolada, não podia compreender porque sua nova família fora destruída. Conhecendo o temperamento do marido, ela temia pelo seu comportamento e por consequências imprevisíveis. Enquanto Madrecita servia um chá para o assustado rapaz, contou que Efraim fora entregar uma encomenda de baús e que já devia estar regressando.

Efraim, ao abrir a porta de sua casa, foi surpreendido por uma cena inesperada: três pessoas curvadas sobre a mesa choravam bai-

xinho. Quando ele percebeu que era seu amigo Pedro, pressentiu uma fatalidade.

Saudoso do fiel amigo, correu para abraçá-lo com um fio de esperança que ele fosse portador de boas notícias, mas caiu em si quando viu tristeza e dor nos olhos de Charne, Pedro e Madrecita.

Lembrança do dia
7 de Maio de 1966,
do casamento da
Lia e do Milton
e meus sobrinhos

Lembrança
de avó muito.
Toda a família
Leão - Abramovitz
Eliza - A.
Janice - A.
Arnold - A.
Janita - A.

Capítulo XXV

Pedro repetiu o ocorrido, diante do incrédulo Efraim. A dor da revelação era tão pungente que ele não conseguia suportar. Sua reação foi tão assustadora que alterou seu modo de pensar e agir. Começou a balbuciar palavras sem nexos e a pronunciar frases incoerentes. Sua fragilidade para suportar desgraças aflorou à sua boca, num estado de repentina loucura. O choque causou-lhe uma amnésia que o protegia como escudo.

Charne correu para abraçá-lo, enquanto Dolores conseguiu que ele tomasse um chá calmante. O amigo levou-o para a cama, e ele adormeceu. Pedro, vendo que Efraim não teria tão cedo condições de viajar, despediu-se das duas mulheres, levando uma carta para Salomão escrita por Charne e um auxílio em dinheiro.

Efraim acordou sobressaltado após dois dias de sono profundo. Não compreendia porque estava deitado e também não lembrava de nada e de ninguém.

Charne cumulou-o de carinho, mas Efraim continuava alheio à vida. Desesperada, ela procurava com toda sua ternura trazê-lo de volta à realidade. Os dias foram passando, sem nenhuma alteração na atitude de Efraim.

Ao entardecer, Charne olhava pela janela e as lágrimas começavam a deslizar pelas suas faces enquanto assistia ao pôr do sol. Sabia que os momentos felizes, cavalgando com Efraim à beira-mar, haviam terminado. Entretanto, uma razão maravilhosa de reanimar Efraim encheu-a de esperança: ela estava esperando um filho.

Num momento raro em que ele voltava a vida, Charne contou-lhe docilmente, que um filho estava chegando e iria precisar do amparo do pai.

A auspiciosa notícia despertou lentamente seu cérebro da inércia. Efraim sabia que precisava lutar contra o pessimismo e aprender a se comportar como um homem forte. A amargura provocada pela perda dos entes queridos iria acompanhá-lo sempre, mas estava começando a reagir. Voltou, então, de forma repentina, a trabalhar com intensidade redobrada, guardando para si a dor da perda.

Apesar de feliz com o reencontro do marido, Charne logo come-

çou a perceber uma transformação radical, do seu modo de viver e de pensar. Fez amizade com os ricos mercadores, aprendendo com eles como acumular grandes fortunas. Esqueceu suas obrigações religiosas, não admitindo que a esposa o convencesse a comparecer na juderia de Sevilha, comportando-se como se nunca fizera parte dela. O perfil de homem nobre que, pouco a pouco, construiu para si, já se dispunha para uma pessoa de caráter dúbio. O que lhe restara do passado recente estava incrustado no fundo de seu íntimo, mas a vontade de viver plenamente cada minuto absorvia qualquer recaída. Até seus olhos meigos se tornaram frios e indiferentes.

Charne e Madrecita sofriam caladas, porque preferiam um homem brutalizado pelas circunstâncias do que um homem alheio à vida.

Efraim não dispunha mais de tempo para usufruir da companhia da esposa. Ampliara sua marcenaria, contratando vários ajudantes. Seus negócios se expandiram além mar. Para tristeza de Charne, até sua sensibilidade pelas coisas simples da natureza ele deixou desaparecer.

Seu irmão Salomão, embora distante, também se preocupava com Efraim. O rabino não compreendia porque ele não comparecera na comunidade nos dias santificados. Resolveu ele próprio viajar para Cádiz após o término de todas as comemorações.

Salomão chegou exausto e ficou decepcionado quando Charne lhe contou que Efraim viajara a negócios sem data marcada para regressar. Um breve descanso recuperou o humor do rabino, que estava ávido por notícias. Charne contou com tristeza, como a tragédia repercutiu na mente e no comportamento do marido.

Rabi Salomão, então, lembrou das palavras que seu pai pronunciou por ocasião do falecimento do melamed e da maneira como Rabi David se preocupava com o filho, que era extremamente sensível. E refletiu sobre o que teria feito Efraim não encontrar conforto nas palavras da Torá, e não querer compreender que ser judeu era símbolo de coragem e determinação.

Salomão também contou a Charne sobre a comunidade, que voltara à normalidade, mas permanecia com aquele vazio que o povo sentia com a falta de parentes e amigos. Seriam precisas várias gerações vindouras para cair no esquecimento as conseqüências do massacre. Não havia como substituir Rabi David como médico, rabino e químico. Com suas múltiplas funções, ele não tivera tempo de escrever o seu

livro que ficaria na história com suas fórmulas milagrosas.

Dois dias mais tarde, antes de partir, o rabino deixou com Charne uma comovente carta para Efraim. Entre muitos conselhos, Salomão pedia que ele nunca esquecesse suas raízes judaicas e voltasse para a comunidade de Sevilha.

Quando Efraim regressou, mostrou-se indiferente à visita do irmão e não quis tomar conhecimento da carta que ele lhe deixou. Interessado somente em sua própria existência e tudo que o cercava, disse: “– Charne, quero que você se prepare para se transformar numa dama. Assim que nosso filho nascer partiremos. Comprei muitas terras e um palácio. Leve Madrecita e apenas o essencial”. Sem poder retrucar, Charne correu para os braços de Madrecita e ambas choraram indefinidamente suas mágoas.

Capítulo XVI

Num dia de inverno de 1391 nascia a filha de Charne e Efraim, Estelita. Uma linda menina que encantou seus pais e fez Madrecita chorar de contentamento. Três meses após o nascimento, a família mudou-se para uma região localizada entre Sevilha e Cádiz.

A mercenaria continuava em atividade, funcionando com a competência dos empregados de Efraim, que viajavam constantemente para Cádiz. O castelo que abrigava Efraim e família era de estilo gótico e de construção relativamente recente. Em terreno elevado, a imponência do palácio, com suas torres, arcos e janelas era apreciado à distância. Os jardins, bosques, lagos e cascatas cercavam as terras da propriedade.

Com poder econômico e amigos de prestígio, Efraim, para além de mudar seu modo de viver e de pensar, conseguiu substituir seu nome e de sua família. Efraim e todo seu passado desapareceram para surgir Dom Luiz de Andaluzia. Passou, então, a ser chamado pelo fictício nome de Luiz por seus vassalos. Escolheu para Charne o nome de Dorotéia e sua filha passou a se chamar Inês.

D. Luiz de Andaluzia vivia como um autêntico fidalgo da Idade Média. Frequentava torneios, comparecia às caçadas e promovia banquetes com ostentação e luxo, dividindo sua vida agitada entre o lazer e o trabalho.

Permanecia um longo tempo fora de sua propriedade, viajando para centros comerciais e portuários. Sua esposa sabia que ele mantinha uma espanhola em cada cidade e uma em cada porto. Entretanto, o que fazia Charne sofrer mais era a transformação radical do marido. Nas suas longas tardes solitárias, ela procurava compreender a razão que levava um homem integrado dentro de maravilhosos princípios morais e religiosos a sofrer uma queda de valores tão brutal.

Como o impacto de uma desgraça pode alterar os sentimentos nobres de uma pessoa, revertendo o herói em uma figura dúbia? Seria uma troca passageira ou irreversível? Este novo homem se revestira com uma armadura inviolável e fictícia que o protegia e a sua família. Ele sentia certamente que ser judeu, naquele mundo injusto, era viver numa corda bamba, onde para qualquer lado que se virasse o levava a fatalidade.



Charne queria trazê-lo de volta à realidade, mas sabia que seria uma tarefa impossível, porque no íntimo de Efraim alguma coisa se partira para sempre. Suas ricas reminiscências familiares, sua religiosidade, seu vínculo com a comunidade foram se apagando da memória, amortecendo sua dor.

Efraim optara pelo caminho mais fácil, para abrandar seu sofrimento. Não procurara no convívio de seus irmãos judeus, a força heroica para prosseguir. Não conseguia compreender que o estímulo de sobrevivência naquele mundo hostil era o legado de D'us, com seus preceitos maravilhosos contidos na Torá.

Charne tomara conhecimento que após o massacre de Sevilha desencadeou-se uma onda de selvageria dos cristãos atacando judeus em outras cidades e vilarejos. O ódio crescia como uma epidemia contagiosa, trucidando seres inocentes, com requintes de crueldade inenarráveis. Foram essas circunstâncias que obrigaram muitos judeus a se converterem ao cristianismo.

Destes conversos, muitos continuaram, na surdina, a praticar a fé judaica “anussim”, enquanto outros decidiram adotar definitivamente a religião cristã. Entretanto, o que era estranho para Charne é que Efraim não se decidira por nenhuma destas resoluções. Ela não conseguia distinguir o seu comportamento. Teria ele propositalmente esquecido suas raízes judaicas, movido pela covardia, ou seria uma doença mental que afetara sua personalidade?

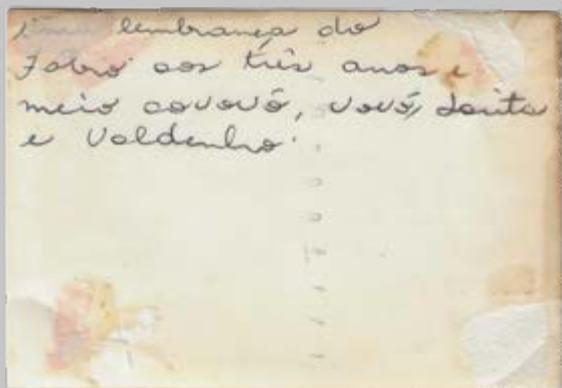
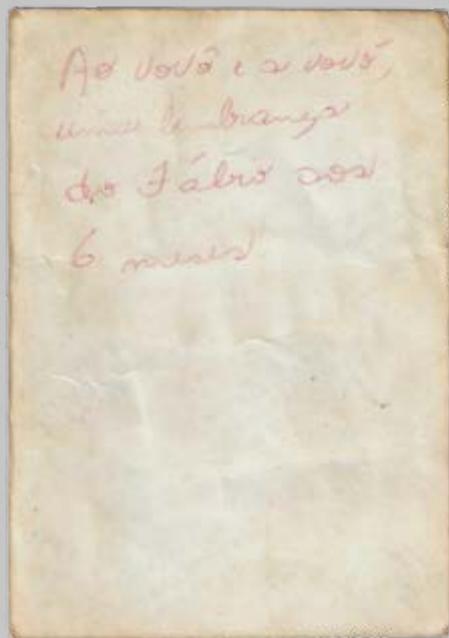
Temendo uma reação prejudicial à sua saúde física e mental, a boa Charne resolveu se calar e não incomodar com recriminações e perguntas. Sua esperança era que um dia ele acordasse e voltasse às suas origens. Embora ressentida por não poder professar sua religião judaica, Charne procurou se adaptar ao mundo regido pelo marido.

Nas longas ausências de “D. Luiz”, sua esposa se ocupava da filha. Charne, Madrecita Dolores e “Inezita” percorriam os imensos jardins floridos nas manhãs primaveris. O tempo foi passando e a menina foi crescendo com muito amor.

D. Luiz voltava sempre carregado de novidades orientais para sua querida filha. Ele obrigou a mulher a enterrar suas lembranças, para que a filha não tivesse noção, nem de um leve, de qualquer vestígio do passado.

Contudo, nas tardes de sexta-feira, Charne, triste e solitária, se

isolava em seu quarto e acendia os castiçais de sua avó. A oração aliviava seu coração contrito e a transportava para um passado remoto e feliz.



Capítulo XXVII

Os anos foram passando, sem que houvesse alguma mudança no comportamento de Efraim. A sua metamorfose como Dom Luiz de Andaluzia não apresentava crises nem conflitos. Ele resolvia todos os problemas dentro e fora de suas propriedades, até que a construção de uma capela para os religiosos revoltou sua esposa.

Não suportando mais dez anos de silêncio, Charne resolveu tentar despertá-lo para sua identidade judaica. Na intimidade de seu quarto, decidida a não fraquejar, sentou-se ao lado do marido falando com toda serenidade: “– Pelos nossos anos de convivência, eu me acho no direito de saber a causa de seu desprezo pelos nossos antepassados. Se você está confuso, eu não pouparei esforços para trazê-lo de volta à sua condição de judeu. Se a razão for mais grave e você optou por esta vida pouco recomendável, eu também pretendo ajudá-lo. Certamente seu irmão Salomão irá perdoá-lo e D’us lhe dará sua absolvição. Nossa filha ainda não tem idade suficiente para compreender nenhuma alteração do nosso modo de viver. Ficará encantada com nossas milenares tradições. Eu lhe suplico Efraim que, em meu nome e de nossa filha, você volte à nossa origem”.

“– Vou lhe responder como Dom Luiz de Andaluzia. Eu não sou um demente e nem mesmo um irresponsável. A minha mágoa pela perda brutal dos entes queridos não prejudicou minha mente, apenas prevaleceu-me contra os perigos e as injustiças. Você sabe, Dorotéia que eu tenho verdadeira alucinação pela vida e não quero perder nem um minuto a que tenho direito. Amo o trabalho e os prazeres desta curta existência. Sou covarde e egoísta e, como você mesma disse, tenho uma vida pouco recomendável. Sou um ardoroso fidalgo espanhol e não quero perder minhas terras e minhas herdades, conquistadas com tanto trabalho”.

A seguir, levantou-se e saiu, deixando Charne perplexa e inconformada. Madrecita, sempre prestativa, estava à espera de Charne. A velha senhora encontrava sempre uma palavra de consolo para suavizar as preocupações da filha. A seguir desceram os longos degraus de pedra e acompanharam Inezita até o jardim.

No ano de 1403, Dolores faleceu repentinamente. Foi um choque

para Charne, apesar da idade avançada de Madrecita. Ela perdera sua amiga, confidente e sua mãe dedicada.

Nos dias de verão, enquanto sua filha crescia correndo pelos campos, Charne, sentada ociosamente na relva, recordava da feliz exaustão que as labaredas do forno causavam a ela e a Madrecita. A recompensa pelo pão que crescia numa atividade constante. A vida correndo solta em parceria com a vastidão da praia e o mistério do mar se perdendo na linha do horizonte. A amizade com os pescadores que traziam notícias dos acontecimentos cotidianos. A espera de seu príncipe encantado e o sonho de um amor perene.

Ela despertou de seus devaneios e olhou para Inezita. Com dezoito anos, a jovem não corria mais pelos jardins, mas andava a passos regulares, observando com seu pai o desabrochar das flores e o gorjeio dos pássaros. Como Efraim, era morena e tinha cabelos e olhos negros. Da mãe, herdara a estatura mediana e as feições suaves. Estava de casamento marcado com um rico mercador.

Como a filha estava feliz e Efraim não apresentava sinais de redimir-se, Charne, sem alternativa, aceitou passivamente o casamento. Após muita festa, o palácio voltou à normalidade.

Charne, que vivia em função da filha, sentiu-se abandonada, quando Inezita partiu. Efraim, percebendo a nostalgia da esposa, resolveu permanecer mais tempo em casa. Convidava seus amigos para se hospedarem em seu palácio.

À tarde, Dom Luiz de Andaluzia e seus companheiros se reuniam para conversar sobre vários assuntos, entre eles a situação política e econômica do país e as transformações que estavam ocorrendo nos países vizinhos. Mercadores viajados estavam ao par de tudo o que acontecia naquele mundo, cuja comunicação precária era inteiramente oral. Só através das transações marítimas era possível saber o que estava acontecendo em cada longínquo lugarejo. Charne, ávida de notícias, sentada na sala contígua, apurava o ouvido para se inteirar dos acontecimentos exteriores.

O primeiro a falar foi Dom Rodrigues, um sócio de Dom Luiz: “– Em minha última viagem, estive em Nápoles e me aventurei terra adentro visitando Florença, Veneza e Milão. São cidades de abastados burgueses e de homens evoluídos que estão modificando o modo de viver e de pensar. Criticam o feudalismo, desrespeitam as associações

e abominam o servilismo. Riem da nobreza e não suportam o cavalheirismo. São magnatas poderosos que, para além de acumularem ouro, também fazem hospitais e universidades. Os indivíduos desenvolvem sua própria personalidade e com espírito de confiança e liberdade em si próprios começam a surgir talentos nas artes, literatura e ciências. É uma metamorfose, uma reviravolta na história que eles chamam de “la rinascita”.

A seguir, começou a falar um sarraceno islâmico de nome Omar, que sempre se hospedava na casa do amigo Dom Luiz. Era um homem de bons princípios, que não tolerava conflitos e massacres. Trazia das terras do oriente, tapetes, artefatos de vidro e cerâmica, joias e tecidos de seda. Disse: “– Estamos no ano vergonhoso de 1411, no qual um dominicano fanático está coagindo os judeus de Castela à conversão”.

Charne, aflita, aproximou-se da porta entreaberta para ouvir melhor. “– O pregador Vicente Ferrer reuniu um bando de fanáticos, entre eles muitos assassinos, que estão invadindo sinagogas e ameaçando os judeus com palavras terríveis: o batismo ou a morte. Muitos deles, sem alternativa, submetem-se ao batismo, enquanto os mais religiosos e heroicos são massacrados na própria sinagoga”.

Charne não conteve sua dor e, para que ninguém ouvisse seus soluços, correu para seu quarto.

Capítulo XXVIII

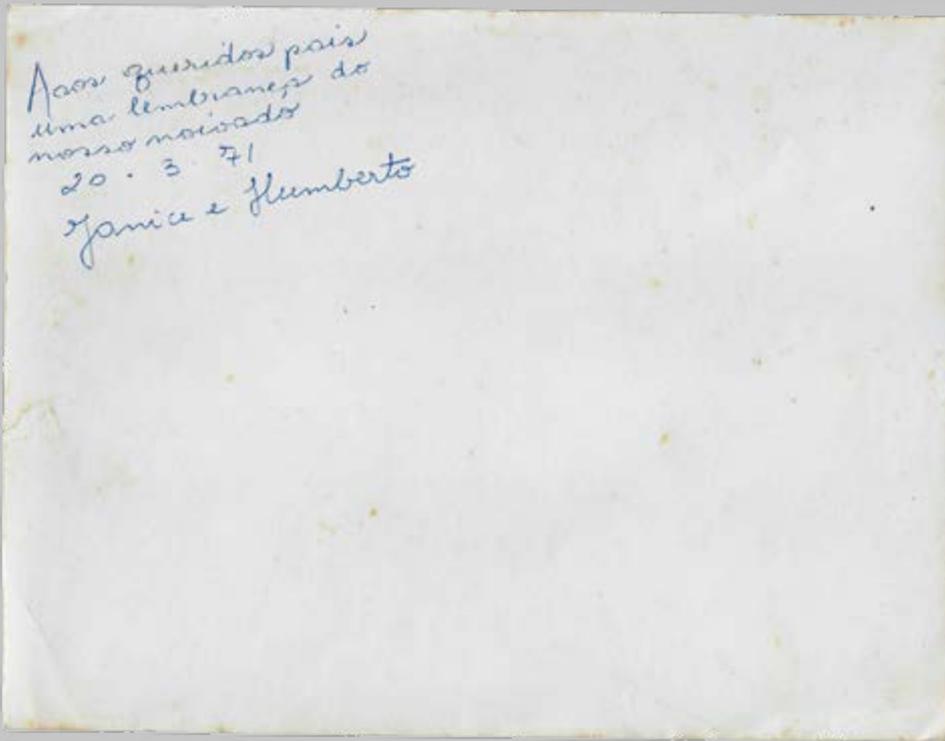
Charne não tinha ninguém com quem compartilhar seu sofrimento. Como gostaria de fazer parte da comunidade judaica de Sevilha! Sentir o calor humano de cada membro da grande família, sofrendo e se consolando com a coletividade judaica de Toledo nesse momento de calamidade. Que saudade da sinagoga, aquele lugar tão impregnado de paz espiritual.

Charne não via em Dom Luiz nenhum vestígio de seu querido Efraim. Era para ele apenas Dorotéia, sua dama e senhora do castelo. Não tinha nem o direito de desabafar com sua filha, que vinha visitá-los a cada dois meses. Inezita não tardara a aparecer com um filho nos braços. Depois de alguns anos, já eram dois meninos que corriam pelos imensos jardins.

Charne não tinha atingido quarenta e cinco anos quando adoeceu. No início era uma tosse espaçada que foi aumentado de volume até se tornar insuportável. Os médicos da época, com conhecimentos apenas superficiais, não conseguiram diagnosticar a doença e muito menos detê-la. A umidade das paredes geladas do palácio, também eram um fator negativo para seu restabelecimento. O palácio, como todos da Idade Média, só tinha aparência imponente quando visto pelo exterior. Seus inúmeros quartos eram estreitos, de teto baixo, frios e silenciosos. Apenas o chão era aquecido com tapetes orientais, trazidos quando começou a importação de produtos do exterior, substituindo as mal cheirosas e engorduradas esteiras.

Dom Luiz de Andaluzia permaneceu ao lado da esposa até a última fase de sua doença. Nos seus derradeiros momentos, Charne conseguiu pronunciar algumas palavras: “– Efraim, eu lhe suplico que você cumpra o meu pedido para seu próprio bem. Abandone esta vida falsa e volte para sua comunidade. Salomão e todo o povo irão acolhê-lo como um judeu arrependido dos seus atos. D’us ama todos os seus filhos e certamente irá perdoá-lo”.

Com a morte de Charne, sua filha permaneceu durante um longo tempo com seu pai que voltou a sentir apatia pela vida. Após uma lenta recuperação, Efraim voltou à identidade de Dom Luiz de Andaluzia, sem nenhum estímulo para cumprir a promessa que fizera à sua esposa.



Entretanto, seus pensamentos, sempre entretidos com os negócios, o desviavam das obrigações, pois sentia uma dor inesperada perturbando sua consciência. O remorso e o arrependimento começaram a tomar espaço no seu cérebro, sem que ele encontrasse um paliativo. Em qualquer lugar que o fidalgo se encontrasse, a presença do passado vinha à tona. Não conseguira enfrentar a dura realidade e agora o remorso não lhe permitia a paz de consciência.

Ao amanhecer de um dia de verão, Dom Luiz de Andaluzia, trocou suas finas roupas pelas de Efraim e apanhou seu cavalo, rumando para Sevilha. Seu coração batia descompassadamente quando avistou os muros da juderia. Sem coragem de se identificar, ficou aguardando que alguém entrasse ou saísse. Quando avistou um jovem que se aproximava do portão, perguntou: “– Poderia me informar se o rabino Salomão está? Eu mudei desta comunidade, pouco antes do massacre de 1391”.

“– Lamento informar que tanto a esposa como o Rabino Salomão já faleceram. Quem o substituiu foi o rabino Levi, meu irmão mais velho”. Efraim apoiou-se no muro para não cair. Após um longo suspiro continuou: “– E quanto à viúva de Marcus, Raquel e suas filhas? E Golda, Judah e Jacobito?”.

“– Raquel casou-se há muitos anos atrás com um viúvo de Toledo, levando com ela suas filhas. Judah e Golda são meus pais. Eles têm muito orgulho de Levi, o primogênito e rabino da comunidade. Eu sou Isaac, o filho mais novo dos doze irmãos. Quanto a Jacobito não cheguei a conhecê-lo, porque faleceu seis meses após o massacre. Dizem que foi saudade de sua esposa Molka”.

“– Isaac, meu rapaz, eu quero pedir-lhe um favor. Este pacote com dinheiro deve ser entregue ao rabino com o intuito de distribuí-lo aos mais necessitados. Diga ao seu irmão que eu sou um antigo morador da comunidade”. Isaac respondeu: “– Não quer entrar, descansar um pouco na casa de meus pais e fazer o senhor mesmo a doação?”.

Efraim, olhando através do portão, avistou a casa do melamed e, mais adiante, sua própria moradia. Elas pareciam mais abandonadas do que nunca. Não suportaria penetrar naquele ambiente de amor, saudade e tanta dor.

Capítulo XXIX

Efraim cavalgou dia e noite sem se deter para um repouso, como fazia comumente. Corria desesperadamente, como se pudesse fugir de sua consciência. Já não tinha o vigor da juventude e seu corpo cansado não queria obedecer ao seu comando.

Foi acudido por dois de seus servos, porque chegou aos seus domínios com as pernas dormentes. Não recuperou sua saúde com o repouso e nem os médicos conseguiram deter a paralisia.

Dom Luiz de Andaluzia sentia-se um inútil, não podendo andar nem trabalhar. Para se locomover ao menos pelos arredores do palácio, ele próprio fez suas muletas. Mesmo com a visita constante da filha, dos netos e dos amigos, sentia-se deprimido.

Dos inúmeros quartos do palácio, um deles Dom Luiz conservava sempre fechado. Num ato de desespero destrancou a porta à procura de suas reminiscências. Abriu a janela para que a luz do dia iluminasse os objetos cobertos com uma grossa camada de poeira. Dezenas de baús fabricados pelo marceneiro apinhavam-se pelas paredes. Abriu um deles, de onde retirou livros religiosos, o Pentateuco que recebera de seu pai por ocasião de seu Bar Mitzvah. Começou a lê-lo com a avidez do tempo perdido. As palavras caíam como um bálsamo, aliviando sua consciência.

Quando a penumbra impediu o reconhecimento das palavras escritas, ele trancou a porta e saiu. Todos os dias Dom Luiz voltava àquele quarto, como Efraim. Para aliviar seus pensamentos, resolveu reviver o passado escrevendo em espanhol, idioma que dominava muito bem.

Sentado em frente à janela, diante de uma deslumbrante paisagem, começou a escrever:

Sou Efraim, filho de David Ibn Abraão. Substituí meu nome por um falso Dom Luiz de Andaluzia, como também obriguei minha querida esposa Charne a usar o nome Dorotéia. Entretanto, o mais lamentável é que reneguei a minha fé e me distanciei dos meus compatriotas. Nunca dei ouvidos à minha esposa me aconselhando a voltar para a comunidade e me reabilitar, aceitando minha identidade judaica.

Não batalhei para conseguir vencer as adversidades e as catástrofes inutilizaram as minhas forças, transformando-me num covarde



e egoísta. Não estou me desculpando e, muito menos me justificando. Reconheço que foi abominável meu comportamento de indiferença aos problemas do nosso sofrido povo. De que me serve o acúmulo de ouro se eu só busquei falsas ideologias?

Só muito tarde compreendi que nossa grandeza espiritual suplanta qualquer temeridade e compensação física. Pelo meu comportamento durante todos esses anos, não me considero mais digno de trilhar o caminho repleto de obstáculos do povo judeu. Não tenho esse direito.

Se meu irmão ainda estivesse entre nós, ele, um rabino ponderado e inteligente, me orientaria. Não posso repentinamente contar à minha filha e aos meus netos que em suas veias corre sangue judeu, mas gostaria que, numa geração vindoura, um de meus descendentes de boa índole se inteirasse através desse manuscrito.

O massacre da juderia de Sevilha me deixou marcas tão profundas que não consigo comentar. Prefiro reviver a alegria de ser uma criança rebelde, sem a responsabilidade que meus irmãos tinham pelo estudo constante e enfadonho. Apesar de minha vagabundagem, admirava e respeitava o meu professor. O melamed tinha o dom raro de transformar a rotina do aprendizado em algo atraente com seus ensinamentos.

Antes do anoitecer, os laboriosos judeus voltavam apressadamente à “ilha de pedra” cercada de muros e altíssimos portões, que rangiam anunciando a clausura compulsória. Ao entrar em seus lares, esqueciam dos dissabores causados pelos altos tributos e pelas injustiças, que tornavam a sobrevivência muito penosa. O calor humano de cada membro da família reunida para o jantar era uma alegria que renascia todas as noites.

Formávamos uma família composta de sete pessoas. Minha mãe Ester, meu pai David Ibn Abraão e meus irmãos: os gêmeos Salomão e Marcus, Joseph, Miriam e eu, o último a nascer.

Minha mãe, como todas as mulheres do gueto, enfrentava com galhardia o trabalho árduo do lar. Mas, enquanto as outras esposas eram submissas e pouco letradas, a minha mãe Ester, minha irmã Miriam e a filha do melamed, Molka, se aprofundaram nos estudos, lendo os poucos livros disponíveis e opinando nas questões que afligiam o povo. Neste mundo em que prevalecem somente os direitos do sexo forte, essas três extraordinárias mulheres enfrentavam corajosamente

qualquer discriminação. Minha querida mãe e a boa Molka foram mortas no massacre de 1391 juntamente com meu pai, meu generoso irmão Marcus e uma parte considerável do povo.

Quero lembrar do papai como era em vida. Um homem dinâmico, dividindo seu tempo como rabino, médico e químico. Exercia suas múltiplas funções com justiça, altruísmo e solidariedade. Devolveu a saúde tanto a judeus como a cristãos com seus milagrosos medicamentos. Mas era na sinagoga, junto com os devotos, que Rabi David encontrava sua verdadeira razão de viver.

Enquanto escrevo, vem à minha mente a imagem de um dos dias mais significativos da minha vida. Vejo a família reunida ao jantar na véspera do meu casamento. Para alegria de meus pais, vieram de Córdoba meus irmãos Joseph e Miriam e suas respectivas famílias. A conversa animada despertava em cada um dos parentes aquela sensação protetora nos fazendo esquecer por algumas horas que, para além das muralhas, um mundo hostil nos aguardava. Lembro que olhei para Charne e vi que sua felicidade vazava através dos seus meigos olhos azuis.

Nos dias subsequentes, Efraim continuou escrevendo sobre a juderia. Revelou os inúmeros problemas enfrentados no cotidiano, como a falta de recursos do povo e as soluções encontradas pelos beneméritos Rabi Davi, Jacobito e o sapateiro Saul. Escreveu detalhadamente a respeito das festas tradicionais e cerimônias religiosas. Lembrou-se de fatos inesperados, como o dia em que viu a entrada repentina de um grupo de garbosos cavaleiros montados em reluzentes cavalos seguidos de uma tropa de burros, acompanhados pelos olhares incrédulos da multidão.

Contou também a cômica história do desavisado Jacobito que, ao decidir se casar precipitadamente, foi enganado pelos pais da noiva que não lhe revelaram que ela era portadora de uma grave deficiência física. Teve, porém, um final feliz com seu romântico e segundo casamento com a jovem Molka.

Efraim escreveu sobre trágicos acontecimentos, como a morte considerada misteriosa do sapateiro Levi, mas também narrou histórias de solidariedade, como a que envolvia seu fiel amigo Pedro e Dona Carmem, sua mãe, bons cristãos. Quando sentiu que não restava mais nada para escrever, Efraim abriu seus baús e depositou seu

manuscrito. Milhares de fatos valiosos se perderam em épocas pouco esclarecidas. O tempo também se encarregou de apagar histórias reais e fictícias que se mesclaram num redemoinho levado pelo vento.

SEGUNDA PARTE

Enquanto os heróis anônimos, em sua intensa agonia, pronunciavam o Shemá, quedei-me envergonhado na minha insignificante condição de apóstata.

Capítulo XXX

O século XV pode ser considerado para os judeus da Espanha o mais catastrófico desde a dispersão. Os massacres e as perseguições recrudesceram, com o objetivo de obrigá-los pela força a professar a religião cristã. Imperava a ordem dominicana do batismo, com as alternativas da cruz ou a morte.

Judeus que não eram extremamente devotos acharam mais seguro e conveniente optarem pela conversão. Entretanto, havia um grande número que, forçados a se converter, praticavam às ocultas a sua fé. Eram chamados de criptojudes ou marranos.

Com o passar dos anos, os observadores dos cristãos-novos descobriram que, na surdina, eles praticavam suas tradições e festas religiosas. Os espiões notaram o acender das velas e as roupas caprichadas do Shabat, a circuncisão dos meninos e a reza “berachah” antes de comer. Enfim, a sucessão de deveres religiosos.

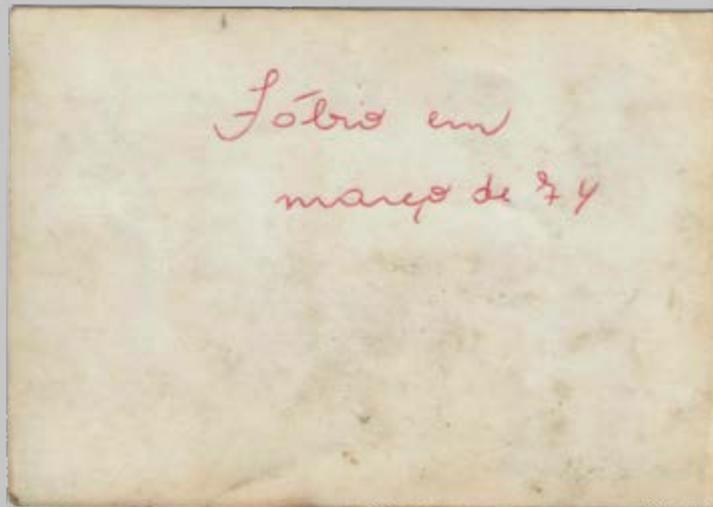
Na maioria das vezes, a mais forte razão para delatar os criptojudes era a inveja e cobiça de suas habilidades e possibilidades. Eles se destacavam como médicos, administradores públicos e economistas, até mesmo na corte imperial de Toledo.

A capacidade que os hebreus tinham para aprender incomodava, sobretudo ao clero, aos reis e barões feudais. Na era medieval, eles se destacavam na literatura, filosofia e direito.

A situação dos criptojudes da Espanha estava se tornando insuportável com as denúncias e desconfianças até que foram instalados em 1480 os Tribunais do Santo Ofício. A Inquisição, sob a direção do terrível Tomás de Torquemada, usou e abusou de sua autoridade, forçando os cristãos-novos a confessar sua heresia.

O dominicano mandou queimar milhares de seres humanos, enquanto outros tantos eram condenados a apodrecer nas masmorras. Nos tribunais da Inquisição nunca prevalecia a justiça, e o veredicto era sempre a pena capital. As autoridades eclesiásticas eram irredutíveis nas suas decisões, destituídas de contemplação e humildade.

Essa era a situação desesperadora dos judeus da Espanha quando, em 1488, reiniciou a narração interrompida a pouco mais de meio século com os descendentes de Dom Luís de Andaluzia. A quarta e a



quinta gerações eram compostas do fidalgo Dom Diego de Andaluzia Rodriguez, sua esposa Carmem e seus três filhos, Ramon, Afonso e Pablo.

Viviam no castelo de seu ilustre antepassado, mas suas herdades tinham aumentado consideravelmente através dos anos. Diego Rodriguez orgulhava-se de ter sido na sua juventude um combatente das renhidas lutas para a união dos reinos de Castela e Aragão, finalmente obtida com êxito em 1469. Ordenado cavaleiro da nobreza espanhola, foi agraciado com títulos pelos reis da corte de Toledo.

O Barão e seus filhos primavam pela arrogância, mas também eram ardorosos aventureiros. A família Rodriguez vivia num mundo de falso prestígio. Devido à alta posição de nobre fidalgo, eram cercados de vilões servos, camponeses e escravos. Subordinados de acordo com suas posições, obedeciam ao regime feudal e suas congregações.

Dom Diego e os filhos Ramon e Afonso passavam o tempo provocando rixas com seus inimigos, tomando parte em torneios e caçando indiscriminadamente indefesos animais.

Pablo, o mais jovem, era a alegria de sua mãe, pela sua afetuosidade e desprendimento para resolver os problemas dos camponeses. Como um nobre autêntico, defendia os pobres e oprimidos. Era também admirado pelo seu irmão Afonso que, apesar de acompanhar o pai e o irmão em aventuras pouco recomendáveis, tinha por Pablo amizade e afeto.

Num dia de chuvas ininterruptas com ventos que uivavam com fúria demolidora, a família Rodriguez reuniu-se mais cedo para almoçar.

Dom Diego, mal-humorado, esbravejou com a esposa: “– Eu já disse que não tolero esses tapetes orientais. Deixe de luxo e chame os servos para substituí-los pelas minhas esteiras para que eu possa jogar aos fiéis cães de caça os restos de comida que têm direito”. “– É que hoje está tão frio que eu pensei que não fosse se importar”, respondeu ela.

“– Eu exijo obediência e todos estão cansados de saber que não gosto de modernidade, floreios e mesuras”. Encerrando a conversa com a esposa, apanhou de sua cintura o facão, manchado de sangue, e começou a cortar a carne e a comê-la em grandes bocados.

Pablo e Afonso, aborrecidos com o tratamento dispensado à mãe, perderam o apetite. Pablo, mudando o rumo da conversa, disse: “– Mãe, o frei Antônio mandou agradecer pelo acréscimo de pães e legumes, para alimentar a fome dos camponeses”.

“– Filho, eu fico feliz com a ajuda que você proporciona ao frei Antônio”, respondeu a mãe. Porém, Ramon, o filho primogênito, tão perverso como o pai, começou a provocar o irmão: “– Você é um desajustado e um covarde que pratica caridade para se esconder nas saias da mamãe e do padre, com o intuito de fugir à responsabilidade das aventuras perigosas. Além do mais foi buscar onde esses olhos azuis e essa pele branca como o medo?”.

“– Pare de ofender injustamente nosso irmão”, disse Afonso, “você está cansado de saber que o Pablo herdou de um antepassado distante o seu aspecto peculiar”.

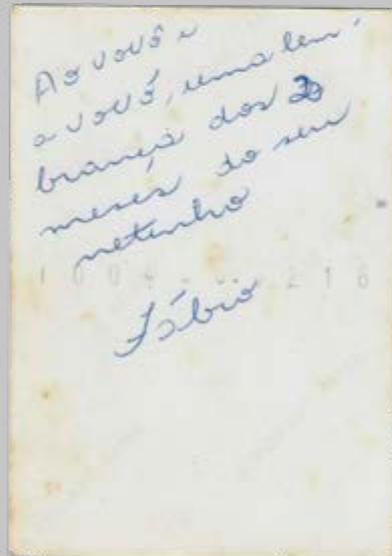
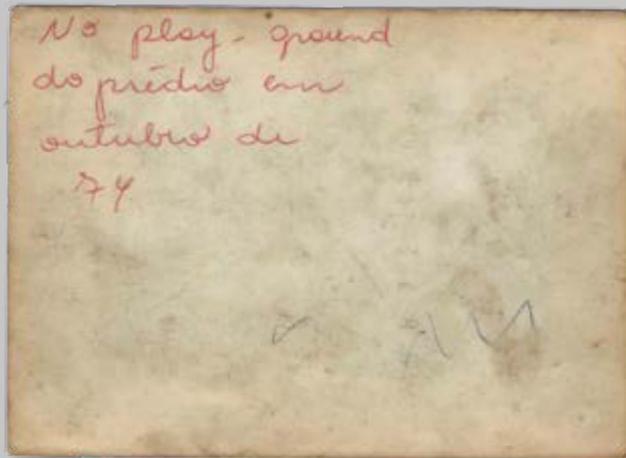
Diego Rodriguez, após um exagerado arroteo perguntou: “– Pablo, você que frequenta constantemente a aldeia, pode me informar se tem fundamento o que andam dizendo por aí, que camponeses estão fugindo em direção às cidades?”

“– É verdade sim, principalmente os aldeões mais pobres. Os grandes centros estão evoluindo em todos os setores, no comércio e na indústria. Há um considerável aumento de artífices, artesões e mercadores. Os novos burgueses estão construindo belos palácios e as ruas estão ficando mais largas e limpas. Uma nova era está surgindo na nossa Espanha medieval, como já aconteceu na Itália, França, Inglaterra...”.

Dom Diego, com um arroteo ainda mais avassalador, respondeu: “– Eu não creio no declínio feudal e toda a sua estrutura, não se pode mudar séculos de história em pouco tempo”. Diego e Ramon, após comerem como autênticos glutões, subiram as escadas para fazer a sesta.

Pablo e Afonso, abraçados com a mãe, aproximaram-se da janela e ficaram por um bom tempo vendo como a chuva torrencial e o vento vergavam as árvores, que mais pareciam vultos humanos pedindo clemência.

Capítulo XXXI



Na manhã seguinte, o som típico do relinchar de cavalos e latidos de cães anunciaram a costumeira caçada. Os nobres fidalgos, subordinados ao Senhor do Castelo, aguardavam suas ordens de partida.

O Barão Diego de Andaluzia Rodriguez ergueu sua reluzente espada e sua comitiva enveredou pela estrada coberta de lama. O movimento do castelo tornou-se intenso, com o trabalho servil de escravos e criados domésticos. Olhando até onde a vista pudesse alcançar, as faixas de terra para o plantio e colheita estavam sendo cultivadas pelos camponeses. Os vassallos não ficavam na ociosidade, cumprindo todas as obrigações com submissão e fidelidade.

Diariamente, Pablo, acompanhado de seu dedicado amigo e escudeiro Paco, dirigia-se com seus cavalos à casa paroquial. Os animais seguiam lentamente, para que a carroça carregada de suprimentos pudesse acompanhá-los.

O sol morno da primavera incentivava os dois rapazinhos para uma conversa animada. Pablo, como de costume, foi o primeiro a falar: “Ontem à noite eu ouvi meu pai aconselhando o Ramon a escolher para esposa a filha de um poderoso fidalgo, o conde Henrique Garcia. Meu pai dizia que a filha era a única herdeira de seu imenso patrimônio. Mesmo na penumbra eu vi os olhos de Ramon brilhando de ambição. Ele é insensível e calculista”.

“- Tem razão Pablo, vocês diferem como a água do vinho. Você tem sensibilidade e muito amor para oferecer a uma dama”.

“- Sabe Paco, quando eu me apaixonar vai ser para valer. Vou contratar trovadores e cobri-la de carinho e galanteios. E você amigo, já sonha com alguém?”, perguntou Pablo, curioso com a resposta do amigo, que costumava ser bem reservado. “- Eu não nego que as mulheres me atraem, mas, no momento, nenhuma em particular”, respondeu, pensativo. “- Bem, Paco... afinal, nós temos apenas dezessete anos. Vamos deixar nossos sonhos idílicos para o futuro”.

Após passar por infundáveis terras aradas e pastagens, a trilha terminava na aldeia. Pablo e Paco apearam dos cavalos no pátio da casa paroquial ao lado da igreja e ajudaram Pedro, o velho cocheiro, a descarregar os mantimentos.

Frei Antônio abriu a porta da casa e, com um sorriso acolhedor, aproximou-se de seus paroquianos. Ele, assim como o fundador da ordem a que pertencia, Francisco de Assis, tinha renunciado aos bens materiais, dedicando-se aos pobres e desprotegidos. Amavam todas as criaturas, incluindo os animais.

Após os convencionais cumprimentos, entraram num cômodo onde várias mulheres mexiam tachos com uma substanciosa sopa. Com a cooperação de todos, os pesados tachos foram levados para a carroça, que seguiu lentamente para o largo da aldeia.

O largo estava apinhado de gente exercendo várias funções. No açude, mulheres apanhavam água, enquanto, no lado oposto, camponeses aguardavam sua vez para usar o moinho. Num outro canto, a atividade era a matança de porcos para alimentação. O número maior de pessoas se aglomerava no lugar reservado para Frei Antônio. O som das vozes se mesclava com o rosnar dos suínos, que infestavam o ar com seu cheiro insuportável.

Enquanto Pablo e Paco distribuía sopa e pão, o frei elevava o ânimo de cada um com palavras de esperança. Dona Carmem, avistando os dois rapazes regressando ao castelo, lembrou-se repentinamente da infância de Pablo e Paco. Ela desconfiava que Paco era filho natural de Dom Diego. Na sua juventude, desavisada e ingênua como todas as damas da sua idade, deixou-se levar pelos galanteios do fidalgo. Com o matrimônio, seus sonhos se desvaneceram com o desprezo do marido e suas andanças noturnas pelas acomodações das criadas.

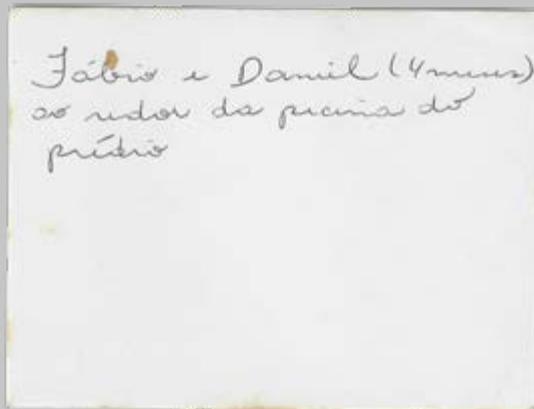
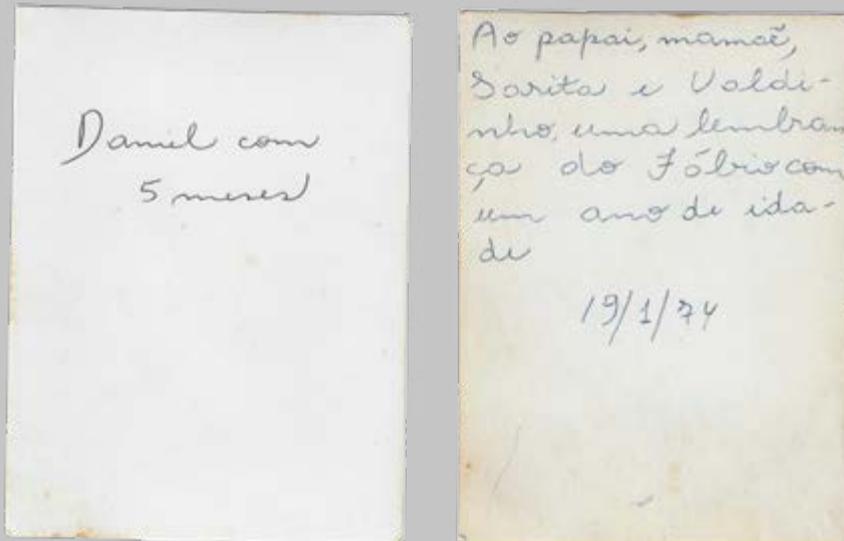
Quando correram rumores que um touro bravo estava fazendo estripulias, os dois garotos, ávidos por novidades, foram precipitadamente para o pasto, interrompendo momentaneamente a conversa, sem que tivessem tempo sequer de se despedir de Dona Carmen.

Pablo começou a provocar o animal, que avançou sobre ele e o teria esmagado se Paco não corresse em seu auxílio. Pablo saiu ileso, mas Paco, muito ferido, teve uma lenta recuperação. O adolescente herói foi assunto de todas as conversas desde a alta linhagem de fidalguia, até os mais humildes servos.

Dona Carmem, com o consentimento de Dom Diego, deu a Paco um aposento ao lado de Pablo e começou a sentir por ele afeição de mãe. Quando o tempo permitia, os dois rapazes, fascinados pela natureza, cavalgavam mata adentro.

Num desses passeios, eles descobriram um homem morando numa tapera. Logo perceberam que se tratava de um fugitivo da Inquisição. Sabiam que muitos judeus, para escapar das crepitantes fogueiras, escondiam-se em lugares ermos, de difícil acesso. Penalizados com essa calamidade que os novos cristãos tinham que enfrentar, trataram de fingir que não perceberam a presença daquele pobre homem. Pablo e Paco não comentaram entre si o que presenciaram, mas tinham consciência que era preciso guardar segredo absoluto. Esses cavalheiros de alma nobre representavam as figuras de dois heróis de uma era falida.

Capítulo XXXII



O relinchar de cavalos naquela fria madrugada primaveril anunciava uma viagem. O número reduzido de cavaleiros, a ausência dos cães e os guardas equipados com armas indicavam que a pequena comitiva não se preparava para caçar.

Ramon, o filho primogênito de Dom Diego fora aceito para fazer a corte à filha do conde Henrique Garcia. Para alcançar a cidade imperial de Toledo, o grupo de cavaleiros teria que percorrer muitos dias de estrada, com pousos à noite.

Após a partida dos fidalgos, o pátio do castelo foi ocupado pela carroça com suprimentos e pelos cavalos de Pablo, do irmão Afonso e de Paco. Dona Carmem sentou-se na boleia, ao lado do cocheiro Pedro. Estava triste porque Frei Antônio ia ser substituído por um jovem frei de nome Juan.

No pátio da paróquia, outro franciscano aguardava Frei Antônio em um coche com seus parcos pertences. O velho religioso despediu-se individualmente de cada paroquiano e se preparava para partir. Sua fisionomia cansada iluminou-se quando viu o grupo formado por Pablo, Paco, Afonso e Dona Carmem. Feliz com a presença inesperada de Afonso e sua mãe, agradeceu a dedicação de todos e seguiu viagem.

Enquanto o cocheiro levava dona Carmem para casa, os três rapazes ajudavam o novo frei a distribuir as refeições. O povo, mais infeliz do que nunca, se ressentia da ausência do velho frei e de suas palavras de amor e esperança.

Após desempenhar a boa ação, os três cavaleiros com tempo disponível galoparam em direção ao rio. Uma mulher de aspecto pouco comum, vestida com roupas demasiadamente coloridas caminhava em direção oposta. Os jovens, levados pela curiosidade, cercaram a estranha mulher.

Pablo perguntou: “- A senhora, que pelas vestes mais parece uma feiticeira, não é dessas bandas, não é mesmo?”. “- Eu estou apenas de passagem, não incomodo ninguém. Tenho poderes acima do normal, adivinhando o futuro”.

Paco respondeu: “- Cuidado. Em Toledo a Inquisição está queimando as bruxas”. “- É de lá que eu venho. Não sou nem bruxa e nem feiticeira,

mas uma vidente. Consegui fugir dos dominicanos que queriam me condenar a morrer queimada como os pobres criptojudeus”.

Afonso, que se mantinha calado, disse: “– Não tenha receio, nós não vamos delatá-la. Entretanto, antes de partir, veja o nosso futuro”. A mulher apanhou então uma caneca de barro, onde cada um deles depositou uma moeda. A seguir, ela sentou-se em sua trouxa de roupa e Paco em uma pedra à sua frente.

Repentinamente, o silêncio foi quebrado por uma voz cavernosa que vinha de um mundo desconhecido. Pediu que Paco lhe estendesse as mãos e, depois de examiná-las, preferiu a esquerda. “– Sua vida vai se desenrolar como a maioria dos jovens sonhadores. Irá se casar, ser feliz, ter muitos filhos e alcançar a longevidade. Vai cair na rotina e nada de extraordinário vai lhe acontecer. Agora o próximo”.

Pablo prontamente ocupou o lugar do amigo. A mulher demorou um longo tempo para falar, observando os olhos de Pablo enquanto examinava minuciosamente as linhas de sua mão esquerda. Ouviu-se finalmente a voz cavernosa: “– O cavaleiro vai sofrer uma reviravolta em sua vida. Uma mudança radical no seu modo de se comportar e pensar. A jovem com quem vai se casar é totalmente diferente daquela que o jovem sonha à noite”.

Pablo levantou-se incrédulo e insatisfeito e Afonso ocupou o seu lugar.

A mulher, sentada em frente ao rapaz, não se decidia a falar. Observava insistentemente os olhos de Afonso e apalpava suas mãos, com receio de pronunciar o que sua mente acusava. Finalmente se decidiu: “– Sinto dizer, mas a linha de sua vida está interrompida por um trágico acontecimento. Nada mais sei a respeito”. Afonso, furioso, agarrou a mulher, que conseguiu se desvencilhar e fugir.

Pablo e Paco abraçaram Afonso e começaram a rir: “– A mulher só quis fazer jus ao dinheiro que recebeu, inventando um destino diferente para cada um de nós. Como Paco foi o primeiro, foi premiado com uma bela espanhola e uma ardente história de amor”.

Afonso sugeriu: “– Que tal repetirmos as palavras costumeiras antes de entrarmos na água?”. Os três, então, concluíram em uníssono: “– Vamos seguir o serpentejar do rio até alcançar as matas mais densas. Onde o rio faz a curva e despencam as cascatas cor de prata. Onde o céu é mais azul e as águas mais profundas!”.

Tonificados pelas águas do rio, voltaram para o castelo, com as reminiscências da infância. Enquanto Paco cuidava dos cavalos, os dois irmãos subiram as longas escadas de pedra. Um vassalo veio avisar que Dona Carmem não estava passando bem. Como já acontecera anteriormente, tinha perdido os sentidos. Deitada em sua cama, a já recuperada dona Carmem aquietou os preocupados filhos, justificando que fora um mal estar passageiro, por causa da tensão pela partida do Frei Antônio.

Pablo e Afonso acharam conveniente ir até Sevilha em busca de Dom Ramirez, o médico da família. “– De maneira nenhuma”, respondeu Dona Carmem, “ele tem seus compromissos e, além do mais, estará aqui me examinando dentro de quinze dias, como faz a cada dois meses. Estou seguindo a dieta e o repouso que me recomendou. Agora meus filhos vocês vão descer e dizer à Maria que já pode trazer a minha refeição”.

Tranquilos com a recuperação da mãe, os dois irmãos também foram se alimentar com redobrado apetite. Paulo contou a Afonso sobre uma conversa informal que tivera com Dom Ramirez: “– Fiquei sabendo que os Centros de Estudos das Ciências Médicas se restringem a três países do Oriente: Pérsia, Egito e Síria. Lá se concentram hospitais exemplares com pacientes cujas doenças são pesquisadas com possibilidade de cura. Os médicos chefes dão aulas para estudantes que são submetidos a exames para que possam clinicar. Entretanto, o que revolta médicos e alunos é a lei islâmica que proíbe análise e dissecação de cadáveres”.

Afonso respondeu: “– Então uma das fortes razões do nosso atraso de conhecimento nesta área é a religião, com todos os seus preconceitos?”.

“– E tem mais”, prosseguiu Pablo, “quem infringir a lei será punido com a pena máxima. A dedicação daqueles seres notáveis que tornariam a vida mais amena é suplantada por barreiras, que impedem o homem de se tornar mais saudável e, conseqüentemente, alcançar a longevidade”.

Capítulo XXXIII

Fábrica pici
na do prédio
outubro
Abril de 750
0 5 0 1 0 0 5 7 1

Uma lembrança
do Marcelo aos
6 meses

Decorrido um mês, a comitiva liderada por Dom Diego regressara de Toledo. Ramon assumira o compromisso de matrimônio com Tereza, a filha única do conde Garcia. O casamento seria realizado dentro de quatro meses, na presença de ambas famílias. Iriam comparecer a Toledo acompanhados dos cavaleiros mais ilustres.

Reunidos para o jantar, pai e filho foram assediados por infindáveis perguntas. Ramon, entusiasmado com suas futuras posses, descrevia as inúmeras propriedades e as terras produtivas. A mãe e os dois irmãos ficaram decepcionados com Ramon, que não negava sua ambição e cobiça.

Dona Carmem, desapontada com a atitude do filho, que não procurava nem disfarçar seus objetivos, começou a subir as escadas que a levariam a seu quarto. Repentinamente, caiu rolando as escadas. Socorrida pelos filhos, eles logo perceberam que estava morta.

Com os gritos e soluços, correram à sala todos habitantes do castelo. Após o impacto da notícia, a tristeza invadiu indiscriminadamente a família, lacaios e vassalos. Pablo, com forte tensão emocional, foi socorrido por Paco. Só o tempo iria amenizar aquela perda, principalmente para Pablo, o filho sempre presente.

A vida voltou à normalidade até que, um mês mais tarde, uma onda de invasões de malfeitores requereu a mobilização de toda a população. Por toda parte se falava sobre arruaceiros e bandidos que vinham infestando aquelas bandas e que agora se aproximavam das terras do barão.

As torres de observação no alto do castelo foram reforçadas e os homens, de prontidão, aguardavam as ordens de Dom Diego caso fosse preciso agir.

O barão era um homem que não se deixava enganar, pois com sua perícia bélica logo percebeu que os estragos na lavoura só aconteciam nas terras de seus amigos. Os vales cultivados de seus inimigos continuavam intactos. Certamente seu inimigo figadal, o Barão Pertejo, com quem mantinha constantes rixas, resolvera contratar malfeitores para destruir as plantações como um engodo para disfarçar o número de guerreiros que viriam a seguir.

Dom Diego, com sua aguçada estratégia militar, determinou que apenas a terça parte de seus homens, liderados por Ramon, iria massacrar os arruaceiros, enquanto ele, com o restante dos homens, não cairia no chamariz de um ataque surpresa.

Ramon aguardava impaciente o momento de atacar. Ele não era uma raposa astuta como seu pai, mas um assassino em potencial, que colecionava um grande número de vítimas.

Quando os vigias no alto das torres anunciaram que homens a galope se aproximavam em grande velocidade, o grupo de guerreiros desencadeou no ar uma nuvem de poeira. Ramon, como um sanguinário insaciável, brandia no ar sua espada de fio duplo, agudo e cortante.

Os invasores, sem a renomada experiência de combatentes, foram dizimados e caíram como insetos, inundando de sangue a terra úmida. Terminada a carnificina, os vencedores aguardavam o ataque do Barão de Pertejo, que se aproximava com grande número de cavaleiros. Ele caiu na própria armadilha, quando foi cercado por Dom Diego e seus guerreiros.

Quando os vassallos de Dom Pertejo perceberam que a luta seria desigual, principiaram a debandar. Dom Diego e Dom Pertejo lutavam bravamente com armas e condições iguais quando Ramon, traiçoeiramente, atacou pelas costas. Mortalmente ferido antes de cair, decepou o dedo anular da mão esquerda do barão.

Os sobreviventes desta batalha insana bateram em retirada, como cúmplices dos despojos que jaziam expostos. No castelo, Pablo, Afonso, Paco e todos que aguardavam notícias, não se rejubilaram com a vitória, como também na aldeia e nos campos, onde durante muito tempo o silêncio reinou absoluto.

Os vassallos feridos, como não apresentavam cortes profundos, foram medicados sem problemas. Entretanto, Dom Diego necessitava de cuidados especiais, porque perdera muito sangue e o toco do dedo decepado inflamava assustadoramente. Os filhos acharam conveniente ir até Sevilha em busca do médico da família, Dom Ramirez.

A exaustiva viagem, entre ir e vir, com pouso noturno e um dia na cidade, somaria cinco dias. Pablo e Paco, acompanhados de dois vassallos, seriam os velozes cavaleiros.

Saíram antes do amanhecer e, não dando trégua aos cavalos, chegaram a Sevilha no tempo combinado. Dom Ramirez residia com esposa

e filhos em um belo palácio de estilo gótico. Amigo de Dom Diego de longa data, ao se inteirar do sucedido, dispôs-se a acompanhá-los no dia seguinte.

Acomodados com a costumeira hospitalidade, após comerem e beberem, os acompanhantes de Pablo e Paco foram repousar e os dois jovens, afoitos, saíram às ruas. Pablo sentia-se atraído pela cidade de Sevilha. A única referência que tinha de seu antepassado Dom Luiz de Andaluzia era que nascera nesta cidade que amara muito.

O calor exaustivo do verão não impedia o entusiasmo dos cavaleiros. Observavam os vestígios dos palácios mouros, as colossais catedrais, contrastando com as casas humildes. As cores fortes das flores despencando dos muros e o aroma acentuado das frutas maduras. “– Ouça Paco”, gritou Pablo, “perceba o som das águas cantantes do rio e sinta este ar de mistério que envolve cada recanto. Sevilha desperta a criatividade que existe em cada um de nós”.

Sem a mesma disposição, Paco respondeu: “– Vamos voltar, Pablo, e descansar, porque amanhã nos espera um dia longo e exaustivo”. Os dois retornaram e, no dia seguinte, seguiram viagem acompanhados pelo médico até o castelo.

Capítulo XXXIV

Dom Ramirez, médico experiente, ao examinar o Barão não se mostrou otimista com o quadro clínico que apresentava. Uma gangrena no dedo decepado evoluía assustadoramente e a febre em breve iria alcançar um grau pouco suportável.

Ainda assim, mesmo sabendo que serviria apenas como um paliativo, Dom Ramirez medicou o fidalgo. Entretanto, não deixou de encorajar o paciente, antes de descer com os filhos para uma conversa esclarecedora.

Pablo, Afonso e Ramon ouviram atentamente as explicações do médico. “– O que eu tenho a lhes dizer, não é nada animador. Entretanto, ao que tudo indica, o pai dos senhores tem chance de sobrevivência se agirmos sem demora. Infelizmente, uma infecção no corte alastrou-se, formando uma gangrena com tecidos já decompostos e putrefatos. Para que ele continue vivendo, é necessário amputar a mão até acima da articulação do pulso. Há muitos anos que eu não faço esta cirurgia, porque não posso controlar os movimentos de meus membros que tremem sem cessar. Felizmente em Sevilha temos um dos melhores cirurgiões do país. Como é meu amigo, eu consigo convencê-lo a socorrer Dom Diego, apesar de que, dentro de um mês ele viaja definitivamente com a família para o Egito”.

Com aprovação dos três filhos, disse: “– Como o tempo urge, vamos nos apressar. Ramon e Afonso me acompanham e Pablo fica com o pai. Só mais um detalhe: o cirurgião é um cripto-judeu que decidiu abandonar o país pelas perseguições que vem sofrendo da Inquisição”.

Ramon ficou lívido antes de responder, sem hesitar: “– Judeu ou marrano não entra aqui no castelo. É como meu futuro sogro, o conde Garcia costuma frisar. Todo judeu tem ‘mala sangre’, sangue mau. Vamos procurar outro cirurgião”.

Afonso e Pablo, envergonhados com o comportamento do irmão, pediram desculpas a Dom Ramirez. Afonso insistiu: “– O que importa é a recuperação da saúde de nosso pai”.

“– É isso mesmo”, respondeu Pablo, “Ramon precisa esquecer os preconceitos e pensar o quanto papai está sofrendo”. Dom Ramirez concluiu: “– Não teremos outras opções. Existe outro cirurgião com-



petente como ele somente em Barcelona. Ele é cristão, mas a distância até lá é longa e o tempo nesse caso significa a salvação de uma vida”.

“– Vocês me convenceram”, disse Ramon, “mas, como tenho um compromisso, eu e Afonso seguiremos com o sol a pino, enquanto Dom Ramirez, acompanhados de dois vassalos, irá partir ao amanhecer”. Com nosso rápido galope, logo o alcançaremos.

Ao raiar de um novo dia, Dom Ramirez, protegido por dois cavaleiros, tomou o rumo que levava a Sevilha. Pablo, Afonso e Paco, acordaram assustados, pois tinham os pés e mãos atados. Um lenço envolvendo a boca preso na nuca impedia qualquer pedido de socorro. Foram levados para o porão por homens fiéis a Dom Ramon. Os três se entreolharam sem compreender a intenção do irmão. Ficaram ali estáticos, por um tempo indefinido até que Ramon entrou acompanhado por dois homens, que desamarraram seus membros e suas mordanças. Ramon adiantou-se procurando explicar: “– Vocês vão ficar enclausurados até que o médico judeu e sua família desapareçam da Espanha. Terão cobertas, roupas e boa alimentação. Não adianta vocês protestarem, porque eu já decidi que um barbeiro cirurgião fará a operação do papai. O meu sogro é um ferrenho perseguidor de criptojudeus. Como nobre da mais alta linhagem, ele é amigo do dominicano Tomás de Torquemada, que dirige os Tribunais do Santo Ofício. O conde Garcia jamais compreenderia se aqui pisasse um marrano e eu, conseqüentemente, perderia minha futura esposa e todo seu imenso legado”.

Pablo, Afonso e Paco, desesperados com a resolução de Ramon, gritaram impropérios. Pablo, procurando engolir sua raiva disse: “– Por favor, compreenda meu irmão. O papai não pode ser submetido a uma amputação feita por um incompetente. Dom Ramirez me alertou sobre estes carneiros. É preciso instrução de médico para ligar com perfeição os vasos sanguíneos”.

“– Pablo tem razão”, respondeu Afonso, “não podemos arriscar a vida do papai, só porque você é um canalha e egoísta”.

Paco arriscou-se a falar: “– Ainda há tempo e, se me soltar, eu irei voando no meu cavalo e trago o médico de Sevilha”. Deixando os jovens sem respostas, Ramon saiu com seus comparsas, trancando hermeticamente a porta.

Esperançosos que o irmão se arrependesse, olhavam fixamente para a porta através da tênue luz de uma vela. Pouco falavam e mal

tocavam nos alimentos. O som irritante do gotejar da água, escorrendo pelas paredes, e o mau cheiro do bolor provocavam nos jovens inércia e desamparo. O tempo passava lentamente e a escuridão sempre presente não esclarecia se era dia ou era noite.

Quando chegou a hora de soltá-los, dois cavaleiros foram incumbidos de comunicar-lhes que Dom Diego havia falecido. O prestígio do barão atravessava fronteiras e sua morte ocasionou a peregrinação de fidalgos e camponeses para o castelo. Comentava-se na conversa que uma hemorragia incontrolável fora a causa fatal de sua morte.

Afonso e Pablo olhavam com desprezo para Ramon e mantinham-se alheios às perguntas e respostas. Ramon como primogênito iria herdar a melhor e maior parte das terras. Mandou um mensageiro para Toledo, avisando da triste ocorrência, em consequência da qual o casamento com a filha do conde Garcia seria adiado.

Quando cessou o burburinho de vozes, o castelo voltou a seu aspecto pardacento e sinistro.

Daniel com
6
meses

A todos, a todos, a sou-
to e os Valdinho,
uma lembrança
do João aos 3
meses e meio.

1 0 0 3 0 0 2 1 6

Capítulo XXXV

O outono estava prometendo uma colheita farta nos solos produtivos do castelo. Os camponeses se regozijavam com a boa safra. Dom Ramon, o primogênito e senhor do castelo, era agora o principal herdeiro. Assim como seu pai, era um conservador das tradições e costumes obsoletos da complexa estrutura feudal em declínio.

Para não cair em desagrado com os aldeões, permitiu aos seus irmãos, em parceria com Frei Juan, continuar com as ações benéficas aos mais necessitados.

No último mês de outono, Dom Ramon preparava-se para uma viagem de muitas léguas para a realização de seu casamento com Teresa Garcia. Só voltaria à sua propriedade com a esposa no princípio da primavera.

Afonso e Pablo, ainda muito ressentidos com o irmão, não aceitaram o convite para participar da festa e decidiram ficar.

Numa madrugada de céu cor de chumbo, nobres cavaleiros montados em animais de estirpe aguardavam as ordens de Dom Ramon. As esporas e estribos brilhavam acompanhando as botas bem cuidadas. As adagas e espadas de melhor feitio e qualidade completavam o altivo visual dos fidalgos.

Pablo, Afonso e Paco observavam os últimos detalhes da partida. Comentavam entre si a triste sina da filha do conde. Certamente diziam: “- Uma donzela cheia de sonhos iria em breve desfazer-se da bela imagem romântica de Ramon. As palavras de cortesia e galanteios seriam desvanecidas, assim que pisar o solo das terras do barão”.

Com o tropel dos cavalos se distanciando, os três rapazes se desligaram dos comentários, voltando aos seus afazeres cotidianos. Um inverno rigoroso desenrolou-se com lentidão, provocando tédio e letargia. Finalmente, quando a primavera chegou deu um novo impulso ao camponês na sua atividade braçal.

Olhando fixamente para a estrada, Pablo avistou a comitiva de cavaleiros que chegava acompanhando a carruagem com a nova dona do castelo. Os fidalgos apearam dos cavalos enquanto Dom Ramon ajudava a sua esposa a descer do coche.

Pablo, Afonso, Paco e todos que se encontravam nas redondezas

se postaram no pátio para recebê-los. Quando Dona Teresa tirou o lenço que a protegia da poeira, todos os rostos se voltaram para vê-la. A inesperada visão paralisou de espanto os habitantes do castelo. Jamais alguém em toda a sua vida tinha visto uma dama tão formosa.

Após os cumprimentos de apresentação, ela entrou em seu novo lar com um séquito de criados e um número considerável de baús. Na hora da refeição, a bela dama com seu toque de elegância transformou aquele ambiente austero num lugar aprazível.

Dona Teresa falava com desenvoltura, deixando Pablo e Afonso à vontade para responder as perguntas referentes a tudo e a todos, que compunham aquele mundo. Dom Ramon, carrancudo e mal humorado, conservava-se em silêncio, comendo ruidosamente nacos de carne e arrotando desagradavelmente.

Em dado momento, a jovem senhora olhou atônita para o marido, como se pedisse uma explicação. Ramon, percebendo a insinuação da esposa, disse grosseiramente: “– Eu não tolero uma mulher que não saiba o seu lugar. Aqui o homem fala e a mulher abaixa a cabeça e obedece. Eu cansei de bancar o cavalheiro galanteador e educado na casa do senhor seu pai. Sou o dono absoluto do castelo e se não estiver satisfeita com minhas ordens, faça suas refeições no quarto”.

As lágrimas de uma mulher espezinhada começaram a rolar pelo seu belo rosto. Os irmãos, para não aumentar aquela tensão, abaixaram a cabeça, envergonhados. Como ambos previram, a infelicidade estava começando muito cedo para a jovem senhora.

Nos dias subsequentes, não houve nenhuma alteração no comportamento de Ramon. Dona Teresa raramente sentava-se à mesa. Enquanto o fidalgo caçava sem trégua, a bela dama tinha seus momentos de tranquilidade passeando pelos jardins do castelo.

Pablo e Paco estavam preocupados com Afonso. Era visível uma mudança radical no rapaz, que vivia com a fisionomia melancólica e contemplativa. Após muita insistência do irmão, Afonso resolveu confessar sua paixão pela esposa de Ramon. “– Eu tentei lutar contra esse amor proibido, mas está acima de minhas forças”.

“– Afonso, você não pode desonrar nosso irmão, mesmo ele sendo um canalha. Ramon é um homem violento e, se desconfiar de seu interesse por Dona Teresa, põe fim à sua vida. Eu lhe peço encarecidamente que reflita sobre essa loucura”. Afonso saiu da sala sem responder, mas

seus olhos acusavam uma determinação inabalável.

No dia seguinte, não acompanhou Pablo e Paco à aldeia. Ficou andando a esmo até que avistou Dona Teresa. Afonso ficou parado diante dela. A sua desdita era visível no seu corpo magro e no seu olhar tristonho. Teresa, então, compreendeu que não estava tão só. Um sentimento muito forte, que não necessitava de palavras, os unia para sempre. Seu príncipe chegara um pouco tarde demais, mas a esperança de vencer o impossível bastava. Começaram a conversar, com a intimidade de velhos amigos.

Diariamente Afonso e Teresa se encontravam, trocando juras de amor. Como cristãos, sabiam que a separação de um casal unido pela Santa Fé da Igreja significava uma heresia. Entretanto, a vida para os dois não teria mais sentido afastados um do outro. Fugir seria a única solução.

Afonso, para aliviar a tensão daquela situação desesperadora, levou-a para conhecer o rio. “– Aqui é o lugar onde Pablo, Paco e eu fomos sempre muito felizes. Ouça, Teresa as palavras que nós três pronunciamos antes de cair nas águas: Vamos seguir o serpentear das águas até alcançar as matas mais densas. Onde o rio faz a curva e despencam as cascatas cor de prata. E onde o céu é mais azul e as águas mais profundas!”. Teresa olhou ternamente para aquele homem que, pronunciando palavras tão singelas, aquietou seu coração.

Capítulo XXXVI

Quando chegou a notícia de que o conde Henrique Garcia estava enfermo, sua filha resolveu ir até Toledo. Dom Ramon não acompanhou a esposa, com a desculpa de compromissos inadiáveis. Afonso e Teresa, distantes um do outro, teriam tempo para refletir e quiçá encontrar uma solução.

Pablo, preocupado com o irmão, tentou convencê-lo a desistir deste amor proibido. “– Você não está sendo sensato e muito menos justo, Afonso. De acordo com a nossa moral, devemos honrar e respeitar a mulher do próximo”. Afonso, então, prontamente respondeu aos questionamentos do irmão: “– Pablo, eu jamais me aproximaria da Teresa se ela fosse feliz. Sua vida com Ramon é um verdadeiro suplício. Ele a despreza e a considera um ser inferior”.

“– Ramon é um homem violento e se tiver a menor suspeita de uma possível traição, acaba com você. Eu e Paco estivemos pensando em deixar nossos afazeres por um tempo e empreendermos uma viagem por este nosso país encantador. Há dez anos atrás, eu tive o privilégio de ir com papai a Granada. Você e Paco vão ficar maravilhados com esta cidade, o último reduto do islamismo no país. No alto de uma colina na margem do rio Darro está o monumental palácio de Alhambra, com seus azulejos coloridos nos pilares e arcos e seus arabescos em portas, balcões e cúpulas. O palácio, que também pode ser considerado uma fortaleza, dá uma clara visão do talento das construções mouriscas. Depois...”. Afonso tenta interrompê-lo, mas este o ignora e prossegue “– Passeando pelos jardins, cercados de lagos e flores, contempla-se ao longe os cumes brancos da Serra Nevada. Iremos também a Barcelona, onde o mar se encarrega de mostrar sua imensidão. O cais está sempre agitado com o movimento de galés e batéis. Se a sorte nos favorecer, veremos uma frota de caravelas com alvas velas e altos mastros tremular no Mediterrâneo, cujos navegadores e marinheiros trazem na pele curtida pelo sol e pelos ventos um misto de aventuras e conquistas.”

Sem qualquer interesse pela proposta de Pablo, Afonso o interrompe de maneira brusca para garantir que ganharia a palavra. “– Chega de conversa fiada, Pablo. Nada neste mundo me fará desistir de Teresa.



Nosso amor não se restringe à estreiteza desta vida e nem da fatalidade da morte, porque ela faz parte de toda a eternidade”. Assim que conclui, deixa a sala, deixando o irmão boquiaberto.

Dias mais tarde, Afonso não acompanha Pablo e Paco até a aldeia, porque sabia que o mensageiro traria notícias de Teresa. Esperou pacientemente a saída para a caça de Ramon. Andando de um lado para o outro no pátio, olhava ansiosamente para a estrada.

Entretanto, muitas vezes parece que o destino confabula com a desdita. Galopando em sentido contrário de Dom Ramon e comitiva vinha o mensageiro. Entregou uma carta ao fidalgo, propondo-se a seguir para o castelo para seguir as ordens expressas de Dona Tereza.

Dom Ramon, desconfiado, exigiu a entrega da outra carta. Com a recusa do mensageiro de entregá-la, Afonso ergueu a espada para feri-lo. Sem alternativas, o assustado rapaz entregou a carta, deu meia volta e desapareceu. Em seguida, Dom Ramon deu ordens para que os cavaleiros seguissem em frente enquanto ele, sentado numa pedra, lia avidamente as cartas.

A raiva do fidalgo foi crescendo à medida que ia se inteirando das pretensões da esposa e do irmão. A carta informava que o conde Garcia falecera e que todo patrimônio que ele deixara para a filha, ela o cederia de bom grado ao marido em troca de sua liberdade.

O ódio de Dom Ramon tomou a forma cruel, de uma figura sanguinária quando tomou conhecimento do dia designado para a fuga e o endereço de uma hospedaria para o encontro de Teresa e Afonso.

Ramon julgava-se um ser superior, agindo de acordo com suas próprias leis. Para ele, a desonra só se resolveria com um duelo mortal. Galopando até o castelo, viu Afonso à espera do mensageiro e vociferou “– A carta que você esperava está no meu poder. Vá apanhar sua espada que eu lhe dou uma chance de se defender”.

“– Por favor, meu irmão, você precisa se acalmar para juntos, resolvermos sem derramamento de sangue”.

“– Um traidor de seu próprio irmão não merece misericórdia”.

“– Pelo menos aguarde a chegada de Pablo e Paco e vamos agir de acordo com as formalidades vigentes”. Impaciente, Ramon respondeu:

“– Apanhe sua espada, antes que eu resolva puni-lo sem a defesa de uma arma”.

As duas espadas rangiam no ar, uma com o intuito de ferir mortal-

mente e a outra apenas para se defender. Naturalmente, o assassino acabou cravando a espada no coração de seu adversário.

Uns poucos vassallos que assistiram à luta, contudo, correram para avisar Pablo e Paco. Seus gritos desesperados soaram impotentes naquele mundo selvagem.

A tragédia mobilizou toda a aldeia. Criticavam Afonso, que fora desleal, mas não merecia a crueldade de seu próprio irmão. Entre os fidalgos, ouviam-se comentários sobre a morte prematura de um nobre cavaleiro.

A dor de Pablo alcançou um nível tão insuportável que o levou a um estado de torpor. Imóvel e alheio ao presente, perdera momentaneamente a voz e permanecia em total silêncio.

Paco só abandonou o amigo quando lhe ocorreu mandar um mensageiro avisando Teresa do ocorrido para que tomasse providências antes que Ramon fosse buscá-la à força. Sabia que a intenção dele era trancafiá-la em uma das torres do castelo a pão e água.

Passado o impacto da notícia, a rotina do trabalho voltou a ocupar o tempo dos camponeses.

Paco não conseguia convencer Pablo a sair de casa e voltar às suas atividades. Andava desorientado pelos corredores do castelo. Seus sonhos se desvaneceram e sua vida não tinha mais sentido. Tomou a decisão de nunca se dirigir a Ramon nem lhe olharia nos olhos, porque não era capaz de perdoá-lo. Ele destruíra sua família e era um fratricida, sem arrependimento.

Quando Ramon foi atrás de sua mulher e de seu patrimônio, Pablo e Paco já sabiam pelo mensageiro que Dona Teresa, protegida pelos seus cavaleiros, fugira levando com ela sua fortuna, calculada em infindáveis escudos de ouro.

Capítulo XXXVII

Pablo Rodriguez, magoado com a vida, deixava o tempo passar sem tomar nenhuma iniciativa. As palavras de incentivo de Paco não alteravam seu pessimismo.

Andando a esmo pelos estreitos corredores do castelo, só tinha ao seu lado duas fileiras de portas, que ligeiramente abertas, deixavam penetrar a luz do sol. Entretanto, certo dia, mais atento, percebeu que uma das portas nunca era aberta pelos criados e mantinha-se hermeticamente fechada. Estranhando a situação, Pablo foi, então, até a despensa e apanhou de uma caixa um numeroso molho de chaves.

Ao adentrar no cômodo, bateu no escuro até alcançar a janela. Quando a luz do sol penetrou naquele pequeno recinto, ele pôde ver a umidade escorrendo pelas paredes e as teias de aranha despencando do teto. O cheiro de mofo era muito acentuado e a poeira cobria os inúmeros baús encostados na parede. Pablo, então, pediu ajuda a um criado para que limpasse e pusesse tudo em ordem.

No dia seguinte, com a janela aberta purificando o ar, já era possível permanecer naquele quarto. Os velhos baús apinhados despertaram sua curiosidade. No início, ficou decepcionado com o conteúdo de alguns baús, que só tinham roupas velhas e objetos em desuso que cheiravam a mofo. Como não havia nada de interessante, tinha resolvido abandoná-los e sair, quando um baú em especial lhe chamou a atenção.

Ele se destacava dos outros por ser maior e mais bem conservado. Arrastou-o para o centro do quarto e abriu a tampa. Uma suave fragrância de flor perfumou o ambiente. Manuscritos e livros enchiam o baú até a borda.

Atordoado com a descoberta, abriu o primeiro manuscrito, sendo surpreendido por revelações inesperadas. Eram palavras escritas pelo fidalgo Dom Luiz de Andaluzia, que se revelava com o nome de Efraim, filho de David Ibn Abraão.

O segredo do seu antepassado abriu um mundo desconhecido para Pablo. Ele foi absorvendo com carinho a vida de seu tataravô e sua família, como também foi despertado para um aguçado interesse pelas histórias da comunidade judaica de Sevilha e suas tradições.

Após a leitura do primeiro manuscrito, Pablo começou a refletir



sobre a influência que a descoberta iria lhe proporcionar. Percebeu que de seu tataravô Efraim havia herdado o amor pela natureza e, de sua esposa Charne, os incompreendidos olhos azuis.

Ainda estava muito emocionado para tomar qualquer decisão, mas jamais revelaria ao irmão fratricida que na família corria sangue judeu. Se Ramon tivesse conhecimento do conteúdo dos livros, os destruiria para não deixar nenhum vestígio e, com receio que a notícia transpirasse, mandaria trancafiar Pablo e Paco.

A voz preocupada do amigo, chamando-o para comer, interrompeu seus pensamentos.

Nos dias subsequentes, Pablo releu os manuscritos se inteirando da força espiritual dos hebreus e de sua continuidade através dos tempos, graças à união e à coragem de seu povo.

Ficou decepcionado quando abriu o primeiro livro de Pentateuco porque não tinha condições de decifrá-lo e notou que todos os outros também eram cópias em hebraico.

Só lhe restava desistir e abandonar o conhecimento do precioso passado. Entretanto, uma sensação maravilhosa de paz apossou-se de seu corpo. A força de seus ancestrais começou a se infiltrar na sua mente. Pablo sentiu no âmago de seu coração que pertencia de corpo e alma à sua origem judaica. Tinha que tentar suplantar as dificuldades. Não poderia redimir seu antepassado Efraim, contudo, iria tentar cumprir seus desígnios.

Pablo deu um pulo de satisfação quando lhe ocorreu a ideia de procurar o criptojudeu escondido na mata. Ele poderia orientá-lo e quem sabe até ensiná-lo a ler e a rezar em hebraico.

Paco ficou pasmo quando Pablo lhe contou sobre a descoberta e o conforto que estava sentindo ao ler as palavras contidas no manuscrito. No dia seguinte pediu ao amigo para preparar seu cavalo e colocar uma cesta de frutas. Quando chegou próximo ao casebre, avistou o velho homem que, percebendo a presença de um estranho, começou a tremer, temeroso.

Pablo, para tranquilizá-lo disse “– Não se preocupe. Descendo de judeus e preciso de uma orientação. Fique tranquilo, ninguém me seguiu”.

Já feito do choque, o velho respondeu “– Eu sou José, um criptojudeu fugido da Inquisição”. “– Meu nome é Pablo, fidalgo cristão,

acabei de saber, através de um manuscrito, que sou de origem judaica e que meus antecedentes vieram pelos idos de 1391”.

“– Faça o favor de entrar na minha humilde moradia, Dom Pablo”. Após aceitar o convite, notou que no último cômodo havia uma mesa de madeira, dois banquinhos, tripés e um catre. Naturalmente, a chuva e o vento penetravam pelas frestas de bambu e pelo teto de sapé.

Pablo mostrou ao velho José os livros religiosos, perguntando: “– Será que o senhor poderia me ensinar o difícil idioma judaico? Em troca, eu lhe pagaria como quisesse”.

José, surpreso, respondeu: “– Sou uma pessoa pouco letrada, mas como todo judeu, sei ler, escrever e orar. Para mim, será uma honra ajudá-lo. Aceito também um auxílio, para que eu possa fugir deste inferno. Começaremos amanhã mesmo se quiser”.

Pablo respondeu afirmativamente e, após colocar as frutas que tinha trazido para José sobre a mesa, despediu-se e saiu.

Capítulo XXXVIII

Ao amanhecer do dia seguinte, Paco, a pedido de Pablo, preparou seu cavalo abastecendo-o com frutas, legumes e roupas. Radiante com a perspectiva de aprender o idioma de seus ancestrais, cavalgou com velocidade redobrada.

Como no dia anterior, avistou o velho José curvado diante de um livro de oração. Compartilhando com a alegria de um novo amigo, seu casebre parecia confortável. O sol, penetrando pelas frestas do bambu, iluminava com um toque de magia a pobreza do lugar. Sentado em frente de seu improvisado professor, Pablo ouvia com atenção. Copiou o alef-bet, que precisava decorar para formar a palavra escrita.

José disse: “– Eu vou lhe ensinar a ler e a escrever de uma maneira rudimentar, como eu mesmo aprendi. Entretanto será suficiente para que você possa orar e estudar a Torá. Nela irá encontrar o nosso maior tesouro espiritual, que são as leis outorgadas por D’us, através do nosso maior profeta, Moisés. Todos os dias vou reservar umas horas para que você conheça nossa história e nossa ética social e religiosa. Quanto ao Talmud, esta coleção à sua frente, são livros muitos complexos para o entendimento de um homem pouco letrado como eu. Só pessoas eruditas como os sábios e os rabinos, que frequentam a Yeshivah, uma escola de grande alcance intelectual, conseguem apreender e analisar o Talmud”.

Pablo respondeu: “– Eu não sei como agradecer sua dedicação, mas acredite, sinto-me feliz por poder me inteirar do ensino elementar de uma maneira global. Além do mais, não pretendo me tornar um erudito, mas compartilhar com o povo judeu da intensidade da palavra de D’us e de toda a sua sabedoria e justiça”.

José ficou encantado com o jovem Pablo. Não conseguia compreender como ele se familiarizara com o judaísmo depois de sofrer tamanha influência cristã. Certamente o manuscrito de Efraim representara para seu descendente um vínculo indissolúvel. Naquele mundo em que a balança sempre pendia para o lado cristão, era inacreditável que um homem deixasse a segurança de sua vida para enfrentar a incerteza do amanhã.

Deixando de lado as suas divagações, José voltou à realidade e



passou a se dedicar a refletir como extrair do fundo de sua mente tudo que ouvira e aprendera desde sua infância para transmitir ao dedicado aluno.

Quando a fome começou a perturbar os dois homens, o mais velho apanhou os legumes oferecidos pelo jovem e preparou uma substancial sopa, que degustaram com grossas fatias de pão. Após a refeição, resolveram andar pelos arredores para desferrujar as pernas.

Andando e falando, José contou ao curioso jovem sua desdita. “– Minha família e eu vivíamos numa pequena juderia, como uma alegre comunidade judaica. A tranquilidade da nossa cidade dependia do vigário que assumia o poder. Quando o frade era complacente com os judeus, levávamos uma vida sem humilhantes repreensões. Quando, porém, um fanático assumia o poder, o medo corroía cada um de nós, porque sabíamos que as perseguições iriam recomeçar. Foi numa dessas ocasiões em que os massacres se tornaram insuportáveis que eu, como chefe da família, optei pela conversão. Éramos uma família reduzida a três pessoas: minha esposa Sara, meu jovem irmão Benjamim e eu. Fomos morar ao lado de cristãos e nos portávamos como eles. Nós, os conversos, vivíamos relativamente tranquilos, com os direitos e regalias dos cidadãos espanhóis e os mais aptos até ocupavam lugares de destaque na sociedade. Com muito trabalho e ajuda de Benjamim, consegui montar uma cocheira, da qual tirávamos nosso sustento”.

O relato era interrompido por pausas cada vez mais longas, que antecipavam desdobramentos cada vez mais espinhosos. Diante do olhar atento do jovem, José prosseguiu. “– Após alguns anos em que a Inquisição começou a perseguir sem tréguas os hereges e todas as seitas, os dominicanos chegaram à absurda conclusão que só exterminando os criptojudeus o cristianismo teria êxito. Um número crescente de delatores continua a levar a julgamento injusto centenas de pessoas cujo desfecho eram as crepitantes fogueiras. As traições começaram a fazer parte da vida cotidiana do cidadão. Uma tarde, dois cavaleiros de aspecto rude entraram na cocheira, destrutando meu irmão Benjamim com palavras ásperas. Inexperiente, ele respondeu ao desaforo. Os fidalgos chamaram os guardas que levaram Benjamim. Em vão, supliquei misericórdia. Todos os dias, enquanto minha esposa chorava, eu corria aos Tribunais do Santo Ofício. Fixava meu olhar em cada condenado à procura do rosto de Benjamim. Os acusados vestiam

o hábito de sambenito, símbolo de escárnio, enquanto os inquisidores ostentavam sua glória, poder e pompa. Os heróis anônimos, na sua intensa agonia, pronunciavam o Shemah, enquanto me quedava envergonhado na condição insignificante de apóstata. Um amigo influente de nome Pereira, que se prontificou a ajudar, descobriu que Benjamim encontrava-se num calabouço. Antes que conseguíssemos arrancá-lo de lá, soubemos que ele não resistira aos maus tratos. Não queríamos mais permanecer naquela terra selvagem, onde inocentes ardiem numa fornalha. Vendemos a cocheira e resolvemos caminhar sem rumo. Quando minha esposa morreu vítima de uma doença desconhecida, continuei perambulando sozinho pelas estradas até que cheguei a este lugar. Parece até uma trama do destino. Saiba, meu jovem Pablo, que você veio me trazer um pouco de alegria”.

O relato foi seguido por um longo silêncio, interrompido por Pablo que, comovido com a história de José, respondeu: “– Fico feliz que pense assim, porque já o considero um amigo”. Em seguida, voltaram à humilde choupana para dar sequência aos estudos interrompidos.

O tempo foi passando e, conforme o aluno foi se integrando, na vida espiritual do povo judeu, foi também sentindo a intensidade do vínculo que o unia aos seus ancestrais.

Capítulo XXXIX

Todos os dias ao entardecer, Pablo sem aparentar cansaço, voltava ao castelo. Paco, apesar de sentir falta das longas ausências do amigo, aprovava sua decisão desde que percebera sua recuperação.

A alegria, a vontade redobrada de viver fizeram Paco logo compreender que Pablo encontrara em seu novo estilo de vida, o objetivo primordial de sua existência.

Nas conversas que varavam a noite, Paco contava o seu desempenho com os camponeses e a contínua ajuda que Pablo recomendara a frei Juan para socorrer os necessitados.

Foi numa das conversas que eles ouviram o trote da cavalaria anunciando a chegada de Dom Ramon e sua tropa. Ele berrava furioso que fora enganado pela esposa, que desapareceu com os infundáveis escudos de ouro.

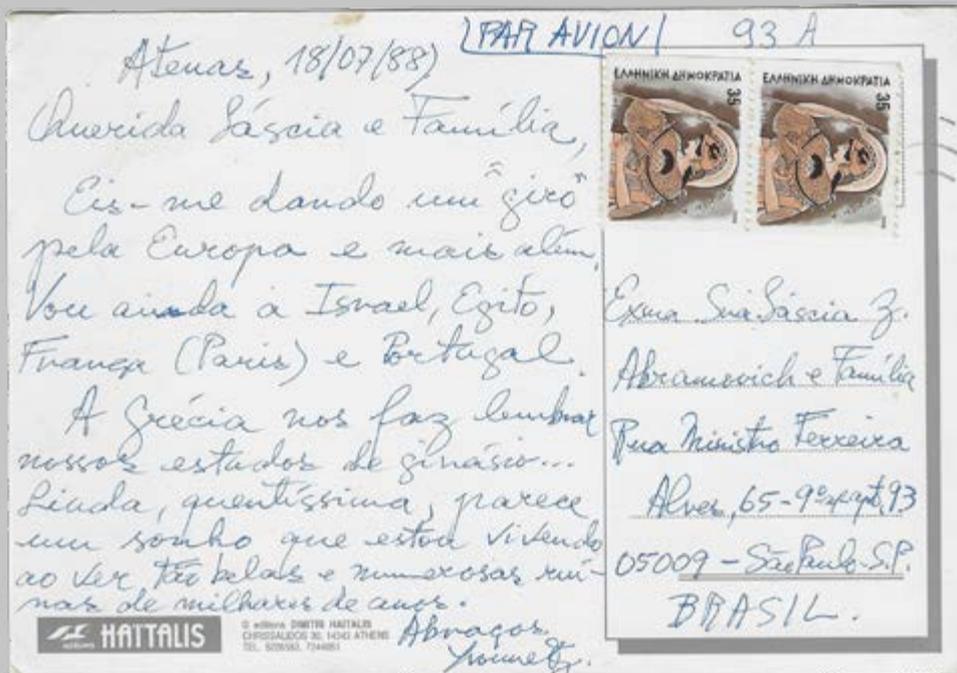
Dom Ramon e seus cavaleiros procuraram, em vão, por Dona Teresa, que já devia estar em uma bela cidade, a muitas léguas de distância. Desconfiado de Pablo e Paco, o perverso cavaleiro andou à procura do mensageiro, que a estas alturas já estava desfrutando em algum longínquo lugarejo a recompensa que recebera.

Após quase dois anos de estudos ininterruptos, Pablo Rodriguez superava em conhecimento o improvisado professor. A convivência com o jovem remoçou o velho José. A sadia alimentação, as roupas confortáveis e os estudos intercalados com os passeios, trouxeram ao fugitivo a vontade renovada de viver.

Pablo se comportava como um autêntico judeu, orando, respeitando o Shabat e se alimentando de frutas e legumes como José, devido à impossibilidade de se proverem de carne casher. Ele presenteara ao seu aluno com um talit que pertencera a um membro de sua família.

Pablo começou a considerá-lo o seu segundo pai, e José o filho que nunca pudera ter. Mais do que nunca, fortalecera-lhe a ideia de procurar uma comunidade judaica, levando com ele seu filho de afeição.

Quando José comunicou a Pablo sua decisão, ele concordou plenamente. Pablo viveria na companhia da coletividade, usufruindo na prática de tudo que aprendera. O lado negativo seria suportar as perseguições em número crescente devido à Inquisição. Pablo sabia



que, para ser a um judeu quase autêntico, precisava se sujeitar a cerimônia da circuncisão.

José, que já lhe havia contado a história de Abraão, repetiu sucintamente que ele fora o primeiro patriarca e pai de toda a descendência dos hebreus. Fora D'us que se dignara a aliar-se a Abrão, estabelecendo a cerimônia da circuncisão.

Pablo prometeu a José que partiriam dentro de dois meses, tempo suficiente para tomar certas decisões.

Nas conversas noturnas, Pablo evitara anunciar sua decisão a Paco. Tentava encontrar o melhor momento para não magoar o amigo. Sabia quanto as conversas que tinham eram importantes para os dois. Uma noite Paco contou a Pablo que estava apaixonado por uma camponesa de nome Dolores. Era neta do cocheiro Pedro e viera de Granada morar com o avô, devido ao falecimento da mãe.

“– Fico feliz por você, meu bom amigo, e agora já não me sinto tão culpado com a notícia que vou lhe dar. Dentro de dois meses vou partir definitivamente com o intuito de participar da vida de uma comunidade judaica. Como prova de sua dedicação, deixo para você e sua futura família todas as minhas terras. Sei que cumprirá o dever de zelar pelos camponeses”.

Os dois amigos se abraçaram comovidos. A noite sem luar impediu que Pablo notasse a fisionomia triste de Paco. Numa breve pausa do diálogo, Pablo lembrou de certa vidente e suas premonições. Na sua imaginação não distinguia se a feiticeira estava realmente na encruzilhada da estrada ou se fora uma ilusão de ótica. Só Paco poderia lhe dar a resposta, mas, receoso que os trágicos acontecimentos viessem à tona, manteve-se em silêncio.

No dia seguinte, participou a Ramon sua breve partida, comunicando-lhe que tinha o objetivo de aventurar-se como cavaleiro andante. Ramon, impassível com a notícia, não movendo sequer um músculo da face, facilitou ao irmão uma desculpa qualquer pela partida.

Pablo e José, como de hábito, sentados nos banquinhos incômodos, apoiados na tosca mesa de madeira, resolviam os últimos detalhes antes de seguirem em busca de uma comunidade judaica. Levariam parques pertencentes, entre eles os manuscritos encontrados no baú deixado por Efraim, que seriam presenteados para a comunidade.

Após muito pensarem, optaram por uma juderia de Córdoba, onde

obviamente seriam acolhidos com hospitalidade. Eles sabiam de antemão que não podiam se iludir, devido a desesperadora situação dos judeus e criptojudeus.

Mesmo temerosos, estavam decididos a tentar.

Entretanto, quis o destino que os planos de ambos tomassem um rumo diferente. Corria o ano de 1492, e no dia 31 de março, o inquisidor Torquemada conseguiu de suas majestades a assinatura da expulsão dos judeus da Espanha e seus territórios. Os israelitas teriam quatro meses para deixar o reino.

A notícia provocou desespero entre as famílias das juderias. Os rabinos aconselhavam a manter a tranquilidade, para que as decisões fossem resolvidas sem precipitações. O prazo para abandonar o país era curto e as condições econômicas precárias. Para os idosos seria penoso enfrentar longas viagens e certamente a maioria não alcançaria seu destino. Depois de mais de um milênio no país, os magoados judeus consideravam-se cidadãos espanhóis, apesar das severas restrições. Famílias com muitos filhos temiam o pesadelo do desconhecido.

Após a primeira semana de tensão, resolveram ouvir os conselhos dos rabinos se organizando com coragem e determinação, para que o caos não os levasse ao desespero. Em cada uma das juderias, as resoluções eram semelhantes. Caminhariam em grupos porque assim dificultariam a abordagem dos assaltantes de estrada, que se mantinham de prontidão para despojá-los dos parques pertencentes.

Entretanto, o problema mais grave que teriam que enfrentar era a rejeição e o desprezo pelo grupo étnico que representavam. Ser judeu, geração após geração, era uma constante luta de sobrevivência.

Escorraçados do país, para que lado deveriam se voltar? Para que lugar distante poderiam depositar suas esperanças? Portugal, fronteiro com a Espanha, era o país mais próximo para ser alcançado. Mas, numa terra cujas decisões do reino viviam contaminadas pelo clero, que garantias eles teriam que a Inquisição não chegaria até lá?

Ao norte da península, a França e seus vizinhos, como a Alemanha e a Inglaterra, eram países intolerantes com os judeus. Ouvia-se dizer através de um orador de estrada que na longínqua Rússia a política era favorável aos cidadãos hebreus. Mas num país de tamanho descomunal e gelado, valeria a pena tentar? Como conseguiriam cruzar as fronteiras para chegar até lá?

Haveria ainda a rota marítima pelo estreito de Gibraltar rumo à África. Teriam que enfrentar o mar, como numa nau de condenados, para encontrarem talvez em algum lugar um asilo hospitaleiro.

Com o receio de sofrer mais adversidades, a dúvida tolhia todas as iniciativas. O tempo urgia e, com a sorte lançada, as levas de errantes seguiam em várias direções.

Quando a notícia chegou aos ouvidos de Pablo e José, estes tiveram que mudar os planos. Após muito pensar, optaram pelo Egito, que acolhia cordialmente os judeus.

Juntaram-se a um grupo de pessoas que caminhava para o sul. A meta era atravessar o mar e alcançar a África.

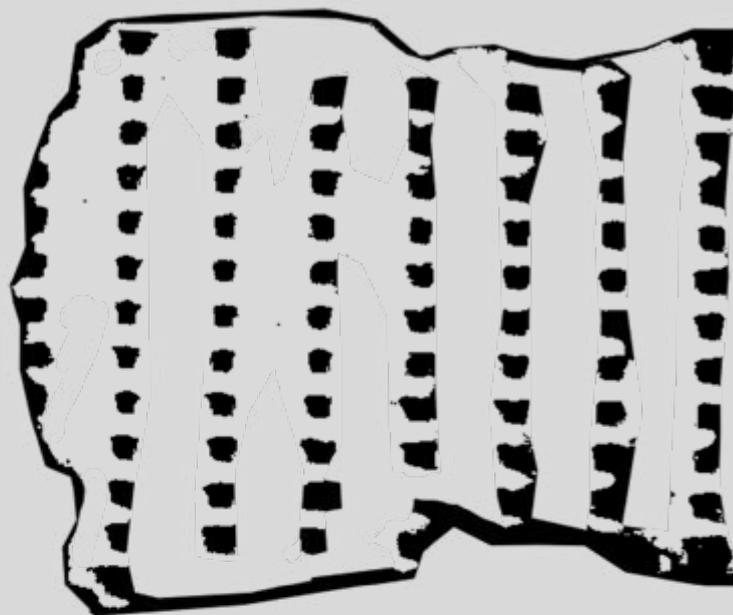
Um orador improvisado incutia palavras de incentivo naquela gente sem esperança e lembrava que se estabelecer próximo à Terra Prometida era a maneira mais encorajadora de aguardar a liberdade.

Apesar dos pesares, o orador sabia que todos como ele amavam o reino de Castela, onde viviam há mais de um milênio. Mas sabia também como era penoso para qualquer um deles se lembrar da agonia dos que pereceram na fogueira.

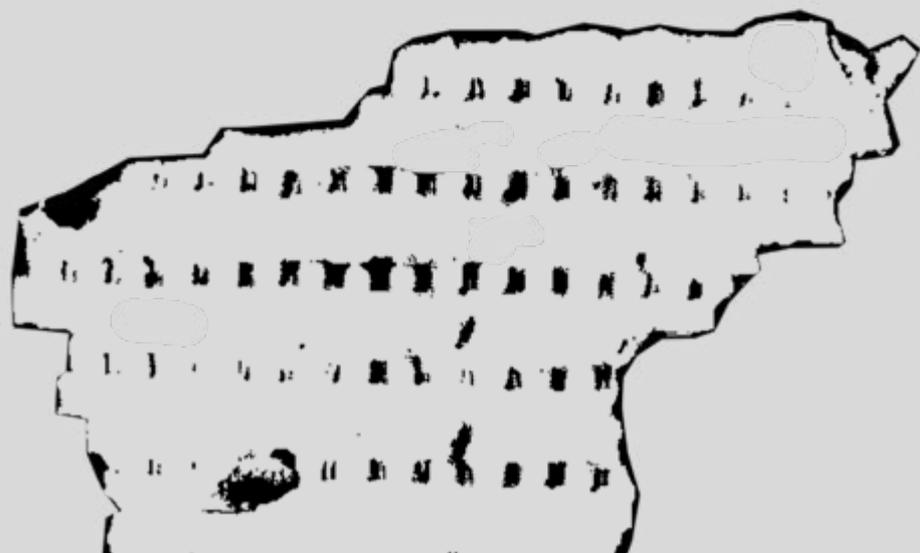
“– Com o passar do tempo, a corte de Castela vai se sentir lesada com a falta dos competentes mercadores e o povo vai sentir a ausência de nossos talentosos médicos”. Esperançoso, o orador prosseguiu sua fala: “– Quando a angústia nos afligir nas noites solitárias, vamos procurar ouvir o som que emana do vento frio do deserto. Num futuro remoto, a geração de judeus que tiver o privilégio de conviver com o sonho concretizado de viver com liberdade em Israel poderá dizer com toda convicção que viveu plenamente! A liberdade que buscamos vai muito além das pequenas ilhas de pedra”.

Em dado momento, o orador, cansado, abrandou a voz e começou a fazer perguntas aos seus companheiros de jornada. Repentinamente, virou-se para Pablo e perguntou “– E você, meu jovem, posso saber como se chama?”.

Pablo respondeu sem hesitar: “– O meu nome é Efraim David Abraão”.



Dezoito
minutos
antes
do
pôr do sol





Herói Sagrado

Eu fui um ser que viveu sobre a face da Terra e, como milhares de outros, perdi a parcela de vida que Deus me concedeu.

Minha preciosa vida foi arrebatada pela fúria incontrolável de um ídolo de barro.

A mim foi negado sentir a alegria de ser criança e poder ouvir as vozes carinhosas de todas as mães.

Onde está a juventude que perambulava pelas noites mornas de verão?

O calor do sol não aquece mais o meu caminho e na casa deserta a luz de uma lâmpada apagou-se para sempre.

Meus lamentos são os apelos de paz a toda a humanidade.

Prefácio da autora

Estão registradas nestas páginas três personagens reais: meu bisavô materno, o religioso Meyer Jeguer [Meyer Leger], o professor Duved Lichman e o sapateiro Alexander Cigan.

Entretanto, os outros não podem ser considerados fictícios, porque viveram em cada judeu massacrado no Holocausto.

Se sobrevivessem, teriam uma história semelhante para contar.

Na trajetória de cinco mil anos de um povo, esses foram os mais trágicos acontecimentos que a nossa pobre humanidade presenciou.

Num instante de reflexão vamos lembrar os seres humanos que tombaram em agonia pela perfídia dos homens e pela insensatez da guerra.



Nota do organizador: Nos manuscritos do livro, há uma menção ao título "Força Imbatível". Na publicação do livro, optamos pelo título que acompanhava o prefácio.

Capítulo I

Esta história tem início em meados de 1904 com o casamento de Rucl e Mendel Felman, em Digien, na Bessarábia.

A jovem esposa, oriunda de Godem, uma aldeia próxima, foi residir com o marido na casa dos sogros, Abum e Bessi Felman.

O território da Bessarábia, pontilhado de inúmeras aldeias atrasadas e de poucos recursos, possuía também algumas cidades que se desenvolveram paulatinamente.

A população de Digien era composta de camponeses e comerciantes judeus. As casas da aldeia, construídas desordenadamente, localizavam-se em ruas irregulares e sem calçamento. No verão, com as chuvas intermitentes, o chão ficava barrento e esburacado. Com a chegada do inverno a brancura da neve cobria todos os caminhos e todos os recantos.

A paisagem, como um milagre, tornava-se bela, como um típico cartão postal europeu. As casas, apesar de seu aspecto decadente, apresentavam um interior sólido. Bem revestidas, eram aptas para suportar os rigores do inverno. Em geral, possuíam vários quartos, cozinha e sótão. Dois fogões ocupavam parte da cozinha, o de carvão para cozer os alimentos, e o de lenha para assar os pães, conservando a parte superior sempre aquecida a fim de proteger a criançada do frio. No sótão eram armazenados alimentos não perecíveis.

As mulheres trabalhavam com bravura desde o nascer do dia, apanhando latas de água nos poços, cozinhando e assando pães. Costuravam a roupa da família em máquinas rudimentares e, no inverno, tricotavam malhas e meias. O gato, assíduo visitante do lugarejo, abocanhava os ratos que se aventurassem a sair das tocas para roubar os alimentos.

Mendel e o seu pai, como a maioria dos judeus, negociavam o trigo com os plantadores e vendiam seus produtos nas cidades vizinhas. O povo em geral respeitava a religião judaica e suas tradições, porém o antissemitismo e as discriminações vigoravam, principalmente entre os cristãos mais abastados.

Ao amanhecer, os rudes homens do campo, troncados e de faces rosadas, alimentavam-se com polenta, queijo e pão preto e seguiam



em direção aos trigais. Trabalhando de sol a sol, os camponeses possuíam dentro de si uma força inesgotável.

Muito devotos, os cristãos ortodoxos frequentavam as missas matinais de domingo, único dia de descanso e lazer. Vestiam roupas especiais para ocasião, substituíam o pão preto pelo branco e assavam leitões. A igreja era a construção mais conservada da aldeia. Recebia reparos anualmente, graças às contribuições dos fiéis. O dirigente da congregação podia constituir família. Proprietário de terras e em boa situação econômica, mantinha seus filhos estudando em faculdades da França e Inglaterra.

Quanto aos judeus, como não tinham sinagoga, rezavam em suas próprias casas. Por ocasião dos dias santificados, alugavam uma casa desocupada, onde homens e mulheres oravam, em lados distintos, como mandam suas tradições.

As famílias, de um modo geral, eram numerosas e a cada nova geração se multiplicavam. O casal Abram Felman tinha inúmeros parentes. Uma de suas filhas morava nas proximidades com seus onze filhos. Uma irmã do velho Felman e seu marido também viviam em Digien. Outros parentes se espalhavam pelas aldeias vizinhas, como também por cidades próximas.

Na primeira década do século XX, o filho mais velho dos Felman imigrou com a família, tios e primos para os Estados Unidos. Desgostoso com a partida do primogênito, Abram Felman, amante do lugar onde nasceram e viveram seus antepassados, apegou-se ao filho Mendel e aos netos.

Ninguém conseguia persuadi-lo que na América havia muitas oportunidades de uma vida melhor. Os homens mais arrojados, cansados das injustiças e misérias, começaram a abandonar os países do Velho Mundo, determinados a triunfar longe das raízes.

O tempo provou que estavam com a razão. De uma maneira geral, os imigrantes e seus descendentes, em sua luta diária, foram recompensados com uma vida confortável e economicamente estável.

Se o velho Felman fosse um visionário, se conseguisse prever o futuro, saberia que a paz de sua querida Digien ia ser sacudida por duas guerras mundiais.

Capítulo II



Perdida no tempo em pleno século XX, Digien podia ser comparada a uma aldeia da Idade Média. Não dispunha de médico, enfermeira, farmácia e nem mesmo de uma padaria.

Godem, a aldeia vizinha, possuía uma padaria, uma farmácia e o luxo de ser visitada por um médico três vezes por semana. Quando alguém era atacado por um mal súbito precisava de muita sorte para alcançar a cidade mais próxima. Era preciso mais sorte ainda para que o clínico acertasse o diagnóstico.

Os bebês de Digien nasciam com a ajuda das mãos hábeis da parteira Ludmila. A experiente mulher, descendente de russos, com prática de trinta anos de serviço, só não resolvia os casos que dependessem de cirurgia. Com a dificuldade de transporte, não havia tempo de salvar a parturiente, em casos complicados.

Quando Ludmila foi chamada para atender Rucl, que esperava o primeiro filho, ficou preocupada com o tamanho exagerado de seu ventre. O trabalho de parto seria longo e difícil.

Como Mendel estava exageradamente nervoso, Ludmila preveniu a sogra da dificuldade que iriam enfrentar. Entretanto, dizia a velha parteira, Rucl tinha uma boa compleição, com largos quadris.

A velha Felman procurava ajudar disfarçando sua preocupação. Sabia que com as chuvas de verão a estrada ficava intransitável. Sob a luz de velas e lampião, Rucl cooperava heroicamente. Finalmente, ao raiar do novo dia, nascia Yankel. Em tantos anos de trabalho, Ludmila nunca vira uma criança tão grande e tão forte.

A família aliviada e alegre rodeava mãe e filho. Mendel saiu correndo para a rua.

Quando o tempo permitia, nas primeiras horas da manhã, ele e o pai subiam o morro, onde desfrutavam da quietude e beleza da aldeia. Agora sozinho, transbordando de felicidade no topo do morro, Mendel sentiu, como seu pai, o quanto amava Digien. Colheu flores perfumadas e úmidas e voltou para casa. Entrou no quarto e se aproximou silenciosamente do leito, onde dormiam mãe e filho.

A esposa, sentindo o aroma das flores, abriu os olhos. Mendel, sem fala, expressava com elas toda sua gratidão. Rucl, fragilizada pelo

parto, acariciou suavemente as flores e adormeceu feliz.

Os outros filhos do casal foram nascendo, sem inspirar cuidados. Um ano após o nascimento de Yankel, Rucl deu à luz a menina Pessi e a seguir, com intervalo de dois a três anos, vieram sucessivamente Erchel, Manhe, Yosef e Nehana. Yankel, o primogênito, com três anos de idade, tinha o físico de um menino de seis. Sua força era incomum e sua altura, avantajada.

O trabalho de Rucl redobrava a cada novo parto. Tinha a ajuda da sogra, mas após o almoço, ela corria em socorro da filha Leike e de seus onze filhos. Quando a velha Felman chegava, a criançada cessava as traquinagens apenas por uns segundos e gritava “– A bobee chegou”. Então, recomeçava o alarido infernal.

Quando o tempo permitia, às três e meia da tarde as crianças corriam para a casa de seus tios-avôs. Leike e sua mãe respiravam aliviadas; poderiam trabalhar sem ser importunadas.

Perl e Moiche Gris não tinham filhos. Resolveram acolher todas as tardes as crianças de Digien para que brincassem e saboreassem as suculentas frutas do seu pomar. O casal cuidava dele com toda abnegação. Não comercializavam os frutos: seu sustento provinha de um armazém de carvão.

Sobre os tapetes de relva, as árvores se enfileiravam, formando longas alamedas de cerejeiras em flor, ameixeiras de vários tons e macieiras apinhadas. As parreiras, carregadas de uvas brancas e vermelhas, caíam em pencas, produzindo um maravilhoso espetáculo da natureza.

Os habitantes de Digien, até mesmo os que não toleravam os judeus, admiravam o casal Gris. Costumavam dizer que aquele pedaço de terra recebia um sopro divino.

Do mesmo modo que o povo estimava os Gris, detestava o usurário Aron Finkel. Extremamente avarento, maltratava a esposa e as duas filhas, com sua mesquinhez e egoísmo. Quando Aron Finkel chegou a Digien contando seus parcos vinténs, aproximou-se com interesse matrimonial da rica, mas feiosa Ute. Recebeu como dote do sogro sua famosa doceira.

Os doces de Rifki, mãe de Uti, como o das mulheres ancestrais de sua família, eram inigualáveis, principalmente os strudels de maçãs, nozes e cerejas. Sua fama ultrapassava os limites da aldeia. Chegavam diariamente encomendas de todas as cidades vizinhas.

Com o casamento da filha, seus pais, Rifki e Luzer, resolveram abrir uma doceira em Bucareste, capital da Romênia.

Pobre Uti, o único bem que ela obteve com o casamento foram as duas filhas.

Seu marido, o sovina Aron, dispensou as empregadas que antes cuidavam de todo o serviço, com exceção das massas, que eram preparadas pelas mãos habilidosas Uti.

A jovem esposa, habituada a uma mesa farta, boas roupas e passeios, viu-se de repente sem o essencial. Emagreceu com o racionamento alimentar e seus olhos e nariz adquiriram um tom avermelhado devido ao calor e à fumaça do fogão.

Aron não admitia sequer a perda de uma uva passa. Fiscalizava e contava os doces, dezenas de vezes. Qualquer falha levava o homem às raias da loucura.

Certa vez, não suportando mais essa vida, Uti disse a Aron que iria abandoná-lo e que levaria consigo as duas filhas. O marido, como resposta, disse que se ela o deixasse perderia de vez as meninas de acordo com a lei. O miserável sabia o que as filhas representavam para ela. Ele precisava dessa máquina humana para aumentar cada vez mais seu capital.

Somente quatro famílias de Digien não negociavam com cereais: os Gris, os Finkel, os Jeguer e os Lichman.

Meyer Jeguer tinha uma profissão considerada absurda pelos cristãos, mas indispensável para seus compatriotas: pelas tradições judaicas as aves não podem ser estranguladas, mas seu pescoço deve ser cortado com uma peça especial de lâmina bem afiada. Os homens que se dedicavam a esse trabalho eram estudiosos dos livros sagrados.

Meyer, muito religioso, passava todo seu tempo livre, rezando e estudando o Talmud. Ganhando pouco, com cinco filhos para sustentar, tinha a ajuda da esposa Heike que costurava para as camponesas da aldeia. Em troca dos vestidos, ela recebia leite e cereais das mais pobres, mas, em compensação, das mais abastadas recebia em rublos.

Em 1908 chegou à aldeia o professor Lichman e sua família, vindos da Ucrânia, uma região da Rússia. Graças ao poder de persuasão de Abram e Mendel Felman, que conquistaram a simpatia do professor, ele resolveu fixar residência em Digien. Fundou a primeira escola particular da aldeia.

Homem culto, ensinava hebraico, russo, romeno e as matérias elementares do curso primário. Os pais não precisavam mais disputar para seus filhos as aulas particulares do sisudo professor de Godem.

Aquele ano tinha sido triplamente feliz para os Felman. Além da inauguração da escola, conseguiram realizar um grande sonho: a compra da casa onde residiam e os terrenos adjacentes. A intenção de adquirir o imóvel vinha de longa data. Várias gerações se passaram sem que conseguissem realizá-la. Finalmente obtiveram êxito, após muito trabalho e sorte nos negócios.

Para coroar tanta alegria, Rucl deu à luz seu terceiro filho. Mendel, radiante, acompanhou a parteira Ludmila até a rua. Ela perguntou: “– Senhor Mendel, porque o casal de cegonhas que mora no seu telhado sempre volta para o mesmo lugar? Como elas não se enganam com tantos telhados?”

Mendel respondeu: “– Com certeza as cegonhas sentem, por instinto, que são bem vindas e que já fazem parte da nossa família”. “– Shalom, senhor Mendel, até o próximo parto se D’us quiser”.

“– Amém”, respondeu Mendel, feliz. Viu ao longe Meyer Jeguer apressando o passo.

Um grupo de meninos gritava atrás dele: “– Lá vai o judeu degolador de galinhas. Cuidado para não empapar sua barba de sangue”. Mendel queria contar a Meyer as novidades, mas ele desapareceu porta adentro sem olhar para trás.

Felizmente eram poucas as famílias cristãs que hostilizavam os judeus. Os filhos, instigados pelos pais, procuravam ridicularizar seus costumes.

Os judeus também não deixavam por menos. Criticavam os camponeses, que andavam sempre pé no chão, mesmo no mais tenebroso inverno. Só usavam meias e sapatos quando iam à missa ou às festas de casamento.

Mendel, ao entrar em casa, riu de seu pensamento: se um forasteiro, num domingo de inverno, chegasse nesta terra pra lá do fim do mundo assistiria atônito a uma cena pitoresca: homens e mulheres voltando da missa bem agasalhados, com chapéus e capotes, descalços, segurando nas mãos meias e sapatos.



Capítulo III

Principiava o ano judaico de 5672. Os judeus, espalhados pelo mundo, já tinham comemorado o Ano Novo (Rosh Hashaná) e agora, na véspera do Dia do Perdão (Yom Kippur), aguardavam o anoitecer para comparecer à sinagoga e também para começar o jejum.

Chegara o outono no continente europeu e o frio e a chuva castigavam Digien e as regiões vizinhas. Numa casa alugada por Abrum Felman, a comunidade judaica iria rezar, orientada por Meyer Jeguer. A sua sabedoria podia ser comparada a de um rabino e sua voz de barítono à de um cantor religioso. Desde cedo, as mulheres preparavam o desjejum do dia seguinte.

Juntas, Rucl, sua sogra Bessi, Leike e a tia Perl cozinhavam e assavam pratos típicos da ocasião. As quatro mulheres, aquecidas pelo calor que emanava do forno, trabalhavam e conversavam. Um aroma delicioso de quitutes pairava no ar. A criançada, reunida na sala, festejava a liberdade e a falta de sermões.

Yankel deixou a companhia dos primos e saiu à procura do pai. Mendel ficou surpreso com a seriedade com que o filho falou: “- Pai, eu gostaria de começar a jejuar este ano”. Mendel respondeu: “- Mas você, apesar de aparentar treze anos, não completou ainda nove”. “- Pai”, disse Yankel, “vou lhe contar um segredo que só compartilhava com mamãe. Quando levei aquela surra, aliás merecida, do senhor, fiquei dois dias sem me alimentar, e quando meu gato de estimação morreu me absteve de comer durante cinco dias. Eu aguento firme, porque tenho muita força e energia”.

Mendel respondeu, rindo: “- Você parece um camelo do deserto das Arábias. Pode jejuar filho, porém deve também orar e ser um bom menino”. Yankel, contente, agradeceu ao pai e voltou ao convívio dos primos. Desde então ele, que já se alimentava com parcimônia, adquiriu o hábito de jejuar vez ou outra. Sua abstinência, seu extraordinário vigor foram, muitos anos mais tarde, de grande valia. Essas duas razões o mantiveram vivo durante o Shoah.

Anoitecia quando a diminuta comunidade judaica, que não ultrapassava vinte e cinco famílias, voltava de suas orações consagradas ao Dia do Perdão. O mau tempo impediu que parentes e amigos de aldeias

vizinhas se visitassem. Na casa de Abrum Felman, a família, reunida em uma longa mesa, aguardava o jantar. Como de costume, serviam-se de fatias de bolo de mel e aperitivos. Como de praxe, tomaram primeiro a suculenta sopa de repolho e carne. Depois se serviram de peixe, pato, patê de fígado, acompanhados de conserva de tomate e beterraba. Não faltou, naturalmente, o delicioso vinho caseiro preparado pela vovó.

Para terminar o jantar, a sopa de macarrão dourada e compota de frutas secas. Enquanto as mulheres tiravam a mesa, os homens, aquecidos pelo vinho e pelo aconchego, conversavam animadamente. Nenhuma família judaica da aldeia foi poupada. Foram citados todos seus problemas e seus progressos.

Quando a conversa recaiu sobre o elogiado professor Lichman, o velho Felman falou com ressentimento. “– Desde que o professor Duved se instalou aqui, ele e a família preferem passar com os Jeguer a noite de hoje. Ele sempre recusa o convite dando desculpa que foi convidado antecipadamente por Meyer Jeguer”. Moiche Gris respondeu: “– Vocês estão com ciúme, Abrum. Os dois têm muito em comum. Ambos são estudiosos dos livros sagrados e têm muito assunto para conversar”.

Finalizaram falando da família Finkel. Mones Gun, o marido de Leike, disse: “– Aron Finkel sempre viaja nessa época com a família para Bucareste, com receio que seus sogros viessem a descobrir suas mesquinhas. Será que alguém não poderia lhe contar a situação em que se encontram Uti e suas filhas?”.

Mendel respondeu: “– Então você não sabe que meu pai foi até lá? Infelizmente perdeu a viagem, pois encontrou o velho Luzer desenganado pelos médicos”.

Rucl se aproximou, dizendo: “– Pelo menos as meninas não passam fome. A Mintzi, amiga da Pessi, almoça aqui todos os dias e a mais velha, Surke, na casa dos nossos tios Gris. Quanto à pobre Uti, não tem direito a um mínimo de dignidade. O miserável a mantém enjaulada na cozinha. Dominada pelo marido, não procura reagir”.

Tia Perl concluiu: “– Mando sempre um lanche pela Surke, para sua mãe, porém desconfio de que o sovina o divide em muitas porções. Quando o pomar está carregado de frutas, nós lhe mandamos ameixas, peras e pêssegos”.

Todos riram quando compreenderam que a tia Perl queria dizer ao enumerar as frutas. Se ela mandasse maçãs e cerejas, iriam recheiar

os doces e não o estômago da pobre mulher.

A noite agradável terminara e, no dia seguinte, todos voltaram aos seus afazeres. O trabalho árduo das mulheres começou bem cedo.

Viviam em condições precárias, sem a comodidade proveniente do progresso, que começava a despontar nos grandes centros urbanos. Rucl, como a maioria das esposas, não se lamuriava. Bonita e inteligente, aproveitava bem seu dia de descanso. Ela, como as outras, redobrava suas ocupações na quinta e sexta-feira. Em compensação, no sábado não fazia absolutamente nada. Rucl suspirava aliviada com um dia inteiro de lazer.

Depois do banho, as crianças vestiam roupas de passeio. As meninas tinham seus cabelos caprichosamente penteados, com tranças amarradas com fitas coloridas. Rucl soltava seus longos cabelos e depois de penteá-los, prendia num belo coque no alto da cabeça. Seus lindos olhos brilhavam de satisfação.

Nos sábados primaveris, quando o tempo permitia, a família ia ao encontro de amigos no pomar dos tios Gris. Sentados em bancos de madeira, os homens conversavam sobre política e liam jornais atrasados. Enquanto as crianças brincavam e apanhavam frutas, as mulheres, sentadas na grama, aquecidas pelo sol, contavam as novidades. À tarde, Mendel e Rucl iam a Godem em casa dos parentes ou recebiam os amigos com chá, acompanhado de bolos e biscoitos.

Nos dias de semana, a monotonia de Rucl era superada pelas amizades sinceras de amigas judias e cristãs. Quando o tempo permitia, depois de alimentar a família, ela saía em companhia de Yankel e Pessi em direção do sítio dos Romen. Petri Romen, criador de gado, tinha a ajuda da esposa e dos filhos na fabricação de queijos e manteiga. O avô materno de Petri, italiano de Nápoles, deixou para dois netos romenos uma considerável fortuna. Os dois irmãos foram à Itália em busca da herança no ano de 1895, aproximadamente. Petri Romen apaixonou-se pela napolitana Bianca e voltou casado.

Compraram terras com pasto, fabricavam manteiga, queijo e derivados, de muito boa qualidade. Quando Rucl conheceu Bianca, ela já tinha quatro filhos. As duas se tornaram grandes amigas. O irmão de Petri, também beneficiado com a herança, comprou terras para o cultivo de cereais. Grande parte dos camponeses da aldeia trabalhava para Fiedor Romen. Sua esposa Catinca e os filhos, influenciados pela

própria mãe, odiavam os judeus. O filho Wladuci era o líder da molecada que criticava a comunidade judaica e ridicularizava seus costumes.

Entre todos, Meyer Jeguer e Aron Finkel eram os mais visados. Catinca Romen também não gostava da cunhada Bianca, por duas razões: ser católica apostólica romana e amiga de uma judia. Não perdoava seu cunhado Petri por não ter escolhido uma camponesa cristã ortodoxa. Ela também desdenhava os nomes italianos de seus sobrinhos. Contribuía com uma soma vultosa para a manutenção da igreja, onde ocupava um lugar de destaque ao lado da família do pastor.

No Natal de 1912, a neve envolvia Digien, enquanto o sino repicava na igreja convocando seus fiéis, que entoavam alegremente canções natalinas. Dias depois, 1913 foi festejado nas principais cidades do mundo com sons e luzes enquanto as aldeias e vilas continuavam no silêncio e na obscuridade.

O tempo foi passando até que despontou um sol tímido, animando as pessoas, enregeladas, a sair. Rucl, com os filhos Yankel e Pessi, de volta do sítio dos Romen, carregava queijos e manteiga. Na porta da casa os três olharam simultaneamente para o telhado. Pessi gritou “– Mamãe, as cegonhas voltaram. Elas já entregaram todas as encomendas de bebês”.

As aves, com seu grande porte e seus longos bicos, olhavam imponentes como se compreendessem que eram personagens importantes das crenças infantis. “– Sim”, respondeu Rucl, “as cegonhas voltaram”. Chegou a primavera!

Capítulo IV



Digien, com as aldeias e as cidades, formam o território da Bessárbia. Limita com a Rússia através da Ucrânia. Ambas são banhadas pelo Mar Negro. Até 1829, toda a Península Balcânica estava sob o domínio otomano. A partir dessa data a sucessão de guerras anexou a Bessarábia à Rússia ou à Romênia, de acordo com o resultado do conflito. No entanto, os habitantes do território da Bessarábia consideravam a Romênia como sua pátria. Para a maioria, os russos eram intrusos que estavam sempre cobiçando suas minas e seus vastos trigais. As ameaças aos judeus eram frequentes, em especial no início do século, com os pogroms, que faziam com que a população se voltasse contra os judeus. A partir do controle da Bessarábia pelos russos, estes introduziram seus professores nas escolas.

Por incrível que pareça, Digien, no começo do século, já tinha um grupo escolar administrado pelos russos. Os filhos das famílias judaicas não frequentavam o grupo escolar para evitar distúrbios, porque seus professores, com raras exceções, eram antissemitas. Com seus preconceitos racistas, insuflavam os alunos. Como as lições eram ministradas através do complicado idioma russo, as crianças tinham grande dificuldade em absorver as explicações dos mestres. Essa era uma das razões pela qual grande parte dos alunos não completava o curso primário. A população das grandes cidades comunicava-se através da língua romena, mas os camponeses só sabiam falar em moldaski, o dialeto cheio de erros, da região.

Até o princípio do século, a instrução dos jovens judeus se restringia às primeiras letras, o que não acontecia com os estudiosos dos livros sagrados e com os rabinos.

Os rapazes seguiam a profissão do pai e de seus ancestrais, que eram comerciantes por excelência. Os alunos da escolinha particular do professor Lichman também não estudavam muito. Entretanto, graças à dedicação do professor, eles chegavam ao final do curso. Yankel ia à escola com seu primo Duved e Pessi, em companhia de sua amiguinha Mintzi.

Duved, era filho de Leike e Mones Gun. Ele vivia na casa dos tios e dos avós Abrum e Bessi Felman. Era chamado carinhosamente por

todos pelo apelido de Dudi. Sua mãe, com tantos filhos para criar, tinha uma preocupação a menos, com a sua permanência na casa dos avós.

De vez em quando, Dudi ia para casa, mas com a bagunça provocada pelos seus inúmeros irmãozinhos, voltava correndo. Com a convivência diária com Yankel, os dois se tornaram grandes amigos. Mintzi, filha do avarento Finkel, também passava a maior parte do dia na casa de sua amiguinha Pessi.

Rucl sempre preparava uma farta refeição para as crianças. Sentia satisfação com o aspecto de Mintzi, que engordara e adquirira uma cor rosa das suas faces pálidas.

Quem pagava os estudos da menina era Abrum Felman, porque não era do feitio de Aron Finkel desembolsar um níquel sequer. Todas as crianças em idade escolar, como também os adolescentes, frequentavam a escola do professor Lichman, separadamente em períodos distintos: a única exceção era para a irmã mais velha da Mintzi, a Surke.

Para que seu pai não inventasse a desculpa de que a filha precisava ajudar a mãe na confecção dos doces, Abrum Felman prontificou-se a pagar os estudos e o material escolar de Mintzi. Surke ficaria em total ignorância se Perl Gris não resolvesse ensinar à menina o pouco que sabia.

Todas as manhãs Yankel, Dudi, Pessi e Mintzi faziam suas lições e estudavam sentados ao redor da mesa da sala de jantar. Nenhum deles percebia o interesse do pequeno Erchel pelos estudos. Ele entrava sorrateiramente, todos os dias, e sem perturbar ninguém, observava com atenção tudo que os meninos aprendiam.

Num caderno que Pessi lhe dera, pensando que fosse para rabiscar, escrevia corretamente. Não precisava fazer perguntas, porque sua mente prodigiosa absorvia tudo com a máxima facilidade. Quando percebeu que já acompanhava os irmãos, resolveu falar com os pais.

Aproximou-se de Mendel, que lia um jornal velho, dizendo: “– Quero frequentar a escola do professor Duved Lichman”.

Mendel e Rucl riram da seriedade com a qual o filho falava. Ela respondeu: “– Filho, seja paciente, daqui a dois anos você terá idade para estudar”. Erchel, então mostrou o seu caderno como prova de sua capacidade. Mendel perguntou: “– Por que você se apoderou do caderno de seus irmãos?”.

Como começou a chorar, diante da incredulidade do pai, Rucl cha-

mou Yankel e Pessi. A filha confirmou que dera o caderno em branco ao irmão. Mendel e Rucl ficaram surpresos com o pequeno Erchel.

Diante da ansiedade do filho, Mendel, com compromissos de trabalho, incumbiu a esposa de conversar com o professor. Erchel feliz, segurando seu caderno, acompanhou a mãe até à escola. Rucl bateu à porta, um pouco constrangida, com receio que o professor estivesse repousando após as aulas.

A esposa de Lichman, a jovem Lube, atendeu com amabilidade sua amiga, Rucl. Ela chamou o marido, que atendeu incontinentemente. Rucl contou o que acontecera e apresentou o caderno do filho. O professor leu impassível, sem demonstrar no semblante nenhuma alteração. “– Erchel, vou lhe fazer algumas perguntas. Se você compreendeu o que escreveu, estará apto a frequentar a escola”. O menino respondia às perguntas em hebraico, russo e romeno. Resolvia todos as questões. O professor, atônito, compreendeu que Erchel era uma criança fora do comum. “– Senhora Rucl”, disse, “seu filho é um menino precoce! Não vou lhe negar o direito ao estudo, apesar de sua pouca idade”.

Rucl agradeceu a atenção do professor e saiu de mãos dadas com o filho. Encontraram na porta de casa a avó Bessi. O pequeno Erchel exclamou: “– Bobe, eu fui aprovado, já posso frequentar a escola”. A velha avó, emocionada, abraçou o neto e enxugou as lágrimas no seu longo avental.

No dia seguinte, o pequeno Erchel juntou-se ao grupo que seguia rumo à escola. Com três filhos estudando, Rucl ficava com Jossel e Manhe, uma menininha frágil que inspirava muitos cuidados. Não contara ainda a ninguém que estava novamente grávida. Mas tinha certeza que Mendel ficaria feliz, pois seu desejo de ter meia dúzia de filhos se concretizaria.

Naquela tarde morna de final de primavera, Rucl sabia que, após a escola, Yankel e Dudi iriam à procura do amigo Nicola.

Nicola, o filho caçula de Bianca e Petri Romen, era companheiro inseparável de Yankel e Dudi nas suas travessuras e aventuras. O outro filho, o Carlo, com quinze anos já ajudava o pai no pasto e na ordenha das vacas, enquanto os mais velhos, ambos com dezoito anos, trabalhavam com a mãe na fabricação dos derivados de leite. Os rapazes, gêmeos idênticos, não tinham nenhum sinal que os distinguisse. Possuíam a mesma voz, os mesmos gestos e os mesmos interesses.

Rucl, em tantos anos de amizade com Bianca, não conseguia diferenciar Paolo de Francesco.

Quando Pessi, Mintzi e Erchel voltaram da escola, acompanharam a mãe e seus irmãozinhos até o pomar dos tios Gris. Rucl se aproximou de sua amiga Lube Lichman, que limpava os rostinhos lindos de suas duas filhas, lambuzados de frutas. Sentou-se ao seu lado, na grama aquecida pelo cálido sol da tarde.

As crianças, em número cada vez mais crescente, esbanjavam energia. Lube falava a Rucl da admiração de seu marido pelo aluno Erchel, que considerava um menino prodígio. A tia Perl interrompeu a conversa, oferecendo refrescos. Rucl ficou surpresa quando viu Yankel e seus companheiros no pomar, porque sabia que preferiam perambular pelas ruas. Os três meninos confabulavam aos sussurros.

Quando Surke saiu carregando uma cesta de frutas para sua mãe, os moleques foram atrás. Rucl desconfiava que eles estavam tramando alguma coisa, mas preferiu ficar em silêncio. Tudo indicava que iriam levar uma surra se não dessem uma boa explicação.

Enquanto jantavam, Rucl procurou conter-se. Finalmente, depois da refeição, foi Yankel o primeiro a se levantar dizendo: “– Preciso contar uma coisa muito séria para todos”. Mendel, surpreso respondeu: “– Vamos deixar as brincadeiras para amanhã. Vão já para a cama”. Rucl interveio dizendo: “– Mendel, desconfio que a conversa não pode ser protelada”.

Yankel, encorajado pela mãe, começou a falar: “– Ontem, na volta da escola, fomos brincar na casa abandonada, vizinha da doceira do sovina. Depois que ele colocou as encomendas de doces na carroça, não seguiu viagem. Achamos estranho e ficamos à espreita, escondidos atrás do muro. Logo Surke apareceu, vinda do pomar, carregando a cesta de frutas para a mãe. Ela entrou em casa, saindo logo em seguida com um grande volume. Finkel pôs rapidamente o pacote na carroça, olhou para os lados com seus olhos de ave de rapina e, chicoteando o animal, tomou a direção de Godem. Hoje presenciamos a mesma cena. Conforme combinei com meus companheiros, segui por um atalho e com minhas longas pernas cheguei antes do Finkel. Quando ele chegou, entregou primeiro as encomendas de doces. Depois, com a cesta de frutas sem a toalha que encobria seu embuste, a entregou à frutaria ao lado da farmácia. Saiu despreocupadamente, contando

com avidez o dinheiro que recebera”.

Rucl, aliviada, correu para abraçar Yankel e Dudi. Abram e Mendel falavam ao mesmo tempo, exasperadamente: “– Vamos tomar já uma providência”, disse Abram.

Mendel, mais sensato, respondeu: “– Não adianta nenhuma precipitação, vamos deixar meus tios dormirem. Amanhã falaremos com eles, com toda cautela possível. Depois do almoço não iremos trabalhar, porque precisamos pegar Aron Finkel em flagrante. Caso contrário, ele negará tudo”.

No dia seguinte, pai e filho foram à casa dos Gris. Procuraram contar com serenidade o que os meninos presenciaram, medindo cada palavra com a máxima educação.

Entretanto, não conseguiram acalmar o casal, que lívido começou a tremer. Moiche Gris falou com dificuldade e tristeza: “– As frutas do pomar são dádivas da natureza, abençoadas por D’us. Todos sabem que a Perl e eu doamos o pomar e seus frutos para o povo de Digien e para o estranho que vier bater à nossa porta sedento e faminto. Para nós foi um sacrilégio que Finkel cometeu, vendendo as frutas. Vamos pedir satisfações. Ele não perde por esperar”.

Na hora exata, lá estava o Aron, enchendo a carroça com suas encomendas.

Moiche Gris, com seu cunhado e seu sobrinho, aguardavam atrás do muro. A cena do dia anterior tornou a repetir-se. Abram e Mendel agarraram Aron, enquanto Moiche Gris arrancava a toalha que encobria as frutas. Aquele homem pacato não conseguiu se conter. Transtornado, começou a gritar: “– Você, Finkel, vale menos que um inseto. É torpe, egoísta e miseravelmente mesquinho. Tirou as frutas da própria boca da esposa faminta. Ludibriou-me, vendendo as frutas em troca do vil metal”.

As pessoas saíam de suas casas e se aglomeravam em volta. Wladuci, o moleque racista, e seus colegas gritavam eufóricos: “– Senhor Moiche acabe logo com esse sovina repelente”.

Moiche Gris, já mais tranquilo, falou: “– Não vale a pena esbofeteá-lo. Eu lhe dou duas opções. A primeira: vou a Bucarest e conto o que está acontecendo, mesmo com o pai de Uti doente e você, conseqüentemente, perde a herança. A segunda opção: você permite que Uti venha todos os dias à minha casa descansar no mínimo duas horas”.

Naturalmente, Aron, sem saber como se safar, escolheu a segunda opção. A seguir, como se nada tivesse acontecido, chicoteou o animal, tomando o rumo de Godem. A partir desse dia, a pobre Uti começou a frequentar o pomar dos Gris.

Seu aspecto físico melhorou com a boa alimentação e o ar puro das tardes de verão. Sua vida tornou-se menos insípida com a companhia de Perl e Rucl. As outras mulheres judias também contribuía, com sua amizade.

No dia seguinte, ninguém mais pensava no incidente. Voltou a vida rotineira e atarefada das mulheres. Rucl passou vários dias lavando e arrumando as roupas das crianças.

Os sapatos e botas da família, reservadas para os passeios, estavam com as solas gastas. Colocou os pares de sapatos numa sacola, embrulhou uns biscoitos açucarados que sua sogra fazia tão bem, e saiu. Passou pela casa de Lube Lichman que recolheu rápido os sapatos da família e apanhou um pão trançado, salpicado de sementes de papoula, sua especialidade.

As duas, conversando alegremente, seguiram em direção ao rio. A estrada estreita ali terminava abruptamente e, à esquerda, visível ficava o sítio bem cuidado dos Romen.

Quando o rapazinho Carlo, que cuidava do pasto, avistou as duas mulheres, fez sinal para que entrassem. Rucl gritou: “– Estamos com pressa. Pergunte à sua mãe se tem sapatos para consertar”.

Não se passaram nem dez minutos para que Bianca, com uma sacola e um embrulho com o formato de um queijo, corresse na direção das amigas. Depois dos amistosos cumprimentos, as três jovens senhoras atravessaram a rústica ponte de madeira. No outro lado da margem se avistava um casebre, cercado de mato cerrado. Ali terminava a civilização. As mulheres chamaram juntas: “– Alexander, suas amigas chegaram”.

O sapateiro olhou pela janela aberta e respondeu: “– Que bom, minhas amigas estão aí, as senhoras mais bonitas de Digien!”.

Alexander era um homem solitário e misterioso. O povo da aldeia imaginava que ele abandonara sua gente devido a um amor impossível. Se não fosse sua vasta cabeleira, ligeiramente ondulada suas feições regulares, dir-se-ia que ele pertencia à raça negra. Sua pele escura, seus olhos negros faziam jus a seu tipo cigano.

A maior parte da freguesia de Alexander Cigan, como era chamado, pertencia a mulheres judias porque, para os camponeses, os sapatos não tinham grande utilidade. Alexander apareceu na aldeia por volta de 1907, apregoando sua profissão de sapateiro. Até essa ocasião, os sapatos adquiridos em São Petersburgo, na Rússia, eram consertados em Godem.

Alexander nunca aprontava as encomendas na data combinada. Suas freguesas precisavam voltar no mínimo duas vezes. As mulheres judias de Digien sabiam que valia a pena voltar. Não propriamente pelo brilho incomparável dos calçados, mas por outra razão. Rucl, Lube e Bianca sentaram num tosco banco de madeira, protegidas do sol por uma frondosa árvore.

Alexander Cigan sabia o que elas estavam esperando. Depois de mordiscar os quitutes tirou de seu estojo um violino e começou a tocar. O cigano tocava com a perfeição de um músico de renome e o talento de um gênio. A nostálgica melodia invadiu a selva bruta e silenciou as águas do rio. Ocupou todos os sentidos das três mulheres. Naquele lugar, ermo e pobre, elas tinham o privilégio de ouvir o melhor espetáculo da Terra.

As jovens senhoras, empolgadas pelo som magistral do violino, esqueceram do tempo e do espaço. De repente, Bianca acordou e sacudiu as amigas: “– Em breve vai escurecer, temos de partir rápido”.

Rucl, Lube e Bianca, acenando os braços, despediram-se do músico sapateiro, levando com elas todo aquele encantamento.

Capítulo V

Chegava ao fim o último mês de verão. As crianças e os jovens desfrutavam ao máximo. Em breve o outono encurtaria os dias e as noites ficariam mais longas.

Aos domingos à tarde, desde o início da primavera, a juventude camponesa se reunia ao ar livre, sobre um tablado de madeira. Dançavam aos pares, envolvidos pelo som de uma sanfona. Os dançarinos vibravam com as melodias tocadas ininterruptamente. Com dois sanfoneiros, quando um descansava o outro recomeçava.

A origem dos casamentos provinha destes encontros domingueiros.

A criançada com risadinhas e cochichos observava os casais apaixonados. Com a chegada da penumbra os dançarinos se despediam com longos suspiros, esperançosos de que no próximo domingo o tempo continuasse favorável às alegres reuniões.

Na saída das escolas, as crianças corriam para o rio antes que suas águas se tornassem agitadas e frias. Apenas os filhos dos Jeguer não apreciavam os banhos de rio. Estudavam com afinco e tinham o apoio do pai e do professor, porque pretendiam exercer a função de rabino.

O pequeno Erchel Felman adorava brincar, mas sua inclinação pelos estudos batia mais forte. Ele era para o professor Lichman uma joia rara, que precisava ser lapidada, até que estivesse apto a continuar os estudos nos grandes centros culturais.

Duved Lichman possuía muitos livros que ocupavam as quatro paredes da sala. Coleções literárias e sagradas, livros históricos e científicos. Para aqueles tempos difíceis, sua biblioteca podia ser considerada completa e rara. Ele dizia que a esposa, as filhas e seus livros eram suas únicas e almeçadas riquezas.

O professor sabia que seu mais jovem aluno cobiçava conhecer toda a sua biblioteca. Portanto, naquele final de verão, disse ao seu pupilo: “– Erchel, quando o mau tempo não permitir que você aproveite os prazeres da natureza, deixarei que leia os meus livros”. Ele respondeu prontamente: “– Ficaria tão feliz se pudesse começar hoje!”.

O semblante sisudo do professor desmanchou em um largo sorriso. Apanhou da prateleira um livro de fácil compreensão, dizendo: “– A partir de hoje, após as aulas você poderá estudar durante duas



horas. Não quero que prejudique sua visão lendo ao anoitecer. Lube virá avisá-lo quando chegar a hora de parar”.

Yankel com a demora do irmão, chamou-o da rua: “– Erchel, vamos trocar de roupa, pois toda a turma vai banhar-se no rio”. O irmão respondeu: “– Avise a mamãe que eu vou continuar aqui lendo um livro, durante duas horas”. “– Não vá para casa sozinho. Espere que eu virei buscá-lo”, insistiu Yankel.

O sol penetrava pela janela iluminando aquele ambiente austero. O pequeno estudante acariciando o livro com suas mãozinhas leu o título: História da Humanidade. Desfilaram diante de seus olhos os povos egípcios, hititas, fenícios e assírios, babilônicos e hebreus. Para Erchel, o conteúdo do livro era familiar, porque seu avô sempre contava para os netos as histórias dos antepassados e de seus vizinhos guerreiros. Lembrou de um discurso que seu avô não se cansava de repetir: “– Israel foi destruída e seu templo arrasado, mas seus descendentes dispersados pelo mundo, perseguidos e espezinhados, conservaram sua raça e suas leis para todo sempre”.

Inteiramente envolvido no mundo do conhecimento, custou a perceber a mão carinhosa de Lube em seu ombro: “– Amanhã você poderá continuar estudando. Espere aqui mesmo pelo seu irmão”. Erchel respondeu: “– Obrigado senhora Lube, mas prefiro esperar lá fora”.

Com receio que Yankel demorasse a chegar, o menino impaciente resolveu voltar sozinho. Distraído com o pensamento no mundo maravilhoso do saber, estacou assustado com a presença de Wladuci e seus amigos Elie e Adrian, barrando sua passagem.

Wladuci berrou: “– Por aqui você não passa seu judeuzinho sujo”. Tirou uma navalha do bolso ameaçando o menino Erchel que, apavorado, tentou voltar. Os amigos tentaram segurá-lo, mas foi em vão. Com uma fúria incontrolável, Wladuci fincou a navalha no braço do menino. O sangue começou a jorrar aos borbotões.

Enquanto o covarde fugia, Elie amparava Erchel. Adrian correu até o rio em busca de Yankel. Ele estava tão entretido com as brincadeiras que se esqueceu do dever de apanhar seu irmão na escola. Quando Yankel viu Adrian se aproximando compreendeu que havia algo de errado.

Adrian gritou: “– Corra Yankel, o Wladuci feriu seu irmão!”.

Ele pulou da água e, com incrível velocidade, desapareceu na estrada.

Yankel colocou Erchel nos ombros e gritou para Elie: “– Eu vou para Coden. Avise minha mãe e meu tio Gris na carvoaria”.

Impulsionado pelo dever, Yankel corria mais do que suas pernas podiam suportar. O sangue do irmão escorria pelo seu corpo molhado. Ele lutava contra o tempo porque não se perdoaria se acontecesse o pior. Lembrando que era dia de consulta, atravessou a sala cheia de pacientes e forçando a porta invadiu o consultório. Quando o doutor percebeu a gravidade do ferimento, socorreu de imediato o menino. Disse para Yankel: “– Vá buscar sem perda de tempo o farmacêutico Wladau. Diga que Erchel sofreu um corte profundo que ele saberá o que trazer”.

Wladau nem precisou das explicações do menino quando viu sua camisa ensanguentada. Apanhou o material necessário correndo até o consultório.

Enquanto o médico costurava o braço de Erchel, seu irmão se enchendo de coragem perguntou se ele estava bem. O doutor respondeu: “– Ele lhe deve a vida graças à sua presença de espírito e a sua presteza em trazê-lo aqui”.

Quando Rucl e tio Gris chegaram muito aflitos receberam palavras otimistas de Wladau. “– Erchel perdeu muito sangue, mas já se encontra fora de perigo”. Rucl agradeceu ao clínico, que recomendou alguns dias de repouso.

Erchel, deitado em sua cama, recebeu uma sucessão de visitas, desde amigos e parentes até vizinhos. Os homens reunidos na sala conversavam sobre o incidente. Mendel e Abram Felman e alguns vizinhos achavam que era necessário tomar providências drásticas.

“– Enquanto as hostilidades e ofensas ficaram só nas palavras, não tomamos nenhuma atitude. Agora o caso muda de figura porque uma criança inocente sofreu uma agressão física”.

Moiche Gris, Meyer Jeguer e Duved Lichman divergiam dessa opinião. Diziam que a vingança não beneficia e nem dá vantagens a ninguém, muito menos aos judeus.

“– Catinca e seu filho Wladuci em sua ignorante discriminação, provocam essas maldosas ofensas. Sua influência nefasta provoca manifestações de protesto de seus amigos. Os racistas nunca vão aprender a viver em harmonia com as diferenças raciais e religiosas”.

Yankel, sentado num canto da sala, interrompeu a discussão per-

guntando: “– Posso dar minha opinião?”. “– Naturalmente”, respondeu o professor. “– Você é um menino valente e merece nossa consideração”.

“– Eu penso que os adultos não devem interferir. Como irmão do Erchel, gostaria de dar uma lição no Wladuci, usando meus próprios punhos. Tenho certeza de que ele nunca mais vai se aventurar a ferir alguém”.

Petri Romen, marido de Bianca e único cristão na sala, respondeu: “– Yankel está com toda razão. Como criança, fará justiça sem que a língua ferina de minha cunhada Catinca influencie quem quer que seja”. Todos concordaram com Yankel e Petri Romen. Resolvida a questão Rucl e Bessi Felman serviram chá com biscoitos açucarados.

No dia seguinte, Yankel, postado no muro do grupo escolar, aguardou a saída de Wladuci. Dudi e Nicola observavam à distância. Quando ele atravessou o portão, cercado de sua turma, Yankel aproximou-se. Wladuci, dois anos mais velho que Yankel, também era um menino forte e de grande estatura. Yankel o abordou dizendo: “– Você é um covarde, feriu uma criança indefesa. Venha lutar como homem com seus próprios punhos”.

Wladuci, irritado, sacou a navalha dizendo: “– Não vou sujar as minhas mãos com um judeu”. Antes que tivesse tempo de feri-lo, Yankel lhe aplicou um tremendo soco. Junto com a navalha voaram de sua boca três dentes.

Enquanto Wladuci fugia, chegou a ouvir as palavras de Yankel: “– De hoje em diante, se você molestar quem quer que seja, eu lhe arranco os dentes restantes”.

O povo que já sabia da agilidade de suas pernas e do fôlego insuperável de seus pulmões, ficou também conhecendo a força imbatível de seus punhos. Qualquer dificuldade com as carroças atoladas na lama tinha a ajuda de Yankel. Prestativo, nunca recusava quem batesse na porta de sua casa em busca do farmacêutico ou de um remédio em Godem. Nem a estrada barrenta, nem mesmo a avalanche de neve impediam que ele vencesse a distância em questão de minutos.

Todos sentiam muito orgulho de Yankel, principalmente seu pai e seu avô.

De madrugada, antes de seguir para o trabalho, Abrum e Mendel resolveram subir o morro. Muito em breve o outono, com sua costumeira neblina, impediria que desfrutassem da beleza da aldeia. Convidaram

Yankel pela primeira vez para acompanhá-los. Ele sempre subia com os colegas todos os morros das redondezas, mas nunca o fizera ao raiar do dia. As três gerações, no topo do morro, observaram o nascer do sol, iluminando a cidade adormecida. Aquela paz envolvente, como magia, apoderou-se do avô, do pai e do neto.

Yankel sentiu, pela primeira vez, o quanto amava Digien. Não tardou muito e as portas das casas foram se abrindo e os camponeses, com seus chapelões e seus farnéis, tomaram a direção dos trigais.

Os três desceram o morro conversando. Mendel contava ao filho da felicidade que sentira por ocasião de seu nascimento e não podendo se conter, subiu ao morro para extravasar sua alegria.

Após o desjejum, quando seu pai e seu avô foram trabalhar, Yankel foi ver o irmão. Depois de um longo abraço Erchel disse: “– Eu sei que quando você crescer pretende ser um negociante. Com certeza Yosef não vai fugir à regra, mas a mim os negócios não me atraem. Minha vida vai ser sempre dedicada aos estudos. Vou compartilhar com você o meu segredo. Quero ser médico. Espero que o papai consiga me compreender”. Yankel, abraçando novamente o irmão, disse: “– Tenho certeza de que você vai conseguir realizar seu ideal”.

À tarde na saída da escola reuniram-se como de praxe, Yankel, Dudi e Nicola. Um deles disse: “– Precisamos inventar uma nova brincadeira. Essa vida monótona, sempre igual, está se tornando insuportável”. O outro, então, sugeriu que vasculhassem as terras além do rio. O terceiro moleque completou “– Amanhã as escolas vão funcionar. Depois do almoço, vamos nos aventurar mata adentro”.

Estavam sempre de comum acordo quando se tratava de traquinagem. Quando Yankel e Dudi chegaram ao sítio dos Romen, Nicola esperava por eles na porteira. Os meninos calçavam botas e carregavam lampiões e facões. Nicola disse: “– Vamos atravessar a ponte e andar aproximadamente uma hora ao longo da margem, porque nessa direção existe um pântano com areia movediça que engole tudo que cai dentro dele. Ouvi uma conversa de meus pais que um vendedor ambulante, caiu no pântano e desapareceu com todas as suas quinquilharias. Essas matas devem estar cheias de cavernas onde moravam os trogloditas. Foi por isso que eu insisti que trouxéssemos os lampiões”.

Yankel respondeu: “– Eu não acredito que existam cavernas por aqui. Nossos antepassados que andavam por essas bandas mencio-

naram animais estranhos e rastejantes, mas nunca encontraram cavernas. Precisamos descobrir”. Dudi, assustado, insistiu para que eles voltassem outro dia. “– Deixe de covardia Dudi, o desconhecido nos espera”, insistiram Yankel e Nicola.

Os meninos caminharam ao lado do pântano, até que a terra fofa se tornou firme e segura. O céu límpido encorajava os pequenos aventureiros. A cada cem metros fincavam uma vara que seria um indício para o retorno. Usavam com frequência os facões para abrir caminhos na densa folhagem. Andaram muito tempo sem encontrar nada de extraordinário.

O cansaço e os mosquitos diminuíram a vivacidade dos moleques. Dudi acabou falando novamente em regressar, quando Yankel gritou: “– Estou vendo uma clareira e um amontoado de pedras. Dudi suba nos meus ombros e verifique com seus próprios olhos”. “– É verdade”, gritou Dudi, “parecem restos de ruínas de um castelo ou de uma fortaleza”. A não ser uma parede de pedras que o tempo se incumbirá de destruir, nada mais havia de interessante.

Quando os meninos, decepcionados com a infrutífera descoberta resolveram voltar, Nicola pisou numa estranha saliência. Raspou com um facão a terra acumulada até que surgiu uma placa de ferro com uma argola. Yankel forçou a alça até a placa se abrir. Olhou então pela abertura e viu uma escada de pedra que levava às trevas de seu interior. Munidos com os lampiões acesos, apoiaram-se nas paredes úmidas, para não escorregar nos degraus cobertos de limo.

O ar puro da natureza foi substituído por um ambiente abafado repleto de teias de aranha. Finalmente a longa escada os levou a um chão coberto de pedras. Ao longo de um corredor se enfileiravam pequenos compartimentos com portas gradeadas. Dentro delas havia restos de esqueletos presos com correntes.

As crianças assustadas desviaram o olhar e seguiram até o fundo do corredor que terminava numa ampla sala. Sobre uma mesa carcomida pelo tempo havia vários utensílios domésticos. Longos bancos rodeavam a mesa. Uma arca enorme dominava o ambiente. Ela rangeu quando Yankel, aguçado pela curiosidade, conseguiu abri-la.

Os meninos arregalaram os olhos diante do brilho que desprendiam as joias e moedas. Pelo tipo diversificado das moedas, imaginaram que pertenceram a vários países e que tinham sido cunhadas em tempos

remotos. Yankel disse: “– Vamos fechar essa coisa enorme e não levar nada daqui. Conversaremos lá fora porque aqui o ar está asfíxiante”.

Sentados numa pedra respirando o ar puro do final da tarde, Nicola falou primeiro: “– Nós agora temos um segredo que devemos manter para sempre. É verdade que o calabouço com suas celas e o baú tem um valor histórico importantíssimo. Os arqueólogos certamente desvendariam a que povo e época pertenceram essas ruínas. Entretanto, junto com os pesquisadores, viriam ladrões e bandidos em busca destas riquezas incalculáveis. Nossa pacata aldeia não teria mais paz”.

Yankel respondeu: “– Você tem toda a razão, Nicola. Agora temos um segredo que fortalece nossa amizade para sempre”. Dudi então falou, lembrando das aulas de história: “– Desde os primórdios da civilização os povos guerreiros por excelência, invadem o território dos mais fracos. Apesar dos otomanos dominarem nossa região balcânica até o princípio do século passado, penso que as ruínas podem pertencer tanto a um castelo turco como a uma fortaleza romana”. As discordâncias sobre a origem das ruínas fizeram com que o papo se prolongasse. Sem um consenso, Yankel insistiu: “– Seja qual for a história deste lugar, o que vocês acham de chamarmos nosso esconderijo de ‘Ruínas Romanas’?”.

Aprovado por unanimidade o nome da descoberta, voltaram para suas casas, sonhando com cavalheiros e damas em seus castelos medievais e estendendo suas férteis imaginações para o tempo dos guerreiros romanos, conquistando o mundo com lanças e espadas.



Capítulo VI

Gradativamente o vento do outono foi crescendo e invadindo brutalmente toda a natureza. A claridade solar foi substituída pela cor pardacenta das nuvens acumuladas. As árvores vergavam enlouquecidas pela fúria do tempo, enquanto suas volumosas copas iam sendo destruídas. Suas folhas sacudidas diabolicamente, rodopiavam no ar antes de pousarem no solo. O rio agitava com violência suas águas, abafando o som de um violino cigano. Os animais se aninhavam em suas tocas, enquanto as aves debandavam para terras acolhedoras. O casal de cegonhas que vivia no telhado dos Felman, imigrou para regressar somente na primavera.

Chegara a hora das mulheres de Digien aprontarem suas lãs e agulhas para preparar as malhas da família. A benemérita tia Perl já começara a tricotar agasalhos para as crianças pobres da aldeia. Como em breve a gravidez de Rucl se tornaria visível, ela resolveu procurar a costureira Heike Jeguer. Quando a situação econômica de Mendel se tornou estável, Rucl passou suas costuras para a habilidosa mulher.

Dentro de pouco tempo comemorariam os dias santificados, portanto era aconselhável que seus vestidos fossem confeccionados sem costuras ajustadas.

Depois do almoço, Rucl, sua sogra e sua amiga Lube dirigiram-se para a casa de Leike.

Leike, com seu corpo volumoso e suas pernas cheias de varizes, estava prostrada numa cadeira, com os filhos correndo à sua volta, pois não tinha nenhum controle sobre eles.

Seu marido, Mones Gun, também sem autoridade com as crianças, quando voltava do trabalho se refugiava no quarto de onde só saía para jantar quando os diabinhos adormeciam de cansaço.

Bessi Felman disse para a filha: “- Leike, não me venha outra vez com desculpas. Apanhe alguns cortes de fazenda e acompanhe sua cunhada até a costureira”. A filha, sem fazer menção de se levantar respondeu: “- Não estou disposta, fica para outro dia”.

Rucl, que já esperava essa reação, falou: “- O desânimo se apoderou de você. Vamos sair que a mudança de ambiente vai te fazer bem. Você deixou acumular tantos cortes de fazenda que recebeu de seu bom

marido, que é uma pena não os aproveitar”.

Como Rucl previa, sua cunhada se negou a acompanhá-la. Rucl e Lube, com dois cortes de fazenda, seguiram para a casa de Meyer Jeguer.

Heike Jeguer era uma mulher ríspida e insociável. As duas amigas há muito tempo haviam desistido de manter relações de amizade com a costureira. Calada, Heike era indiferente a qualquer assunto que fosse banal ou de alguma importância. Não frequentava a casa de ninguém e, quando obrigada a comparecer a uma reunião, respondia com monossílabos, não entusiasmando ninguém a entabular uma conversação. Entretanto seu modo de ser não afastava a numerosa clientela, porque costurava com rapidez e perfeição. Depois de combinado o preço e escolhido o modelo da roupa, repetia sempre a mesma frase: “– Preciso ficar só, caso contrário os alfinetes vão sair do lugar”.

Portanto, naquela tarde, Rucl e Lube mostraram-se incrédulas, porque Heike não usou sua costumeira frase de despedida. Dizendo que precisava de um conselho, começou a falar: “– Vocês estão vendo esses livros novos? Meu irmão mandou da América para Meyer esse precioso presente”. Rucl e Lube examinaram os livros. O material da encadernação era reluzente. “– São muitos livros sagrados, como o Pentateuco, a Torá, com os cinco livros de Moisés”.

Heike Jeguer agitou nervosa as mãos e disse: “– O Meyer se recusa a aceitar o presente. Prefere continuar orando nos seus livros arcaicos, cujas folhas estão amareladas pelo tempo. Discutimos e ele saiu muito aborrecido. O conteúdo dos livros é idêntico, porque então a teimosia em preferir aqueles em mau estado de conservação?”.

Rucl então disse: “– Seu marido é um homem maravilhoso, que dedica a vida a Deus, a Torah e as Mitzvots. Prefere os velhos livros, porque para ele têm um grande significado. Pertenceram aos seus antepassados, num tempo em que não havia imprensa. Nota-se que foram copiados a mão, numa época de perseguições e humilhações. Foram manuseados por homens profundamente religiosos que talvez sacrificaram a própria vida para conservá-los. Para seu marido têm valor sentimental e estimativo. Você deve deixá-lo com seus livros e escrever agradecendo o presente. Seus filhos se incumbirão de usá-los”.

Heike acabou concordando com as explicações e já ia repetir sua habitual frase de despedida, quando Lube com uma pontinha de maldade se antecipou: “– Vamos Rucl, antes que os alfinetes da Heike saiam do lugar”.

O mau tempo não permitiu que as duas amigas comentassem o ocorrido. Uma rajada de vento fustigou seus rostos e o céu cor de chumbo anunciou uma tempestade iminente. O outono era uma estação indesejável, castigava os homens e a natureza. As crianças esperavam com ansiedade o inverno, que apesar do intenso frio, era bem atrativo: os meninos deslizavam na neve espessa e criavam bonecos de gelo. Em todos os lares, sobre a superfície do fogão, que exalava um cheirinho gostoso de pão fresco, as crianças e os gatos se aninhavam.

O tempo foi passando, até que finalmente terminou mais um ano feliz. Chegava 1914, com a mesma confiança nos homens e a mesma esperança de paz dos anos anteriores.

No último mês de inverno nascia Nehama Felman. Era uma linda bonequinha loura de olhos azuis. Todos ficaram encantados com ela e principalmente seu pai não conseguia conter tanta alegria. Mendel não disfarçava sua predileção pela pequena Nehama.

Quando finalmente chegou a primavera, ninguém supunha que a tranquilidade ia ser perturbada por uma terrível catástrofe.

A primavera trouxe os encontros no pomar dos Gris, os passeios, os bailes da juventude e os banhos no rio. O sol voltou a reinar com toda a plenitude, trazendo de volta as aves ao lugar de origem. As mulheres judias, carregando pacotes de doces, percorriam frequentemente a estrada estreita invadida pelas flores silvestres, em busca dos sapatos e da música inebriante de Alexander Cigan.

À noite, a última ocupação das famílias era o jantar, servido sob a frágil luz das velas. As crianças, como os adultos, recolhiam-se cedo, sem oportunidade de qualquer atividade. Yankel, Dudi, Erchel e Yosef dormiam no mesmo quarto. Dudi, vez ou outra, saudoso dos pais e irmãos, depois das aulas voltava para casa. Porém, naquela noite de primavera não conseguiu conciliar o sono, preocupado com o esquecimento das obrigações de visitar a família.

Acordou seu primo com uma sacudidela, dizendo: “– Yankel, esta noite vou dormir na minha casa. Amanhã cedo estarei de volta para fazermos as lições”. Yankel respondeu nervoso: “– Dudi, você me acorda no meio da noite para me dizer uma bobagem dessas. Medroso como é, vai sair na escuridão?”.

Dudi, sem responder, apanhou o travesseiro e o cobertor e saiu.

As estrelas e a lua iluminavam ligeiramente os passos do menino.

Sabia que na aldeia não havia bandidos, mas estava temeroso, porque se lembrou de que teria de passar inevitavelmente, pela casa abandonada. Começou a tremer, quando o silêncio foi quebrado por um ruído estranho, uma pancada que ele não pôde precisar se era oriunda da casa em ruínas ou dos Finkel. Dudi respirou fundo e, impulsionado pelo medo, saiu em corrida desabalada, parando somente na porta de sua casa.

Quando entrou, assustado, seus pais e seus dois irmãos mais velhos, sentados à mesa, olharam admirados para a sua palidez. Os irmãozinhos dormiam e os adultos desfrutavam os poucos momentos de paz. Dudi, dizendo que viera em hora imprópria por sentir saudades, recebeu um abraço dos irmãos e um beijo carinhoso dos pais. Depois de responder a uma porção de perguntas, foi deitar-se junto aos irmãozinhos.

No dia seguinte, Yankel e Dudi se juntaram ao companheiro Nicola na saída da escola. Dudi então contou o estranho som de pancada que ouviu no meio da noite.

Os outros dois começaram a rir, dizendo que as pessoas medrosas sempre ouvem sons imaginários, mas, por via das dúvidas, iriam averiguar.

À noite, às escondidas, encontraram com Nicola nas proximidades da casa abandonada. Ficaram de espreita atrás do muro, mas o silêncio não foi interrompido nem mesmo pelo uivo de um animal. Yankel e Nicola discutiram com Dudi por terem trocado a cama confortável por conversa fiada.

O menino, decepcionado com a irritação dos companheiros, começou a raciocinar. Visitou os pais na noite de quinta-feira. Refletindo agora com calma, lembrou que as pancadas só poderiam vir do quintal dos Finkel. Sabia que todos os dias o sovina entregava as encomendas dos doces, com exceção das quintas-feiras, quando recebia todo o dinheiro das vendas. Dudi pulou de alegria, quando concluiu que ele guardava sua fortuna em algum buraco no quintal. Quando transmitiu aos colegas suas conclusões, Yankel disse: “– Até que o Dudi não é tão burro como parece; na quinta-feira vamos averiguar”.

Na noite e na hora combinadas lá estavam os três moleques à espreita.

Não tardou muito, Aron Finkel, munido de um lampião, uma en-

xada e um pacote embaixo do braço, avançou para o fundo do quintal. Começou a cavar, até que retirou uma caixa enorme. Os meninos aproximaram-se para poder observar melhor. O sovina abriu o baú e começou a contar seu rico dinheirinho. Abriu o pacote que trouxe e começou a beijar uma a uma, todas as notas. A seguir, pôs-se a dar pulinhos ao redor da caixa e pancadinhas de satisfação. Era tão hilariante e ridículo que as crianças, sem se conter, começaram a dar gargalhadas.

Finkel pasmo e apavorado cambaleou para frente e, se não fosse o apoio da caixa, teria desabado. Recuperando-se aos poucos, conseguiu falar: “– Só podiam ser vocês, seus moleques diabólicos. Eu guardo aqui apenas papéis de dívidas e recibos”. Yankel respondeu: “– Já que são papéis insignificantes, toda a aldeia pode ficar sabendo, não é mesmo?”.

Finkel, gaguejando respondeu: “– Vamos fazer um trato. Eu não conto a seus pais que vocês saíram a altas horas da noite e, em troca, vocês guardarão meu segredo para sempre”. Nicola então falou: “– A nós, o senhor não faz de trouxas. Está acostumado só a receber, nunca a dar”.

“– Tive uma ideia”, disse Yankel, “não queremos seu dinheiro. Entretanto, em troca de nosso eterno silêncio terá que nos dar um doce uma vez por semana”.

Mesmo no escuro, os meninos perceberam que o miserável ficou lívido. Com receio de que eles se arrependessem e exigissem o dinheiro, Finkel tratou de concordar. Dudi, então concluiu: “– Todas as quartas-feiras, na saída da escola, nós estaremos aqui para comer gra-tui-ta-men-te, frisou, um strudel de cerejas que, por sinal, é o mais caro”. A seguir, os moleques, dando exageradas gargalhadas foram dormir. Impreterivelmente, uma vez por semana, os meninos compareciam à doceira dos Finkel para saborear seu strudel, mas principalmente para observar as alterações do usurário. Ele se comportava como se estivessem lhe arrancando um braço. Não se conformava em dar doces em troca de nada. Os meninos adoravam examiná-lo e fazer troça. Em dado momento, de tanto rir, Yankel, Dudi e Nicola corriam para os fundos da casa abandonada, antes que fosse tarde demais.

Capítulo VII

Desde os tempos primitivos, os homens invadiram o território dos mais fracos e provocaram infindáveis guerras pela cobiça de escravos e pelas riquezas. A guerra acompanhou a humanidade, através dos séculos.

Na antiguidade surgiram os primeiros filósofos e cientistas; entretanto foi, no século XIX que os progressos intelectuais e científicos começaram a se avolumar, principalmente devido ao desenvolvimento das ciências biológicas. O progresso abrangeu todos os setores, como a indústria, o comércio, a economia, a física e os novos ramos das tendências filosóficas. A eletricidade, as máquinas, os meios de transportes e comunicações, trouxeram à humanidade mais recursos e uma vida mais confortável. O homem rompeu as barreiras do impossível, buscando experiências concretas com a luz da verdade, deixando no passado o misticismo e as crenças absurdas.

Infelizmente junto com o avanço do homem e suas maravilhas, desenvolveram também as armas militares. Com o crescimento bélico surgiram os lança-chamas, gases venenosos, possantes explosivos e metralhadoras. Os homens, com toda sua sabedoria e inteligência, não conseguiram evitar a estupidez da guerra. Esqueceram a responsabilidade de preservar a segurança do povo e o dever de poupar a vida.

A “era da modernidade” não evitou com que a primeira metade do século XX fosse marcada por duas das mais hediondas conflagrações mundiais.

Quando foi assassinado em Sarajevo, o arquiduque Francisco Ferdinando, o império austro-húngaro declarou guerra à Sérvia, em dois de junho de 1914. Se as grandes potências não tomassem partido, a guerra não alcançaria proporções tão alarmantes. Foram alianças entre as nações que precipitaram os homens para uma das mais sangrentas matanças da humanidade. Os países poderosos com sua cobiça pelos territórios alheios e suas possessões, a concorrência no comércio e na indústria, as ofensas, o orgulho ferido e o nacionalismo foram, entre outras razões, as que contribuíram para o desfecho final. As nações envolvidas tiveram uma parcela de culpa, mas a Alemanha, ao adentrar em território belga para invadir a França, ampliou ainda mais



o conflito na Europa central. Na voragem de carnificina da Primeira Grande Guerra, perderam a vida sete milhões de homens. Em todas as partes do mundo os eloquentes oradores pregavam a implantação da democracia e a queda do império. Clamavam por paz, justiça e desarmamento militar. Os otimistas repetiam que essa seria a última de todas as guerras e que nunca mais, em parte alguma de nosso sofrido planeta, alguém iria ouvir o rufar dos tambores.

Quando os cidadãos da Bessarábia foram convocados, naturalmente não esqueceram os jovens de Digien. O espírito de apreensão e medo se apoderou da população da aldeia. Povo pacato e trabalhador, dedicado à família, não compreendia o porquê da guerra.

As trágicas notícias de combates chegavam com atraso pelo jornal, único meio de comunicação naquele lugarejo perdido.

Na lista dos convocados estavam cinco rapazes judeus em idade militar e aproximadamente cinquenta camponeses. Havia comentários que, nas grandes cidades, para escapar da guerra muitos jovens se submetiam a bárbaras operações com o intuito de serem dispensados.

Os cirurgiões decepavam dedos, provocavam hérnias e vazavam olhos. Parentes e vizinhos se visitavam para tentar confortar os pais e as namoradas dos futuros soldados.

Na missa de domingo, a pregação de fé e otimismo não encorajou os tristonhos camponeses.

Quando Nicola avisou Rucl e Lube da convocação do irmão Paolo, as duas amigas foram de imediato ao sítio dos Romen.

Bianca chorava abraçada a Paolo, enquanto seu irmão gêmeo Francesco era consolado por Petri, seu pai. A napolitana, quando viu as amigas, soltou seu filho e correu para abraçá-las. Petri Romen disse: “– Os gêmeos foram chamados, mas só Paolo foi convocado porque encontraram algum defeito nos pés de Francesco. São tão amigos e agora uma guerra absurda vai separá-los”.

Rucl, acarinhando Bianca, disse: “– Paolo e todos os rapazes estarão de volta, se Deus quiser muito em breve, porque a guerra não se prolongará”.

O menino Carlo trouxe chá de ervas medicinais de efeito relaxante. Entre um gole e outro, Bianca falava com a voz alterada, até que o chá e o desabafo produziram um efeito tranquilizante.

Lube, conhecedora de histórias interessantes, contadas pelo mari-

do professor, começou a falar sem interrupção, tornando o ambiente menos tenso.

Alguns dias mais tarde, os futuros soldados se aglomeraram em dois caminhões, que vieram buscá-los. O povo, reunido na entrada da cidade, chorava, acenando seus lenços coloridos.

Paolo prometia a Francesco que faria o possível para regressar. O irmão, como resposta, gritou para o caminhão já distante que iria esperá-lo todos os dias na entrada da cidade.

A guerra se prolongou por anos a fio. Negociações para a paz pareciam insolúveis. Os jornais anunciavam que as batalhas recrudesciam, sempre com muitas vítimas.

Quando as cartas começaram a chegar, a filha mais velha dos Felman e sua amiguinha Mintzi se ofereceram para ajudar os analfabetos camponeses. As famílias, ávidas por notícias dos parentes, pediam às meninas que repetissem a leitura das cartas inúmeras vezes.

Pessi e Mintzi, sensibilizadas com as lágrimas dos camponeses, choravam também.

O conteúdo das cartas era semelhante, revelavam que os soldados viviam entrincheirados em buracos, convivendo com o medo e o frio. Ensurdidos pelos bombardeios, temiam a morte, que rondava a todos. Sentiam intensas saudades da família e falta do lar com todas as suas regalias. Não falavam sobre os combates porque não importavam vitórias nem derrotas, somente interessava a paz para que pudessem regressar.

Uma tarde surgiu em Digien uma leva de soldados vindos de cidades próximas de volta de suas licenças e a caminho dos locais de combate. Não lhes foi negada guarida por uma noite e as famílias das casas mais confortáveis se prontificaram a recebê-los. No dia seguinte, depois de um reforçado jejum, os soldados agradeceram a hospitalidade e seguiram viagem. Passado um período de sete dias, após a estada dos camponeses, algumas pessoas da aldeia caíram doentes. Ninguém ficou alarmado, porque os primeiros sintomas se assemelhavam aos de uma gripe, ou mesmo tuberculose, muito comum na região. Rapidamente a febre dos enfermos cresceu com intensas dores de cabeça e calafrios.

A doença se alastrou, dominando uma parte da população. Abrum Felman, como sempre, tomou a iniciativa, viajando para a capital à procura do melhor clínico da cidade. Quando voltou, trazendo dois

competentes médicos, vários óbitos já haviam ocorrido. Na sua própria casa, o velho Felman encontrou doente sua netinha Manhe.

Os médicos, ao examinarem os enfermos, constataram que a doença era grave. Pelos sintomas de mal estar, prostração, febre inalterada e erupções cutâneas, invadindo o tronco e as axilas, certificaram-se de que se tratava de tifo epidêmico, transmitido pelo piolho. A doença foi diagnosticada, mas infelizmente, naquela época, não havia meios eficazes de prevenção e combate da epidemia. A penicilina e toda a família de antibióticos ainda estavam distantes de serem descobertos por Fleming e seus colegas. O piolho infectado também resistia à sua eliminação, porque não havia o DDT para pulverização.

Os médicos faziam o que estava a seu alcance, dispendo de tão poucos recursos. O farmacêutico Wladau vinha diariamente de Godem com medicamentos. Quando os remédios não eram suficientes, o menino Yankel corria com toda a sua agilidade para apanhá-los em outras localidades.

A benemérita Perl Gris, sem receio de contágio, dedicava-se aos enfermos como uma enfermeira nata. As famílias da aldeia resolveram, a conselho dos médicos, levarem as crianças para casas de parentes distantes.

Mones Gun, sensatamente, viajou com a esposa e os onze filhos para Bucareste. Seu filho Dudi preferiu ficar na casa dos avós, com a intenção de ajudar o primo Yankel, nas idas e vindas na busca de medicamentos.

Mendel Felman levou para Godem os filhos Nehama e Yosef, mas Erchel não quis abandonar a família. Pessi acompanhou sua amiga Mintzi até a casa de sua avó, porém Surke não quis abandonar a mãe, que já estava enferma.

Abrum e Bessi Felman resolveram cuidar da pequena Manhe, para evitar que nora e filho contráissem tifo. Mesmo assim, com distúrbios circulatórios, Manhe não resistiu. Duas semanas mais tarde seus avós, contagiados pela neta, vieram a falecer.

O desespero apoderou-se de Mendel, Rucl e de todas as famílias enlutadas. Vinte por cento da população foi infectada, mas somente dez por cento resistiu. Conseguiram sobreviver após uma longa e difícil convalescença. As duas escolas fecharam as portas, enquanto os cemitérios, cristão e judaico, abriam diariamente.

Quando Uti Finkel faleceu, os soluços de seu marido quebraram o silêncio da aldeia. O povo sabia que o sovina não chorava de remorso, mas sim pela ausência de sua máquina de fazer dinheiro. Mendel e Rucl angustiados, saíram à rua, sem destino. Olharam em redor. Parecia uma cidade morta. Como a aldeia entristecera! Estava deserta e silenciosa. Onde estavam os alegres camponeses com seus lenços coloridos? Confinados em suas casas, choravam sua dor.

Rucl lembrou de sua filha Manhe, de seus sogros e de todos que se foram. Entre eles, no dia anterior, Francesco Romen, irmão gêmeo do soldado Paolo. Também lhes vieram à memória as palavras amargas de Bianca; “– Se Paolo voltar, não vai se conformar com a fatalidade que levou seu querido irmão, disse Bianca. Era preferível que a guerra chegasse até aqui. Nós nos protegeríamos em buracos, como os ratos. Já essa maldita doença estende seus tentáculos invisíveis e nos alcança sem que tenhamos chances de nos defender”.

Mendel e Rucl andaram a esmo e quando deram por si estavam a caminho de Godem. Saudosos dos filhos, queriam abraçá-los, mas voltaram quando perceberam que iriam cometer uma insensatez.

Mendel dizia à esposa: “– As consequências da guerra são sempre funestas e imprevisíveis. É bem provável que os soldados aos quais demos guarida eram portadores dos piolhos infectados. Nunca sabemos se foram eles os responsáveis por essa calamidade”.

Rucl, com os olhos vermelhos de tanto chorar, respondeu:

“– O povo é sempre o mais injustiçado, abandonado à sua sorte. Fica à mercê de sua ignorância, sujeito à fome e às doenças, causadas por um conflito alheio à sua vontade. Já em casa, o casal ouviu a voz do filho Erchel, falando ininterruptamente. Encontraram no quarto, sentados na cama, Yankel, Dudi e Nicola. Erchel não interrompeu sua história, mas apontou duas cadeiras para que os pais se acomodassem. O menino prodígio falava com conhecimento de causa sobre aventuras fantásticas por terras distantes, em épocas passadas.

Ele já lera uma boa parte da vasta biblioteca do professor Licman e agora chegara o momento de entreter a família desolada. Erchel, vibrando como um bom ator, personalizava David Copperfield. A história ia se desenrolando com a imaginação fértil de Charles Dickens, distraindo a pequena assistência. O enredo, como um bálsamo, acalentava seus corações.

Todas as tardes aquelas cinco pessoas se habituaram a ouvir as aventuras de Alexandre Dumas, os contos de Dickens e as ficções científicas de Júlio Verne. Aquele pedacinho de gente, com perspectivas de um futuro gênio, conseguia amenizar a dor da família. Rucl, contemplando Yankel, Dudi e Nicola, notou uma diferença surpreendente nas suas fisionomias: eles perderam o olhar traquinas e aquele jeitão atrevido dos moleques. Diante dela estavam três homens, que devido às contingências da vida cresceram repentinamente. Adquiriram também, uma experiência marcante causada pelo impacto de um espetáculo brutal.

Capítulo VIII



Em 11 de novembro de 1918 foram assinados, finalmente, os termos oficiais do término da Primeira Guerra Mundial. Todas as tentativas anteriores de consolidação da paz haviam malogrado. Portanto, quando ela foi definitivamente aceita, um sentimento de esperança contagiou o mundo. Ficou para trás a lembrança de milhares de mortos, entre soldados e civis. Foi uma vitória amarga conquistada à custa de terríveis sacrifícios. Depois dos primeiros tempos de euforia, os países vencedores trataram da partilha dos territórios e colônias dos beligerantes vencidos. Sentados em confortáveis poltronas, as autoridades máximas reuniram-se para discutir o que cada país lucraria com essa partilha. Sobre os despojos dos sacrificados, a divisão das terras modificou novamente o mapa europeu. A Bessarábia, como num jogo de vai e vem, foi anexada à Romênia, depois de embates entre os romenos e soviéticos pela posse do território. De uma maneira geral a população, que simpatizava mais com os romenos, respirou aliviada. Seus habitantes receberam a cidadania romena e os funcionários russos e seu complicado idioma seriam substituídos.

Os camponeses de Digien estavam felizes com o término do conflito, porque finalmente os combatentes iriam regressar. O ano judaico de 5679 tinha acabado de começar.

Chegara o dia de receber os filhos de Digien. Postados ao longo da estrada, o povo aguardava. Judeus e cristãos estavam mais unidos do que nunca. A convivência diária, a dor pelas perdas humanas, a angústia da guerra, aproximou-os.

Perl Gris, que passou os dias e as noites na cabeceira dos doentes, era constantemente aplaudida pela multidão.

A epidemia já tinha sido debelada, e apenas alguns casos brandos, sem conseqüências fatais, surgiam de vez em quando.

Dos cinquenta e tantos combatentes, voltaram apenas trinta e oito. Rucl ao lado de Lube, olhava à sua frente os rostos preocupados de Bianca e Petri Romen. Ela sabia que eles temiam a reação de Paolo quando se deparasse com a ausência de seu querido irmão Francesco.

Quando finalmente, o ronco do caminhão quebrou o silêncio da expectativa, todos começaram a correr e a gritar. Os rapazes saltaram

lépidos à procura de seus familiares. A alegria do retorno foi empanada pela ausência dos que se foram. Paolo, abraçado aos pais, a Carlo e a Nicola, procurava com os olhos, o irmão Francesco. Ninguém ousava tomar a iniciativa de contar que uma epidemia vitimara seu irmão.

Quando Paolo perguntou aos pais porque Francesco não estava presente, suas vozes angustiadas não conseguiram explicar. Paolo começou a correr em direção ao sítio, gritando: “– Deixe de brincadeira, Francesco, e venha ao meu encontro”. Como Bianca caiu desfalecida, Yankel voou para Godem em busca do farmacêutico, enquanto Nicola, Dudi e Carlo iam atrás de Paolo. Quando alcançaram o rapaz, ele já estava abrindo a porteira do sítio. Enquanto Dudi e Nicola seguravam Paolo, Carlo, enchendo-se de coragem, começou a falar. “– Tenho de contar-lhe um acontecimento muito triste. A fatalidade atingiu Digien. Houve uma epidemia que dizimou dez por cento da população. Infelizmente Francesco estava entre os que não escaparam”.

Paolo, incrédulo, contraiu seu rosto sem tentar compreender. Com o impacto da inesperada notícia, desvencilhou-se dos braços dos meninos e começou novamente a gritar e a correr: “– Francesco, eu cumpri a promessa e voltei, mas você foi um ingrato, sem palavra, não esperou por mim”. Continuou gritando palavras sem nexos, até que as lágrimas finalmente invadiram seu rosto. Nesse ínterim, já recuperada, chegava Bianca, a família, os amigos e também, numa charrete, Yankel com o farmacêutico Wladau.

Quando os medicamentos fizeram efeito, Paolo adormeceu. Todos voltaram para suas casas, encurvados com o peso das lembranças e das decepções. Os adultos e crianças, hospedados em casa de parentes, começaram a regressar. Mendel e Rucl estavam ansiosos em rever os pequenos Yosef e Nehama. A linda menina correu para os braços de seu querido pai, enquanto Yosef abraçava afetuosamente sua mãe.

Pessi foi a última que voltou de Bucareste, com Mintzi e a avó. Com o falecimento de sua filha Uti, Rifki, a avó de Mintzi e Surke, pretendia levá-las definitivamente para Bucareste. O sovina do pai, usando de artimanhas, conseguiu convencer a filha Surke a não o abandonar. Dedicada às encomendas de doces, estava igualzinha à sua infeliz mãe. Pessi e Mintzi, sempre tão amigas, prometeram na hora da despedida, passar longas temporadas uma na casa da outra.

O passar do tempo foi amenizando as lembranças e Digien voltou

à normalidade. Os alunos das duas escolas quando terminavam sua educação elementar, passavam a ajudar os pais na lavoura ou no comércio, sendo substituídos por crianças em idade escolar. Yankel e Dudi não fugiram à regra, mas Erchel estava disposto a enfrentar o pai e a convencê-lo a permitir que continuasse os estudos. Tinha um valioso aliado, que era seu amigo e professor Duved Lichman. Todas as tardes, o pupilo e seu mestre sentavam na biblioteca e discutiam sobre os livros. Erchel compreendia tudo que lhe caía nas mãos. Não havia barreiras para sua inteligência privilegiada.

Depois de exaurido todo o conhecimento daquela sala erudita, o professor acompanhou o aluno até a sua casa, com o intuito de persuadir Mendel Felman a deixá-lo ir estudar em Bucareste. Enquanto o professor explicava a inclinação de Erchel pelos estudos, seus sonhos e seus ideais, o pai do menino meneava negativamente a cabeça. Mendel Felman era um bom homem, mas autoritário e radical.

Esperou educadamente que Duved Lichman terminasse os entusiásticos elogios para responder: “– Eu sempre fui um filho obediente e respeitador das convicções de meu pai e meu avô. Como um bom judeu, sustentei a nossa família trabalhando. Yankel já me acompanha nos negócios e Yosef, mais tarde, também fará o mesmo. Eles estudaram o suficiente para rezar e resolver todos os problemas. Porque Erchel quer ser diferente? Ele não sabe as dificuldades que iria enfrentar? Não me refiro à questão monetária, mas ele teria que se sujeitar a discriminações e se ajustar a uma escola diferente”.

Duved Lichman respondeu: “– O senhor tem conhecimento, através dos jornais, que o mundo sofreu grandes transformações. Os professores com ideias arcaicas estão sendo substituídos por outros mais liberais. O estudo superior estará ao alcance de todos muito em breve. É verdade que em grande parte do nosso mundo o homem ainda é analfabeto ou, quando muito, tem uma educação elementar. Entretanto, Erchel, ou qualquer jovem que queira estudar, já têm mais oportunidades”.

Mendel pediu ao filho que se manifestasse. Erchel então falou com voz firme e sem rodeios: “– Pai, eu nunca vou desistir dos estudos. Se o senhor não está de acordo, posso esperar a minha maioridade. O meu ideal é ser médico. Sei que é um longo caminho a percorrer, mas não temo as dificuldades e preconceitos. Navalhada não recebo mais”

Mendel ficou pensativo por alguns segundos que, para Erchel, pa-

reciam uma eternidade.

“– Meu filho”, disse, “me orgulho da sua persistência. Peço desculpas ao professor Lichman e agradeço sua boa vontade em ajudá-lo. Finalmente compreendi que não posso contrariar sua vocação. Espero que um dia você volte doutor para cuidar de nossos camponeses. Prometo que farei tudo o que estiver ao meu alcance para edificar uma clínica para você”.

Rucl e os outros filhos, que tudo ouviram sem interferir, abraçaram emocionados, pai, filho e professor.

Na primavera de 1920, o menino Erchel foi para Bucareste residir em casa de parentes para frequentar uma escola secundária, recomendada pelo seu professor.

Dois anos mais tarde, acontecimentos festivos agitaram a tranquila aldeia.

Duas sobrinhas dos Felman, as filhas de Mones e Leike Gun casaram com rapazes de aldeias vizinhas. Nas duas ocasiões, foi convidado um rabino de uma cidade próxima para celebrar as cerimônias e as festas aconteceram na espaçosa casa dos tios Gris.

Também nesse mesmo ano de 1922, em pleno verão, foi celebrado o casamento cristão de Paolo Romen e Maria, uma linda camponesa. Para o júbilo de Bianca e Petri, Paolo estava muito feliz. Já tinha suplantado a tristeza, pela perda do irmão, através do carinho da família e do trabalho saudável do sítio. Entretanto, a lembrança de Francesco estava sempre presente, em sua própria imagem ao se mirar no espelho.

Os Romen organizaram um almoço para uma centena de convidados, entre eles as famílias Felman e Lichman.

Quanto às danças típicas, acompanhadas pelos sanfoneiros, tão comuns nessas ocasiões, sua participação não foi aprovada pelo noivo. Ele apenas aceitou a presença de Alexander Cigan e seu violino mágico.

Várias mulheres, contratadas por Bianca, prepararam o banquete, orientadas pela italiana. Mesas longas, cobertas com toalhas alvas, enfeitadas de flores, aguardavam os convidados. Da porteira já se sentia o aroma delicioso das massas e carnes.

Quando as famílias Felman e Lichman chegaram, com quinze minutos de atraso, porque não assistiram à cerimônia religiosa, os convidados ocupavam seus assentos. As cadeiras reservadas para os amigos judeus estavam ao lado dos noivos e suas famílias. Depois

dos calorosos cumprimentos, todos se sentaram nos devidos lugares.

Repentinamente, Catinca Romen, cunhada de Petri, ficou em pé e falou com veemência e ódio: “– Minha família e eu não comemos com judeus na mesma mesa. Como tios dos noivos, temos a primazia de escolher. Devem se retirar imediatamente”.

Todos conheciam Catinca como mulher intransigente e racista, mas num dia de festa quem poderia supor que não conseguisse frear seu fanatismo desvairado?

Os Felman e os Lichman, refeitos da surpresa, fizeram menção de se levantarem. Petri, Bianca, Carlo e Nicola passaram seus braços carinhosamente pelos ombros dos amigos. Em seguida, Petri, indignado, disse: “– Cara cunhada, se a companhia de meus amigos não lhe agrada, trate de se retirar porque eles são nossos convidados de honra”.

Catinca furiosa, levantou-se procurando arrastar seus filhos e seu marido. Envergonhado pela atitude da esposa, Fiedor Romen se ergueu, dizendo: “– Os amigos de meu irmão e de minha cunhada são também meus amigos. Permaneço na companhia deles com muito prazer”. Wladuci, olhando para o pai com desprezo, acompanhou sua mãe; entretanto as meninas permaneceram sentadas, desaprovando sua atitude. Passados os momentos de constrangimento, os convidados serviram-se do delicioso almoço, conversando animadamente. Depois de comer fartamente, os adultos procuraram a sombra das árvores, enquanto as crianças rolavam no terreno inclinado, atapetado de grama.

Rucl, Lube e algumas mulheres ajudaram Bianca a preparar a mesa de doces.

Quando Alexander Cigan apanhou seu instrumento, todos silenciaram, até mesmo as crianças. O som alegre de suas melodias encheu o ar, envolvendo de magia aquele remoto sítio.

De volta para casa, enquanto as crianças corriam na frente, Rucl e Lube comentavam com rompantes de entusiasmo sobre a festa do casamento. Esgotados os elogios, as duas tagarelas notaram que seus maridos se mantinham calados. Bastante perturbado, Mendel finalmente falou: “– O incidente foi muito desagradável, mas eu não me manifestei para não prejudicar a festa”.

“– Eu também me contive, respondeu o professor, pela mesma razão. O que me preocupa são todas as Catincas e Wladucis espalhados pelo nosso continente. O antissemitismo que eles proclamam com

tanto fanatismo, influencia e insufla os mais suscetíveis. O ódio é um sentimento perigoso que gera mais ódio. É como uma bola de neve que vai crescendo”. Mendel respondeu: “– Você está certo, Duved, mas enquanto pessoas insignificantes apregoarem o racismo, nada temos a temer. Entretanto, se homens que dominam o poder forem portadores desses preconceitos, nós judeus, estaremos perdidos”.

Aquelas palavras tão realistas causaram uma sensação de abandono e solidão. Uma intuição, talvez um pressentimento, pairou no ar envolvendo os casais. Foi quando a menina Nehama, atenta à conversa, correu para os braços de seu pai, dizendo: “– Se a Catinca é uma bruxa, nós podemos queimá-la numa grande fogueira!”. Surpreendidos, todos riram, fazendo desaparecer toda aquela angústia. Rucl olhou para o lindo céu azul. Não estava mais tão límpido! Ao longe, bem distante, nuvens negras começavam a se acumular.

Capítulo IX

1922 foi um ano festivo, com uma sucessão de casamentos. Também aconteceu na aldeia um fato inusitado: a alta temperatura do último mês de verão obrigou as pessoas a conservarem abertas portas e janelas de suas casas, o que aumentou o convívio entre elas. Não havia o que temer, porque malfeitores e gatunos nunca se aproximavam de Digien. Portanto, quando três homens estranhos começaram a cavalgar pelas ruas, o povo se mostrou temeroso. Vestiam-se com roupas de cores berrantes e usavam argolas e pingentes dourados nas orelhas e no pescoço.

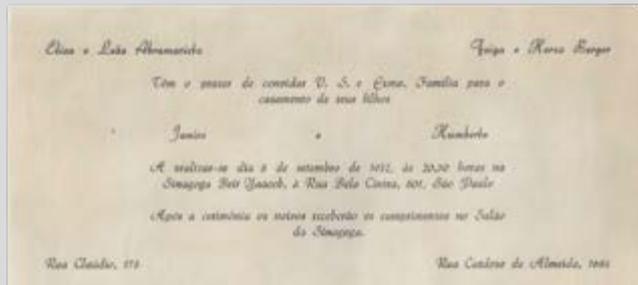
Na pele escura eram visíveis cicatrizes e, em seus olhares notaram um aspecto sinistro. Na cintura, pendiam embainhados, longos punhais. Os garanhões árabes que montavam, não eram compatíveis com seus cavaleiros. Os cavalos, provavelmente, foram adquiridos gratuitamente, porque seus donos os cederam sem resistência, movidos pelo medo.

Os bandos de ciganos que vez ou outra acampavam nas imediações, eram alegres e inconsequentes. Povo nômade, acostumado a dançar e a cantar, procuravam sempre as paragens de clima mais ameno. Ganhavam seus vinténs lendo a sorte das jovens casadoiras. Foi pensando assim, que o povo concluiu que os homens estranhos deviam pertencer à escória dos ciganos. Reclusos em suas casas, com portas e janelas trancafiadas, as pessoas aguardavam. Os mais afoitos olhavam por suas frestas e orifícios. Ouvia-se com frequência o relinchar e o trotar dos cavalos. Todos sabiam que Digien não apresentava atrativos para os ladrões, com exceção do usurário Aron Finkel. Entretanto, era quase impossível que alguém suspeitasse que ele conservava seu dinheiro enterrado no quintal.

Yankel e Dudi comentavam, entre boas gargalhadas, que o sovina devia estar tremendo de pavor. Com certeza, ele imaginava que os três rapazinhos que de há muito não o molestavam, tivessem quebrado o juramento e revelado a alguém o esconderijo de sua fortuna.

Durante dois dias as pessoas fizeram conjecturas. Repentinamente, os maus elementos desapareceram sem tocar em nada. Aos poucos, as pessoas, olhando para todos os lados foram deixando suas casas.

Yankel e Dudi não acompanharam os pais ao trabalho. Resolveram



chamar Nicola para ajudá-los a inspecionar as matas, com o intuito de se certificar que os bandidos não os esperavam de tocaia. Nicola vinha ao encontro dos amigos, com a mesma intenção. Os três jovens, entre dezessete e dezoito anos, eram fisicamente diferentes. Yankel, alto e magro, tinha as feições regulares. Continuava com o hábito de se alimentar pouco e caminhar muito. Passava temporadas em jejum, mas surpreendentemente sua vitalidade crescia. Era um atleta nato. Dudi, não obstante sua estatura elevada, não alcançava os ombros do primo. Era simpático e extrovertido. Nicola, de estatura mediana, era muito atraente, talvez por sua descendência ítalo-romena. Entretanto, o que os amigos tinham em comum era o caráter irrepreensível. Já há muito tempo que tinham substituído suas travessuras pelas conversas e atrativos da idade.

Nicola contou aos amigos que os três estranhos atravessaram a ponte e desapareceram na mata. Seguindo a trilha dos cavalos, os rapazes verificaram que não havia mais o que temer. Já iam regressar quando Yankel, olhando por acaso em direção da cabana de Alexander Cigan, estranhou as janelas fechadas. Resolveram avisar o sapateiro que o perigo havia passado. No chão, pegadas de cascos de cavalos terminavam na entrada da casa. Intrigados, os rapazes começaram a bater na porta insistentemente. Como não obtiveram resposta, Yankel empurrou a porta, até que ela cedeu. Com o impacto da cena horripilante que presenciaram, apoiaram-se uns nos outros para não desfalecer.

Sentado na sua cadeira de trabalho, Alexander Cigan estava desfigurado. Seu rosto retalhado com punhal, apresentava sinais de tortura. O corpo, mutilado com facadas profundas, ainda sangrava. Suas mãos foram barbaramente decepadas, com requintes de perversidade.

Dudi, refeito do susto, foi o primeiro a correr para vomitar nas águas do rio. Nicola seguiu seus passos e fez o mesmo. Yankel amparou os amigos, que tremiam diante da cena dantesca que presenciaram.

Durante a epidemia, viram muitas vezes a face da morte, mas um crime tão bárbaro provocou neles um tremendo choque. Refeitos da surpresa, os jovens resolveram que a providência mais sensata seria contar o fato aos mais experientes.

Enquanto Nicola falava com seu pai, Yankel e Dudi dirigiram-se à carvoaria do tio Gris. Os dois homens, depois de refeitos do choque,

resolveram ir imediatamente a um posto policial, próximo de Godem.

Bianca percebeu pela saída repentina do marido e pelo aspecto incomum dos rapazes que alguma coisa anormal estava acontecendo. Depois de muita insistência, conseguiram contar a trágica ocorrência.

Bianca, abalada com a notícia, pôs-se a soluçar desesperadamente.

Quando os policiais chegaram à aldeia, não foi mais possível manter segredo devido à curiosidade crescente da população.

Em questão de segundos, o assassinato de Alexander Cigan se alastrou por toda a aldeia. O acontecimento inédito motivou uma atividade febril das pessoas que saíam às ruas e se juntavam aos camponeses que voltavam do campo. Comentavam, em pequenos grupos, toda a sorte de hipóteses, mas já sabiam que os três bandidos vieram atrás do sapateiro. Rucl e Lube correram desesperadas para o sítio dos Romen. No caminho se juntaram a elas as outras senhoras judias. Em número aproximado de vinte chegavam ao sítio as chorosas mulheres. Muito abaladas, permaneceram em silêncio.

Depois que os policiais constataram o crime, anteciparam que provavelmente os assassinos ficariam impunes, porque a essa altura dos acontecimentos eles já deveriam estar atravessando a fronteira.

Disseram também que, devido às circunstâncias, cobriram o cadáver e já podiam tomar providências para o enterro. Assim que os policiais saíram, um menino trouxe um recado do pastor, pedindo a presença dos casais da comunidade judaica como também a dos casais cristãos, à noite, em sua casa.

O pastor Cristian Popescu era um bom homem. Orgulhava-se de ser descendente de várias gerações de pastores ortodoxos. Como seu pai e seu avô, Cristian Popescu amava Digien e tudo que dela fazia parte. Seus fiéis lotavam a igreja e ouviam com devoção seus sermões. Respeitava a comunidade judaica e os considerava indispensáveis, como um mecanismo que fazia parte da engrenagem para o progresso de Digien. Seu único erro, se assim podemos considerá-lo, foi casar com uma abastada e orgulhosa moça da cidade. A senhora Popescu, como era chamada, só mantinha relações de amizade com as senhoras de posses, entre elas, para desgosto do pastor, Catinca Romen. É verdade que praticavam a beneficência, mas com o dinheiro suado dos camponeses. O pastor perdera há muito tempo a esperança de que um de seus filhos seguisse sua carreira. Sob a forte influência

materna, os rapazes partiram para o exterior, onde estudaram e se casaram para nunca mais voltar.

À noite, na hora combinada, muita gente compareceu à reunião. Os que chegaram antecipadamente se acomodaram em cadeiras, dispostas em fileiras. Sentado junto a uma mesa estava o pastor. Depois dos cumprimentos, convidou Mendel Felman, Moiche Gris e os irmãos Romen, para que sentassem ao seu lado.

Cristian Popescu pediu silêncio e a atenção dos ouvintes. Ouviu-se sua voz sonora e firme. “– Pela primeira vez em nossa aldeia aconteceu um bárbaro assassinato. Um pobre homem foi morto e o crime não vai ser desvendado. Mas os assassinos pagarão por seus pecados, diante de Deus”.

Emocionado, o pastor prosseguiu: “– Alexander Cigan era um homem que não incomodava ninguém. Pelo contrário, exercia sua profissão de sapateiro e ainda encantava os ouvintes com seu incomparável violino. Nós devemos considerá-lo um cidadão de Digien, pelos longos anos que aqui permaneceu, e sendo ele um homem pobre, nós todos devemos cooperar para que tenha um enterro decente”.

Mendel Felman pediu a palavra: “– Pastor, em consideração à amizade das senhoras judias, com Alexander Cigan, minha comunidade se oferece para arcar com todas as despesas”.

O pastor respondeu: “– Eu agradeço a boa vontade da comunidade judaica. Faço questão de rezar uma missa em intenção de sua alma”.

Ele ia encerrar a reunião, quando Catinca Romen pediu a palavra. “– O cigano era um herege e um preguiçoso. Certamente minhas amigas aqui presentes como eu, não vão tolerar uma missa em sua memória”. As senhoras ao seu lado aprovaram a atitude de Catinca. Bianca Romen levantou-se irritada e respondeu: “– Alexander sofria discriminações, talvez por isso não se aproximava da igreja. Em uma das paredes de sua sala, há um crucifixo preso com uma corrente. Se você duvida Catinca, amanhã poderá verificar com suas amigas”.

Antes que a raivosa mulher respondesse, o pastor tomou a palavra. “– Não é preciso prova nenhuma. Eu vou rezar essa missa, a despeito de Alexander pertencer a qualquer credo”. Catinca, inconformada disse: “– Pelo menos seu violino deve ser oferecido a um dos nossos sanfoneiros”. Rucl se levantou e respondeu: “– Alexander amava seu violino, que era seu único bem. Na minha opinião, ele deve acompanhar seu dono”.

Uma salva vibrante de palmas encerrou a reunião. Na lápide do cigano, as senhoras judias mandaram gravar as seguintes palavras:

Alexander, não importa a ausência do brilho de nossos sapatos,
mas sim a saudade do som de seu magistral violino.
De suas queridas amigas,
16 de julho de 1922.

Capítulo X

Enquanto a aldeia de Digien se desenvolvia com morosidade, o tempo passava vertiginosamente para seus habitantes. No lar dos Felman, a primeira a casar foi a jovem Pessi em 1926. Ela e sua amiga Mintzi se uniram a dois irmãos quase simultaneamente. Tudo começou quando Mintzi passou a residir com a avó Rifki em Bucareste, onde Pessi passava longas temporadas.

Com o sucesso da doceira, Rifki ampliou seus negócios, abrindo várias filiais. Mulher dinâmica e sociável, mesmo na velhice supervisionava a produção dos doces. Sua casa, uma das mais belas da cidade, localizava-se em um dos melhores bairros residenciais. Reunia em sua residência aos sábados grande parte da comunidade judaica. Velhos e jovens frequentavam seus salões. Conversavam, jogavam cartas e se deliciavam com os quitutes de uma mesa farta. Rifki tinha um único desgosto, porque desde a morte de sua filha Uti, tentava convencer sua neta Surke a acompanhá-la a Bucareste. Em compensação, tinha a alegria de ser muito querida por Mintzi. Afeiçãoara-se também com a convivência à jovem Pessi. As meninas muito lindas eram fisionomicamente diferentes. Pessi, de cabelos e olhos negros, tinha o narizinho levemente arrebitado como o de sua mãe, a boca pequena e um sorriso cativante. Mintzi, de tez clara e cabelos castanhos dourados, tinha olhos azuis. Quando sorria, duas covinhas enfeitavam seu rosto delicado. Vestiam-se com elegância, numa famosa modista e compravam os melhores chapéus e sapatos. Frequentavam, na companhia de jovens judeus, cinemas e teatros.

Num sábado à tarde chegou à casa da amiga Rifki o casal Kasinsky, como fazia habitualmente, trazido num Ford do ano pelos seus dois filhos, que a seguir rumavam para lugares de seus interesses. Entretanto por uma feliz coincidência chegavam de um passeio Pessi e Mintzi. Bastou um olhar das jovens para entusiasmar os rapazes encantados com tanta beleza. Apresentados pelos pais, os rapazes acompanharam as moças esquecendo da pressa e dos compromissos.

Nasceu um grande amor entre Pessi e Chmil e entre Mintzi e Wolf. Com a aprovação unânime das famílias, casaram seis meses mais tarde.

Os casais foram residir em belas propriedades no centro de Bucares-



te. A família Kasinsky prosperara fabricando artigos de couro. Alguns meses mais tarde, os pais dos rapazes, saudosos das duas filhas que residiam nos Estados Unidos, resolveram imigrar para lá, deixando a fábrica para os filhos. Na América, resolveram, com a experiência adquirida na manufatura de artefatos de couro, continuar no ramo.

Mendel e Rucl, que viajavam de vez em quando a Bucareste saudosos do filho Erchel, depois do casamento da filha, passaram a visitá-la com mais frequência, principalmente quando os netos começaram a chegar.

Em princípios de 1929, o jovem estudante voltou a Digien para comunicar aos pais que estava apto para tentar a Faculdade de Bucareste. Os anos que ele passou no colégio foram praticamente ignorados pelos pais e pelo seu professor. Erchel respondia sempre de maneira evasiva às perguntas sobre o tratamento que lhe dispensavam professores e colegas. Entretanto, era óbvio que ele estudava com afinco, sempre com as melhores notas. Mendel e o professor, preocupados com os focos de antissemitismo, aconselharam o jovem Erchel a tentar estudar na França ou Inglaterra, mas ele não se deixou persuadir. Confiava no seu vasto conhecimento e se orgulhava de sua inteligência privilegiada. Para ele, os obstáculos não eram empecilhos e não temia quem quer que fosse. A experiência diária com contatos humanos lhe ensinara que a injustiça praticada por mentes apodrecidas desmorona diante de uma grande verdade.

Sentados em uma sala sombria, os candidatos aguardavam a arquição dos mestres.

Os catedráticos, em número de cinco, preparavam o questionário. Finalmente começaram a chamar os alunos em ordem alfabética. Quando um dos professores pronunciou o nome de Erchel Felman, o mais velho deles, que encabeçava a mesa, gritou: “– Um judeu com pretensões de cursar a faculdade?”. Erchel se apresentou de cabeça erguida, sem demonstrar nenhuma fragilidade.

As perguntas que lhe foram destinadas, naturalmente as mais complexas, foram respondidas com precisão e rapidez. Terminado o tempo reservado ao candidato, o mesmo professor em vez de aprová-lo, disse com sarcasmo: “– A prova ainda não terminou”. Apanhou um livro quase indecifrável, bombardeando o rapaz com infindáveis perguntas. Os professores e colegas impossibilitados de compreender, ouviam assombrados as respostas de um gênio. Diante de tantos fatos

concretos, o professor sem alternativas, aprovou Erchel Felman.

Um dos mestres, o mais jovem deles, sorridente o acompanhou até a porta dizendo: “– Meus parabéns, você é um homem de fibra. O diretor é um ferrenho racista, mas foi obrigado a aprová-lo porque você sabe muito mais do que ele. Conte sempre comigo”.

Erchel agradeceu e saiu feliz. Vencera a maior batalha de sua vida.

Com um mês para descansar, Erchel passou pela casa da irmã antes de viajar para Digien. Pessi, emocionada, abraçou o irmão, dizendo que ele teria um futuro promissor.

Na porta da casa chegou a chorar ao lembrar da imagem da avó, enxugando os olhos no longo avental, orgulhosa de seu netinho. Quando Erchel entrou, a família estava reunida para o almoço. Todos notaram pela sua expressão que havia boas novas. A alegria contagiou os presentes, quando disse que seria um futuro médico. Yankel, Dudi, Jossef e Nehama correram para beijá-lo. Os pais, comovidos, estavam orgulhosos do filho. Rucl, conhecedora do caráter de cada um de seus filhos, percebeu nos olhos de Erchel uma ambição desenfreada. Estremeceu ao pensar que se ele não se estabelecesse em Digien, Mendel não o perdoaria: ia começar a construção da clínica e esperar com ansiedade a formatura do filho.

Depois de um rápido descanso, Erchel correu para a casa de seu dedicado professor. Quando Lube abriu a porta, contou que viera comunicar que já era aluno da Faculdade. Lube abraçou o rapaz, de quem se habituara a gostar como filho, dizendo: “– Vou até sua casa, porque quero compartilhar, com seus pais, dessa alegria. Dentro de vinte minutos, Duved terminará sua aula e, então, você lhe dará essa boa notícia”.

Erchel, voltado para seus pensamentos, custou a perceber a presença da filha mais velha dos Lichman, que entrara mansamente na sala e o observava.

Feigue Lichman era uma linda mocinha, semelhante à sua mãe. Apenas seus cabelos, exageradamente crespos, que ela disfarçava muito bem com tranças e coques, herdara de seu pai. Desde criança, entrava sorratamente na sala e ficava num canto, observando seu pai e seu pupilo. Sentia-se atraída pelo pequeno Erchel e por seu deslumbramento pelos livros. Agora, com o passar dos anos a jovem Feigue, percebera o quanto amava Erchel Felman. Aproximou-se dele,

estendendo sua mãozinha para cumprimentá-lo. Erchel surpreso, notou pela primeira vez como Feigue crescera e ficara bonita. Apertou sua mãozinha morna e chegaram a trocar algumas palavras, quando a moça, ouvindo os passos do pai no corredor, afastou-se.

Emudecidos pela emoção, mestre e aluno se abraçaram afetuosamente. Quando Erchel conseguiu falar, foi para agradecer tanta abnegação e incentivo. Contou ao amigo, com detalhes, o que acontecera durante as provas. Duved Lichman respondeu: “- Você, como David, enfrentou Golias e saiu vencedor. Penetrou no covil dos lobos e voltou ileso”. Enquanto Erchel permaneceu em Digien, frequentou a casa do professor, mas propositadamente, chegava com antecedência. Feigue esperava por ele na porta. Conversando, descobriram que tinham muito em comum. Quando Erchel regressou a Bucarest, levava, além da cabeça repleta de livros, o coração cheio de amor.

Uma intensa correspondência entre ambos amenizou a saudade. Quando as cartas foram se avolumando, Feigue prendeu-as com fitas azuis. Lube acabou desconfiando e sua filha não teve alternativa, senão contar seu romance, pedindo provisoriamente segredo. A mãe, não se contendo, contou apenas para Rucl. Felizes com a novidade, elas guardaram sigilo absoluto.

No ano seguinte, em pleno inverno, Pessi e Mintzi, com todos os membros da família, apareceram repentinamente em Digien. Era de estranhar porque um mês atrás tinham comparecido para as festas religiosas. Pela fisionomia da filha, Rucl percebeu um misto de alegria contida com um ar tristonho de despedida.

Pessi pediu a Nehame para chamar tios e primos. Todos reunidos, foi seu marido quem explicou: “- Nós viemos comunicar, que resolvemos imigrar para os Estados Unidos. Vendemos o que possuímos e vamos nos juntar a meus pais e tomar parte nos seus negócios. Meu irmão, Mintzi e sua avó estão tentando convencer a Surke a nos acompanhar”. Pessi, quando notou que seu pai ficou lívido, disse: “- Nós achamos que todos vocês poderiam seguir nosso exemplo. Viveremos unidos e felizes, sem despedidas e separações. Vocês vão se adaptar com facilidade. Judeus seremos sempre onde quer que estejamos”.

Mendel respondeu com a voz ríspida: “- Será que em tantos anos de convivência você não aprendeu a me conhecer? Como seu avô e tantas gerações passadas nos apegamos a Digien. Vivemos na diáspora,

portanto aqui é a nossa pátria. Espero que meus outros filhos, não nos abandonem. Sua mãe irá vê-los quando quiser, mas não contem comigo”.

Yankel, Yosef e Nehame correram para abraçar o pai, que chorava convulsivamente. Em seguida, despreendeu-se dos filhos, trancando-se no quarto. Pessi, abraçada com a mãe, chorava copiosamente. Os tios Gris, entraram no quarto do sobrinho e depois de um tempo de conversa, Mendel saiu. Com a fisionomia conformada, estava mais maleável e compreensivo. Pediu desculpas e abraçou a filha, o genro e os netinhos. Disse também, que as esposas devem acompanhar seus maridos e que na primeira oportunidade iriam passar uma temporada na América.

Quanto a Mintzi e a família, não conseguiram convencer a Surke. Mintzi, sensibilizada com a vida dura da irmã e o sofrimento passado da mãe, desprezava seu pai. A jovem senhora, rica e orgulhosa, envergonhava-se da sovinice do pai. Lembrava com ressentimento que seus estudos foram custeados pelos Felman e não perdoava o pai.

Chegara o momento da família Kasinsky partir.

Os judeus que partiram antes e depois deles durante mais uma década foram portadores de passaportes de uma vida segura e duradoura. Espalhados pelo continente americano, os imigrantes e seus descendentes bafejados pela sorte foram poupados do mais brutal extermínio de todos os tempos.

Capítulo XI

A amizade que unia Yankel, Dudi e Nicola continuava indissolúvel ao longo dos anos. Desde o nascimento, tinham suas profissões definidas. Os dois primeiros, como era costume, viviam do comércio, enquanto Nicola era sitiante como seus pais. Homens feitos, dispunham de pouco tempo para o lazer, entretanto, nas horas vagas se reuniam para conversar. Dudi foi o primeiro a se apaixonar. Conhecera, numa festa de casamento em Godem, a jovem Yente, moça franzina, mas simpática e graciosa. Os dois amigos ouviam pacientemente as confidências de Dudi.

Quanto a Yankel, não sentia atração por nenhuma jovem de Digien, nem das aldeias vizinhas. Encontrava defeitos em todas com quem mantinha contato. Sua mãe estava inquieta e seu pai mantinha no olhar um ponto de interrogação quando o assunto era casamento. Já Nicola amava todas as camponesas. Sempre incerto quanto à escolha, não se decidia por nenhuma.

Esgotado o assunto das jovens casadoiras, partiam para as lembranças do passado. Gostavam de recordar as travessuras da infância. Esse tempo feliz perdurou até o início da adolescência, quando a guerra e a epidemia destruíram o vínculo que ligava a fantasia à realidade. Quando o tempo permitia, caminhavam até o amontoado de pedras batizado de 'ruínas romanas'. Guardaram, todos esses anos, o segredo do lugar e da arca com o tesouro. Aquele enigma, indecifrável para os rapazes, ficaria enterrado para sempre para o bem de Digien. A cobiça de estranhos não devia perturbar a paz ali reinante.

Uma tarde, Yankel e Dudi voltaram mais cedo do trabalho, porque os Romen, com exceção de Paolo e Maria, iam visitar os parentes na Itália. Rucl e Lube também foram se despedir de Bianca.

Como o sítio prosperara com os modernos equipamentos agrícolas que adquiriram e com as terras adjacentes que compraram, os Romen já possuíam uma renda considerável e estável. Alguns empregados substituíram Bianca na fabricação dos derivados de leite e auxiliavam na criação do gado. Desde que a situação econômica se tornara estável, eles viajavam para a Itália uma vez por ano.

Os Romen costumavam permanecer na Itália por oito semanas, porém um fato novo prolongou sua estada para quatro meses. Yankel



e Dudi receberam uma carta de Nicola contando que conhecera numa festa uma jovem e ficara perdidamente apaixonado. Marcaram em data relâmpago o casamento. Contavam com a presença dos amigos. Dizia que era uma oportunidade que tinham de conhecer a bela Nápoles.

Apesar da distância, era bem possível que tivessem viajado se Moiche Gris não estivesse enfermo. Nenhum sobrinho queria se afastar dos tios. A tia Perl permanecia à cabeceira do marido, enquanto Mendel e Rucl compareciam diariamente para confortá-los. Quando Moiche Gris faleceu, no mês seguinte, toda a população da aldeia desolada compareceu ao enterro.

Durante sua existência, ele cultivou amigos com sua generosidade e desprendimento. Durante uma semana os sobrinhos Felman e Gun iam a casa da tia Perl ao raiar do dia e ao anoitecer para rezar o cadish, orientados por Meyer Jeguer.

Duas cartas, uma vinda da América e outra da Itália, afastaram por momentos a tristeza das famílias enlutadas. A carta de Pessi era escrita com entusiasmo sem limites pela nova pátria.

“As mulheres por aqui trabalham em qualquer profissão competitiva. O serviço doméstico conta com a ajuda das modernas máquinas elétricas. As crianças ficam o dia todo no colégio em regime de semi-internato. À noite, quando as luzes iluminam a cidade, recomeça a atividade. O povo invade as casas de espetáculos. Ninguém permanece em casa, todos frequentamos festas sociais em companhia de casais amigos. Mintzi e eu temos casas ajardinadas e modernas. As crianças já se ajustaram aos novos costumes. Estamos americanizados, inclusive nossos nomes.

Peggy, Mintzy, May, Shmil e Samy”

Quando Rucl terminou a leitura da carta, Mendel, meneando a cabeça em sinal de desaprovação, deixou a sala resmungando.

A outra carta, também cheia de entusiasmo, era a expressão da felicidade. Nicola escrevia: “Minha querida Giovana cativou meu coração. Nosso amor nasceu impregnado pelo sol e pelo mar napolitanos”. Parou bruscamente de falar de amor, para contar a tristeza dos pais, porque seu irmão Carlo não regressava a Digien. Nicola continuou:

“Vocês sabem muito bem que Carlo é um homem do campo arraigado à terra, amante do milagre do florescimento do solo, amigo dos

animais e condutor do gado. Sua nova vocação surgiu repentinamente, mas com certeza estava adormecida à espera do momento oportuno de despertar. Corre nas suas veias o sangue marujo, herdado de nossos antepassados. Tios e primos vão encaminhá-lo para os cursos adequados, até torná-lo apto a enfrentar o mar. Carlo está tão empolgado com o futuro, que já carrega no olhar, como os Ferruti, a imensidão dos oceanos”.

Nicola terminava a carta com a promessa de breve retorno.

Um mês mais tarde Rucl, Lube, Yankel e Dudi dirigiram-se ao sítio dos Romen para rever os amigos. A primeira impressão causada por Giovana pareceu que a amizade perduraria para sempre. Moça alegre, expansiva, esbanjando beleza, falava com a ajuda das mãos, como uma autêntica napolitana. Apesar da diferença de idioma, suas expressões corporais, seus gestos tão significativos eram compreendidos por todos.

Um ano e alguns meses mais tarde, Giovana Romen dava à luz um menino. Na mesma ocasião, casavam-se em Godem, Duved Gun com Yente Golstein. Dudi era o quinto dos doze filhos de Mones e Leike Gun, enquanto sua noiva, órfã de pai e mãe, fora criada por sua avó e sua ama, a russa Natascha.

A mãe de Yente faleceu um mês após o nascimento da filha, fragilizada por um parto complicado. Seu pai morreu acidentalmente dois anos mais tarde, quando sua carroça rolou por uma ribanceira. A fatalidade reduziu a já diminuta família a uma velha e a uma criança.

A velha Golstein, ao voltar um dia do médico com sua netinha, encontrou na entrada da cidade de Belts, a russa Natascha. Compadeceu-se da jovem e a acolheu. A moça, de boa índole, logo se afeixou à pequena Yente, tão carente de afeto. Natascha passou a viver em função da menina que retribuía seu amor a chamando de mamãe. A avó Golstein e Natascha aprovaram a escolha da jovem Yente, porque Dudi logo provou que a faria feliz.

Novamente uma série de casamentos movimentou as tranquilas aldeias de Digien e Godem. Yosef, o filho mais novo dos Felman, casou-se com uma moça de Godem. Até mesmo Nehama, a filha predileta de Mendel, estava de casamento marcado. Para alegria de seu pai, o noivo de Nehama era um rapaz solitário. Mendel exultou, porque teria a filha junto de si, pois já bastava o que sofrera com a partida de Pessi.

Edificada a clínica de Erchel, começaram as construções das casas

de Nehama e do filho Yosef.

Mendel esperava com ansiedade que Yankel encontrasse uma boa companheira para que mais uma casa surgisse ao lado das outras. Mendel Felman nunca poderia supor que uma sucessão de decepções estavam por acontecer. Para ele, o mundo girava em torno de Digien. Sua mente provinciana, suas ideias arraigadas, suas convicções, eram imutáveis. Não tolerava manifestações contrárias às suas. Mendel esperava que os judeus da aldeia nunca a abandonassem e que a colônia se multiplicasse com seus descendentes. Ficou, portanto, surpreso e decepcionado quando sua irmã Leike veio avisá-lo de que ela, o marido e oito filhos iam imigrar para a Argentina, na América do Sul. Os outros filhos, inclusive Dudi, moradores em Godem, não acompanhariam os pais.

Várias famílias de Digien seguiram o exemplo dos Gun. Outra decepção de Mendel era o genro Azik, marido de Nehama. Ele aceitara o rapaz precipitadamente sem nenhuma informação de seu caráter. Logo ficou evidente que o trabalho não o atraía. Raramente acompanhava o sogro, porque só pensava em comer e dormir.

Aproximava-se a formatura de Erchel Felman e todos já sabiam de seu romance com Feigue Lichman. Assim que o doutor chegasse, seria realizado seu casamento com a filha do professor. Diariamente, Rucl e Lube reuniam-se para conversar sobre o casamento na casa de tia Perl, que a oferecera para a festa.

Mendel esperava com ansiedade a volta do filho para a inauguração da clínica. Digien não dependeria mais de Godem. Os camponeses poderiam tratar de seus males, na sua própria aldeia. Todos já sabiam que Erchel fora o aluno mais brilhante que a faculdade tivera em todos os tempos.

O casamento foi realizado num clima de muita alegria. Só Rucl procurava disfarçar sua preocupação. Notara nos olhos do filho a mesma ambição desenfreada de tempos atrás. Terminada a festa, Erchel e Feigue reuniram os pais para uma conversa. O doutor começou a falar: “- Pai, sei que o senhor espera com ansiedade a inauguração da clínica, mas nós vamos ter de encontrar um substituto”. Mendel ficou lívido, mas o filho prosseguiu: “- Recebi um convite irrecusável para um curso de especialização nos Estados Unidos. São apenas três anos e não posso perder essa oportunidade. Partimos dentro de uma

semana. Espero que todos compreendam”.

Mendel, com a voz alterada, respondeu: “- Você está me causando a maior decepção de toda a minha vida. Traiu seus pais e todos os camponeses que contavam com sua ajuda. Você é um egoísta que vai querer sempre mais. De hoje em diante não se considere mais meu filho”.

O filho correu para o quarto. Nem mesmo tia Perl conseguiu persuadi-lo a sair, e Mendel isolado no quarto, ficou imaginando uma maneira de prestar assistência aos camponeses.

No momento da partida, Duved Lichman abraçou seu pupilo, seu genro, seu filho. Ele tinha, naturalmente, opiniões mais arejadas. Todos seguiram seu exemplo, abraçando o casal. Lube e Duved Lichman ficariam sós, porque sua filha mais nova, estudiosa como o pai, partira alguns meses antes para cursar a faculdade no exterior.

Assim que Erchel e Feigue partiram, Mendel foi imediatamente a Godem, porque lembrou que o farmacêutico Wladau formara um filho médico. Conseguiu com o seu poder de persuasão, convencer o doutor a clinicar em Digien, duas vezes por semana.

Rucl sabia que Mendel não perdoaria o filho, mas sentia muito orgulho do marido pela sua iniciativa em resolver o problema.



Capítulo XII

Num sábado de primavera do ano de 1938, um grupo de homens no pomar de Perl Gris opinava sobre os tristes acontecimentos que ocorriam com os judeus da Alemanha. Todos falavam ao mesmo tempo sobre um demagogo, que insuflava o povo contra os judeus incutindo nos jovens, que cada vez mais engrossavam suas fileiras, seu ódio desenfreado. Eles se intitulavam nazistas.

Hitler e seus asseclas Goering, Himmler e Goebbels, da polícia secreta, da propaganda e do exército, estão aterrorizando nossos compatriotas, diziam. Nos discursos nazistas eles culpam sempre nossos irmãos por todos os males que a Alemanha sofreu: mentem desavergonhadamente ao responsabilizarem os políticos judeus pela perda da Primeira Grande Guerra. Esbravejam que o país sofre depressões por culpa exclusiva dos especuladores judeus. Atribuem toda humilhação, derrocada econômica e social à obra de judeus.

Após todos opinarem, Mendel Felman, mais informado da situação, falou para os presentes: “– Soube que os judeus da Alemanha estão sofrendo toda a sorte de desprezo e perdas. Como sempre, somos o bode expiatório de todas as desgraças. Nossos compatriotas que contribuíram para o crescimento das artes e das ciências, são acusados como inimigos. Perderam seus empregos, foram banidos das faculdades e tiveram suas lojas depredadas. O mais degradante foi a perda da cidadania após sucessivas gerações no país. Já faz cinco anos que Hitler e os generais do seu Estado Maior estão armando a Alemanha com navios, submarinos, tanques, uma enorme força aérea e um exército muito bem treinado. As duas maiores potências europeias, a França e principalmente a Inglaterra, não se esforçam em detê-los. O ditador alemão é atrevido e inescrupuloso. Violou vários tratados. Há poucas semanas, anexou a Áustria ao seu país e já está cobiçando a Tchecoslováquia. E tem Aliados: Mussolini é também um expansionista, mesmo sem ter como lema o fanatismo racial de Hitler”.

Meyer Jeguer, ao ouvir a conversa ao longe, decidiu interromper. “– Meus amigos, estamos vagando há séculos e nos dispersamos imigrando para todas as partes do mundo. Criamos raízes, nos afeiçoamos à terra em que vivemos. Muitas vezes fomos humilhados e

perseguidos; entretanto, quando conseguirmos recuperar a nossa Eretz (Terra), seremos respeitados e protegidos. Ela será povoada por jovens idealistas que a farão florescer e a defenderão contra seus inimigos, com suas próprias vidas se for necessário”. Após a fala, Meyer Jeguer, respirando com sofreguidão, despediu-se dos amigos e voltou para suas orações, sem que ninguém comentasse sua fala.

O clima pesado parecia distante dos sonhos de Mayer. O silêncio persistiu até que outro grupo de jovens, alheio à conversa, aproximou-se animadamente. Dele fazia parte Yankel, Dudi, Nicola, Yosef e Asek, marido de Nehama.

As mulheres contavam as novidades e se entretinham com as brincadeiras das crianças. Dudi e Yente vinham aos sábados de Godem para almoçar com os tios e primos. Sua filhinha Sure brincava com as outras crianças, que faziam uma tremenda algazarra. Das jovens esposas, somente Nehama não engravidara.

Tia Perl, gentil como sempre, servia biscoitos e refrescos.

Dudi contava a Yankel que seu pai antes de viajar para a Argentina deixara alguns negócios pendentes na distante cidade de Cernaute. Pedia ao amigo que fosse em seu lugar. Yankel se prontificou a ir e resolver todos os problemas. Dudi lhe recomendou um hotel familiar e lhe deu o endereço do escritório do rico comerciante Srul Negrís.

Dois dias mais tarde, Yankel partiu para Cernaute e se hospedou no hotel recomendado pelo amigo. No dia seguinte, com o endereço nas mãos, encontrou com facilidade o escritório de Srul Negrís.

Na luxuosa sala de espera foi atendido por uma secretária que lhe pediu que aguardasse um momento. Foi recebido com amabilidade pelo senhor Negrís que lhe disse que os amigos de Mones Gun eram considerados seus amigos. Depois de ser informado que os Gun estavam muito bem na Argentina, falaram de negócios. Como o senhor Srul tinha outros compromissos inadiáveis, pediu a Yankel para voltar na manhã seguinte, convidando-o para almoçar em sua residência. Yankel aceitou o convite sem jeito de recusar.

No dia seguinte, acompanhou o senhor Negrís até o carro, um Ford 38, último tipo. O motorista os levou para um bairro residencial de alto luxo. Estacionou o carro em frente a um palacete e foram recebidos por uma criada de uniforme impecável. Yankel, provinciano, arregalou os olhos diante de tanta suntuosidade. Prataria e cristais

cintilavam sobre finos móveis. Das paredes revestidas com papel importado, pendiam quadros raros. Convidado a sentar pelo anfitrião, serviu-se de um aperitivo oferecido pela criada. Pouco depois entrou na sala a esposa do senhor Negrís, apresentada como a senhora Etel. Olhou para Yankel com ar de superioridade, erguendo a cabeça com soberba. Ele já estava arrependido de ter aceito o convite, quando surgiu na sala a filha do casal.

Pela primeira vez em sua vida, Yankel ficou impressionado com uma mulher. Ela era realmente linda, com seu rosto moreno e seus olhos verdes, que o olhavam com meiguice. Quando a moça estendeu a mão para cumprimentá-lo, ele ouviu uma voz doce pronunciar: “– Eu sou Golda”. Ela também se sentiu atraída pelo rapaz. Yankel notou que a moça observava sua vasta cabeleira, seus olhos negros e seus músculos que sobressaíam de sua camisa. Conversaram durante o almoço como velhos amigos.

Yankel, cada vez mais empolgado por Golda, sentiu o coração bater descompassadamente. Depois da refeição, o senhor Srul se levantou para voltar ao trabalho e Yankel fez menção de fazer o mesmo, quando Golda se antecipou dizendo: “– Yankel, você gostaria de conhecer a cidade?”.

Surpreso, respondeu positivamente com a cabeça. Com o olhar pouco amigável da senhora Etel, ambos saíram. Yankel ficou ainda mais surpreso quando Golda abriu a porta de um reluzente carro para que ele entrasse. Ficou receoso, porque não sabia que algumas mulheres já dirigiam.

Após rodarem pelos principais pontos da cidade, Golda estacionou seu carro num belo parque. Sentados num banco, ficaram calados aspirando o perfume das flores. Sentiam-se tão felizes que ficariam ali para sempre. Anoitecia quando decidiram ir ao cinema e jantar. Yankel, que pretendia ficar em Cernaute alguns dias, acabou ficando um mês. Conheceu a turma de Golda, seus pretendentes e suas amigas. Naturalmente não era seu ambiente, mas pelo amor que sentia pela jovem, tratou de se adaptar. Quando ele partiu, prometeu à namorada regressar no dia seguinte.

Pela fisionomia do filho, Rucl percebeu que algo de muito bom havia acontecido. Não podendo disfarçar sua felicidade, ele contou aos pais que finalmente encontrara a mulher de seus sonhos.

Pedi ao pai que contratasse o melhor arquiteto da cidade de Belts não poupando esforços para construir a mais bela casa de Digien.

Mendel, satisfeito, compreendeu que a moça devia ser muito especial, prometendo tomar providências no dia seguinte.

Yankel, saudoso de sua Golda, não conseguia conciliar o sono. Lembrou do morro que subira pela última vez com seu pai e seu avô, antes da trágica epidemia que abalou a aldeia. Na primeira hora do amanhecer, voltou para aquele lugar de tão significativas lembranças e fez juras de amor para sua cidade adormecida. Yankel permaneceu por lá até o instante em que os primeiros camponeses deixavam suas casas rumo ao trabalho no campo.

Ao fundo, a claridade da primavera permitiu que ele avistasse os primeiros tijolos de sua casa em construção.

Todos os dias Yankel subia o morro para ver do alto a casa em construção. Até que chegou o momento de voltar a Cernauti.

Golda o recebeu de braços abertos, ardente e carinhosa. Nessas idas e vindas passaram oito meses. Com a casa praticamente terminada, munuiu-se de coragem para pedir a mão de Golda em casamento.

O senhor Negrís aceitou respondendo apenas que a felicidade da filha é que importava. A senhora Etel não se manifestou com palavras, mas torceu o nariz em sinal de desaprovação. Certamente, pensou Yankel, ela esperava que a filha aceitasse um dos inúmeros pretendentes, filhos de suas amigas, que frequentavam sua casa para jogar cartas. Eram mulheres frívolas, carregadas de joias, que conversavam apenas banalidades. Ficou decidido que os pais de Yankel acompanhariam o filho para oficializar o compromisso.

Dudi e Nicola esperavam com ansiedade o casamento do amigo, curiosos para conhecer a moça que fizera Yankel vagar nas nuvens.

Os Felman seguiram para Cernauti duas semanas após a chegada do filho. No dia seguinte, convidados para jantar, foram bem recebidos, principalmente pelo anfitrião.

Mendel e Rucl ficaram encantados com a jovem Golda, procurando disfarçar a antipatia provocada pela sua mãe. Rucl observou que a mãe examinava suas roupas com desprezo. Olhava com superioridade, exibindo seus valiosos diamantes. Como era a felicidade do filho que importava, Rucl não tomou conhecimento do ar de mofa de dona Etel. Todos conversaram animadamente durante o lauto jantar regado a

vinho francês. Após o licor servido na sala de visitas, chegou o momento de tratar do assunto casamento.

Mendel Felman e Srul Negrís marcaram a data da união de seus filhos para o mês de fevereiro de 1939.

A senhora Etel apurou-se na poltrona para desfilas suas propriedades, oferecendo a seguir um de seus palacetes ao jovem casal. O marido aproveitou também para presentear o futuro genro com um escritório e sociedade nos negócios. Os Felman, surpreendidos com os oferecimentos, gelaram em seus assentos.

Mendel, o primeiro a se recuperar, falou: “– A esposa deve acompanhar o marido à sua terra e ao seu lar. Yankel construiu uma casa maravilhosa provida de todo conforto”.

“– Não vamos nos separar de nossa única filha para que ela leve uma vida desconfortável e sem atrativos. Eu me informei sobre essa horrorosa aldeia. Fica distante da civilização, num buraco cheio de bichos e de ignorantes matutos que não sabem se comportar nem se vestir”, respondeu a senhora Etel, exaltada.

Mendel logo retrucou, enfurecido: “– A senhora está nos ofendendo. Saiba que Digien e as aldeias vizinhas só têm gente honesta e laboriosa. Podemos ser provincianos, mas não somos ignorantes”.

O senhor Negrís tentou inutilmente apaziguar os ânimos. Golda soluçava abraçada com o lívido Yankel. Rucl, desesperada, dizia que era preciso refletir, a fim de encontrar uma solução. As discussões entre a mãe da noiva e o pai do noivo continuaram com palavras ofensivas. Em dado momento, dona Etel pediu à criada que fosse buscar os agasalhos das visitas. Terrivelmente envergonhado, o anfitrião pediu desculpas.

O mundo desmoronou sobre as cabeças dos namorados. A ardilosa mulher tramara uma armadilha perfeita. Golda sussurrou a Yankel que se encontrassem às nove horas da manhã seguinte na casa de sua amiga Cipre, vizinha dos Nigrís. Com um vislumbre de esperança, ele acompanhou os pais ao hotel.

Mendel, irritado disse ao filho que os insultos foram longe demais, sem possibilidade de retorno. Yankel respondeu que ele devia ter se controlado, porque sua felicidade estava em jogo.

No dia seguinte, antes da hora combinada, Yankel chegava à casa da vizinha Cipre. Golda impedida pela mãe de sair, não compareceu,

mas enviou-lhe um bilhete. Ele leu com sofreguidão cada palavra da namorada:

“Meu querido Yankel. Não se preocupe porque não vou desistir de nosso amor. Sei que posso contar com meu pai, que faz todas as minhas vontades. Se meus argumentos não forem suficientes para convencer mamãe, fugiremos para qualquer lugar do mundo. Volte daqui a um mês, porque temos de esperar que os ânimos fiquem menos exaltados.

Sua Golda.”

O bilhete foi convincente e Yankel voltou esperançoso a Digien.

Capítulo XIII

Yankel tinha à sua frente um longo mês de espera. Cada momento representava para ele uma eternidade. A saudade e o amor que sentia por Golda dominavam seu coração e seus pensamentos. Nas longas caminhadas procurava raciocinar friamente na tentativa de encontrar uma solução para um desfecho feliz. Depois de muita meditação, chegou à conclusão que só restava ceder. Teria de substituir a convivência com parentes e amigos por uma nova vida. Teria de trocar seu trabalho e sua terra por uma vida pouco compatível com sua natureza. Por sua amada, faria qualquer sacrifício, até mesmo suportar a antipática dona Etel. Trocaria sua simplicidade pela reclusão de um escritório luxuoso e noitadas festivas. Por Golda se adaptaria a qualquer lugar e a todas as diferenças. Sua mãe e seus amigos compreenderiam sua decisão. Quanto ao seu pai, ficaria na ignorância até que tudo estivesse definitivamente resolvido.

Yankel partiu cheio de esperança, resolvido a não renunciar à sua felicidade. Levava no bolso do paletó uma joia para sua noiva. No intuito de agradar a família de Golda, mandara fazer na cidade roupas finas e comprara sapatos e acessórios elegantes.

Deixou seus pertences no hotel e correu para casa dos Negris. Tocou a campainha e bateu vigorosamente na porta até que apareceu uma velha criada. Yankel ouviu atônito a voz da mulher. A família viajou. Em seguida, sem mais explicações, fechou a porta. Aflito, ele foi à casa da vizinha solicitando uma explicação. Foi recebido com amabilidade pela moça que não conseguia disfarçar a compaixão que sentia pelo rapaz.

A jovem Cipre, torcendo as mãos e gaguejando, começou a falar: “– Os Negris partiram definitivamente para os Estados Unidos. Golda tentou em vão lutar por seu amor. Ela é uma moça frágil, sem iniciativa, dominada pela força incomum da mãe. O senhor Negris também é dominado pelo gênio irascível da esposa. Ele deixou com o irmão uma procuração, para liquidar seus negócios. Golda vai tentar esquecê-lo e pediu para você fazer o mesmo”. Yankel agarrou-se à última esperança dizendo: “– Por Golda irei até o fim do mundo. Por favor, me dê o endereço dela na América”. Cipre, pesarosa, respondeu: “– Posso até dar-lhe o nome da cidade onde vão permanecer, mas você terá uma



grande decepção. Um dos pretendentes de Golda, Josel, acompanhou os Negrís. A astuta senhora Etel pensou tudo, naturalmente”. Yankel ficou arrasado. Sentiu um buraco enorme abrir na sua frente.

Nem ele mesmo pôde explicar como voltou a Digien. Desorientado, subiu ao sótão e sentou-se numa pilha de maçãs. Não conseguia compreender como Golda pudera esquecê-lo. Era a única mulher de sua vida e nunca deixaria de amá-la. Sentiu um misto de dor e saudade. Transtornado, começou a atirar as maçãs com violência de encontro às paredes. A seguir, apoderou-se dos potes de geleia enfileirados nas prateleiras. As compotas de frutas escorriam pelas paredes e os estilhaços dos vidros provocavam um som ensurdecedor.

Mendel e Rucl, que acabavam de chegar, correram amedrontados para o sótão. Depararam com Yankel num estado deplorável. Ele deixou-se levar até seu quarto e depois de muita insistência dos pais contou exatamente o que acontecera. Mendel, sem compreender, desaprovou a atitude do filho de se sujeitar a uma vida incompatível com seu caráter e de sua família. Já Rucl, penalizada, abraçou o filho. Yankel não encontrava ânimo para sair e muito menos para alimentar-se.

Dudi e Nicola vinham lhe fazer companhia, mas ele não se entretinha com nenhum assunto. Nicola vinha mais amiúde do que Dudi, preocupado com a esposa, que grávida do segundo filho, não passava bem. Sua avó falecera há poucos meses, entretanto eles tinham Natacha, que amava Yente, e a pequena Sure como se fossem sua filha e sua neta. Antes de falecer, a avó de Yente, com a aprovação de Natacha, resolveu contar sua triste juventude. Dudi revelou a vida passada de Natacha, porque sabia que o segredo ficaria entre quatro paredes e começou a narrar “– Seus pais oriundos da Rússia fugiram do país por motivos políticos. Permaneceram na cidade de Belts onde abriram uma loja. Os Yurmanof tinham mais um filho além de Natacha, Yuri. Como os negócios prosperavam, adquiriram várias propriedades.

Anatole Yurmanof era um homem extremamente autoritário, que exigia da esposa e filhos obediência cega. Enfurecia-se por qualquer falha cometida, que considerava um grande deslize. Yuri, entristecido com o gênio irascível do pai procurava cumular de carinho sua mãe e sua irmã. Natacha crescera robusta, esbanjando saúde e por exigência do pai, não tinha permissão de sair. A mãe, mulher dinâmica, além do serviço doméstico, ainda cooperava nos negócios. Quando ela adoeceu,

Natacha passou a auxiliar o pai e o irmão.

Numa das ocasiões em que Anatole Yurmanof saiu, apareceu um rapaz na loja, de boa aparência e fala mansa. Aproximou-se de Natacha, demonstrando interesse. A moça inexperiente se sentiu atraída pelo romeno. Sabia que só o casamento a libertaria da intransigência do pai. À noite, quando todos dormiam, Natacha saía sorratamente, deixando-se envolver pelo mulherengo que lhe prometia casamento. O rapaz desapareceu, subitamente quando descobriu a gravidez de Natacha. Ela, no seu desespero, procurou o irmão, que já casado, residia nas imediações. O extremoso Yuri se compadeceu da irmã, dando-lhe meios suficientes para que ela tivesse a criança em outra cidade. Ficou combinado que depois do nascimento, Yuri iria ampará-la e educar seu filho.

Com remorso de abandonar a mãe enferma, Natacha inadvertidamente lhe contou o que estava acontecendo, suplicando perdão. Entretanto, a senhora Yurmanof não se conteve, relatando tudo ao marido que, enfurecido, começou a chicotear sua filha. Depois da surra, ela caiu e foi arrastada para fora de casa. Natacha, apesar dos profundos ferimentos, não procurou o irmão, porque não queria que pai e filho entrassem em atrito. Apoiando-se pelas paredes das casas chegou até a entrada da cidade, onde desfaleceu.

Quis o destino que a velha Golstein e Natacha se encontrassem. Ela voltava de Belts, onde fora ao médico com sua netinha Yente. A nostalgia acompanhava aquela mulher desde a morte da nora e do filho e somente a pequena neta lhe dava forças para viver. Quando Charne Golstein viu a moça esvaindo-se em sangue, pediu ao cocheiro para colocá-la no banco traseiro e voltar a Belts. Graças à piedade de uma estranha, Natacha escapou, mas perdeu a criança. A velha Charne levou-a para sua própria casa para que ela se recuperasse. Natacha que pretendia ficar alguns dias, ficou para sempre. Encantada com a pequena Yente, começou a tratá-la com tanta abnegação e carinho, que foi recompensada com a palavra mágica “mamãe” pronunciada com doçura pela menina.

Os amigos de Yankel, não conseguiam entretê-lo. Seus pensamentos estavam sempre voltados para Golda a qualquer hora do dia ou da noite. As cartas que chegavam de Pessi e de Erchel, lidas e relidas com tanto interesse pela sua mãe, não atraíam sua atenção. Rucl es-

perava ansiosamente a volta dos amigos Lichman que viajaram para a América saudosos das filhas e suas famílias.

Mendel prometeu a Rucl que eles também iriam conhecer os novos netos em 1940, quando o mais velho comemoraria seu Bar Mitzvah. Num dia gelado de fevereiro de 1939, nascia a segunda filha de Yente e Duved Gun.

A mãe chegou a pronunciar o nome da criança: Charne, como sua avó. A parturiente sentiu um sangramento que foi aumentando de forma assustadora. O farmacêutico Wladau não conseguiu estancar a hemorragia e a pobre Yente não resistiu.

Dudi e Natacha não queriam acreditar na triste realidade. Enquanto o marido calava prostrado, Natacha chorava, chamando a filha. Os parentes, traumatizados com a notícia começaram a chegar. Todos repetiam que a fatalidade atingia constantemente a família. Rucl e tia Perl cuidaram durante muito tempo do bebê e da pequena Sure. Natacha não dava sinais de recuperação até que tia Perl teve a feliz ideia de colocar o bebê em seus braços e a menina Sure à sua frente. Com o choro da criancinha e os beijos da menina, Natacha começou a reagir, amparando ambas com seus braços protetores.

No mês de abril, o casal Lichman voltou da América. Lube trouxe uma pilha de fotografias, muitos presentes e muitas saudades dos filhos. Todas as tardes as duas amigas se reuniam, algumas vezes com a presença de Bianca e tia Perl. A principal razão destes encontros era para que Lube contasse e repetisse tudo o que presenciara. Rucl beijava as fotografias, depois de observar seus mínimos detalhes.

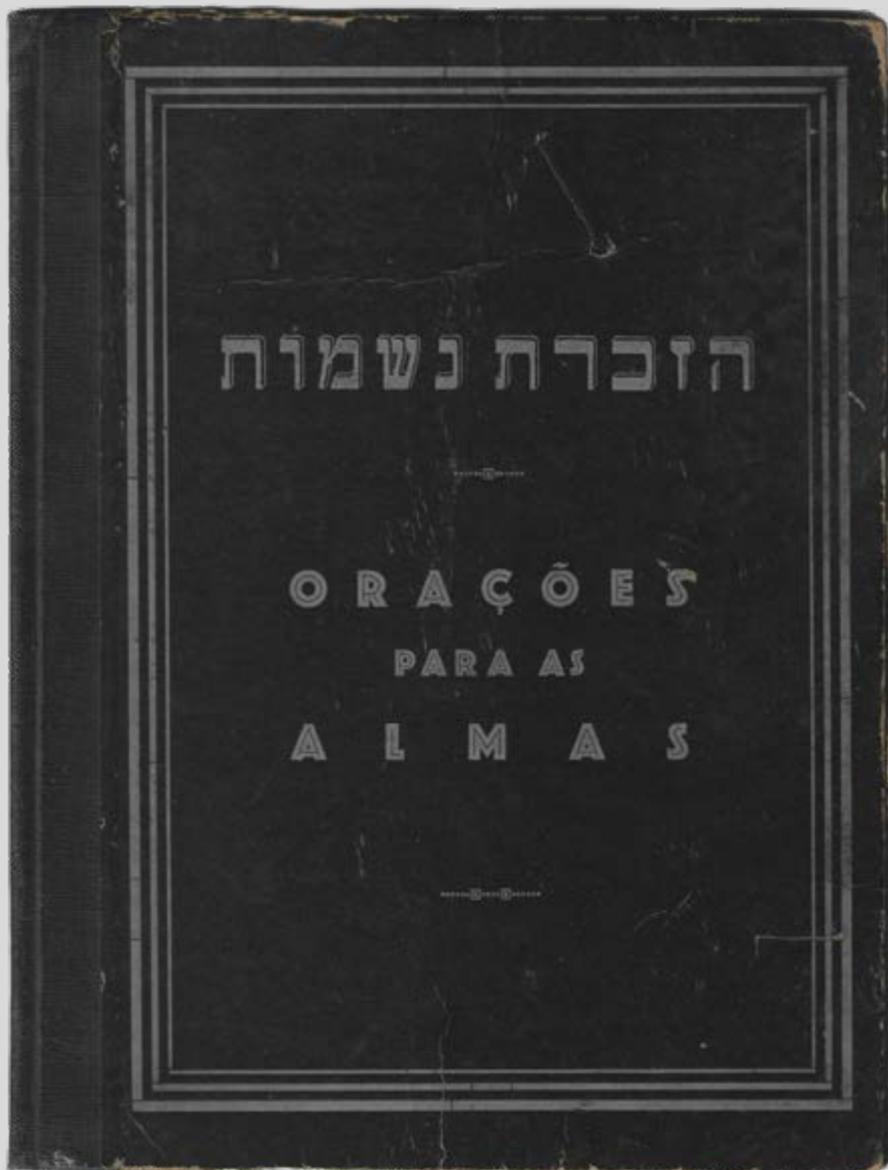
Essas agradáveis reuniões foram interrompidas pela súbita morte de tia Perl. Foi encontrada tranquilamente na sua cama, como se estivesse dormindo. O choque da notícia não ficou restrito aos parentes, mas abrangeu todos os camponeses de Digien. O pequeno cemitério judaico não comportava tanta gente que se comprimia dentro e fora dele. O desaparecimento da caridosa senhora arrancou lágrimas até dos mais insensíveis.

Um mês mais tarde, os camponeses colocaram na entrada do pomar uma reluzente placa com os dizeres: “Aos benquistos Moiche e Perl Gris a saudade e a gratidão do povo de Digien. 30 de abril de 1939”.

Tia Perl deixou registrado o desejo de doar o pomar aos cidadãos de Digien. Pedia para que seu sobrinho Yankel cuidasse de sua conservação.

Todas as manhãs ele tratava com carinho daquele maravilhoso lugar.

Enquanto Yankel pôde permanecer na aldeia, as árvores continuaram a produzir os suculentos e doces frutos. Afastada pela morte, Tia Perl, foi poupada do horror do martírio da máquina de guerra, que dizimou seis milhões de judeus.



Capítulo XIV

A eclosão da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939 não causou impacto nem mesmo nos mais otimistas. O povo europeu já tinha sido acometido de temeridade e inquietação. Pairava no ar o odor da pólvora e o som de bombardeios desabando sobre suas cabeças.

Ninguém ignorava que essa seria a mais hedionda de todas as guerras, com um arsenal bélico capaz de atingir áreas cada vez maiores, provocando destruição e morte. Caças cruzavam os céus, despejando bombas. Navios e submarinos cortavam os mares minados. Vários continentes foram envolvidos, mobilizando milhares de homens que viram seu destino resumido à luta contra a morte. Ainda que muitos ainda perguntassem o porquê da catástrofe, não foi possível evitá-la. Nem mesmo o esforço de estadistas ingleses e franceses, que encontraram uma barreira intransponível: a Alemanha mantinha um déspota no poder, capaz de tudo para atingir seus objetivos. De início, os Aliados, receosos, fecharam os olhos à invasão da Áustria e da Tchecoslováquia. A intenção de apaziguamento não surtiu efeito e logo perceberam que Hitler não respeitaria nenhum tratado internacional ou lei. Humilhou os estadistas que foram à Alemanha tentar um diálogo, com mentiras e reticências.

Quando os soldados nazistas invadiram a Polônia, não restava mais dúvidas quanto às intenções expansionistas do fúhrer. Os ingleses perderam a tranquilidade do chá das cinco e o lazer de suas casas de campo. Churchill, o grande estadista, tomou as rédeas do poder declarando guerra ao inimigo, logo seguido pela França. Mergulharam numa luta penosa e desigual porque o adversário estava fortemente armado e seus soldados física e mentalmente preparados.

O fúhrer, assediado pelos seus fanáticos homens do partido, controlava o poder com uma polícia secreta que eliminava os indesejáveis, valendo-se dos instrumentos de propaganda que incutiam no povo o poder do nazismo e sua invencibilidade. Os combatentes se julgavam indestrutíveis e superiores, na sua condição de arianos puros. Carregavam com orgulho a suástica, endeusando seu líder, que não admitia derrotas, mesmo que custasse a vida de milhares de civis e combatentes.

Hitler e seus fiéis seguidores desencadearam sua ira assassina sobre

o povo judeu. O ódio contra os hebreus piorou depois de 1933, quando se elegeu através de um grande aparato de propaganda. A Alemanha era um país jovem. Muitas gerações haviam passado desde que esse povo nômade se agregara a vários países da Europa. Afeiçoaram-se pela pátria que adotaram, imbuindo-se de seus costumes, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Os judeus alemães adoravam sua pátria e nunca a teriam abandonado, se não fossem obrigados pela fatalidade.

Na Idade Média, época em que prevaleciam a ignorância e a barbárie, eles sabiam porque estavam sendo perseguidos. Entretanto, foi em pleno século XX o maior assassinato em massa em toda a história da humanidade. Uma perseguição sem tréguas, negando aos judeus qualquer possibilidade de sobrevivência.

Na Bessarábia, o clima era de horror e as perseguições aos judeus eram crescentes. Com a aliança entre romenos e alemães, a Bessarábia voltou a ser moeda de troca. Os soviéticos, interessados no território que estava em posse dos romenos, negociavam soluções.

Muitas famílias, agindo com sensatez, imigraram levando com eles alguns bens. Mesmo com a segurança ameaçada, os mais otimistas preferiram aguardar, com a esperança de uma mudança. Quando a situação se tornou insustentável, a possibilidade de fuga ficou extremamente penosa. Empobrecidos pela pilhagem, despojados de suas identidades, foram lançados nas fronteiras e nas estações ferroviárias na tentativa de burlar as barreiras impostas pelos oficiais nazistas. Não importava a distância que teriam de percorrer, nem o lugar onde o destino os levasse. Só importava chegar a qualquer parte, para descansar seus corpos exaustos. Apesar da extrema degradação, estavam junto a suas famílias, sonhando com uma remota possibilidade de sobrevivência. Aqueles que não conseguiram escapar, foram confinados em campos de concentração.

O ódio dos nazistas crescia no momento em que aumentava a sensação que se eternizariam no poder. Já não era suficiente para eles banir os judeus de suas terras e se apoderar de seus bens. Fragilizados pela fome e pelas doenças, eles foram conduzidos às câmaras de gás e jogados em valas comuns, sem direito a enterro decente e identificados apenas com números gravados em seus braços. O mundo assistia estupefocado e impotente à voragem da carnificina que se prolongou por

quase seis anos. Enquanto durou o poderio alemão, as tropas nazistas que avançavam sobre as terras alheias, perseguiam e aprisionavam os judeus. Na Polônia, onde havia uma grande comunidade judaica, muitos jovens preferiram lutar heroicamente até a morte. Com a invasão alemã, aconteceu o pior.

Os soviéticos, aproveitando a instabilidade política romena, invadiram a Bessarábia, em um momento em que os romenos se aproximaram ainda mais dos alemães. Os conflitos dificultavam as chances dos judeus buscarem novos rumos. A União Soviética não tardaria a declarar guerra à Alemanha, num instante em que as tropas alemãs não estavam tão distantes de Digien. A invasão foi rápida e violenta.

Quando os soldados invadiram a Bessarábia, como aves de rapina, vasculharam todas as casas à procura dos judeus. Somente seis das vinte e poucas famílias permaneceram na aldeia. Muitas delas emigraram para a América, ainda nos bons tempos e outros, embora tardiamente, conseguiram escapar.

O filho mais novo dos Felman, Yosef, seus filhos, a esposa e os pais dela, conseguiram. Quando o professor Lichman e Lube resolveram fugir, tinham poucas esperanças de lograr êxito, porque as tropas nazistas se aproximavam rapidamente. Ficaram na aldeia Mendel e esposa, seu filho Yankel e sua filha Nehama. O marido desta saíra à procura do irmão nas imediações. Permaneceram também em suas casas Aron Finkel, sua filha Surke, Meyer Jeguer e esposa e dois filhos solteiros. Também um casal idoso de nome Brener e um casal, os Meller, com seus três filhos pequenos, ficaram em Digien.

No sítio dos Romen, reunidos ao redor de uma mesa, conversavam Petri, Bianca, Paolo, Maria, Nicola e Giovana sobre formas de proteger dos nazistas os poucos judeus que permaneciam em Digien.

Nicola já revelara o segredo das 'ruínas romanas' e abastecera o local com alimentos, cobertores e lampiões. Resolveram que no dia seguinte esconderiam os judeus, levados com intervalo de duas horas para não levantar suspeitas dos antissemitas. Ficariam até o anoitecer num alçapão camuflado com grama no sítio dos Romen, preservados de Catinca e sua corja. À noite começaria a longa jornada ao esconderijo definitivo.

Ao amanhecer trouxeram o casal Meller com os três filhos e a seguir, os Brener. Depois chegaram os Jeguer, com exceção de Meyer

que, agarrado aos seus livros religiosos, teimava em não abandonar sua casa.

Surke Finkel acompanhou Nicola muito preocupada com seu pai, que não deixaria sua casa devido ao dinheiro enterrado no fundo do quintal. Mendel Felman também não quis acompanhar seu filho Yankel. Sua irmã Nehama, abraçada ao pai, repetia que só seguiria os outros quando seu marido retornasse. Ninguém tivera coragem de lhe contar que, com certeza, Asik fugira.

Rucl, sentada ao lado do marido e da filha, não queria abandoná-los. Mendel Felman agarrava-se à mesa como se ela fosse a tábua da salvação. Disse transtornado: “– Eu não vou abandonar meu lar, porque não creio que seres humanos cometam tantas atrocidades. Não acredito que boatos que correm de boca em boca tomem dimensões tão alarmantes. Se ficarmos passivos eles não vão nos molestar”. Yankel percebeu que seu pai não estava raciocinando com clareza.

Pouco tempo depois chegava Bianca aflita com a demora dos amigos. Com muita doçura conseguiu persuadir Rucl a acompanhá-la, com a promessa que o marido e a filha iriam a seguir. Yankel e Nicola só encontraram uma solução. Chamar Petri e Paolo para ajudar a transportá-los à força. Simultaneamente os dois amigos gritaram, quando perceberam o perigo que corriam Dudi e suas filhas. Nicola disse: “– Yankel, vou trazer meu pai e meu irmão para ajudar, e você vai em socorro de Dudi e as meninas. Leve-as pelo atalho, diretamente às ‘ruínas romanas’ e não saiam de lá. Fique tranquilo que ao anoitecer nós traremos seus patrícios sãos e salvos”. Entretanto, o que os amigos não sabiam é que o destino das crianças já estava traçado.

A dedicada Natacha depois de muito meditar encontrou a solução para salvar as meninas. Ela encontrou Duved Gun sentado numa cadeira com as feições alteradas pelo desânimo e pela tristeza. Ela lhe trouxe um copo de água açucarada e pôs-se a falar: “– Dudi, se você estiver de acordo com minha sugestão, poderemos salvar nossas queridas meninas. Eu as considero minhas netas e não suportaria me separar delas. Meus documentos provam que eu sou de nacionalidade russa e cristã ortodoxa. Para salvar suas preciosas vidas terão meu sobrenome e minha religião e passarei a chamá-las de Lara e Tamara Yurmanof. Chegaremos salvas em Belts se Deus quiser. Meu irmão e minha cunhada vão nos receber de braços abertos. Nem mesmo o

bondoso Yuri ficará conhecendo a história verdadeira. Tenho certeza que ficará feliz com meu retorno e o repentino presente de duas sobrinhas netas. Prometo que vamos superar o perigo e as dificuldades não nos deterão”.

Dudi não respondeu imediatamente, mas Natacha percebeu no seu olhar opaco um vislumbre de esperança. Falou com a voz embargada pela emoção: “– Você é nosso anjo bom, o porto seguro deste mundo tão conturbado. Como é um caso de vida ou morte, acho que Deus vai perdoar as mudanças de tradições e religião. Como todos os judeus, tenho pouca chance de sobrevivência”. Natacha respondeu: “– Eu tenho esperança de nos encontrarmos quando essa barbárie acabar. Vou ensinar a Sure os novos nomes e tudo o que deve saber. Apanharei algumas roupas, chá e biscoitos. Os soldados podem chegar a qualquer momento”.

Natacha costurou na barra da saia o dinheiro que Dudi dispunha. Chegara a hora de partir. Dudi abraçou Charne, Sure e Natacha. Como sentiria falta de seu bebê e que saudade iria sentir de sua filhinha mais velha e de sua vivacidade!

Dudi, apoiado na janela, acompanhou com o olhar as suas meninas. Quantas vezes Natacha levava as crianças para passear, mas agora era um passeio sem volta, uma viagem sem retorno.

Voltou a sentar na cadeira à espera do inimigo. De repente, embotado pela dor lembrou da sua infância com Yankel, Nicola e as ‘ruínas romanas’. Apanhou algumas roupas e saiu apressadamente, optando pelo caminho mais curto. Enquanto Dudi seguia pelo atalho protegido pelo mato, Yankel, agigantado pela pressa, voava pela estrada principal.

Capítulo XV

Dias antes desses acontecimentos, o pastor Cristian Popescu, sentado na sua cadeira de balanço procurava encontrar um meio de proteger os judeus da aldeia. Sabia que seus fiéis camponeses não tinham condições de ocultá-los, com exceção da família Romen que certamente já tomara as providências necessárias. Meditando com mais tranquilidade lhe veio à memória o sótão em desuso.

Todas as casas possuíam um sótão, porém a sua, singularmente, possuía dois, construídos pelo seu bisavô. Um deles era destinado para alimentos não perecíveis. O outro, que servira aos seus antepassados para guardar objetos de valor, ficava invisível aos olhos humanos. De teto inclinado, tinha sua entrada camuflada por prateleiras de frutas. Apenas o pastor e sua esposa tinham conhecimento desse pequeno esconderijo. Os três filhos dos Meller poderiam ficar ocultos aqui, concluiu em pensamento, Cristian Popescu. Animado com a ideia levou ao sótão, colchões, cobertores, chá e biscoitos. Tirou de um velho baú, brinquedos que pertenceram aos seus filhos, para alegrar as crianças.

Faltava vencer o maior obstáculo que seria naturalmente vencer sua esposa a cooperar. Ele estava velho e doente e ela não iria lhe negar esse pedido. Depois do jantar, o pastor disse à esposa: “- Minha querida, gostaria que você compreendesse o pedido que vou lhe fazer. As únicas crianças judias que ficaram em Digien são tão frágeis e pequenas que eu lhe peço encarecidamente sua cooperação, concordando em ocultá-las no sótão”.

A senhora Popescu fuzilou o marido com o olhar antes de responder: “- Nunca permitirei essa loucura. Catinca é minha amiga e sou solidária com suas ideias. Não vou de maneira nenhuma decepcioná-la”. O pastor, incrédulo com tanta insensibilidade, ainda tentou apelar para sua caridade cristã. Tudo em vão. A senhora Popescu manteve-se irredutível. Passados alguns dias, enquanto Yankel corria em busca do amigo, entrava na aldeia a tropa nazista. Nicola, seu pai e irmão, acabavam de chegar à casa dos Felman, pretendendo levá-los à força e depois voltar em busca de Meyer Jeguer e Aron Finkel.

Surpresos com a chegada antecipada dos soldados, postaram-se à espera de uma oportunidade de burlá-los. A corja de antissemitas



formada por Catinca, o filho Wladuci, dois companheiros, um casal e a senhora Popescu estavam à espreita. A qualquer movimento suspeito, os nazistas seriam notificados. Um dos soldados, observando a reluzente placa que homenageava o casal Gris, arrancou-a com fúria, pisoteando até transformá-la num ferro retorcido. As lágrimas começaram a rolar pelas faces dos camponeses que assistiam a essa triste cena das portas e janelas das suas casas.

Quando os nazistas saíram à procura dos judeus, Wladuci apurando o peito, apontou suas moradias. Aron Finkel, certificando-se que seu tesouro ficava longe do alcance de seus algozes, acompanhou-os resignadamente. Catinca suspeitou que as famílias haviam sido protegidas pelos seus parentes quando não encontraram ninguém na casa dos Brener e dos Meller.

Meyer Jeguer orava quando foi apanhado. Suplicou que o deixassem levar seu Cidur. Com a recusa dos soldados, o religioso foi acometido de profundos temores. Não poderia suportar sua existência sem os livros sagrados. Enquanto os brutos insensíveis riam com desdém, Meyer Jeguer começou a sentir uma paz incompreensível. Ergueu com orgulho sua cabeça quando percebeu que milagrosamente o valioso conteúdo dos livros sagrados estava gravado em sua memória. Deus estava com ele. Deus estava dentro dele.

Quanto a Mendel Felman, debatia-se resistindo aos invasores. Foi agarrado por vários soldados, enquanto Nehama se deixou levar passivamente apenas por um homem. Fora de si, com a lucidez alterada, Mendel se pôs a gritar palavras ofensivas aos nazistas. Um deles levantou sua arma, atirando à queima roupa no seu peito.

Nehama, com uma força repentina, desvencilhou-se do soldado, correndo em direção ao pai. Inesperadamente um dos nazistas disparou um tiro certo em sua nuca. Nehama morreu instantaneamente, enquanto seu pai agonizava. Nicola, revoltado, correu em direção dos Felman. Ele acariciou as mãos de Mendel, quando ouviu suas últimas palavras: “– Amigo, quando esse horror terminar, faça Yankel cumprir meu último pedido: ele deve constituir família e procurar ser feliz”.

Os camponeses abismados com tanta selvageria, fecharam portas e janelas, indo chorar dentro de suas casas.

Petri e Paolo arrastaram Nicola, que não conseguia compreender tanta crueldade. Resolveram guardar segredo da trágica ocorrência.

Do grupo de antissemitas ficaram no local apenas Catinca e Wladuci. Seus companheiros acabaram encontrando no fundo de seus corações, um vestígio de piedade.

Catinca e o filho aplaudiam freneticamente os nazistas, procurando com o olhar seus amigos para imitar seu gesto, mas não havia ninguém. Com o sangue, a plateia desaparecera. As ruas ficaram desertas.

A senhora Popescu voltou correndo para casa. Arrepentida, queria o perdão do marido. Não encontrou o pastor em parte alguma. Lembrando-se do sótão, subiu as escadas. Sentado numa cadeira ele segurava numa das mãos crispadas sua Bíblia e na outra um ursinho de pelúcia. Sua esposa desesperada se jogou a seus pés, suplicando perdão. Chegara tarde demais. Cristian Popescu estava morto.

Quando Yankel entrou na casa de Dudi e não encontrou ninguém, presumiu pela desordem que eles haviam partido. Certo de que o amigo seguira pela trilha encoberta pelas árvores, correu naquela direção. Andou cautelosamente até a ponte mal conservada, embrenhando-se no mato. Com seus passos de atleta logo avistou Duved Gun. Os dois amigos depois de um afetuoso abraço, seguiram em direção às ‘ruínas romanas’. Enquanto caminhavam, Dudi contou a resolução de Natacha. No percurso, Yankel elogiava a extraordinária mulher. Contou ao amigo que, quando a escuridão envolvesse a aldeia, todos os patrícios seriam levados ao esconderijo com a cooperação dos Romen. Portanto, como prometera a Nicola, só restava esperar. Encontraram um relativo conforto na grande sala, onde foram colocados cadeiras, colchões e mantas no chão, previamente lavado. Cestas de frutas, chá e biscoitos ocupavam todos os cantos. Os livros que Nicola apanhara na biblioteca do professor Lichman, permaneciam empilhados até o teto.

Os lampiões projetavam figuras dantescas nas paredes de pedra. A arca do tesouro permanecia intocável como há dezenas de séculos. Yankel dizia a Dudi que se preocupasse com o ar asfíxiante do subterrâneo, pois as pessoas teriam de conviver reclusas por tempo indeterminado, ocultas como fugitivos. Quem sabe se na calada da noite poderiam sair pela densa mata e revigorar seus pulmões.

Enquanto Yankel e Dudi, cheios de esperança, aguardavam ansiosamente a escuridão da noite para rever parentes e amigos, um grupo de soldados liderados por Catinca e seu filho, chegavam ao sítio dos Romen. Sentados à mesa, a família jogava cartas com esforço inaudito

para que ninguém percebesse sequer um momento de insegurança. Bianca, sem poder controlar suas mãos trêmulas, bateu furiosamente na mesa, até torná-las firmes. Quando os nazistas invadiram a sala, os Romen, engolindo em seco, riam e conversavam. Catinca e Wladuci apontaram para os soldados os lugares suspeitos. Vasculharam inutilmente a moradia e os arredores. Já iam desistir da busca soltando toda espécie de impropérios quando Catinca gritou “– Wladuci, nós nos esquecemos do alçapão que seu tio construiu para apanhar animais devoradores de aves”.

Todos foram apanhados, até mesmo as crianças.

Bianca, antes de desfalecer, olhou pela última vez para sua grande amiga Rucl. De volta para casa, os dois delatores nazistas conversavam animadamente. Nas suas mentes carregadas de ódio não havia lugar para piedade. O remorso não fazia parte de suas consciências deturpadas.

Wladuci aprumou o peito com orgulho, pois julgava-se o herói de Digien. Enquanto Catinca apanhava copos e uma garrafa de vinho, ele procurava pelo pai. Encontrou sobre a mesa um bilhete destinado à sua mãe que ela leu em voz alta:

“Catinca, um vizinho me contou o pérfido procedimento de vocês. Estou triste e envergonhado pelo comportamento de minha família. Nunca tive voz ativa nesta casa. Vocês sempre menosprezaram minhas opiniões. Vou embora definitivamente.

Fiedor Romen”.

Catinca, saboreando sua vitória, entre um gole e outro tranquilizou seu filho.

“– Não se preocupe, Wladuci, ele volta”.

Mas Fiedor Romen nunca mais voltou.



Capítulo XVI

Quando as mulheres da família Romen se recolheram, Nicola, Petri e Paolo saíram pela porta dos fundos e seguiram cautelosamente pelo caminho mais seguro, em direção às ‘ruínas romanas’. Falando aos sussurros e caminhando sorrateiramente, penetraram na densa floresta. Precisavam resolver um dilema: contar a verdade, sem omitir absolutamente nada, ou apenas falar sobre a prisão de seus patrícios, incluindo nessa versão o pai e a irmã de Yankel?

Nicola era um homem que não sabia mentir e deixava transparecer seus pensamentos em sua fisionomia. Como seu pai e seu irmão optaram pela meia verdade, que incluía a prisão do pai e irmã, Nicola precisou concordar.

A tênue luz dos lampiões iria contribuir para disfarçar suas feições. Temerosos com a reação dos amigos, calaram angustiados, até a chegada ao esconderijo. Quando Yankel e Dudi perceberam um fecho de luz, correram para recebê-los. Pelo aspecto dos três homens, Yankel logo concluiu que alguma coisa saíra errado. Aflito, ele perguntou: “– Onde ficaram meus familiares?”

Petri, o mais controlado, respondeu: “– Infelizmente, meus queridos amigos, Catinca e Wladuci apontaram aos nazistas o lugar do esconderijo. Nada pudemos fazer. Todos foram feitos prisioneiros”.

Enquanto Dudi chorava, Yankel subia as escadas, tomado de um desespero incontrolável.

Nicola, com a voz rouca, gritou: “– Por favor, eu lhe peço, não dê esse prazer aos racistas. Além do mais, não abandone Dudi, pois sem você ele não resistirá”. Já no topo da escada, refletiu por um momento e desceu.

Os Romen vararam a noite confortando os amigos. Despediram-se antes que a luz solar tornasse visível pessoas e lugares. Nicola prometeu voltar à noite com uma succulenta sopa.

Obrigados a permanecer em clausura, os dois companheiros, sem nenhuma ocupação, sofriram com os dias longos e insípidos. Esperavam ansiosamente o anoitecer para desfrutar da companhia de Nicola. Uma ou duas vezes por semana, Petri ou Paolo acompanhavam e jogavam partidas de pôquer. Quando o tempo permitia, caminhavam pela mata

guiados pelas estrelas. Nas noites escuras ficavam sentados sobre as pedras milenares, enregeladas pelo frio.

Nicola partia antes do despertar dos pássaros, enquanto Yankel e Dudi tentavam dormir. Algumas horas de sono e lá estavam eles, suportando mais um dia de tédio. Ficavam com o pensamento voltado para o passado, recordando os bons tempos. Saudosos da infância feliz, recordavam as inocentes travessuras, as aventuras que forjavam e os alegres banhos no rio após as aulas do professor Lichman. Lembriavam as tempestades de neve que os forçavam a permanecer em casa onde se conservavam aquecidos sobre a superfície do forno a lenha junto aos irmãos e gatos. Vinha-lhes à memória a família reunida às refeições, com o pai reprovando a traquinagem e a mãe aconselhando com perdão e as alegres festas de casamento com suas danças e doces. As comemorações tradicionais e religiosas dos dias santificados, não foram esquecidas. Vinha-lhes também à memória a constante generosidade dos tios Gris e seu paradisíaco pomar.

Yankel contou a Dudi como subira o morro na quietude do amanhecer pela primeira vez em companhia do pai e do avô e como sentiu o quanto amava Digien! Depois de reviver os acontecimentos do passado, recordavam as pessoas queridas. Dudi, saudoso das filhas, ficava feliz quando lembrava que estavam em segurança. Ele agradecia também a Deus pelos seus pais e irmãos que residiam na longínqua Argentina. Quanto a Yankel, felicitava os homens arrojados que partiram em busca de um mundo mais justo, como seus irmãos e suas famílias, amigos e parentes. Entretanto, bem próxima de ambos, uma guerra cruel e sangrenta estava acontecendo.

Eles choravam pelo aprisionamento dos parentes e pelo sofrimento de todos os judeus. Algumas vezes, contagiados pelas palavras de Nicola, que dizia que o diabo não é tão feio como se pinta, deixavam-se levar pela esperança de um dia reencontrá-los.

Depois cada um voltava para seus próprios pensamentos. Yankel, saudoso de Golda, não conseguia esquecê-la. Ela estaria para sempre no seu coração. Por outro lado, sentia um grande alívio por sua opção em acompanhar os pais. Por essa razão, Golda estava em segurança e quiçá feliz.

Nicola já contara a Yankel a promessa que fizera a Mendel Felman e o pedido dele, omitindo sua morte. Yankel sabia que, se conseguisse

sobreviver, teria de cumpri-lo.

Depois de algum tempo de meditação, os dois reclusos voltavam ao rotineiro tédio. Dudi, que já tinha tendência para a obesidade, aumentava consideravelmente o peso. Sem exercícios nem a obrigação diária de trabalhar, ele esvaziava as caixas de doces e salgados. Não ouvia as recomendações do amigo, mastigando o dia todo. Já Yankel, continuava com sua abstinência alimentar, comendo apenas algumas frutas sem rejeitar, naturalmente, a suculenta sopa da mama Bianca. Ambos olhavam para os livros apinhados nas úmidas paredes de pedra, sem ânimo para examiná-los.

Pouco ilustrados, sabiam que seria difícil decifrá-los. Lembraram-se de Erchel que, com sua inteligência privilegiada, devorara toda a vasta biblioteca do professor Lichman. Depois de muito se esforçar na leitura de uma série de livros de física e matemática que, pela sua complexidade, desafiavam sua instrução elementar, encontrou um conjunto de livros de história de mais fácil absorção. Começou a lê-los em voz alta para que Dudi ouvisse já que, naquele ambiente asfíxiante, seus olhos estavam sempre injetados de sangue. Seguiam por horas na leitura todas as noites, para que o tempo passasse com menos lentidão.

Depois de esgotados os livros de história, passaram para livros sobre religião, na intenção de saber mais sobre outras crenças. Um dos livros era de Mary Baker Eddy. Por fim, resolveram ler escritores de psicologia que lhes pareceram os mais enigmáticos. Encontraram Groddeck, Freud e outros. Com o alento de Dudi e sua força de vontade, detendo-se inúmeras vezes nas mesmas sentenças, foram pouco a pouco compreendendo seu conteúdo. Foram surpreendidos por um mundo desconhecido: o poder do espírito e sua influência nos males do corpo, o desenvolvimento da mente humana, a exploração infinita da alma do indivíduo e muito mais, através dos avanços psíquicos. Para os dois leigos, esse mundo de enigmas começava a ser desvendado. Era um jogo complexo, mas demasiadamente atraente.

Yankel e Dudi formavam um misto de aluno e professor. O mestre e o discípulo se confundiam em suas próprias explicações. Os dias se tornaram menos insípidos e mais curtos. Dudi abandonou a gula se concentrando naquele universo de saber. Porém, sem o apoio de um mestre autêntico, muitos pontos continuavam obscuros e sem respostas. A força mental de Dudi suplantou a de seu físico, e Yankel

conseguiu equilibrar sua poderosa força física com a sua força mental. Ambos, amenizaram a dor pungente da saudade e por fim as lamúrias. Aqueles homens simples cujo cotidiano era negociar, ao serem forçados a um confinamento involuntário, conseguiram ampliar dezenas de vezes o potencial de seu intelecto. Se o futuro incerto lhes reservasse agruras, eles seriam amparados por uma chama interior indestrutível. Os recentes estudiosos, mergulhados nos livros, só percebiam a presença de Nicola quando ele se aproximava com o aroma delicioso de sopa quente.

Capítulo XVII

Incansavelmente, todas as noites Nicola percorria o longo trajeto até as ruínas pelos fundos do sítio, protegido pelos arbustos. Caminhava até Godem, atravessava a rústica ponte de madeira e penetrava na mata. Respirando aliviado, punha-se a divagar. Não havia mais dúvidas que as hostilidades iriam se prolongar indefinidamente.

Os nazistas avançavam em todas as direções e os Aliados, apesar das tentativas sobre-humanas, não conseguiam rechaçá-los. Enquanto os soldados tombavam nos violentos combates, os judeus definhavam nos campos de concentração.

Nicola evitava falar com os amigos sobre os trágicos acontecimentos. Yankel e Dudi teriam de aguardar muito tempo pela sonhada liberdade e ele não queria causar mais angústia. Ao mesmo tempo, Nicola se regozijava com a transformação de seus amigos, graças aos benditos livros. Para eles, não importava mais a solidão daquele lugar tétrico onde nunca penetrava um raio de sol e nem mesmo um sopro do vento.

Uma noite Nicola encontrou Dudi ardendo em febre e convulsões. Yankel já o medicara com os remédios disponíveis contra gripe, mas a temperatura não cedia. Nicola prometeu se informar com o discreto doutor Wladou, quanto aos sintomas, sem mencionar nomes. Traria à noite os remédios necessários. Na tarde seguinte procurou o doutor Wladou que, ouvindo sem perguntas indiscretas, forneceu-lhe todas as explicações.

No caminho de volta, Nicola começou a se preocupar com as nuvens escuras que se acumulavam rapidamente, anunciando iminente temporal. A chuva se precipitou com violência incomum, arrancando árvores e destruindo plantações. Com o vendaval as águas do rio transbordaram, provocando enchentes.

Não havia possibilidade de Nicola sair. Aventurar-se a enfrentar aquele tempo seria demasiado arriscado. Apesar de aflito com o estado de saúde de Dudi, precisou aguardar a noite seguinte. Choveu torrencialmente sem interrupção e o temporal só amainou no final da tarde.

Nicola ficou desesperado com a enchente nos fundos do sítio, pois não havia nenhuma chance de atravessá-la. Foi quando seu pai lembrou de que poderia usar o barco de pescaria. Bianca protegeu os remédios

com a capa impermeável que trouxera da Itália. O barco atravessou as águas sem dificuldade até bater em terra firme. Nicola o amarrou a uma árvore e continuou seu caminho. Teve outra decepção quando notou que a fúria das águas rompera a ponte e que seria impossível enfrentar a forte correnteza. Não obstante, Nicola não fraquejou porque sabia que Dudi necessitava com urgência de tratamento e o único meio de alcançar o esconderijo era a ponte de Digien. Certamente, pensou Nicola, a noite escura e o intenso frio provocado pela chuva, afastaram Catinca e Wladuci de seu posto de observação. Foi uma resolução infeliz. Os abutres estavam sempre de guarda, rastejando como víboras, à espera de uma oportunidade de estraçalhar suas vítimas. Quando Nicola pulou a porteira e atravessou a ponte, um vulto começou a segui-lo cautelosamente. Wladuci por onde passava amarrava cordas ao redor dos troncos das árvores para que lhe indicassem o caminho da volta. Depois de observar onde Nicola entrara voltou para casa. As primeiras palavras que Catinca ouviu foram: “– Mãe, já podemos saborear a vitória. Amanhã cedo vou delatar aos nossos amigos nazistas o esconderijo dos judeus”.

Antes do amanhecer, Nicola voltou despreocupado, porque Dudi estava se recuperando. Exausto das peripécias da noite anterior, adormeceu. Uma hora mais e Wladuci e três soldados fortemente armados, atravessaram a ponte de Digien rumo às ‘ruínas romanas’. Com o vozerio de um grupo alemão, os rapazes levantaram sem compreender de imediato o que estava acontecendo. Refeito do susto, Dudi começou a tremer e quando Yankel tentou confortá-lo, ambos foram amordaçados e amarrados com brutalidade. Wladuci, orgulhoso de sua façanha, empinou o peito. “– Vocês foram apanhados, seus judeus imprestáveis. Eu sei que mereço até uma medalha”, concluiu, cínico.

Os três brutamontes, examinando minuciosamente aquele recinto, depararam-se com a arca do tesouro. Vibraram de entusiasmo quando examinaram seu conteúdo. Wladuci se entendia com os nazistas através de gestos. Eufórico com a descoberta, levantou quatro dedos que significavam que ele também merecia uma parte do tesouro. Yankel percebeu, pela fisionomia daqueles homens, que a partir desse momento, Wladuci determinara a própria sentença de morte.

Primeiro Wladuci saiu do esconderijo, seguido por um soldado. Logo atrás vinham Yankel e Dudi, ladeados pelos outros nazistas. Percorre-

ram aproximadamente cem metros quando o soldado que vinha atrás de Wladuci disparou vários tiros. Estirado no chão, olhava incrédulo para o atirador que lhe deu o tiro de misericórdia. Colocou o corpo nas costas e o grupo continuou andando com a maior naturalidade.

Paolo foi o primeiro a avistar aquele estranho cortejo. Saiu correndo para avisar a família. Foi preciso segurar Nicola, que queria inutilmente socorrer os amigos. Ele se considerava culpado pela imprudência, atravessando uma ponte vigiada dia e noite.

Catinca, que esperava o filho com uma garrafa de vinho, foi surpreendida pela sua morte. Alucinada pela desgraça a antissemita gritava: “– Meu Wladuci! Os judeus são os únicos culpados”.

Os camponeses, em pequenos grupos, cada vez menos tolerantes com os abusos dos nazistas, comentavam que Wladuci recebera o castigo merecido e que Catinca conseguira uma amarga vitória.

Nicola, refeito da surpresa, sabia que os nazistas voltariam à noite para fazer a partilha do tesouro. Precisava agir com presteza. Procurou Paolo, sabendo que ele, durante a Primeira Guerra Mundial trabalhara num depósito de fabricação de bombas enquanto se recuperava de um ferimento. O irmão não lhe negou ajuda e com os componentes que dispunha na mochila de soldado, começaram a fabricar uma bomba. Às quatro horas da tarde, com o trabalho terminado, Nicola colocou-a cuidadosamente numa sacola e seguiu na direção das ‘ruínas romanas’. Desceu a tortuosa escadaria, colocando o explosivo no sétimo degrau. Ficou à espreita, atrás de uma gigantesca árvore.

Anoitecia quando ouviu as vozes dos soldados alemães. Não tardou muito para que Nicola ouvisse uma tremenda explosão. Voaram pelos ares os soldados, a arca e tudo o que o calabouço continha.

Nicola, retornando à sua casa, recordava pela última vez suas aventuras com Yankel e Dudi. Contudo, não havia mais cavaleiros em seus castelos medievais, nem guerreiros romanos, com suas lanças e espadas.

Há muito tempo que o sonho acabara, restando somente a dura realidade da vida.

Capítulo XVIII

Enquanto Yankel e Dudi aguardavam o momento de serem conduzidos a um campo de concentração, os soldados, exercendo sua habitual tirania, vendaram seus olhos. Pelo ronco do motor perceberam que viajavam num jipe. Foram horas de percurso até uma estação de trem que os levou diretamente ao confinamento. Quando arrancaram suas vendas e suas mordanças, eles já pertenciam aos homens sem nome, cuja única identidade eram os números gravados em seus braços. Deparam-se com um espetáculo deprimente que, aos olhos de pessoas normais, pareceria inverossímil.

Uma multidão de pessoas de aspecto cadavérico encarava com olhos turvos um ponto qualquer. Em muitos deles, as atrocidades apagaram o raciocínio, enquanto outros impotentes, aguardavam a hora de morrer. Devido à ausência total de condições de higiene, o mau cheiro era insuportável. Aqueles que ainda conseguiam caminhar, vergavam seus corpos sem equilíbrio, fragilizados pela fome. As enfermidades causadas pela inanição se apoderaram de um grande número de pessoas.

A voz do carcereiro anunciava que mais um dia tinha começado. “- Fiquem todos em pé”, vociferou. Aqueles que não conseguiram se erguer foram conduzidos à câmara de gás. De tempos em tempos, a cena se repetia e aquela massa humana começava a desaparecer. Yankel, habituado à abstinência, suportava muito bem aquele inferno, mas Dudi definhava dia a dia.

Para amparar o amigo, Yankel arriscava a vida se arrastando pelo arame eletrificado, catando do lixo cascas de frutas. Distribuía também entre os companheiros, mas seus organismos não toleravam mais nada. Naquele ambiente indigno eram desprovidos do essencial para manter suas funções fisiológicas. Nem ao mais sanguinário dos assassinos é negado um copo de água e um pedaço de pão. Ninguém pode ser condenado sem um julgamento.

Porque a sina dos judeus chegara ao ponto mais crucial que um ser humano pode suportar? Porque os homens justos tardavam tanto a chegar? Yankel fazia a si mesmo essas perguntas, mas não encontrava respostas. Ali, inertes, sem direito a coisa alguma tinham diante de

si, apenas seus semelhantes, nas mesmas situações.

Refletido no seu irmão de infortúnio, ele se deparara com sua própria imagem decadente. Entretanto, apesar do sofrimento, sua identidade judaica era o que lhes restava. Nas constantes orações, sentiam suas almas enaltecidas por Deus. Yankel e Dudi sabiam que, antes que suas mentes se inutilizassem, era necessário se entreter com as sábias palavras dos livros que eram raros. Entre eles estava o livro de Sigmund Freud, que mais lhes causou admiração pela sua ousadia e por suas descobertas.

Alguns cadernos circulavam de mão em mão, escondidos entre os poucos pertences. Entretanto, o que realmente importava naquele cárcere mortífero, eram as palavras que guardavam na mente e que ninguém, enquanto vivessem, poderia arrancar.

Mesmo falando aos sussurros, os dois amigos notaram que um jovem os observava. Yankel percebeu que o rapaz era o único que conservava uma aparência saudável, apesar de sua extrema magreza. Suas feições eram delicadas, tinha os olhos imensamente azuis e devia ter, quando muito, vinte e cinco anos. Ele se aproximou timidamente, declinando seu nome: me chamo Berl Schuartz. Yankel e Dudi também cordialmente se apresentaram. Berl Schuartz logo provou que era um homem ilustrado, portanto, parceiro ideal para acompanhá-los nas leituras mentais. Com sua esmerada instrução, ele explicou tudo o que ficara obscuro aos novos amigos. Envolvidos nesse jogo inesgotável, a vida dos três prisioneiros se tornou menos intolerável. Falavam longas horas sobre as interpretações dos sonhos, o mistério do inconsciente, os instintos. Passaram a ter suas próprias opiniões sobre os recalques e as neuroses. Mas o alimento do espírito não sustenta um corpo vazio e Dudi era quem mais se ressentia.

A sólida amizade que nasceu entre Berl e os dois companheiros encorajou o jovem a fazer confidências. Contou que era filho único de pais industriais. Estudara na França e viajara pelo mundo todo. Entusiasmado disse que conhecera na Inglaterra uma jovem estudante, pela qual ficara perdidamente apaixonado. Ambos judeus, tiveram a aprovação dos pais. Berl Schuartz continuou falando que infelizmente com o prenúncio da guerra, não abandonaram Bucarest, mas o que o mantinha de pé era a certeza de que sua querida Honna estava em segurança na Inglaterra.

Yankel e Dudi abraçaram e incentivaram o rapaz, com palavras de otimismo.

Um dia apareceu um novo carcereiro. Ninguém tomou conhecimento de sua presença porque, para os prisioneiros, não fazia nenhuma diferença. Todos tinham a mesma insensibilidade estampada no olhar. A piedade não constava do caráter de nenhum soldado alemão. O carcereiro fitou os reclusos, detendo o olhar mais demoradamente em Berl Schuartz lhe oferecendo algumas frutas que ele, incrédulo com a generosidade do nazista, repartiu entre todos.

Uma noite o carcereiro levou o jovem Berl para jantar. Yankel e Dudi estranharam a atitude inesperada do soldado alemão. Quando Berl voltou do jantar, estava asseado com novas roupas e bem alimentado. Tirou umas frutas escondidas em seus bolsos, dizendo para os curiosos amigos: “- Perguntei ao guarda Fritz porque eu caíra nas suas boas graças. Respondeu que eu tinha os mesmos traços fisionômicos de seu filho, morto em combate”. Berl concluiu: “- Vou chegar são e salvo para os braços de minha Honna”.

Esse acontecimento inusitado se repetiu muitas vezes. O corpo de Berl Schuartz começou tomar a forma de uma pessoa normal.

Uma noite ele não voltou. Só apareceu na madrugada do dia seguinte, com as feições alteradas, lívido e desfigurado. Não respondeu às perguntas dos amigos e nem distribuiu as costumeiras frutas. Nos dias que se seguiram continuou indiferente e calado. Quando o guarda veio buscá-lo, Berl reprimiu seu desespero e o seguiu. Uma hora mais tarde, estava de volta. Procurou seus amigos dizendo: “- Matei um nazista, mas não estou arrependido. O maldito do Fritz disfarçou seu interesse, alimentou o meu corpo faminto e me distraiu com belas histórias. Pensei que ele fosse uma pessoa confiável, mas que engano cruel. Forçou-me a uma intimidade física. Despojou-me do que tinha de mais sagrado: minha dignidade. Apanhei sua arma, dando dois tiros. Sobrevivi à fome e à sede. Alimento-me da esperança de reencontrar minha Honna; contudo o oásis que recebi em pleno deserto era uma miragem. Como os canibais que engordam suas vítimas, o abraço do carrasco era de uma cascavel”.

Yankel e Dudi tentaram em vão reconfortá-lo.

Quando os soldados apareceram, todos se levantaram, mas antes que começasse a revista, Berl retirou o revólver que escondera em seu

peito. Um dos soldados berrou. “– Qual é seu número, cão assassino?”.
Ele respondeu com toda sua altivez:

“– Eu tenho um nome. Eu me chamo Berl Schuartz”.

Enquanto Dudi derramava suas derradeiras lágrimas, Yankel já previa que Berl seria torturado até a morte.

Capítulo XIX

Inteiramente isolados do mundo exterior, Yankel, Dudi e os poucos companheiros nada sabiam sobre o desenrolar dos acontecimentos da guerra. Aguardavam com ansiedade e incerteza a vitória dos Aliados. Sabiam unicamente que os combatentes travavam batalhas brutais, com um saldo de milhares de vítimas.

Entretanto, naquele momento o primordial para Yankel era a saúde precária de Dudi. Ele não reagiu às palavras de incentivo do amigo, conservando-se em silêncio e mantendo os olhos fechados. Quando finalmente pediu ao companheiro que o ouvisse com atenção, Yankel suplicou que não esmorecesse.

Dudi não ouviu suas súplicas e começou a falar: “– Tomei a liberdade de fazer três pedidos a você, levando em consideração nossa sólida amizade que vem desde a infância. Peço que, ao chegar a hora da libertação, você encontre Natacha e minhas filhas e as ampare. O segundo pedido, é que cumpra a promessa de seu pai de constituir uma família, procurando ser feliz. Agora o mais importante e difícil de realizar é um pedido exclusivamente meu: você precisa se esforçar para não reter na memória tudo que presenciou e sentiu, caso contrário as trágicas lembranças poderão lhe causar profundas sequelas. Eu sei que será penoso esquecer parentes, amigos e os anos anteriores vividos pacificamente. Esse passado terá que ser barrado de sua consciência. Você, meu amigo, terá de criar uma amnésia voluntária, egoisticamente. O mundo se encarregará de punir os culpados, apesar que nada apagará essa mágoa que nós judeus carregaremos para sempre. Os homens de iniciativa vão lutar procurando soluções para que essas atrocidades nunca mais se repitam”.

Quando Yankel percebeu a imobilidade do amigo, compreendeu que era seu fim. Apoderou-se dele uma sensação de abandono e solidão. Os poucos homens que restaram vieram orando, aquecendo Yankel com o calor de seus corpos. Os irmãos de infortúnio permaneceram ao seu lado, unidos pelas mesmas convicções e pelas mesmas desgraças.

Decorridos alguns dias, entrou no campo um grupo de soldados. Eles caminharam por alguns setores, observando as instalações e fazendo algumas anotações, sem nenhuma troca de olhares com aqueles que



ali residiam. Após uma pausa, foi feito um anúncio: “– Nós admiramos os homens resistentes. Vocês irão para uma concentração agrícola, onde receberão uma refeição diária em troca de trabalho”.

Yankel, observando os nazistas, notou que seus impecáveis uniformes estavam desalinhados e suas botas haviam perdido o resplandecente brilho. A imponência e o orgulho haviam desaparecido de suas fisionomias e em seus olhos havia um misto de desilusão e derrota.

“– Sim”, disse Yankel, “é evidente que os alemães estão perdendo a guerra. Com certeza, também seus estoques de vinho estão rareando e os alimentos armazenados se tornaram escassos”.

Quando Yankel e seus companheiros foram despejados no campo agrícola, já havia outros compatriotas trabalhando. Escravizados por um trabalho estafante e depauperados fisicamente, a maioria deles não resistia.

Entretanto, para Yankel foi um benefício permanecer ao ar livre porque, labutando na terra, revigorava seus pulmões. Para ele, era preferível a exaustão do que permanecer inativo, afastando os mosquitos. Era verão e a luz ofuscante do sol acariciava seu rosto pálido.

Uma tarde, levando o produto do seu trabalho para um depósito onde os homens mais velhos colocavam em caixas os alimentos, Yankel ouviu alguém pronunciar o seu nome. Ficou atônito ao se deparar com Aron Finkel. Refeito da surpresa ouviu a voz do usurário: “– Gostei muito de encontrá-lo. Você é um bom homem e foi o destino que o trouxe”.

Yankel logo notou que a saúde de Finkel não era a mesma e não era capaz de carregar um único fardo. Antes que pudesse fazer qualquer pergunta, Aron se pronunciou, com a objetividade que sempre foi característica. “– Quero você como único herdeiro de minha fortuna. Surke está morta e Mintzi não merece sequer receber um níquel. Nas cartas enviadas a Surke, nos bons tempos ela nunca mencionou o meu nome; era como se eu não existisse. Mintzi é riquíssima e jamais aceitará nada de seu pai. Não quero que pessoas estranhas se apoderem. Seu pai e seu avô trataram de Mintzi como filha. Você poderá dispor do dinheiro como lhe aprouver. Guardo um baú, fruto do meu trabalho ao longo de toda a vida”.

Yankel, ainda mais surpreso, respondeu, com a mesma objetividade: “– Eu não posso aceitar porque devido sua vil avareza, sua esposa e suas filhas tiveram uma vida insuportável, enquanto você

avolumava seu capital. Não conseguiria carregar a culpa de herdar bens que causaram tanta desgraça”. Yankel já ia se afastando quando Finkel suplicou que o ouvisse. “– Eu reconheço que fui um canalha e um miserável, entretanto é muito tarde para me reabilitar. Em nome de seus pais e de seus avós eu lhe rogo por favor que aceite minha herança. Tenho quando muito uma semana de vida e quero ouvir de sua boca uma resposta afirmativa”.

Yankel, penalizado, concluiu: “– Aceito, com a condição de dividi-la em três partes; uma para as filhas de meu amigo Duved Gun; outra para Nicola e a terceira parte para mim, porque quero escapar rapidamente deste inferno”.

Aron Finkel acenou para Yankel, enquanto ele se afastava carregando um pesado fardo.

Yankel tornou a vê-lo duas vezes, antes que ele desaparecesse, como era comum acontecer.

Dia 1º de setembro de 1944, os Aliados, mais precisamente os russos, rechaçaram doze divisões germano-romenas. As tropas russas entraram em Bucareste, como vinha acontecendo em vários países dominados pelos nazistas.

Traidores como Petain na França, Filov na Bulgária, Quisling na Noruega, Antonescu na Romênia e muitos outros que aplaudiam a propaganda nazista e punham-se ao encalço das resistências populares e à caça aos judeus, foram presos ou fugiram. Os impiedosos policiais e os fanáticos delatores foram punidos pela justiça ou por suas próprias consciências. Nos países libertados abriram as prisões e os campos de concentração.

Os prisioneiros políticos voltaram felizes aos seus lares, enquanto os judeus remanescentes da repressão nazista suspiravam diante da vida: suas casas estavam desertas, suas famílias destruídas e seus amigos desaparecidos num mar de sangue e selvageria. Amparados pelos Aliados, foram socorridos em hospitais para tratamento intensivo.

Yankel foi o primeiro a receber alta. Despedindo-se de seus companheiros se desligou da realidade viva, do último elo de uma longa fase judaica de martírios inconcebíveis.

Yankel mirou-se pela primeira vez num espelho na saída do hospital; a calvície substituíra sua vasta cabeleira negra. Manchas escuras circundavam seus olhos e sulcos profundos riscavam seu rosto

envelhecido e seu corpo de atleta dobrara para frente. Depois de um longo suspiro, compreendeu que a visão de seu físico não devia influir em sua mente.

Chegara o momento de encontrar os amigos Romen, mas voltar a rever sua aldeia seria uma tortura.

Para cumprir as promessas, ele sabia que podia contar com Nicola. Desenterrariam o dinheiro de Aron Finkel e depois iriam à procura de Natacha e as meninas.

A mais penosa das tarefas seria tentar apagar o passado, enfrentando o presente e o futuro. Yankel sabia que só seria possível abrandar a dor quando conseguisse desligar de Digien e de tudo que representara.

Começou sua longa caminhada como andarilho que sempre fora, procurando desviar das aglomerações. Quanto mais próximo da aldeia, mais a temia. Ele, que amara tanto Digien, agora não podia suportá-la.

Beirando o rio, alcançou finalmente o sítio dos Romen. Avistou Maria e Giovana conversando. Sem se identificar, chamou: “– Por favor, aproximem-se. Eu gostaria de falar com Nicola Romen”. As duas mulheres, sem reconhecê-lo, correram desconfiadas, à procura de Nicola. Quando Nicola surgiu enxugando as mãos no lenço, Yankel já o esperava do lado de dentro da porteira.

Nicola deu alguns passos e estacou emocionado. “– Oh, Yankel, meu irmão, meu querido amigo, que bom que você está vivo”. Correram um ao encontro do outro, enquanto Paolo, as mulheres e os filhos observavam incrédulos. Abraçaram-se comovidos, enquanto as lágrimas jorravam.

Depois se afastou e olhou para Yankel que compreendeu o que o amigo queria saber.

“– Sim, o nosso querido Dudi se foi”.

Sensibilizados, abraçaram-se novamente. A família Romen acolheu Yankel enquanto Maria e Giovana pediram desculpas por não terem sido capazes de reconhecê-lo. Finalmente, ele conseguiu perguntar, apreensivo com a resposta: “– Como vão Petri, Bianca e Carlo?”.

Como Nicola não conseguia falar, foi Paolo quem respondeu: “– Papai morreu subitamente no ano passado e, quanto a Carlo está muito bem: é um herói de guerra. Mama está sempre triste e desde que papai morreu quase não sai do quarto”. “– Vá vê-la, meu amigo, que ela ficará muito feliz”.

Yankel bateu na terceira porta à esquerda, no fim do corredor. Ouviu a voz inconfundível de Bianca. “– A porta está destrancada, pode entrar”.

Yankel avistou uma mulher envelhecida, sentada numa cadeira de balanço.

Quando ela levantou os olhos, gritou emocionada: “– Oh, Yankel, meu filho, não posso acreditar em tanta alegria”. Levantou-se abraçando e beijando seu rosto repetidas vezes.

Muito emocionado, ele falou: “– Mama Bianca, como foi que a senhora me reconheceu sem pestanejar?”.

“– Meu querido, é que você tem os mesmos olhos negros e profundos, iguais a nossa inesquecível Ruclele. Venha Yankel, que eu vou preparar aquele fettuccine de que você tanto gosta, enquanto Giovana e Maria arrumam seu quarto”.

A família reunida à mesa do jantar conversava sobre assuntos banais, tentando distrair o amigo.

No dia seguinte após o café, Yankel e Nicola decidiram conversar. Começara a nevar e o frio intenso não permitia que ficassem ao ar livre. Resolveram se abrigar no quarto de solteiro de Nicola. Nenhum dos dois tomava a iniciativa de iniciar a conversa. Yankel se enchendo de coragem, resolveu desabafar toda a mágoa. Contou todo o martírio que sentiu e presenciou, com palavras tão pungentes, que seu amigo gelou de dor. Falou sem interrupção sobre Berl Schuartz, sobre as promessas que fizera ao querido Dudi e sobre o encontro inesperado com Aron Finkel.

Nicola, após enxugar várias vezes as lágrimas, conseguiu finalmente falar. Contou sobre a bomba que Paolo fabricara e a explosão que fizera voar pelos ares os nazistas e tudo o que as ‘ruínas romanas’ continham. Prometeu ajudar Yankel a desenterrar o baú de Finkel, quando chegasse a primavera, porque a neve espessa não permitiria que agissem antes. A seguir iriam à procura de Natacha e as meninas. Nicola concluiu contando que a guerra alcançava sua etapa final, porque os alemães capitulavam em todas as frentes.

Yankel, enquanto permaneceu em Digien, ajudou Nicola no trabalho do sítio. Revigorou seus pulmões e endireitou seu corpo de atleta. Seu rosto corado abrandou as rugas, mas nunca mais recuperou os cabelos.

Com a chegada da primavera se muniram de lanternas e enxadas

e saíram na primeira hora da madrugada rumo à casa de Aron Finkel. Yankel olhava apenas para a frente, receoso de avistar mesmo na penumbra as sombras familiares das casas.

Enquanto cavavam, as aventuras infantis desfilavam diante deles, porém não havia mais os entusiásticos comentários, porque um querido companheiro se ausentara para sempre. Apanharam os dólares dispostos em pacotes iguais, colocando-os em sacos de farinha. No caminho de volta, nas ruas desertas, uma tênue claridade já destacava os perfis das residências. De repente surgiu na curva da estrada um vulto negro, empunhando um cabo de vassoura.

Nicola se apressou em contar ao amigo que a mulher era Catinca que, enlouquecida pelo ódio, passava os dias revolvendo a terra e gritando: “– Venham e me ajudem: os judeus estão escondidos aqui”. Nicola continuou: “– Ela está sempre desgrenhada e suja de lama e repete essa operação e essas palavras a cada quinze minutos. O povo a despreza e não toma conhecimento de sua presença”. Continuando a caminhar em silêncio, Yankel ouviu palavras remotas de sua irmãzinha Nehama ressoarem em seus ouvidos: “– Papai se a Catinca é uma bruxa, nós podemos queimá-la numa grande fogueira”.

Capítulo XX

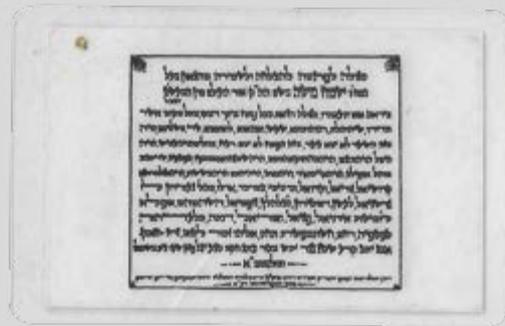
Nicola, com o consentimento de Yankel, contou a mama Bianca tudo o que o amigo teria de cumprir. Yankel notou que a revelação brutal tornara o rosto de Bianca ainda mais envelhecido e triste.

Procurando se controlar, ela aconselhou: “– Querido amigo, você não deve mais protelar sua viagem a Belts. Não será conveniente que Nicola o acompanhe, porque uma pessoa sozinha desperta menos suspeita. No jogo do vai e vem, a Bessarábia foi novamente anexada à Rússia, durante o regime bolchevista. No momento atual a guerra desvia a vigilância dos comunistas, mas assim que ela terminar temos medo que eles possam se voltar contra nós. Se Natacha e as meninas não estiverem bem acomodadas, traga-as para o sítio, que eu cuidarei delas como se fossem minhas próprias netas. Quanto aos dólares que você nos ofereceu, não terão aqui nenhuma validade. Pelo contrário, poderão nos trazer sérios transtornos. Enquanto você vai a Belts, vou lhe confeccionar um casaco forrado de dólares”.

Naquela mesma noite, Yankel seguiu para Belts. Ninguém o interpelou nem tomou conhecimento de sua presença. O andarilho, que já recuperara suas forças, percorria velozmente as distâncias.

Quando alcançou a cidade, procurou a praça descrita por Dudi. Entre algumas lojas, Yankel avistou uma com a placa Yuri Yurmanof. O estabelecimento estava fechado, porém uma porta lateral dava acesso a uma escada que levava à porta superior da residência. Yankel, ansioso bateu palmas insistentemente. Uma mulher aparentando cinquenta anos apareceu no topo da escada. Antes que perguntasse do que se tratava, Yankel se antecipou “– Estou aqui em nome do genro de Natacha e de suas filhas”.

A mulher, surpresa, fez sinal para que subisse. Apontou uma cadeira para Yankel e finalmente falou “– Sou Rasa Yurmanof, prima de Yuri e Natacha. Quando Natacha apareceu após tantos anos e ainda acompanhada de duas netas, seu irmão exultou. Yuri perdera a esperança de tornar a vê-la. Ele e a esposa Tatiana, encontraram a alegria de viver. Afeiçoaram-se às meninas proporcionando-lhes conforto e carinho. O casal sem filhos repentinamente começou a ouvir o doce som da palavra vovó. Meu primo é um homem de prestígio, bem sucedido



nos negócios e com amigos influentes. Graças ao seu poder e com o auxílio de terceiros, conseguiram fugir para os Estados Unidos em plena guerra. Mesmo com a dificuldade de comunicação, recebi uma carta através de um coronel”.

Yankel perguntou se podia lê-la. Rasa Yurmanof retirou a carta de uma gaveta e a entregou a Yankel que emocionado, leu em silêncio.

“Minha querida Rasa. Espero que esteja em perfeita saúde.

Mesmo correndo riscos, chegamos aos Estados Unidos com a graça de Deus, são e salvos. Uma nova etapa de vida começa para todos nós. Lara e Tamara não se cansam de admirar as interessantes novidades deste país democrata e progressista. Yuri compra para as meninas tudo o que elas apontam com seus dedinhos. O único motivo que me entristece é a falta de notícias de meu genro. Assim que termine esse conflito e tivermos residência fixa lhe enviarei nosso endereço. Abraços e beijos de todos nós, a você sua família.

De sua prima Natacha”.

Yankel, com a voz embargada pela emoção, disse: “– Folgo em saber que as meninas estão amparadas e têm pela frente um futuro promissor. Assim que a senhora tiver a oportunidade de responder, pode dizer que seu genro morreu como um herói”.

Rasa Yurmanof, penalizada com as feições tristes de Yankel, ofereceu uma xícara de chá, retirada de seu lindo samovar. Ele agradeceu as notícias e partiu. Já no sítio as boas novas alegraram Bianca e Nicola.

Chegara a hora de partir. Os dois companheiros conversaram pela última vez, enquanto Bianca e Paolo ouviam Yankel com atenção: “– Optei pela América do Sul porque não suportaria rever meus parentes. A alegria dos primeiros momentos seria sufocada pelas minhas trágicas revelações. A felicidade de conviver com meus irmãos seria empanada pelas lembranças das perdas. Prefiro enfrentar o desconhecido e a solidão, obedecendo apenas as sábias palavras de nosso amigo Dudi. O mundo tomará conhecimento pelo rádio e pela imprensa das atrocidades infligidas ao meu povo. O acúmulo de ossos e os instrumentos de tortura são provas incontestáveis dessa monstruosidade. Indubitavelmente também virá à tona uma série de relatórios comprovando o extermínio em massa de adultos e crianças judias”.

Nicola encerrou a conversa que tanto maltratava o amigo lhe dando

uma carta que deveria ser entregue ao seu irmão na Itália, o almirante Carlo Ferruti Romen. Paulo resolveu intervir aconselhando, com sua experiência de combatente, que não seria tão fácil Yankel conseguir seus objetivos. Contou que na Primeira Grande Guerra conhecera o tenente Domitrescu, que participou também da guerra atual, lutando contra o governo nazista de Antonescu e contra os invasores. Fora preso como traidor, mas a justiça foi feita e agora era considerado um herói nacional. Lutei lado a lado desse intrépido soldado. Numa terrível batalha ele saiu da trincheira no meio de um fogo cruzado. Foi ferido e teria morrido se eu não o arrastasse de volta até a trincheira. No fim do conflito, no dia da despedida, o tenente me abraçou dizendo que eu poderia contar com sua gratidão em qualquer tempo e lugar. “– Tenho certeza, Yankel, que Domitrescu, atualmente general, irá ajudá-lo a alcançar a Itália, quando você lhe entregar uma carta com a minha assinatura”.

Yankel emocionado respondeu: “– Eu sei que gratidão é pouco, pelo que vocês fizeram por mim e pelos meus patrícios. Infelizmente terei que abandonar os meus extremos amigos. Precicarei me desfazer dessa amizade tão autêntica, mesmo em pensamento, pois inevitavelmente ela está ligada a impiedosos acontecimentos. Terei que esquecer a terra em que nasci, os entes queridos e cada cidadão de Digien para que a insanidade não me atinja e me destrua”.

Toda família Romen chorou quando Yankel partiu. Nicola, envolvido pela dor de uma grande perda, sentiu que o elo que o unia ao amigo e que parecia indissolúvel, rompia-se para sempre.



Capítulo XXI

Aquele homem imbatível se afastou de Digien caminhando a passos rápidos. Yankel, como perfeito andarilho, tentaria alcançar Bucareste com suas próprias pernas. Era obrigado a passar por inúmeras aldeias de aspecto deplorável, cujas ruínas expunham a violência da guerra. A fome que assolava as regiões balcânicas acentuara com o conflito. Diante de tantos problemas, ninguém se importava com a presença do andarilho e nem mesmo os soldados o detinham. Procurando pensar no futuro e viver o presente, ele sabia que não podia fraquejar.

À tardinha, sentou-se numa pedra, disposto a satisfazer a boa mama Bianca ao provar seu delicioso farnel. Yankel já se servira de um pão com carne, quando notou que um menino o observava. Fazendo sinal para que se aproximasse, ofereceu-lhe todo o lanche restante. O menino agarrou o embrulho, olhou para todos os lados e comeu avidamente. Yankel, procurando entre seus pertences, encontrou algumas frutas, entregando-as também com a sua generosidade habitual. O menino agradeceu com duas lágrimas que deslizaram pelo seu rostinho sujo.

Quando a penumbra anunciou a proximidade da noite, a nostalgia se apoderou daquele homem, afluindo à sua mente incontáveis lembranças. Exausto para procurar abrigo, deitou-se na terra fofa. Já tinha controlado a crise de amargura pois sabia que precisava reagir e que não podia esmorecer. Naquela noite de verão, Yankel adormeceu fitando as estrelas que há milênios observavam, indiferentes, o interminável sofrimento dos homens. Dois dias mais tarde conseguiu transporte num caminhão que seguia em direção a Bucareste. Logo notou que o motorista desejava uma companhia para ouvir suas prolongadas histórias. Yankel ouvia pacientemente o homem solitário, falando ininterruptamente sem oportunidade de perguntar sequer o seu nome. Quando, no dia 09 de maio, chegaram à capital, o motorista continuou falando, sem mesmo ouvir o agradecimento de Yankel e suas palavras de despedida.

Um aparelho de rádio anunciava no máximo volume que a Alemanha fora invadida e que bombas caíam sem cessar, arrasando suas cidades. A rendição fora confirmada no dia 07 e no dia 08 de maio de 1945, representantes do comando alemão assinaram a capitulação

incondicional de seu país.

Yankel se dirigiu incontinentemente à casa do general Dumitrescu, levando a carta de Paolo. Os soldados não o perturbaram, pois pareciam ainda embriagados com a notícia de cessar fogo. Na casa do general, foi recebido por uma senhora idosa, a quem entregou a carta; em seguida ela o conduziu à sala de visitas. Não tardou muito, voltou dizendo para acompanhá-la. Yankel entrou num quarto que mais parecia um austero museu. Uniformes com galês, troféus e medalhas espalhados por toda a parte. Na cama, único móvel que lembrava um dormitório, estava deitado um homem com várias ataduras no rosto e nos membros. O general apontou com um sorriso uma cadeira e disse:

“– Meu caro jovem, saiba que os amigos de Paolo Romen são meus amigos. Sou uma pessoa de poucas palavras e muita ação. Já mandei providenciar seu salvo conduto e mandarei chamar imediatamente meu filho, o tenente Dumitrescu, que irá acompanhá-lo além da fronteira. Quanto mais rápido partir, mais chance terá de alcançar a liberdade. Hoje mesmo às 22 horas vocês partirão. Minha esposa vai lhe oferecer uma refeição e um quarto para descansar”.

Yankel agradeceu ao general e saiu. Pontualmente às 22 horas, vestido com um uniforme do exército russo, Yankel acompanhou o tenente no seu jipe. Viajaram a noite toda sem serem importunados. Dumitrescu fumava muito e falava pouco. Ao amanhecer descansaram em casa de amigos que não perguntaram absolutamente nada.

Na fronteira com a Iugoslávia os guardas examinaram os salvos condutos do alto comando, deixando imediatamente que passassem.

Dumitrescu preveniu Yankel que era muito mais arriscado atravessar a Iugoslávia que a pátria e, portanto, seria conveniente caminhar a pé entre as montanhas. O jipe não suportaria esse trajeto íngreme. Yankel compreendeu que seria muito sacrificado para o tenente acompanhá-lo. Dizendo que era um andarilho e que seria mais fácil seguir sozinho, agradeceu ao tenente, que lhe desejou boa sorte e deu meia volta, retornando ao seu lugar de origem.

Yankel sabia que precisava evitar as aglomerações, onde os soldados estavam sempre em alerta. Tinha um mapa para guiá-lo durante o dia e as estrelas para acompanhá-lo à noite. Toda a cautela seria pouca para um homem que pisava território desconhecido.

O povo dos Balcãs ia ser submetido ao regime comunista. O pior

que poderia acontecer seria devolvê-lo à sua terra natal. Talvez os remanescentes da repressão nazista conseguissem abandonar o continente europeu, mas Yankel não podia esperar.

Desviando de Belgrado, margeou o rio Danúbio, viajando sempre na direção norte. Seguiria depois pela região da Croácia até Trieste, no mar Adriático. O ponto crucial era essa cidade limítrofe repleta de guardas de fronteira. Yankel se desfez da farda, tomou banho no rio, vestiu roupas de camponês e se alimentou de frutas silvestres. Ao entardecer da sexta-feira, tristes lembranças tomaram forma em sua mente. Sentia-se imensamente só. Rezou pedindo a Deus pelos seus pais e por todos os judeus que jaziam sem a identificação de uma sepultura. A imagem de sua Golda, monopolizou seu coração. Era preciso reagir à depressão e ao desespero. Finalmente uma paz envolvente se apoderou de todo o seu ser, trazendo de volta a coragem para prosseguir.

A sorte acompanhou o viajante até à proximidade da fronteira. Quando Yankel sentiu a brisa marítima, sabia que chegara a hora de decidir seu destino. A cidade de Trieste estava a alguns passos da liberdade.

De todas as opções de fuga que discutira com Nicola, a melhor, sem dúvida, seria enfrentar os guardas e usar de toda a franqueza. Armado de coragem saiu das sombras se deixando notar pelos soldados. Barrando sua passagem pediram os habituais documentos. Apresentou tudo que dispunha, inclusive o salvo conduto do general Dumitrescu. Um deles examinou minuciosamente seus papéis, detendo-se no documento assinado pelo general. Depois de alguns infundáveis minutos, Yankel notou um leve sorriso na fisionomia sisuda do guarda. Finalmente ouviu sua voz: “– Este documento é válido somente na sua pátria; entretanto levando em consideração as façanhas e valentia do general que ultrapassaram as fronteiras, você terá permissão para passar. Além disso, como judeu remanescente do Holocausto não é justo lhe negar a liberdade”.

Yankel tinha certeza de que os policiais italianos não iriam barrá-lo. Afinal ele tinha um trunfo: uma carta para o almirante Carlo Ferruti Romen. Considerado em toda a Itália um herói de guerra, era conhecido principalmente nos portos marítimos. Não foi preciso esperar, pois a carta abriu todas as portas.

De Trieste foi para Veneza, passando por Pádua, Bolonha, Roma e finalmente alcançou Nápoles. Os bombardeios danificaram muitas cidades, mas ninguém se habituara a esse triste espetáculo. As construções seriam reerguidas e tudo voltaria a seu estado normal, com o passar do tempo; entretanto era doloroso para o povo pensar que milhares de famílias estavam desfalcadas com tantas ausências irre recuperáveis.

As belezas naturais de Nápoles afastaram por uns momentos as visões mentais da destruição.

Depois de se alojar num hotel, Yankel seguiu diretamente para os escritórios da companhia naval. A carta apresentada a um assessor do almirante foi sua referência para penetrar na base. Carlo, sentado em frente a uma mesa de seu escritório, assinava relatórios, certamente de máxima urgência. Quando ergueu os olhos, Yankel custou a reconhecer o modesto sitiante. Diante dele estava um imponente militar, vestido com seus galões de glória. Homem destemido e experiente, dirigira batalhas triunfais. Já era sabido, até na longínqua Digien, que ao se decidir pela carreira da marinha, optara também pelo celibato.

Convidou Yankel a sentar enquanto lia a carta de seu irmão Nicola. Depois, fixou seus olhos frios como aço no antigo vizinho, sem mover um músculo da face.

Habitado com as trágicas ocorrências das batalhas, nada mais alterava seu semblante. Finalmente falou “– A carta de Nicola é bem explicativa e naturalmente você pode contar comigo. Dentro de algum tempo os navios vão singrar os mares com suas rotas habituais. Com um pouco de paciência, eu o engajo num navio rumo à América do Sul. Enquanto aguarda, poderá permanecer na casa de meus parentes”. Yankel respondeu: “– Agradeço sua gentileza, mas tenho condições de me manter e já me instalei num hotel”.

O almirante encerrou a conversa concluindo: “– Deixe seu endereço com meu secretário e, assim que seja possível embarcá-lo, será notificado. Se tiver algum embarço, procure-me sem receio”.

Depois de um caloroso aperto de mão, Yankel agradeceu e saiu. Antes de regressar ao hotel, resolveu caminhar para pôr seus pensamentos em ordem. Precisava delinear um plano que abrandasse a amargura de seu coração e amortecesse as imagens dolorosas. Essa força interior poderia adquirir com o auxílio dos livros. O trabalho intenso também seria um paliativo, mas teria de aguardar a chegada à nova pátria.

Yankel percorria um bairro pobre de ruas estreitas e tortuosas; de suas casas seculares exalava o cheiro característico de sopa. Era hora do jantar e a proximidade da noite o preveniu que precisava voltar. Na porta de uma das casas uma tabuleta balançava ao sabor do vento. Esforçou-se para decifrar as palavras quase imperceptíveis, gastas pelas intempéries. Yankel com seu italiano sofrível leu: ‘VITTORIO PARDINI, PROFESSOR DE IDIOMAS’. Feliz com a casual descoberta, resolveu não perder tempo. Foi atendido por uma mulher rodeada por um bando de filhos. Sem compreender o que ele dizia, chamou: “– Vittorio, está aqui um homem estranho, que fala mais estranho ainda”.

Um homem estabonado saiu do quarto contíguo. Sua figura pitoresca agradou Yankel. Apesar de jovem, tinha os cabelos embranquecidos e usava óculos de lentes grossas. Desalinhado e com a barba por fazer, segurava um livro em uma das mãos. Sua voz soou forte: “– Aida, leve essas crianças irrequietas para casa de sua mãe”.

Assim que saíram o professor pediu a ele que se sentasse e falou: “– Queira desculpar, por favor. Diga seu nome e a língua em que o senhor se expressa com facilidade”.

Yankel, depois de declinar seu nome, disse receoso: “– Eu me expressei em romeno, russo e iídiche”. “– Pois bem”, respondeu o professor, “nos entenderemos em russo”.

O poliglota falava com perfeição, deixando Yankel à vontade para contar que desejava aprender castelhano, pois pretendia viver na América do Sul. Ficou encantado com o professor, que não fazia perguntas íntimas. Vittorio Pardini, como seus compatriotas, tinha sido envolvido numa guerra desastrosa. Entretanto se condoía dos judeus que tinham sido massacrados impiedosamente sem chance de defesa. Homem perspicaz, logo percebeu que seu futuro aluno necessitava ardentemente de um amigo que o ajudasse a ocupar sua mente com os estudos. Disse então: “– Leciono no Liceu no período da manhã. À tarde, você pode escolher o horário que lhe convier, porque meus alunos no momento não estão em condições de estudar particularmente”. Yankel, entusiasmado, respondeu: “– Nesse caso, aceito todas as horas disponíveis”.

Vittorio Pardini não se enganara com seu novo discípulo. Ele teria todo seu apoio.

Estipulado o valor diário das aulas, Yankel voltou ao hotel, passando primeiramente por um bazar para adquirir o material necessário.

No dia seguinte, chegou pontualmente, encontrando um professor solícito sentado numa sala clara e silenciosa.

O mestre começou a aula, explicando que era preciso ter uma noção de cada país da América do Sul, antes de aprender o novo idioma. Discorreu sobre política, economia, classes sociais, apontando num mapa a localização de cada país, sua capital e suas cidades principais. Fez um apanhado geral da história e do regime político vigente em cada um deles.

Yankel assimilava com sofreguidão todo aquele conhecimento que iria contribuir para amenizar sua alma ferida. Nos longos momentos de solidão, quando as lembranças teimavam em voltar, as palavras do mestre repercutiam na sua mente, impulsionando-o para um mundo novo. Entretanto com tantas novidades custou a perceber que o professor o inquiria: “– Eu gostaria de saber qual desses países lhe parece mais convidativo”. “– Bem”, respondeu Yankel, “eu gostaria de me fixar numa terra em que pudesse conviver com uma grande colônia judaica”. O professor começou novamente a explicar que a Argentina e o Brasil eram os países que tinham o maior número de imigrantes judeus e seus descendentes.

Yankel decidiu pelo Brasil. Quando o mestre lhe disse que não era o castelhano e sim o português que deveria aprender, o aluno surpreso perguntou qual a razão da diferença de idiomas. Vittorio Pardini, sem conter uma gargalhada disse: “– Você, como a maioria dos europeus, imagina também que a capital do Brasil é Buenos Aires e que as cobras e lagartos andam soltos pelas ruas”. Pela primeira vez, em muito tempo, Yankel conseguiu rir despreocupadamente.

As vozes das crianças e de Aida chegando da rua anunciavam que era hora do jantar. O aluno recolheu seu material, fazendo menção de se retirar, porém com a insistência de seu professor, ficou para o jantar. Enquanto comiam uma deliciosa sopa acompanhada de grossas fatias de pão, as crianças riam da pronúncia do novo amigo e logo tornaram a liberdade de chamá-lo de tio Jam.

Naquela sala pobre aquecida pelo calor humano de uma família maravilhosa, Yankel sentiu-se muito bem. Sabia que não podia contar com a amizade do almirante Carlo Ferruti Romen que, dedicado às funções da marinha, abstinha-se da companhia de qualquer ser que habitasse terra firme.

Yankel ocupava todo seu tempo disponível estudando com afinco o novo idioma, repetindo nas suas longas caminhadas as palavras de cada frase até que elas soassem quase perfeitas. Afeiçoara-se aos filhos dos Pardini trazendo-lhes balas e doces para vê-los felizes. Iria sempre lembrar das palavras do professor: “– Tio Jam, não é conveniente que você traga diariamente essas guloseimas. Entretanto, para não os decepcionar, você poderá satisfazer i bambini uma vez por semana, digamos... às quintas-feiras”.

A reação das crianças também ficará registrada na sua memória. Os meninos formaram uma roda gritando em coro: “– Tio Jam, hoje é quinta-feira, amanhã também é, depois de amanhã e todos os dias da semana são quinta-feira”.

Lembraria também o rubor nas faces de Dona Aida, quando os filhos na hora do jantar começaram a repetir inúmeras vezes: “– Desde que o Tio Jam chegou tem carne boiando na sopa”.

Passados três meses, Yankel recebeu seu passaporte com autorização de embarque num navio cujo destino era o Peru. O almirante lhe enviou uma carta com um pedido de desculpas por não poder comparecer ao embarque.

Yankel tinha somente mais um dia em Nápoles. Correu às lojas em busca de presentes para os Pardini. Comprou brinquedos para as crianças, um corte de fazenda para a senhora Pardini e um relógio para o professor. O destino lhe improvisara um lar, cujo principal membro tivera a sutileza de entretê-lo e a sabedoria de orientá-lo, sem tocar em nada que o fizesse sofrer.

A família Pardini compareceu ao embarque, acenando lenços coloridos até que seus vultos diminutos desapareceram para sempre.



Capítulo XXII

Quando a cidade de Nápoles desapareceu, Yankel foi para seu camarote. A individualidade do recinto agradou ao viajante, pois proporcionava plena liberdade para refletir sobre os conselhos do professor Pardini e ler em voz alta sem ser perturbado.

Tentaria entrar clandestinamente no Brasil, através da fronteira com o Peru. Sabia que as cidades com o maior número de pessoas de origem judaica do país eram São Paulo e Rio de Janeiro. Optou pela capital paulista porque um clima temperado facilitaria sua adaptação. Seu professor também lhe informara que no bairro do Bom Retiro imperava o maior núcleo de comerciantes judeus de toda a América do Sul.

Como Yankel sentia falta de suas andanças, levantava-se antes do amanhecer para caminhar pelo convés. Depois se recolhia ao seu camarote e começava a estudar o novo idioma, que de tanto repetir suas palavras, já dominava razoavelmente.

Quando seus olhos fechavam de cansaço, voltava seus pensamentos para as dissertações do professor Pardini. Lembrava que o erudito mestre explicava com entusiasmo sobre um gigantesco país, cuja pacata e serena população vivia em harmonia com seus semelhantes.

Dizia o professor que nessa terra os imigrantes judeus eram tratados sem discriminação e que os racistas eram minoria. Ele não negava adjetivos para São Paulo por ser uma das cidades que mais crescia no mundo. O aspecto provinciano das velhas propriedades estava sendo substituído por construções modernas. Falava com eloquência que uma constante e febril atividade movimentava milhares de trabalhadores, nas obras, nas fábricas e no comércio. Esgotado o assunto das aulas, depois de prolongadas recordações, Yankel passava a planejar seu futuro.

Iria à procura das instituições da comunidade judaica, com a certeza de que encontraria ombros amigos que facilitariam sua adaptação. Temia, porém, ser alvo de curiosidade e exageradas inquisições. Tentaria manter silêncio o máximo possível, tendo como testemunho vivo do Holocausto suas agressões físicas e suas lesões mentais. Seu querido primo e amigo Duved Gun fora perspicaz para fazê-lo prometer que continuaria vivendo. Mas como era penoso suportar a solidão. Como



sentia falta dos parentes e amigos desaparecidos para sempre!

O tempo foi passando até que o navio aportou em águas peruanas. Deteve-se o mínimo possível no país, usando como meio de transporte as linhas férreas e muitas vezes, suas próprias pernas. Atravessou a fronteira sem complicações, passando por vários estados e pela fronteira com a Bolívia. Chegando finalmente à capital paulista, hospedou-se num hotel no centro da cidade. Yankel alcançara seu destino, apesar de não sentir a alegria da chegada.

No dia seguinte vagou pelas ruas do centro, atônito com aquele vai vem dos transeuntes. Com um guia de mão, alcançou facilmente o bairro do Bom Retiro. Deteve-se alguns minutos na Estação e no Jardim da Luz, seguindo depois pela rua José Paulino e por todas as ruas do comércio ativo do bairro.

Como ele chegara na clandestinidade e quase de imediato após o término do conflito mundial, temia a reação dos patrícios.

Sem dúvida, com o decorrer do tempo, muitos sobreviventes teriam oportunidade de imigrar e seriam amparados por entidades filantrópicas judaicas.

Indeciso, sem saber a quem recorrer, voltou até o Jardim da Luz. À sua frente, quatro velhos conversavam em iídiche. Apurou o ouvido e como só falavam banalidades interrompeu a conversa, perguntando também em iídiche: “– Os senhores poderiam informar-me onde encontrar uma instituição judaica? Não sou daqui e não conheço ninguém”. Aqueles homens surpreendidos por um estranho, calaram.

Yankel, decepcionado fez menção de se retirar, quando um deles, respirando fundo, respondeu: “– Existem muitas entidades com várias finalidades, mas se o rapaz tem urgência, eu o aconselho a informar-se com a irmã da minha nora. Ela trabalha como voluntária numa dessas instituições beneficentes às terças e quintas-feiras. Nos outros dias da semana, ela se ocupa da contabilidade do pai. Como hoje é sexta-feira, você poderá encontrá-la a alguns passos daqui”.

Yankel, após tomar nota do endereço e do nome completo da moça, agradeceu ao grupinho de idosos, atravessou a rua, virou a esquina da Prates e seguindo a José Paulino, entrou na rua Silva Pinto.

Devia ser hora das refeições, pensou Yankel, porque todos os bares e restaurantes estavam apinhados de gente.

Encontrou na loja vários balconistas que também almoçavam.

Perguntando onde poderia encontrar a senhorita Maria Clara, uma delas com a boca cheia, apontou para a porta nos fundos da loja. Foi atendido por uma moça sentada em frente a uma escrivaninha. Aparentava uns trinta anos e não possuía um rosto atrativo. Suas sardas ocupavam todos os espaços da pele e seus cabelos exageradamente volumosos estavam presos por uma fita azul.

Ela fez menção para que ele sentasse. Quando Maria Clara fez as perguntas de praxe, ele ficou perplexo. Aquela moça tão sem graça adquiriu com sua linguagem suave, uma surpreendente expressão de meiguice. Suas palavras que pareciam fluir do coração, vinham embaladas em açúcar. O rosto iluminado pelo seu interior adquiriu vida e beleza.

Yankel, depois de declinar seu nome completo, respondeu com palavras sumárias, mas precisas. “– Sou um remanescente do Holocausto que chegou clandestinamente ao país. Não necessito de ajuda financeira, mas sim, urgentemente da boa vontade dos patrícios, para que eu possa me integrar na sociedade. Peço, por favor, se for possível, uma reunião, e que seja feita no máximo sigilo”.

Maria Clara respondeu cordialmente: “– Não se preocupe senhor Yankel, vou reunir na minha residência, segunda-feira, pessoas discretas e idôneas, que contribuem voluntariamente em favor dos judeus em qualquer circunstância. O horário da reunião e o meu endereço estão neste cartão que passo às suas mãos”.

A moça, observando mais detalhadamente a fisionomia daquele homem, notou uma imensa solidão vazando de seus olhos tristes. Penalizada concluiu: “– Gostaria de conhecer a cidade neste fim de semana?”. Yankel custou a responder; vieram-lhe à memória palavras idênticas pronunciadas nos tempos felizes.

Depois de um longo intervalo, respondeu: “– Aceito e agradeço, se não for incomodar”.

Para evitar desencontros, optaram pelo Jardim da Luz, no dia seguinte às 16 horas.

Não querendo mais tomar o tempo da moça, despediu-se e saiu.

Yankel teve uma noite agitada, perturbado com sonhos nebulosos, que terminaram com um terrível pesadelo: algozes nazistas desfilavam à sua frente rindo e apontando para um sorvedouro de sangue que engolia seres humanos. À sua volta suásticas dançavam diabolicamen-

te. Tentou gritar, porém, sua voz ficou retida na garganta. Imagens enraivecidas chispando ódio, bradavam: “O nacional-socialismo não morreu. Nós estaremos em todas as partes do mundo, assim que a caldeira esfriar”.

Yankel acordou rouco de tanto gritar. Seu corpo banhado em suor, não conseguia encontrar o receptor de luz. Fora um pesadelo tão real, que apagou momentaneamente seu raciocínio. Finalmente, senhor de si, pensou em voz alta: “– Sim, eles podem voltar, daqui a cinco, dez ou cinquenta anos. As cinzas que restaram da bola de fogo em que a Europa se transformou, ainda ardem na memória da humanidade. Os vencidos nazistas aguardam uma brecha, um lapso, uma falha para introduzir seus fanáticos adeptos. Toda cautela será pouca nas aglomerações, nas sinagogas e até nas competições esportivas. Cada judeu precisa ser um soldado vigilante. As armadilhas e artimanhas não devem mais nos atingir”.

O desabafo em voz alta, não aliviou o sofrimento daquele homem encerrado entre as quatro paredes frias de um hotel. Abriu a janela, inclinando-se num gesto tresloucado, quando um vulto passou pela sua mente cansada. Ele não estava mais tão só!

Yankel já distinguia alguém, no meio da multidão: uma esperança, um nome, Maria Clara.



Capítulo XXIII

Vencido seu pessimismo, Yankel, depois de uma chuveirada e um café, alcançou a rua.

O sol matinal inundava de luz os perfis das residências. Após dois dias típicos de garoa paulistana, foi surpreendido por uma mudança brusca de temperatura.

Sendo sábado, não havia mais tanta gente circulando nas ruas e ninguém tinha pressa como no dia anterior. Nas praças públicas, crianças com suas bolas e correrias. As pessoas aspiravam o ar perfumado do verão e nas suas fisionomias não havia vestígios do pavor da guerra.

Yankel lembrava das palavras do professor Pardini que dizia que há um século não havia disputas entre o Brasil e os países vizinhos. Já o infeliz povo europeu tinha estampado na face a descrença nos homens. Observando que suas roupas eram impróprias para a estação, percorreu as lojas à procura de calças, camisas e sapatos.

Quando o sol se tornou abrasador, voltou ao hotel e após um estimulante banho, vestiu as roupas que adquiriu, saindo em direção ao bairro do Bom Retiro.

Enquanto aguardava a presença da moça, ficou imaginando como captar sua confiança. Ele era um desconhecido, cuja única referência era a de ser um remanescente do Holocausto.

Maria Clara interrompeu seus pensamentos com sua chegada. Yankel sentiu-se atraído pelo diálogo que se estabeleceu entre eles, sem perguntas dolorosas e pessoais. Ele logo percebeu que a moça tinha o dom de cativar as pessoas e a experiência de socorrer sem humilhar, adquirida com seu trabalho humanitário. Ela também devia ter notado a ânsia dele de se inteirar de tudo e de todos.

Maria Clara falou ao interessado ouvinte sobre os primeiros judeus que aqui aportaram e seus descendentes brasileiros. Contou também da fácil adaptação do estrangeiro e do acolhimento cordial desse povo maravilhoso. Citou nomes de judeus que contribuíram para o bem estar da comunidade com seus projetos sociais e culturais.

Yankel só percebeu que estava falando sobre os Pardini quando ouviu atônito sua própria voz pronunciar o nome do professor. Era como se sua existência tivesse começado em 1945, na cidade de Nápoles.

Nem ele próprio sabia se sua amnésia era proposital ou involuntária. Nomes, lugares e pessoas estavam amortecidos em sua mente.

O nome Yam, abreviatura de Yankel, criado pelos filhos dos Pardini, agradou a Maria Clara. Ela estava encantada com o bem que aquela família proporcionara ao rapaz e sabia também porque ele se expressava tão bem em português.

Num momento de pausa, Maria Clara disse: “– Vou chamá-lo de Yam. As crianças sabem escolher nomes carinhosos. Parece que devido ao adiantado da hora, nosso passeio deve ficar para amanhã”.

Combinaram encontrar às quatorze horas do dia seguinte. Iriam conhecer o museu do Ipiranga e os pontos turísticos da cidade. Quando Maria Clara apareceu dirigindo um carro, a imagem de Golda surgiu de relance, desaparecendo instantaneamente. O domingo ensolarado despertava nas pessoas a vontade de longos passeios ao ar livre.

Yankel ouvia com interesse as explicações de Maria Clara sobre os lugares por onde passavam. Para completar o passeio ela sugeriu um filme com o comediante Danny Kaye em cartaz no Cine Metro.

De volta para casa, Maria Clara estacionou o carro na garagem, subindo a seguir os degraus de mármore que levavam à porta do sobrado. Residência antiga, mas conservada e espaçosa, acolhia a família Listein desde a chegada do casal em 1913.

Ficava no bairro dos Campos Elíseos, próximo do Bom Retiro, onde nasceram as três filhas do casal: Maria Clara, Miriam e Anita.

A primogênita cresceu sem atrativos, enquanto as outras vieram robustas e bonitas.

Maria Clara sabia que seria sempre o patinho feio, porém no seu nobre coração não havia lugar para inveja. Adorava as irmãs e, quando eram elogiadas, não se ressentia. Pelo contrário, acrescentava alguns atrativos. Como a mãe, as duas eram exageradamente vaidosas gostando de festas com aparato e ostentação. Bela Listein amava as três filhas, tendo uma ligeira predileção por Miriam e Anita.

As duas casaram com homens de posses e ambas tinham duas filhas. Residiam em palacetes no aristocrático bairro do Jardim América. Bela Listein estava feliz porque, depois de muita insistência, conseguira convencer seu marido Moisés a construir também um palacete nos Jardins.

Moisés prosperava com sua indústria e loja de roupas. Orgulhava-se

de sua filha mais velha por sua dedicação ao trabalho e suas inúmeras virtudes. Seu único desgosto era a recusa da filha em contrair matrimônio, apesar que vários rapazes já tinham desfilado diante dela e de seu polpudo dote. Maria Clara, já beirando os trinta anos, gostaria de constituir uma família, mas quando percebia nos olhos masculinos a avidez pelo dinheiro, abandonava a ideia de ser mãe. Dedicava-se nos fins de semana às queridas sobrinhas e aos animais de estimação.

Na segunda-feira, Maria Clara voltou mais cedo do trabalho.

Verificou se a sala de jantar estava de acordo com o seu pedido. Ao redor da longa mesa, oito cadeiras de espaldar alto aguardavam os membros da reunião.

Sobre uma alva toalha estavam dispostos bules com chá e café. Não faltava também uma jarra com água e grande variedade de biscoitos. Uma porta de vidro opaca com moldura de madeira isolava a sala dos outros ambientes.

Maria Clara resolveu optar pela reunião em sua residência porque Yankel se sentiria menos constrangido do que comparecer a uma instituição. Quando soaram oito badaladas, todas as cadeiras estavam ocupadas. Maria Clara apresentou Yankel Felman aos presentes, que após declinarem seus nomes, apertaram calorosamente sua mão. Moisés Listein, que encabeçava a mesa, foi o primeiro a se manifestar “– Nós aqui presentes fomos informados de sua chegada através da minha filha. Vamos nos organizar para que todo remanescente do Holocausto seja recebido de braços abertos. Sua chegada antecipada nos apanhou de surpresa, mas estamos felizes em ajudá-lo e integrá-lo ao nosso meio. Precisamos ter uma noção do que o rapaz almeja para apoiá-lo. Também qualquer necessidade que nos exponha será resolvida com a nossa melhor boa vontade”.

Yankel respondeu: “– Em primeiro lugar, agradeço a todos os presentes que deixaram o convívio de seus lares para me ouvir. Disponho de recursos financeiros para adquirir um negócio. Entretanto, preciso da orientação de pessoas experientes como os senhores. Só trabalhando com afinco, suportarei essa vida. Outro grande favor que lhes peço é me ajudarem a legalizar minha permanência definitiva no país. Não quero causar transtornos; portanto se não for possível, irei à procura de outras terras”.

Um dos presentes, o senhor Simão respondeu: “– Não se preocupe,

caro rapaz. Vou resolver pessoalmente o seu registro permanente no Brasil. Deixarei anotado meu endereço, assim como os dados necessários”.

A seguir, falou o senhor Marcos: “– Estou no ramo imobiliário e vou ajudá-lo a encontrar o que procura”.

Os presentes ofereceram seus préstimos e sua amizade. Maria Clara, feliz com o bom andamento da conversa, ofereceu ao grupo de pessoas, xícaras com chá e café.

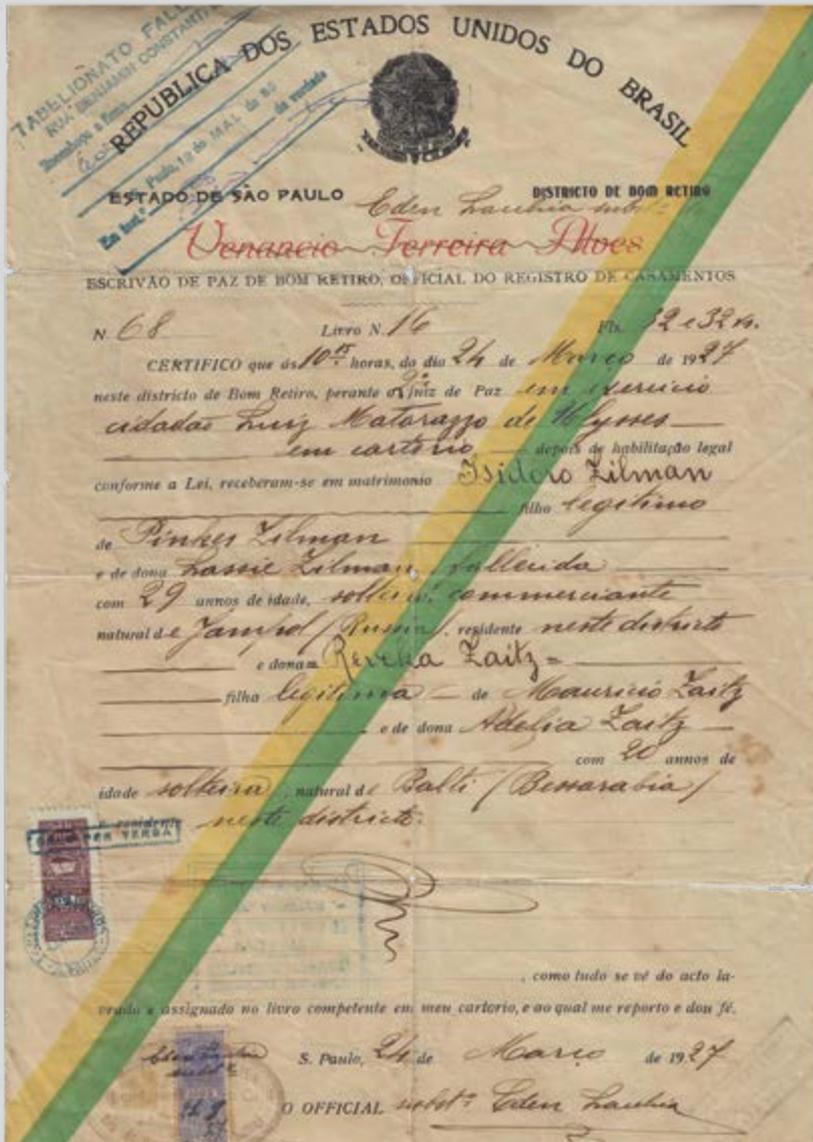
Um dos presentes, o senhor Jaime, pedindo silêncio se aproximou de Yankel e perguntou: “– Gostaria que o senhor me explicasse como conseguiu arranjar tantos dólares, na triste condição de penúria em que se encontram os sobreviventes”.

Yankel fez um esforço sobre-humano para responder. Seu cérebro bloqueado pela vontade de esquecer não dispunha momentaneamente de memória. Ficou lívido antes de colocar sua mão na testa, tentando raciocinar. Maria Clara correu para socorrê-lo, contornando seus braços em torno de seus ombros num gesto de apoio. Todos se entreolharam. O ambiente ficou tenso.

Foram minutos de silêncio até que Yankel conseguiu extrair algumas palavras do seu inconsciente: “– Olhem para o meu braço. Estes sinais ultrajantes são a prova concreta de que eu acompanhei o martírio de seis milhões de irmãos. Jamais um judeu no seu juízo perfeito iria trair os companheiros, compactuando com nazistas em troca de dinheiro. Eu também não roubaria, mesmo se tivesse oportunidade. Se eu dissesse que é uma longa história e que desenterrei este dinheiro do fundo de um quintal os senhores acreditariam? Fica a critério de cada um julgar. Minha consciência está tranquila. Sou um provinciano de uma diminuta e muito querida aldeia que nem eu mesmo procuro lembrar de seu nome. Prometi a um grande amigo, no seu leito de morte, que não resolveria o passado para poder me manter de pé. Os meios de comunicação já transmitiram o que realmente aconteceu. Judeus em todo o mundo, arrojados e decididos estão trabalhando sem trégua pela terra dos nossos antepassados através dos movimentos sionistas. Eu tenho a esperança de ter encontrado a minha nova terra aqui. Espero que compreendam que um homem devastado pela dor, não consiga fazer confidências. Mais uma vez, quero agradecer o conforto de me sentir entre irmãos”.

Terminada a reunião cada um deles abraçou emocionado o sobrevivente, como prova de solidariedade e voltaram a seus lares com a convicção de que conheceram um homem íntegro e um valoroso judeu.

Capítulo XXIV



Decorridas três semanas, Yankel Felman, com a cooperação dos integrantes da reunião, já era um cidadão naturalizado brasileiro. Após selecionar vários negócios, optou pela aquisição de uma pequena indústria de móveis, localizada nas imediações do bairro do Bom Retiro.

A fábrica era destinada à comercialização de móveis de escritório, tendo também em menor escala, conjuntos de mesas com cadeiras, artisticamente talhadas. Com o falecimento do antigo proprietário, ficou desativada por um breve período de tempo. A primeira providência tomada por Yankel foi readmitir seus operários. Embora desconhecendo esse ramo de negócio, tinha disposição para aprender e ousadia para enfrentar qualquer entrave. Mergulhou num mundo que girava entre madeiras e serras, imbuindo-se dos odores de tintas e vernizes. Familiarizou-se com o som da serralha se envolvendo com pregos e parafusos. Era o aprendiz de marceneiro, o aluno de desenho e o operário obreiro.

Quando Yankel arregaçou as mangas e vestiu um macacão, os trabalhadores se mostraram apreensivos. Habitados à rara visita do velho patrão, que ficava refestelado na confortável poltrona de seu escritório, estranharam aquele homem, cujas ações fugiam aos padrões normais. Desconfiavam que o senhor Yam, como passaram a chamá-lo com a autorização do mesmo, exigisse um trabalho acima de suas forças.

Bastaram algumas horas para que percebessem que estavam completamente equivocados, chegando à conclusão que o senhor Yam, fazia perguntas, apenas com o intuito de aprender. Entretanto, o que mais agradou, foi a simplicidade do patrão. Ele tomava parte na conversa, ouvia piadas e palavrões, o que proporcionava um ambiente relaxante e descontraído, sem que deixassem de respeitá-lo e obedecê-lo.

Dividia seu tempo percorrendo os vários setores, incluindo a sala dos desenhistas, onde se esforçava para esboçar os projetos. Incansável em suas múltiplas funções, só usava o escritório para anotar as encomendas e para se alimentar. Após o almoço aproveitava o tempo reservado ao descanso para ler as revistas espalhadas nas gigantescas estantes, que cobriam as paredes do escritório. O texto dos artigos

eram todos referentes à indústria e ao seu desenvolvimento através dos tempos.

Tomou conhecimento que as máquinas rudimentares ficaram obsoletas, sendo substituídas por outras movidas a eletricidade, o que provocou um vertiginoso crescimento no parque industrial. Ficou sabendo também, que em 1940 a capital paulista possuía 4876 estabelecimentos fabris e que naquele final de 1945 já dobrara para 9500.

Quando o som característico da sirene indicava que chegara a hora de retornar ao trabalho, Yankel deixava para o dia seguinte a leitura e corria para o batente. Com o término do expediente voltava para casa. Com o corpo impregnado de serragem, tomava um banho prolongado, deixando para trás o mundo dos negócios.

Frequentava, em companhia de Maria Clara, as reuniões do partido, contribuindo em prol dos interesses judaicos. Às sextas-feiras era um convidado assíduo no jantar dos Listein e, nos dias em que permanecia no hotel, lia os livros que apanhava em seu escritório.

Yankel descobrira que a terapia ideal para afugentar o passado era a ocupação física e mental; entretanto, a melhor terapia ainda eram as longas caminhadas. Como ele não dependia dos meios de transporte para atingir o local de trabalho, percorria a Praça da República, seguia pela Barão de Itapetininga até a Praça Ramos de Azevedo. Atravessava o viaduto do Chá e a Praça Patriarca voltando pela Rua São Bento. Depois de muitas voltas, seguia seu itinerário optando sempre pelos caminhos mais longos.

Yankel Felman não era mais um simples observador. Fazia parte daquele caudal de gente obreira, que descia de bondes e ônibus vindos de bairros distantes, para apanhar outros transportes, enquanto outra multidão seguia em sentido contrário. Aquele vai-e-vem encantava o andarilho, que já estava contaminado pelo micróbio da atividade constante. O sobrevivente já fazia parte daquela energia que movia os imigrantes e os próprios paulistanos no desenvolvimento crescente da cidade.

Toda quarta-feira, Maria Clara deixava seus afazeres e ia ao escritório da fábrica, para resolver a contabilidade do amigo.

A ânsia que tinha em chegar, a preocupação repentina, com seu aspecto e a imagem de Yam ocupando seus pensamentos, deu-lhe a absoluta certeza de que estava apaixonada. Maria Clara amava aquele

homem com todas as suas qualidades e defeitos. Ela também admirava o amigo que conseguira sobrepujar as lamentações através de um trabalho dignificante. Ele superara a autocompaixão, enfrentando a solidão e o desconhecido.

Numa dessas quartas-feiras em que Maria Clara se preparava para iniciar a contabilidade da empresa, Yankel entrou precipitadamente no escritório. “– Desculpe minha intromissão”, disse, “mas tenho urgência de sua opinião: quero que meus funcionários possam sustentar suas famílias de uma maneira mais digna. A cada dia entendo melhor suas dificuldades e farei de tudo para que o negócio prospere para que possam receber um ordenado melhor. O justo seria pelo menos triplicar o ordenado, mas preciso de mais tempo”. Maria Clara já esperava por essa reação do amigo. Sabia que ele considerava os trabalhadores uma só família e se condoía de suas dificuldades. Entretanto ela temia sua ingenuidade quase infantil e sua falta de experiência na direção de uma indústria.

Maria Clara precisava não só orientá-lo, como também alertá-lo para que não cometesse erros difíceis de contornar.

“– Yam, eu como sua amiga, tomo a liberdade de aconselhá-lo usando de toda franqueza. Nós sabemos que o trabalhador do Brasil tem um baixo padrão de vida. Mesmo com as novas leis, que o beneficiam, conseguidas através de sindicatos e governantes, ainda é irrisório, comparado com o dos operários de países como a Inglaterra e Estados Unidos. Com o ordenado acima do estipulado por lei, você só resolveria a situação de uma minoria. Alguns homens que pensam como você são taxados de comunistas, anarquistas, etc. Não se pode reformar o mundo em um dia. As reivindicações infelizmente são lentas, mas estão chegando. Entretanto Yam, você não precisa ficar decepcionado, porque existem outros meios. É preciso agir com habilidade. Em minha opinião, as horas extras com remuneração duplicada ou triplicada, seriam uma maneira de minorar o problema. Certamente entre uma conversa e outra, você ouviu que além de um teto e comida na mesa, eles também têm sonhos. Estamos vivendo uma época de grandes renovações e conquistas, portanto devemos ter esperança em um futuro melhor para todos”.

Yam, que não perdia uma palavra das explicações de Maria Clara, notou também que ela estava mais bonita. Seus cabelos perderam

o volume exagerado e suas sardas estavam menos acentuadas. Os olhos mais brilhantes refletiam intensamente sua beleza interior. Pela primeira vez ele sentiu-se atraído por aquela extraordinária mulher. Deu-lhe um beijo na face e agradecendo a ajuda saiu.

Algumas horas mais tarde, Maria Clara leu no quadro negro do saguão que dava acesso à porta de saída o seguinte: “– A partir de amanhã, quem quiser trabalhar além do expediente receberá o triplo pelas horas extras”.

Em seis meses de atividade a fábrica de móveis expandiu, criando todo tipo de novidade que surgia no mercado.

Maria Clara e todos que conheciam Yankel Felman sabiam que não era a ambição que movia aquele homem, mas a necessidade de trabalhar.



Capítulo XXV

Após aquela quarta-feira, quando Yankel entrou precipitadamente no escritório à procura dos conselhos de Maria Clara, ele sentiu o quanto a amava.

A gratidão pelo apoio incondicional da amiga não significava a razão deste sentimento. Era um amor intenso, muito sólido para ser efêmero. Não era arrebatador como os arroubos da juventude, mas tinha a cor da felicidade. Yankel sabia que envolto na névoa do passado, ele um dia vibrara com uma louca paixão. Entretanto era o presente que estava aí para ser vivido, e ele não pretendia perder a oportunidade de ser feliz. O que importava era a certeza de que Maria Clara nutria por ele os mesmos sentimentos. A prova estava no seu semblante.

Era hora de agir, tomar a iniciativa e naturalmente o lugar ideal seria o escritório da fábrica, longe de parentes e amigos.

Maria Clara só percebeu a presença do amigo, sentado num canto escuro da sala, depois de tirar seu agasalho naquele dia gelado de junho. Yankel levantou e se aproximando da moça disse: “- Desculpe a intromissão, mas o que me traz aqui é a razão mais importante da minha vida. Quero que saiba que a amo e desejo me casar o mais breve possível, se seu sentimento for recíproco”.

Maria Clara, que há muito tempo esperava por esta declaração, respondeu visivelmente emocionada: “- Yam, você é o único homem que amei e amarei enquanto viver”.

Depois de um beijo prolongado ele falou: “- Vamos tratar imediatamente dos papéis e da cerimônia religiosa. Você escolhe a casa de seu agrado, que eu me responsabilizo com todas as despesas”.

Maria Clara respondeu: “- Eu ficaria muito feliz, se pudesse continuar na casa em que nasci. Como você sabe Yam, meus pais mudarão na próxima semana para a nova residência. Com alguns reparos e uma nova pintura ela ficará pronta para nos receber”.

Yankel concluiu: “- Estou de pleno acordo. Na sexta-feira falarei com seus pais”.

Em seguida, com um beijo afetuoso, saiu, não voltando pela primeira vez ao trabalho. Queria viver cada minuto daquela emoção. Perambulando pelas ruas sem destino, sentiu a presença de Maria

Clara ocupando seu corpo e sua alma. Num futuro próximo teria um lar com a mulher de sua vida.

Yankel ficou divagando até que percebeu que era noite e hora de voltar.

Maria Clara também não conseguia se concentrar na escrita. Passou a refletir sobre o futuro e a recordar a infância feliz.

Pretendia respeitar o silêncio de Yam sobre seu passado e o de seus entes queridos. Seria sempre uma incógnita para ela, porém o que realmente importava era vê-lo feliz.

Sabia que no inconsciente dele as lembranças poderiam se manifestar através de pesadelos terríveis. Entretanto, ela estaria sempre ao seu lado para ampará-lo. Pretendia, para alegria de Yam, encher o espaço daqueles imensos quartos com crianças. Os filhos iriam crescer e praticar as mesmas travessuras que ela e suas irmãs aprontaram. O abacateiro ainda estava no fundo do quintal para ser escalado, e os descendentes dos gatos e cachorros perambulavam pelos mesmos locais. Enquanto projetava desejos futuros, Yankel se emocionou ao sentir que finalmente poderia sonhar com o futuro que desejasse.

Na sexta-feira à noite, sentados na sala de jantar estavam Moisés e Bela Listein, Miriam e Anita com seus maridos e filhas, Maria Clara e Yankel Felman. A anfitriã, eufórica com a próxima mudança, preparara um lauto jantar de despedida. Após o cafezinho, Yankel desculpou-se por interromper o bate papo, porque precisava aproveitar a reunião para comunicar que ele e Maria Clara pretendiam se casar.

Abraçou a namorada completando o pedido informal, dizendo: “– Nós estamos muito felizes e contamos com a aprovação da família”. Moisés Listein, sem conter a alegria, foi o primeiro a levantar, para abraçar os noivos. A seguir, os outros membros da família parabenizaram o casal.

Por um breve instante todos silenciaram envolvidos pela magia que precede um acontecimento festivo.

De repente soou no ar o bombardeio de todas as vozes, perguntando, opinando e tomando resoluções.

O noivo pediu um minuto de atenção, para responder apenas a uma pergunta: “– É do agrado de Maria Clara continuar nesta casa; portanto eu gostaria de comprá-la de seus pais”.

O senhor Listein respondeu emocionado: “– Neste caso, será nosso

presente de casamento. Se não aceitarem, ficaremos terrivelmente ofendidos”. Após novos abraços, Bela Listein, Miriam e Anita passaram novamente a falar e sem trégua.

O senhor Moisés e seus genros se refugiaram na sala contígua e, acendendo os seus charutos cubanos, passaram a jogar pôquer.

Os noivos, completamente sem ação, ouviam atônitos a empolgação das três mulheres. Desfilavam diante delas figurinos com modelos da atualidade numa incrível profusão de rendas e brocados. Numa explosão de alegria, elas resolviam por conta própria o local mais fino e grandioso para a festa de casamento.

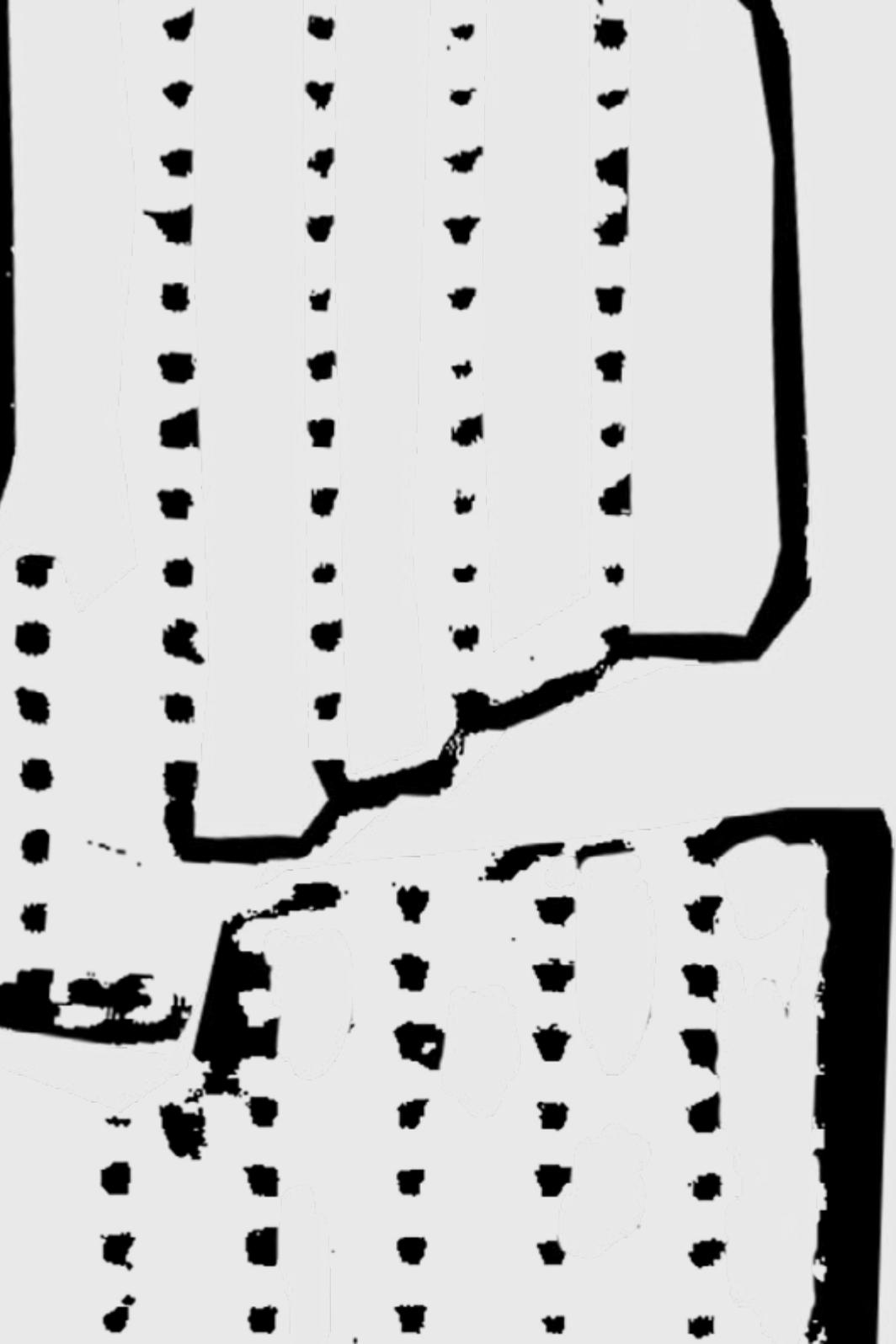
As vozes cresceram de volume, quando começaram a divergir sobre o ateliê onde deveria ser confeccionado o vestido da noiva.

Estavam tão absorvidas naquele mundo de pompa, que não notaram a saída dos noivos.

De mãos dadas, passearam lentamente pelas ruas escuras e, quando resolveram voltar, ambos começaram a rir ao ouvir ainda as vozes alteradas das mulheres discutindo a mesma questão.

Maria Clara então perguntou: “– Yam, o que você acha de uma cerimônia simples, brindada com bolo e champagne no salão da sinagoga?”. Abraçando a noiva, carinhosamente respondeu: “– De pleno acordo, querida”.

Fitando o céu com o olhar da felicidade ele percebeu que apesar das estrelas continuarem com sua glacial indiferença, naquele momento, brilhavam com muito mais intensidade.



Os castiçais da vovó

Sete contos e uma história real



O contador de histórias

Meu pai recebeu de meu avô uma herança singular e única: o contador de histórias.

No tenebroso inverno russo, a família reunida ao redor da mesa, contava histórias. Aquecida pelo chá fumegante que fluía do samovar de prata, a casa pouco se destacava no horizonte. A neve caía sem cessar. Meu avô era o protagonista e, com sua voz possante, abafava o som angustiante do vento. Desfilavam pela noite adentro lendas fantásticas, histórias reais e imaginárias sobre bárbaros, cossacos, ciganos, czares, bobos da corte. Era o fim do século XIX numa aldeia da gigantesca e misteriosa Rússia.

Com a chegada da primavera, os animais saíam de suas tocas e os camponeses de suas casas, para plantar e colher. A luz pouco a pouco transpassava o céu cor de chumbo. Antes petrificado, o infindável espelho de cristal dava forma a um rio. O rio despertava devagarzinho e no verão os jovens nadavam em suas águas tépidas. As montanhas brancas começavam a azular, o que destacava ainda mais o tom esbranquiçado dos cumes nevados que continuavam inalterados.

Quando chegavam os ciganos, com suas vestes coloridas, sua alegria contagiava os camponeses. Artistas natos, dançavam e cantavam embalados pelo som dos violinos.

Meu pai, cujo nome era Isser, vivia feliz nos seus onze anos de vida. Morava na melhor casa da região, com os pais e cinco irmãos menores. No final do outono, sua mãe, vítima de uma grave infecção de ouvido, veio a falecer. Das aldeias vizinhas vieram suas avós: a paterna para cuidar dos netos, a materna para o enterro da filha.

Unidos pelo mesmo sentimento de dor, Isser resolveu passar uma temporada com a avó materna. Quando voltou, uma grande decepção o esperava: sua mãe fora rapidamente substituída por outra mulher. Ninguém era capaz de dar nenhuma informação, nem mesmo o pai.

Nos fins de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, Isser foi convocado, juntamente com seus amigos de infância Igor e Wladimir. O alojamento dos soldados ficava num campo gelado e pelas frestas das tábuas penetrava um vento cortante. Era rígida a disciplina militar. Com a tênue luz do amanhecer, os soldados seguiam para o treinamento. A



neve incessante fazia com que os vales e montanhas se confundissem no horizonte. Na hora das refeições, exaustos e famintos, avançavam sobre os tachos de polenta quente. Desprovidos de pratos e talheres, numa grande promiscuidade, enchiam as duas mãos de comida. No espaço de um segundo, os tachos estavam vazios. Era, pois, preciso decidir: passar fome ou queimar as mãos.

Certa manhã surgiu um militar a galope com notícias de Moscou. Informou que o czar e a família real estavam mortos e os bolchevistas lutavam pelo poder. Nas grandes cidades, a situação era caótica.

Isser não conseguia se controlar. Não simpatizava com a opulência da monarquia, nem com os bolcheviques. Criticava em altos brados o novo regime. Dois brutamontes que viviam na vila, dispostos a tudo para mostrar poder em um momento em que se disputava a aparência de uma lealdade ao regime para garantir vantagens, viram uma oportunidade e agarraram Isser pelos cabelos, batendo seu corpo com violência contra a parede. Quando perdeu os sentidos, foi levado pelos companheiros para a enfermaria e lá ficou entre a vida e a morte por um longo período de tempo. Felizmente resistiu o valente soldadinho. Entretanto, ficou irreconhecível, com seus olhos azuis afundados nas órbitas e suas pernas mal sustentando o corpo magro. Recebeu um comunicado oficial da tropa lhe concedendo semanas de licença. Caso não voltasse, seria caçado como desertor.

Com a suculenta alimentação da madrasta e o carinho do pai e irmãos, Isser começou a se recuperar. Quando sentou à mesa após um longo repouso, notou com tristeza como a voz do seu pai havia mudado, abafada ainda mais pelo som angustiante do vento. Por força do hábito, ainda contavam histórias, mas eram desprovidas de sentimentos e riqueza de detalhes.

O imponente samovar de prata fora substituído por um velho e enferrujado com sabor de amargura. Todos que possuíam objetos de valor enterravam os pertences no quintal. Sobreviviam com fatias de pão.

Será que ainda não compreenderam, pensou Isser, que os bens materiais são apenas uma ínfima parcela comparada com o cárcere espiritual a que estão submetidos?

Na hora da despedida, disfarçando sua angústia, ele abraçou afetuosamente um a um seus queridos familiares, pois sabia que jamais os veria novamente. Deixou para as avós como despedida duas calorosas cartas,

indicando que deveriam queimá-las assim que as lessem.

Quando saiu, o frio era intenso. Entretanto, mesmo com a chegada da primavera, só os pássaros e animais iriam usufruí-la, pois o inverno continuaria no coração dos homens, quiçá para sempre. A brancura da paisagem fazia com que o horizonte se confundisse com a neve.

Isser seguiu em sentido oposto ao acampamento militar, trocando sua farda por roupas civis. Ele não se julgava um desertor do dever patriota, mas um fugitivo.

Olhou pela última vez para as intransponíveis montanhas brancas. Teria que se apressar, a fim de encontrar uma cidade distante, onde ainda corriam trens. Por onde passava, o clima era de confusão, medo e muita vigilância. O povo não falava, não chorava, porque qualquer suspeita era levada às máximas consequências. Encurralados entre quatro paredes, não desfrutavam mais da intimidade familiar, perdendo o direito à privacidade.

Por onde andariam os ciganos de almas sensíveis e corações ardentes? Com certeza, seus violinos jaziam inertes, com suas veias artísticas cortadas. A guerra e a avalanche vermelha em busca do controle do poder político avançavam. Lágrimas incontidas deslizavam pelo rosto magro de Isser.

Após duras penas, alcançou uma cidade, com alguns poucos trens, cercados de muitos guardas. Dentro de uma hora partiria o último expresso para Paris e Isser não poderia perder sua chance de liberdade. Aproximou-se do guichê apalpando satisfeito o bolso que continha o seu soldo e seus documentos. Uma placa com nomes estava afixada junto ao balcão. Começou a ler os nomes e, de repente, ficou lívido, pois ele constava entre os desertores procurados.

Por um instante seus pensamentos paralisaram e sua cabeça pendeu de dor. Ele não queria apodrecer numa prisão da longínqua Sibéria. Aos poucos, foi se refazendo e começou a observar os guardas, que circulavam com suas armas, prontos para qualquer eventualidade. Um deles já lhe chamou a atenção pelo seu aspecto peculiar. Tinha longas mechas de cabelos grisalhos, e era um bonachão. Sua intuição não podia falhar. Decidiu se aproximar, dizendo “– Senhor guarda, com todo respeito, posso lhe pedir um favor?”. “– Se estiver ao meu alcance, filho”, o guarda respondeu.

“– Perdi meus documentos e meu pai doente me espera em Paris”.

“– Dê-me o dinheiro da passagem que eu compro pra você”. O relógio da estação marcava pontualmente dez horas, faltando somente dez minutos para a partida do trem.

Um suor frio inundou o corpo de Isser e seu coração começou a bater descompassadamente. Escondeu o rosto entre as mãos, estava perdido. Ouviu, então, uma voz distante chamando seu nome. O guarda estava postado à sua frente com a passagem nas mãos. Comovido, Isser abraçou o guarda, que ainda o presenteou com um pacote de alimentos.

Finalmente apanhou o trem para a Cidade Luz. Isser sentiu fome. Há quanto tempo não se alimentava? Entre doces e salgados, encontrou um recado do policial. “– Meu caro jovem, saiba que ninguém engana um guarda. Entretanto, gosto de ajudar quem precisa. Você vai para uma terra de costumes e idioma diferentes. Seja ladino e cauteloso, confie desconfiando. Não se detenha diante dos obstáculos. Deus o abençoe. Seu novo amigo Sasha”. Emocionado, guardou a folha de papel e adormeceu.

Paris deslumbrou Isser, que como matuto arregalou os olhos diante do progresso daquela cidade. Prédios cresciam verticalmente em amplas avenidas, onde corriam modernos automóveis. Os museus, as faculdades, os espaços culturais e artísticos dominavam a vida parisiense. Pessoas do mundo inteiro, com pretensões à notoriedade, procuravam se integrar com renomados pintores e compositores. À noite, a vida intensa da metrópole atraía a elite para as casas de espetáculos.

A euforia de Isser foi arrefecendo quando terminaram suas economias. Gradativamente foi se inteirando do lado negro da cidade. Nos becos, os marginais e as decaídas viviam miseravelmente. A classe operária, um pouco mais afortunada, trabalhava arduamente por seu sustento.

Havia outro tipo de gente, os estrangeiros, que gastavam suas economias em busca do sonho de ser artista. A maioria fracassava, terminando seus dias se esgueirando pelas sombras, descendo os degraus da decadência.

Perambulando pela escola da vida, Isser aprendeu o jogo duro da sobrevivência. Alugou um quarto numa pensão familiar e, em contato diário com o povo francês, logo aprendeu o novo idioma.

Seu primeiro emprego estável foi de garçom. Ao voltar do trabalho,

guardava suas gorjetas, descansava e, a seguir, ia conversar com sua vizinha de quarto, a idosa Marie que, mesmo debilitada, sempre repetia que sua única alegria seria rever sua filha que residia nos Estados Unidos e lhe prometera enviar uma passagem.

Uma madrugada, de volta do trabalho, ele ouviu os soluços de Marie. Ela contou que sua filha remetera o dinheiro da passagem, mas o navio já havia partido. Em breve outro vapor deixaria o porto rumo a Nova York, entretanto o preço era mais elevado e ela não poderia pagar.

Isser não hesitou, correndo em busca de suas sacrificadas economias. Foi preciso muita insistência para que a velha senhora aceitasse o dinheiro. Persuadida por Isser, prometeu remeter os francos assim que chegasse ao seu destino. Marie não cumpriu a promessa. Certamente não conseguiu atravessar o imenso oceano.

Isser trabalhou e estudou muito. Foi intérprete e tradutor. Sua conta bancária já lhe proporcionava o direito de viajar e começar uma nova vida. Decidiu-se pelo Brasil. Gostaria de viver numa terra onde o sol brilhasse o ano inteiro. Num feriado de 13 de maio de 1924, desembarcou no porto de Santos.

Naturalizou-se brasileiro, com o nome Isidoro. Tornara-se um homem calejado e experiente. Casou e teve dois filhos, proporcionando à sua família uma vida relativamente confortável.

Na minha mais remota lembrança, vejo meu pai cercado de crianças, contando suas histórias. Lembro da criança correndo pelo quintal da casa à espera do senhor Isidoro. Mantinham-se absorvidos pelos contos narrados com tanto calor humano por um homem que se via transportado para o mundo de suas reminiscências.

Quando meu pai completou cinquenta anos, teve um infarto e sua saúde subitamente ficou muito debilitada. Somente o longo repouso poderia ajudá-lo. Permaneceria no hospital por tempo indeterminado. Entretanto, alguns dias mais tarde, levantou-se afirmando categoricamente que estava curado. Seu médico confirmou a cura, acrescentando que existem fatos inexplicáveis acima de nossa compreensão.

O senhor Isidoro, então, contou emocionado que a velha Marie lhe aparecera em sonho dizendo que viera salvar uma dívida de gratidão.

A doença fatal o vitimaria um quarto de século depois. Em troca de alguns francos, um homem recebeu vinte cinco anos de vida.



O Filho da Natureza e a professora

Ser um homem dotado de talento é privilégio de uma minoria. Não se pode adquirir um dom, apenas desenvolvê-lo através da experiência e da cultura. Como cantam os poetas de todos os tempos, apenas um intenso amor ou um grande ideal aprimoram uma arte. Como se explica, então, que um jovem sem nenhuma inclinação artística consiga produzir telas extraordinárias comparadas aos mais renomados gênios da pintura?

Álvaro, personagem desta história, nasceu numa cidade do interior, onde cresceu e passou grande parte da juventude. Seus pais Aurélio e Laura, ambos farmacêuticos, possuíam uma drogaria. Álvaro, o primogênito, tinha dois irmãos: Zélia e Frederico. Moravam num bairro de classe média onde prevaleciam casas antigas, amplas e confortáveis. Antes ocupado pelos fazendeiros da região, cujas plantações de laranja cercavam quase toda a cidade além da linha do horizonte, o bairro pouco a pouco passou a ser habitado por famílias dos comerciantes.

Apesar da fonte de renda da cidade ser tipicamente agrícola, o orgulho daquele povo era o imenso bosque com árvores seculares vizinho ao bairro habitado pela família de Álvaro. O caudaloso rio, cortado por inúmeras cachoeiras, também fazia parte da paisagem. Terra abençoada, onde as crianças brincavam sem preocupação nas ruas de tráfego escasso.

Álvaro era chamado pelos colegas pela alcunha de Índio, pois herdara de sua avó os olhos amendoados e os cabelos lisos e escuros. Seu avô, quando jovem, nas suas explorações pelo Amazonas, apaixonara-se por uma índia.

Numa certa tarde, uma novidade quebrou a rotina diária. O sobrado e o supermercado dos Silva foram vendidos para um casal de muitas posses, proveniente de uma terra distante. Suas filhas, Diná e Tina, encantaram adultos e crianças com seus longos cabelos e olhos intensamente azuis.

No Colégio São José estudavam os filhos dos fazendeiros e dos comerciantes. As escadarias de mármore e os altíssimos portões lembravam um museu. Com a chegada dos alegres alunos, o velho casarão adquirira nova beleza. Álvaro e seus amigos, inclusive Diná, senta-



vam-se agrupados em duas fileiras de carteiras, enquanto os filhos dos fazendeiros, liderados por Rogério, sentavam nas primeiras filas.

Álvaro tinha dificuldade em desenhar, o que provocava a zombaria de Rogério e sua turma. Quando dona Zulmira, a professora de desenho, entrava na classe, o aflito aluno suava frio, borrava o caderno e o lápis escorregava das suas mãos. Desalentado, abandonava o trabalho e ficava olhando para as altas paredes mofadas pela infiltração das águas da chuva.

Álvaro e Diná voltavam juntos para casa, sempre conversando. O objetivo de Diná era lecionar para crianças carentes. Faria o curso normal e cursaria uma faculdade de Pedagogia. Quanto a Álvaro, estava indeciso e não tinha grandes pretensões com os estudos. Quando ambos perceberam que a amizade se transformara num grande amor, passaram a se isolar da turma barulhenta.

Ao lado do bosque, havia uma área reservada ao lazer. Aos sábados, intercalado às classes, o colégio São José promovia um piquenique. A oitava série se preparava para o último passeio do ano. Muitos jovens continuariam os estudos em outras cidades e não seria tão cedo que se encontrariam novamente.

Na perua do colégio, além do motorista, estava também dona Zulmira, a professora de desenho. Além dos cestos de lanche, Rogério colocara um embrulho explicando aos curiosos que faria uma surpresa.

Álvaro e Diná seguiam lentamente atrás dos colegas. Ele contava para a namorada sobre os anos de infância e as primeiras visitas ao bosque com os irmãos e avós. “– Meu vô, um entendido de botânica e zoologia nos ensinava tudo que sabia sobre a fauna e a flora. Em dado momento, minha vó, enciumada, apanhou de sua sacola instrumentos indígenas e nos chamou para dançar e tocar à moda de sua terra natal”.

Enquanto caminhavam pelo bosque, ele prosseguiu o relato: “– Certa vez, ela olhou dentro de meus olhos e disse: “– Você é filho da terra”. Comecei a chorar, dizendo: “– Não, eu sou filho de Aurélio e Laura”. Ela respondeu “– Sim, meu netinho, eles são seus pais, mas antes de tudo você é também filho da terra”. Até hoje, Diná, não compreendi o significado de suas palavras”.

A turma se reuniu numa pequena clareira. Começaram os jogos e brincadeiras. Após o almoço, Rogério pediu a palavra: “– Vou distribuir tintas e pincéis. A mais bela aquarela, a ser escolhida por dona

Zulmira, receberá uma medalha. Porém, quem tirar o último lugar terá que se sujeitar a uma brincadeira”.

Diná se aproximou de Álvaro, dizendo: “– Não se preocupe. Rogério não irá te humilhar. Assim que terminar minha pintura, virei te ajudar”.

Álvaro, sentado numa pedra olhava para as árvores. Seus galhos entrelaçados representavam um imenso abraço fraternal. Através de sua massa verde, estreitos espaços vazios deixavam penetrar a luz do sol. Na relva úmida brotavam os lírios brancos mesclados com as flores silvestres. O silêncio era quebrado pelas águas descendo o rio. Ele sentiu uma vibração estranha. Um vigor inesperado se apoderou dele. Apanhou tintas e pincéis e começou a pintar. Álvaro pintava com a sensibilidade do seu coração. Suas mãos desajeitadas obedeciam apenas às ordens de seus sentimentos. Quando Diná se aproximou para ajudar, foi surpreendida pela aquarela. “– Parece que um pedacinho da natureza se desprende da terra e se fixou na sua tela”.

Recolhidos os trabalhos pela professora, Rogério e sua turma zombaram antecipadamente de Álvaro. Dona Zulmira se mostrava incrédula com aquela pintura saída das mãos de um jovem tão desajeitado. Então, ergueu a tela para que todos vissem a assinatura do Índio. O silêncio de perplexidade durou alguns segundos. “– O tiro saiu pela culatra”.

Não querendo admitir a derrota, a turma rival desapareceu com suas motocicletas. Em casa, foi preciso a confirmação de Diná para que pais e irmãos, entusiasmados, elogiassem aquela obra fantástica.

Nas prolongadas férias de verão, Diná e a família viajaram para Goiânia. Álvaro e sua namorada se despediram com muito amor e tristeza.

Na segunda-feira, ele resolveu comprar tintas e pincéis para pintar sem a presença dos amigos. Na madrugada do dia seguinte, guardou seus apetrechos na bicicleta e saiu pedalando rumo ao bosque. Ele olhava maravilhado para os habitantes das árvores e das matas. Os pássaros se aproximaram dele sem temor. Até os pequenos animais, normalmente esquivos com a presença do homem, surgiram da mata. O amor pela natureza tocou fundo seu coração. Sentia a mesma vibração estranha.

Apanhou seus pincéis e começou a observar os pássaros de variadas plumagens à sua volta nos galhos das árvores. Finalmente compreendeu o verdadeiro sentido das palavras de sua avó. Sim, ele, o índio,

era filho da mãe natureza. Já sabia o destino de sua existência. Iria criar telas que revelassem a verdadeira essência da vida. Transmitir à humanidade o dever de amar e preservar plantas e animais. Álvaro prometera aos pais ajudá-los na drogaria, entretanto, não deixaria de se dedicar à pintura nos dias disponíveis.

Quando Diná voltou, após os primeiros beijos e abraços, ele a levou até o porão, onde suas telas estavam expostas. A namorada, ao mesmo tempo em que olhava extasiada, o incentivava a continuar pintando até surgir uma oportunidade de expor no Rio de Janeiro ou São Paulo.

Nos meses seguintes, o casal começou a pensar no casamento. Foi aí que começaram os desentendimentos entre os namorados. Álvaro queria casar e viajar para São Paulo, enquanto Diná resolvera se dedicar às crianças carentes num lugarejo em Goiás. Já formada professora primária, trancara a matrícula da faculdade. Ninguém compreendeu a atitude de Diná. Seus pais, inconformados, conseguiram apenas convencê-la a aceitar um sítio para que não morasse de favor na casa de fazendeiros.

A despedida dos jovens foi constrangedora, com aparente indiferença, mas era visível a tristeza em seus semblantes.

Os amigos de Álvaro conseguiram persuadi-lo a os acompanhar a um jogo de bola. Pedalando suas bicicletas rumo ao clube, encontraram as máquinas voadoras dirigidas por Rogério e sua turma, que vinham em sentido oposto. Acenando o lenço branco da paz, convidaram a turma rival para a festa no clube em homenagem a Fernanda, irmã de Rogério, que voltava do exterior.

No clube decorado com luzes, centenas de convidados sentados em mesas floridas, aguardavam a chegada de Fernanda. Quando ela surgiu no salão, as conversas banais foram substituídas pelo espanto. Após oito anos, a caipirinha sem graça voltava formosa e atraente. A orquestra silenciou para a moça agradecer a presença dos convidados.

Após a ceia, teve início o baile. Os rapazes se aglomeravam ao redor de Fernanda, esperançosos e solícitos. A jovem, orgulhosa e habituada com homens viajados, examinava aqueles rapazes como se fossem simples mercadorias. Desinteressada, declinava todos os convites, até que seus olhos pousaram em Álvaro. Atraído pela atenção da moça, deixou-se envolver. Enquanto dançava, a imagem de Diná foi se dissipando de seus pensamentos.

Nos dias subsequentes, continuaram juntos, até que Álvaro resolveu mostrar seus quadros a Fernanda. Ela, maravilhada, logo percebeu o valor que representavam: “– Você revela uma capacidade de transmitir com os pincéis a beleza pura da natureza. Peça a ajuda dos teus irmãos para embalar os quadros que amanhã mesmo viajaremos para São Paulo. Residiremos em um apartamento na avenida Paulista que meus pais adquiriram. Fiz amigos influentes nas minhas viagens e posso te apresentar”.

No dia seguinte, Fernanda veio dirigindo uma camionete, onde foram colocados todos os quadros. Álvaro ouvia cada vez mais distantes as vozes de despedida de parentes e amigos.

Em São Paulo, o rapaz ficou deslumbrado com o dinamismo e a atividade intensa da metrópole. Todas as noites, em companhia de Fernanda e seus amigos boêmios, percorriam as casas noturnas até o clarear do dia. Aprendeu a beber e fumar.

Através de uma campanha publicitária, a exposição fez sucesso entre o público e pessoas do meio artístico e jornalístico. Todos eram unânimes em afirmar que as telas retratavam a pureza e a simplicidade da natureza. Os quadros foram todos vendidos e Álvaro repentinamente adquiriu uma vasta conta bancária.

Vivendo sob forte influência de Fernanda, esqueceu seus objetivos. Lia com indiferença as cartas que recebia dos pais, mesmo as referentes a Diná. Contava dona Laura que a abnegada professora, muito querida pelos alunos, era chamada carinhosamente de “professorinha”.

“A atenção e o amor que dedica às crianças com suas aulas criativas, despertam para os estudos mesmo aqueles meninos e meninas pobres e sem perspectiva. As terras que Diná recebeu de seu pai tem todas as mordomias de um sítio moderno. Batizado como o Clube das Crianças, recebe aos domingos todos os alunos que têm direito de usufruir o que o sítio oferece. Após o almoço, eles vão para o salão, onde aprendem a representar e a cantar. À tardinha, após um saboroso lanche, vão pra casa, levando para os pais uma sacola de legumes cultivados por eles mesmos”.

Numa madrugada depois de uma alegre noite, Álvaro não conseguiu conciliar o sono. Uma dor repentina começou a comprimir seu peito, deixando seus membros entorpecidos e dificultando sua respiração.

Tentou inutilmente despertar Fernanda, que dormia profundamente. Conseguiu se erguer com dificuldade e, rastejando, tomou o elevador, alcançando a rua. O ar carregado da avenida não aliviou seu sofrimento. Lembrou de uma pequena praça, duas quadras adiante.

Prestes a desfalecer, alcançou a praça. Sentou num banco, erguendo os olhos: as benditas árvores estavam à sua espera. Gradativamente sua respiração foi normalizando, a dor no peito arrefeceu e os membros já obedeciam ao seu comando. Como um enfermo que precisa de uma transfusão de sangue, para Índio foi como se recebesse uma transfusão de seiva. Nos seus lábios ressecados sentiu o néctar das flores. Estava na ilha da fantasia, ainda cercado de cimento armado por todos os lados. Seu cérebro, bloqueado pelas suas decisões junto a Fernanda, começou a desanuviar. Bateu-lhe uma saudade quase incontrolável do chão de seu bosque. Seu amor adormecido por Diná voltou com todas as suas forças. Que falta sentia do seu lugar, seus pais, irmãos e seus longínquos avós.

Será que Diná o perdoaria? Ele iria voltar e recomeçar.

Quando Índio levantou do banco da praça, amanhecia e o reconfortante silêncio foi quebrado pela poluição sonora que aumentava a cada instante.

Escreveu uma carta para Fernanda, que ainda dormia, e seguiu em direção à sua terra natal. Já nas imediações da cidade, optou pela entrada que passava pelo rio próximo do bosque. Ficou encantado com o som familiar das águas das cascatas. Contudo, logo percebeu que em certo ponto do trajeto não via mais a sombra das árvores se projetando no solo. Notou, então, uma grande clareira. Cerca de cinquenta árvores haviam sido arrancadas. Amargurado, não suportando a cena, dirigiu-se prontamente para a drogaria dos pais.

Eles ficaram tão felizes que não notaram a tristeza do filho. Depois de beijos e abraços, passaram a contar notícias de seus irmãos e amigos. Álvaro parecia alheio à conversa, até que caiu em prantos.

“– Vejo que você passou pelo bosque. Não se preocupe, filho. Os ladrões de madeira já foram apanhados e os proprietários do terreno vizinho que invadiram a área serão obrigados a plantar novas árvores. Tudo voltará a ser como era um dia”, disse Aurélio.

“– Mas pai, para mim aquele lugar nunca mais será o mesmo”. Com a voz trêmula, temendo a resposta, enfim perguntou “– Como vai, Diná?”.

“– Diná sempre nos escreve para saber de você, certa do seu retorno”, respondeu a mãe de Álvaro. Mais tranquilo, decidiu que ficaria uns dias com a família e depois iria ao encontro dela.

Num domingo de primavera, exatamente ao meio dia, Álvaro avisou a porteira do sítio com os dizeres ‘Clube das Crianças’. Ouvia cada vez mais próximo, o ruído da criançada. Finalmente avistou Diná que ajudava a arrumar a mesa para o almoço. A moça virou para tocar o sino quando seus olhos avistaram Álvaro. Eles se beijaram longamente. Quando voltaram a si, estavam cercados pelas crianças, que gritavam em coro o nome da professora. Após a refeição, os meninos levaram Índio para as brincadeiras.

À tardinha, após a saída da criançada, os namorados sentaram num banco e tiveram uma longa conversa, entremeada por juras de amor. Marcaram o casamento para dentro de um mês, durante as férias escolares. Avisariam a família e os amigos que o matrimônio se realizaria na pequena cidade com a presença dos alunos. Resolveram também que parte da lua de mel passariam em companhia dos avós dele, na Amazônia.

Nos dias seguintes, Diná seguiu rumo à escola enquanto Álvaro, carregando tintas e pincéis, resolveu explorar as redondezas. Caminhou pelos vales cultivados, avistou as montanhas e se encantou com a curvatura dos precipícios. Quanto mais se embrenhava no mato, mais se sentia revigorado pela natureza tão pródiga.

Sentou na relva para comer, quando ouviu o suave murmúrio da água. Afastou a densa folhagem, embevecido diante daquele espetáculo. Num lago de águas cristalinas nadavam belíssimas aves. Nas suas margens, flores exóticas desabrochavam sobre plantas aquáticas. Centenas de pássaros, de variadas matizes, cobriam os galhos das árvores gigantescas.

Apressou o passo, preocupado com Diná. Encontrou-a aflita na porteira do sítio e, após se desculpar, desenrolou a pintura, apresentando para a moça. A emoção impediu que ela pronunciasse qualquer palavra.

Álvaro, então, falou: “– Trabalhei intensamente. Nas minhas exposições farei uma preleção contando, entre outras coisas, que sou apenas um humilde representante da natureza”.

No dia seguinte, refez o mesmo caminho. Lentamente as aves se aproximaram dele, roçando as penas pelo seu corpo. Passarinhos

rodopiavam à sua volta, em sinal de boas-vindas. Pelo instinto, aqueles seres sentiram que Índio fazia parte daquele lugar. Seu coração transbordou de ternura e sensibilidade. Sentiu a mesma vibração estranha de tempos atrás. Apanhou seus pincéis e começou a trabalhar.

Quando percebeu que estava na penumbra e que as aves silenciaram na imobilidade de seu repouso, recolheu seu material e seguiu a trilha ao coração da mata.

Uma casinha branca de tijolos vermelhos

Na primeira infância, o impossível não existe. O super-homem realmente voa e as fadas, com suas varinhas mágicas, transformam o mal em bem.

Luizinho, o filho caçula de Antônio e Joana, ainda fazia parte desse fantástico mundo de ingenuidade, de Papai Noel e cegonha. Seus irmãos mais velhos, Ricardo e Tiago, moleques e travessos, jogavam bola e quebravam vidraças.

Como a maioria do povo brasileiro, o problema da moradia atormentava Antônio, que não encontrava solução porque as sacrificadas economias não cobriam as exigências da Caixa Econômica. No trabalho, seus companheiros operários chamavam Antônio de “o sovina” por não gastar sequer um níquel em qualquer tipo de jogo. Um dia, não suportando mais a troça dos colegas, resolveu contar o motivo dessa aversão.

“– Sou mineiro de Uberaba e vivia feliz com meus pais e minha irmã. Tinha tudo o que uma criança poderia desejar. Morava numa casa com um imenso quintal cheio de aves e outros animais. Meu pai era muito afetuoso nos presenteando sempre com brinquedos e festas. Minha mãe era agraciada com uma joia por qualquer motivo festivo. Nunca pensei que esses anos de felicidade e bonança pudessem terminar tão repentinamente.

Num domingo quente de verão, Isabel e eu nadávamos na piscina do clube enquanto nossos pais conversavam animadamente com os amigos. De repente, escureceu e a chuva caiu pesada e abundante. Todos procuraram se abrigar, correndo para o salão de jogos. Três homens tamborilavam nervosamente sobre o forro verde de uma mesa de bilhar.

Pela primeira vez, eu vi meu pai enfeitado pelo baralho. Convidado a jogar pelos três parceiros, sentou-se à mesa. Ali os três abutres começaram a devorar um pobre pássaro desprevenido.

Voltamos sozinhos para casa e papai apareceu somente três dias depois, desfigurado e com bolsos vazios. Perdeu sua vasta conta ban-



cária e sua loja. Queria recuperar o que perdeu hipotecando a casa e minha mãe foi obrigada a assinar as letras promissórias. Papai foi embora, prometendo recuperar cada centavo.

A velha máquina de costura da vovó voltou a funcionar. Tia Amélia, viúva com uma parca aposentadoria, ajudava como podia. O cofre, cheio de joias valiosas era nossa salvação, dizia mamãe, com um lampejo de esperança no olhar. Com elas, pagaríamos as promissórias e os estudos de Toninho e Isabel. Um dia, papai apareceu pela segunda e última vez, jurando arrependimento e dizendo que nunca mais voltaria a uma mesa de jogo. Nós três corremos abraçá-lo.

Foi uma alegria efêmera, uma felicidade fugaz. Os soluços de mamãe me precipitaram ao seu quarto. Sua única fonte de sobrevivência lhe fora irremediavelmente arrebatada. Aquele cofre, que representava sua última esperança de ter uma vida digna, fora esvaziado. Suas mãos estavam trêmulas, seu olhar opaco, não queria acreditar na triste realidade.

Duas semanas mais tarde, mamãe morreu. Tia Amélia acolheu os sobrinhos. Só Isabel pôde continuar os estudos e eu fui para as ruas engraxar sapatos e fazer pequenos reparos. Quando terminei o serviço militar, fiz um curso técnico, enquanto Isabel, já formada, recebia um ótimo salário numa grande firma. Resolvi tentar a vida em São Paulo e aqui estou, meus colegas, contando a minha história”.

Os operários, envergonhados, voltaram a chamar Antônio apenas pelo nome. Como operário qualificado, ele ganhava o suficiente para alimentar e vestir sua família. Morava numa vila, pois alugar uma boa casinha consumiria parte considerável de seu ordenado. Sua maior alegria era, ao chegar do trabalho, distribuir moedinhas para os filhos, que corriam ao empório em busca de figurinhas e sorvetes.

A vizinha do lado era dona Miloca e seu filho, um ladrão de galinhas. Em frente, vivia o senhor Alceu, junto com sua mulher Áurea e seis filhos. Ele era um alcoólatra que surrava sua pobre esposa. Os últimos inquilinos, o senhor Romeu e dona Filomena eram idosos e se sentiam abandonados, porque os filhos raramente os visitavam.

Um dia apareceu uma mulher demente que se alojou com seus trapos perto do tanque. Com um xale cheio de buracos e um feno retorcido na cabeça, andava pela vila gritando: “- Eu sou Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra! Venham, meus súditos, curvar-se à minha

passagem e admirar minha coroa de ouro e diamantes”.

As crianças se aproximavam, riam muito e depois fugiam.

Um dia chegou a notícia que o senhor Manuel, o proprietário, vendera a vila para uma grande construtora e os inquilinos teriam que desocupar as casas no prazo de três meses.

Reuniram-se no pátio, clamando justiça. Entretanto, revolveram sair pacificamente em troca da quantia de dinheiro oferecida pela construtora, que lhes permitiria encontrar algum lugar para se abrigar. Dona Miloca e o filho iriam para o interior, na casa de sua velha mãe. O casal idoso sabia que terminaria seus dias em um asilo. O alcoólatra e família voltariam para a favela, já que as dívidas consumiriam tudo que receberiam. Quanto à pobre demente, certamente alguém se encarregaria de levá-la a um manicômio.

Antônio, por sua vez, não queria sacrificar sua família alugando uma casinha em um bairro ainda mais distante. Escreveu para Isabel, que imediatamente enviou um telegrama oferecendo um cômodo na casa que havia comprado. A princípio, a família se entusiasmou com a ideia de morar no interior. Entretanto, refletindo com calma, compreenderam que não seria uma boa solução pela dificuldade que poderiam enfrentar para arranjar emprego. Discutiam todas as noites, sem chegar a uma conclusão.

Uma noite, eles perceberam que Luizinho não corria mais atrás dos irmãos em busca de guloseimas. Perguntaram aos filhos mais velhos se sabiam a razão dessa mudança. Ricardo e Tiago caíram na gargalhada antes de contar que o menino guardava as moedas que recebia do pai em um cofrinho que tinha o formato de uma casa com tijolinhos vermelhos, segundo ele, para comprar uma casa para os pais. Era inacreditável para Antônio e Joana, como aquele garoto, tão absorto em seus brinquedos, estivesse atento a todos os problemas da família.

Na manhã seguinte, Luizinho acordou mais cedo que de costume e disse “- Pai, leve essas moedinhas e compre uma casa para nós”. Antônio abraçou o filho e suas lágrimas banharam o rostinho rechonchudo de Luizinho. Ele não podia desiludir a criança, que ainda vivia no mundo da fantasia, onde querer é poder. Quando Antônio aceitou as moedas com ternura, o rostinho cândido do filho se encheu de alegria.

O tempo passava célere, parecendo conspirar contra a família de Antônio. Dentro de três semanas teriam que entregar a moradia.

Ao sair de casa, Antônio, entretido com seus problemas se assustou com o vozeirão de um motorista, que bradava: “– Não enxerga por onde anda?”. Ele pulou para a calçada, mas um impulso estranho fez com que voltasse a cabeça. A placa 2520 ficou gravada em sua mente.

Durante toda a tarde, Antônio não conseguiu se concentrar no trabalho, porque aqueles números ocupavam todos os seus pensamentos. Na volta para casa, uma chuva úmida levou Antônio a se abrigar numa loja. Quando olhou à sua volta, viu o guichê e notou que estava numa casa lotérica. O mesmo impulso estranho se apoderou dele. Olhando para os bilhetes expostos na vitrine, estacou surpreso: lá estava o mesmo número da chapa do caminhão, o bilhete 2520.

Antônio apalpour as moedinhas do filho, mas não eram suficientes para a aquisição do bilhete. Pensou em desistir, mas aqueles números martelavam cada vez mais forte em sua mente. Lembrou do dinheiro reservado aos cigarros. Se não fumasse por uma semana, até que o sacrifício lhe faria bem. Não titubeou e, assim que adquiriu o bilhete, os números que infernizavam seu cérebro desapareceram, como por encanto.

Quarta-feira à noite, Joana e os filhos foram a uma festa junina promovida pelo colégio. Antônio, então, ligou o rádio no momento em que o locutor anunciava os números sorteados. Quando ele pronunciou o primeiro prêmio, Antônio vibrou, familiarizado com aqueles números. Estava acima de sua compreensão aquela maravilhosa série de coincidências. Sentiu um misto de alegria e alívio, presenteado com a solução de seus problemas.

Quando Joana chegou com os filhos, Luizinho como sempre, veio dormindo. Antônio contou então tudo o que acontecera, com a voz embargada pela emoção. Joana agradeceu a Deus, insistindo que fora o anjo da guarda de Luizinho que intercedera em favor deles. Antônio retrucou que fora pura sorte, mas sabia que indiretamente, Luizinho contribuíra para a felicidade da família. Os problemas foram logo substituídos por planos. Excitados, vararam a noite conversando, mesmo quando Tiago e Ricardo adormeceram.

Na hora do almoço, Antônio deixou a fábrica e foi até a Caixa Econômica. Abriu uma conta corrente, trocando o bilhete por um valioso cheque.

No sábado, saiu cedo à procura de várias imobiliárias. Encontrou

a casa ideal, à altura de suas posses, recém-construída num bairro residencial de classe média. Reservou o imóvel, enquanto corria para tirar os papéis.

Joana e os filhos esperavam ansiosamente pelo regresso de Antônio. Feliz da vida, ele matou a curiosidade de todos, prometendo levá-los ao amanhecer para conhecer a nova casa.

Quando chegaram na frente da casa, ninguém conseguiu pronunciar sequer uma palavra, porque a emoção lhes calou a fala. Quando ele abriu a porta, a euforia aumentou. Admiraram a sala enorme e os armários embutidos e acarpetados. Antônio mostrou os banheiros azulejados e, sorrindo disse “– Luizinho não precisa mais temer encontrar o banheiro ocupado nem fazer ninguém sair correndo do chuveiro”.

A seguir, Antônio abriu a porta dos fundos e as três crianças se precipitaram para o quintal.

Joana olhava satisfeita a cozinha ampla e bem planejada. Marido e mulher, abraçados, ficaram imaginando o que comprar para torná-la cômoda e agradável. Joana chamou seus filhos e quando todos estavam reunidos na cozinha, falou, num grande desabafo: “– Vamos embora, mas dentro de alguns dias mudaremos definitivamente para cá. Como seria bom se cada família pudesse ter sua própria casa”.

Antes que Joana pudesse concluir, foi Luizinho quem respondeu: “– Tive uma ideia. Vamos juntar moedinhas na minha caixa de papelão e comprar uma casa para dona Miloca, para os velhos e para a Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra”. Todos riram e aquela alegria ecoou por todos os cantos da casinha branca enfeitada com tijolos vermelhos.

Assim que todos foram dormir, Luizinho abriu a caixa de papelão em que trazia suas recordações da infância. Os quadros, a máquina de tia Amélia e os presentes que recebeu na infância, não existiam mais. Queria que, ao menos uma parte da casa, pudesse lembrar a morada da infância. Emocionado, pendurou na parede as fotos dos pais, Antônio e Joana e de tia Amélia. No centro da mesa, colocou o baralho do pai e o cofre de joias vazio. Apagou as luzes e foi dormir. Pela porta entreaberta, o pai olhou Luizinho na cama, com o cofrinho com o formato da casa entre os braços. Naquele instante, soube que ele estava sonhando os mesmos sonhos impossíveis que agora poderia voltar a sonhar.



Dois irmãos

Naquele fim de tarde de típica garoa paulistana, a multidão se dirigia apressada em direção ao metrô e às longas filas de ônibus. Era segunda-feira.

Augusto, comprimido entre um homem robusto e uma senhora carregada de pacotes, mantinha seu cérebro funcionando com o intuito de apressar sua chegada ao lar. Sonhava com o luxo de um café na cama, levado pela esposa no horário que bem lhe aprouvesse. O sábado também era o dia de rever a única filha, o genro e os netos Tiago e Diogo, que ao meio-dia em ponto desciam do carro do genro gritando, impacientes:

“– Vovô Augusto, vovó Lígia, chegamos”.

Sentados com os netos, no banco traseiro do carro, estavam sempre ouvindo a tagarelice deles, enquanto a filha Letícia seguia para a churrasceria do marido.

Uma vez por semana esta cena se repetia. Como de costume, no caminho a lembrança de uma carne succulenta afastou de Augusto o azedume de sua boca.

Naquela tarde, uma brecada brusca arremessou os passageiros para a frente, e os despertou de seus devaneios. O mesmo buraco continuava sem reparos. Uma ladeira íngreme era a última etapa para alcançar sua casa. Esse esforço físico o lembrava diariamente da grande decepção de sua vida: a traição do seu irmão. Doze longos anos que não abrandaram a dor causada. Ricardo, seu estimado irmão, o ludibriara, aproveitando-se de sua confiança cega e usando sua astúcia para usurpar seus bens. Augusto não podia esquecer a imagem da sua mansão de colunas de mármore e do imenso jardim gramado, onde Letícia corria alegremente. Não podia suportar a lembrança da humilhação da esposa e o desapontamento da filha, quando receberam o irreversível aviso de despejo.

Desde então, muitas coisas haviam mudado na vida do casal: a filha não morava mais com eles e vivia uma vida confortável depois do casamento. Augusto sentia a sua falta, mas sabia que depois de tantas dificuldades que enfrentara ao lado da esposa para dar o melhor para sua filha, ela enfim tinha construído uma família. Cansado da rotina

extenuante, Augusto não via a hora de chegar em casa. Com quase sessenta anos, sentia o corpo envelhecer.

Quando Augusto avistou o casarão e as seis casinhas idênticas, substituiu os fragmentos de tristes lembranças por momentos felizes. Olhando por uma das inúmeras janelas do casarão estava a proprietária, cuja alcunha de Rainha fora dada por seus inquilinos na vila. Após um cordial cumprimento, entrou em casa.

As fachadas eram simples, unidas por um corredor que, pelo convívio entre os moradores, estava sempre agitado. A Rainha observava tudo da janela do casarão da esquina logo na entrada da vila, acenando com sua bengala a cada vez que um morador saía ou entrava na vila. Raramente ia para além dos muros: tudo que ela precisava estava dentro da vila e sentia como se cada morador, escolhido a dedo, fosse parte de sua família. Com o envelhecimento, suas ambições financeiras eram cada vez menores e sua vida se resumia a cuidar com rigor daquelas casas, num convívio cada vez mais fraternal depois de tantos erros e acertos que ela, como proprietária, tinha cometido ao longo dos anos. Sentia que, enfim, sua família estava completa.

Ao redor, outras vilas e inúmeros galpões industriais que formavam o bairro pouco a pouco davam lugar a grandes edifícios, algo que mexia com os ânimos de Rainha, a tornando cada vez mais instigada a cultivar aquele sonho de coletividade que a mantinha viva.

O aroma de frango, alho e óleo despertou o apetite de Augusto. Subiu para o banho como fazia sempre antes do jantar. Quando Augusto terminou sua refeição, percebeu uma inquietação no semblante de Lígia. Sua esposa, com as mãos trêmulas, entregou-lhe uma carta, que recebera instantes antes de sua chegada. Ele ficou lívido quando constatou que o remetente era seu irmão.

Lígia lhe trouxe um copo de água, dizendo: “– Procure se acalmar, não deixe que os sentimentos fraternais influenciem suas decisões”.

Augusto, refeito da surpresa, respondeu: “– Não se preocupe querida, eu vou ler em voz alta esta carta, com toda frieza que Ricardo merece”.

“Meu caro irmão,

Apesar dos doze anos que se passaram com mútuas ausências, sinto a sua falta e de sua família. Ficarei muito feliz se você puder me perdoar pelos erros que cometi. Não posso

lhe restituir os anos de desconforto, entretanto a infância e a juventude que lhe proporcionei devem ser levadas em consideração. Quero que aceite ações e trinta por cento dos lucros de minhas empresas como prova de meu arrependimento. Magali e eu convidamos você e sua família para um almoço no domingo. Não deixem de comparecer.

Seu irmão, Ricardo de Castro e Silva”

Após alguns minutos de silêncio, Augusto disse: “– Lígia, eu acho que nós devemos comparecer a esse almoço com o intuito de verificar o que realmente está acontecendo. Eu não creio que Augusto tenha se regenerado. Em armadilha nós não cairemos mais. Entretanto, vamos ouvir a opinião de nossos fiéis amigos”.

“– Quando você se recuperava do que seu irmão lhe causou, procurei desesperadamente um teto para nossa família. Batalhei muito até encontrar uma casinha compatível com as nossas posses. Eu nunca poderia supor que nesta pequena vila estariam nossos verdadeiros amigos”, respondeu Lígia.

Augusto completou: “– Nas reuniões domingueiras na casa de dona Rainha todos ficaram cientes de nossos problemas. Contribuíram para voltarmos a viver e a confiar nos seres humanos. Vou pedir para dona Rainha convocar uma reunião extraordinária amanhã à noite”.

Ao anoitecer do sábado, reunidos em volta de uma longa mesa se encontravam vinte pessoas presididas pela proprietária.

Dona Rainha foi a primeira a falar: “– Nós nos reunimos hoje para opinar e tentar resolver um problema que surgiu para os Castro e Silva com a chegada de uma carta de seu irmão Ricardo. Peço ao Augusto que repita sua história, relatada pela primeira vez há doze anos atrás”.

“– Quando eu nasci, minha mãe já estava beirando os quarenta anos. Meus pais se encantaram com o filho temporão, dividindo muito amor com meu irmão Ricardo, quinze anos mais velho. Eu não completara cinco anos de idade, quando repentinamente meu pai faleceu. Na minha memória de criança ficou retida a imagem de mamãe e de meu irmão chorando copiosamente. Vultos de pessoas sem rosto definido desfilaram na minha mente infantil. Mamãe ficou orgulhosa do filho adulto, que prometeu substituir o papai na minha educação. Ricardo se tornou meu pai e meu melhor amigo com dedicação e afeto. Sem

medir sacrifícios, ele revezava com mamãe as noites de vigília quando eu adormecia. Nunca recusava um pedido meu, levando-me sempre aos estádios de futebol, vibrando comigo pelo nosso time.

Porém, a maior façanha do Ricardo foi me salvar das rodas de um carro, quando imprudentemente corri atrás de uma bola. Homem carismático, líder nato, um misto de arrogante com humilde, assim era meu irmão no meu conceito e na opinião dos que o cercavam. Proprietário de um supermercado, em pouco tempo possuía várias filiais. Ricardo não permitiu que eu vivesse à sua sombra me incentivando na vocação de desenhista e me aconselhando a cursar uma faculdade. Casamos quase simultaneamente, Ricardo já quarentão e eu com pouco mais de vinte anos. Mamãe presenteou os casais com uma suntuosa residência. Nossa única filha cresceu feliz cercada do afeto dos pais, da vovó, dos tios e dos filhos de Ricardo e Magali. A nossa amizade não arrefeceu com o passar dos anos. Letícia estava entrando na adolescência quando mamãe faleceu. No testamento, seus dois filhos herdariam cinco propriedades e uma quantia em dinheiro.

Eu ainda estava sentindo luto no coração quando Ricardo apareceu em casa. Contou que tinha uma dívida urgente para resgatar e que não havia tempo de vender as coisas que herdara. Prontifiquei-me a ajudá-lo sem hesitar, presenteando-o com meu dinheiro. Ricardo agradeceu, pedindo que eu comparecesse no dia seguinte ao tabelião para registrar uns papéis. Não titubeei nem por um segundo, pois a lealdade e a nossa sólida amizade eram o bem mais precioso que possuíamos.

Dois meses mais tarde, ficamos cientes que nem mesmo a nossa casa nos pertencia mais. Foi muito doloroso para nossa família e prefiro não repetir o que aconteceu. Sempre seremos gratos a vocês que consideramos nossos verdadeiros amigos”.

Depois que o Augusto leu a carta do irmão, pediu o conselho dos presentes. O primeiro a falar foi o mais benevolente dos vizinhos, o Alfredo.

“– Na minha opinião, as pessoas arrependidas por faltas cometidas merecem uma oportunidade de esclarecimento e perdão. O justo é que vocês compareceram a esse almoço, porque deve haver um motivo para o convite, como por exemplo, uma doença fatal. Ou remorso”.

Lucas, outro vizinho, o mais letrado, pediu a palavra:

“– Nosso amigo Alfredo é muito complacente. Depois que Ricardo inescrupulosamente se apossou dos bens materiais do irmão o transformando num homem descrente e amargurado, nem mesmo um século de vida poderia apagar essas lembranças. Nosso amigo precisa se armar de toda cautela, para não cair em outra armadilha. Se não há dinheiro para arrancar, ele pode estar precisando de uma córnea, um transplante de rim ou devorar seu fígado. Desculpe minhas palavras vulgares, mas existe algo de podre no reino da Dinamarca”.

Todos os presentes deram sua opinião, aconselhando o casal a comparecer ao almoço, mas se precavendo de todos os truques. Domingo à tardinha eles se reuniram de novo, com dados mais concretos.

O suntuoso palacete tão frequentado por Augusto e sua família no passado não despertou nenhuma emoção nos dois visitantes. As risadas infantis e as animadas conversas dos falsos amigos soaram insignificantes para eles.

Quando a porta se abriu, Ricardo e Magali se aproximaram com afeto exagerado, após tantos anos de descaso. Ricardo começou logo a recordar o período feliz dos dois na infância e na juventude. Não parou de falar durante o almoço, frisando várias vezes: “– Eu salvei a sua vida”. Ele procurava sensibilizar Augusto, como se a lacuna que provocara pudesse ser preenchida

Após o almoço, Ricardo apresentou uns papéis para Augusto assinar, dizendo: “– Eu vou ceder trinta por cento de minhas ações, junto com o meu pedido de perdão, rogando sua amizade”.

“– Impossível”, Augusto respondeu, “não aceitaria essas ações mesmo que fossem válidas. É preciso ser muito estúpido para ser ludibriado pela mesma pessoa duas vezes. Não se preocupe Ricardo, que nós vamos descobrir sua canalhice”. A seguir, Augusto e Lígia saíram, deixando Ricardo e Magali boquiabertos.

À tarde, na casa de dona Rainha, estavam todos ansiosos à espera do casal.

Lígia foi a primeira a falar: “– O encontro provou definitivamente para Augusto que seu irmão só merece desprezo. Ele não conseguiu disfarçar sua insensibilidade, apresentando uma folha de papel em branco para que Augusto assinasse. Essa procuração, nós sabemos, é uma cilada. Mas continua uma incógnita”.

Augusto falou a seguir, demonstrando alguma preocupação com o

irmão: “– Na minha opinião, Ricardo sofre de algum tipo de neurose, manifestada com a morte da mãe. Sua transformação foi radical e incontestável”. Ninguém naquela sala estava de acordo com Augusto, mas foi dona Rainha quem falou: “– Eu penso como a Lígia que existe um ponto obscuro nessa história que nós precisamos desvendar. Como Ricardo tentou uma assinatura do irmão, o mais evidente é que se trata de uma misteriosa herança. Augusto precisa nos descrever cada um de seus parentes próximos e distantes”.

“– Eu acho que vou decepcioná-los. Meus ascendentes não se multiplicaram com o passar dos anos. Os avós maternos tiveram dois filhos: minha mãe e meu tio, que morreu na adolescência. Quanto ao meu pai, que eu saiba tinha apenas uma irmã, que recorro vagamente, porque após o falecimento de papai ela deixou de nos procurar. Entretanto eu sei que não tinha muitos recursos, educando com dificuldade seus dois filhos. Meus primos, Paulo e João, sempre se mostraram amáveis. Ambos casados e com filhos. Os membros dessa geração se restringem a esse pequeno núcleo”.

Um dos presentes, Júlio, perguntou: “– Augusto, quando seu pai faleceu, você, apesar da tenra idade, distinguiu vultos à sua vista. Será que forçando a memória não poderia se lembrar de alguém?”

Augusto, após alguns minutos, pensativo gritou entusiasmado: “– Tem razão Júlio. Eu me lembro que no velório de papai um homem me ergueu nos braços dizendo ‘meu pobre sobrinho’. Ficou retida na minha memória apenas uma imagem nebulosa de uma pessoa, que nunca mais apareceu em casa”.

Todos os presentes começaram a falar ao mesmo tempo, até que dona Rainha pediu silêncio, dizendo: “– Nossa esperança agora se resume a algum indício que os primos de Augusto possam nos fornecer”.

“– Não vou perder tempo, telefonarei já para as casas de João e Paulo, e se eles souberem do que se trata, resolveremos este mistério”.

Quinze minutos depois, Augusto desligou o telefone. Lívido e sem fala foi socorrido pelos companheiros. Após um longo silêncio, conseguiu se recuperar.

“– Vocês estavam com a razão, Ricardo é um canalha. Meu pai tinha um irmão residente em Portugal, que esteve aqui por ocasião de sua morte. Certamente foi o próprio tio que me ergueu nos braços, tantos anos atrás. Tio Joaquim, sem herdeiros diretos, deixou uma conside-

rável fortuna para seus quatro sobrinhos: meus primos Paulo e João, meu irmão Ricardo e eu. Paulo ouviu incrédulo quando lhe contei que nada sabia sobre o testamento enviado para eles na semana anterior. Ficou decidido que amanhã à noite, Lígia e eu iremos até a casa dele para uma explicação mais detalhada”.

Todos os presentes ficaram eufóricos, porque finalmente aquele caso estava sendo elucidado. A vila estava unida como nunca, o que significava muito para dona Rainha.

Quando o casal voltou após o encontro com os primos, os amigos já se encontravam reunidos em frente ao casarão, na entrada da vila. Augusto e Lígia falavam ao mesmo tempo, com rompantes de entusiasmo. Finalmente, Lígia se aquietou, deixando as explicações para Augusto.

Como um alegre adolescente ele começou a falar: “– Meus primos ficaram perplexos quando lhes contei que nada sabia de um tio português e muito menos sobre seu testamento. Fui obrigado a relatar como Ricardo me ludibriou, após anos de ternura e dedicação. Por sua vez, Paulo e João me contaram que receberam do advogado do tio Joaquim quatro cartas destinadas a cada um dos quatro sobrinhos. Como eles não sabiam meu endereço, pediram a Ricardo que me entregasse a carta com as devidas explicações. Dois dias mais tarde, Ricardo procurou os primos para lhes comunicar que eu iria assinar no domingo uma procuração, deixando para ele a administração da herança. João e Paulo não estranharam a atitude de meu irmão, porque confiavam na sua fidelidade. Depois de tudo esclarecido, voltamos o mais rápido possível, para juntos saborearmos o bom desfecho desta história. Para Ricardo, a maior punição será perder a oportunidade de me ludibriar novamente”.

“– Agora vocês já podem concretizar o sonho de recuperar o palacete de colunas de mármore, rodeado por um belo jardim”, disse dona Rainha.

Lígia respondeu, repreendendo o tom do comentário: “– Os sonhos do passado nada mais representam para nós. Nosso lar é aqui ao lado dos preciosos amigos. Somos uma grande família, cujos membros são impregnados de companheirismo e solicitude”.

“– Agora é minha vez de falar”, disse Augusto, “quando Lígia e eu ficamos sabendo do montante de dinheiro, resolvemos compartilhar o valor com os amigos. Não vou distribuir uma parte da herança para

cada um, porque não quero afastá-los uns dos outros. Se vocês realizassem apenas seus sonhos individuais, arriscariam nossa união. A separação contribui para o esquecimento. Decidi comprar o galpão ao lado que corre o risco de virar mais um prédio. Ali será o pátio para as reuniões domingueiras. Dona Rainha, é aqui que queremos viver com nossos filhos, netos e amigos para sempre. Quem estiver de acordo, levante a mão”.

Dona Rainha buscou na velha adega do casarão uma garrafa de champanhe que guardava para uma ocasião especial. Vinte braços ergueram no ar as taças, brindando o final feliz.



O fascínio dos diamantes

Quando Laura entrou em seu apartamento, sentiu um ligeiro alívio da sensação desagradável da delegacia. Sentou na poltrona predileta, fixando o olhar nos objetos familiares dispostos em um móvel ao lado. Acariciou a fotografia do marido, vítima de infarto fatal, cinco anos atrás. A seguir, olhou com carinho para o porta-retrato, onde as amigas Lúcia e Joana sorriam. A primeira vítima de um acidente de carro, há pouco mais de um ano e a segunda barbaramente assassinada um mês atrás.

Os retratos de seu filho, nora e netos, alegraram seu coração. Residentes nos Estados Unidos vinham ao Brasil duas vezes por ano.

A voz da empregada soou, vinda da cozinha.

“– Dona Laura posso servir o jantar? Eu fiz a torta de legumes e a mousse de limão que a senhora gosta”.

“– Ditinha, eu vou tomar um banho rápido. Coloque na mesa dois pratos, porque vamos comer juntas”.

Na hora do jantar, Ditinha não contendo sua curiosidade, perguntou “– Dona Laura, a polícia já tem alguma pista sobre o assassinato de dona Joana?”.

“– Infelizmente, parece que vão arquivar o processo. Eles alegam que é quase impossível descobrir um criminoso, que não tocou num cofre repleto de dólares. Vingança também não foi, porque Joana não tinha inimigos”.

“– A justiça às vezes é tão injusta...”, concluiu.

No seu quarto, Laura resolveu não tomar o sonífero, para raciocinar melhor. Lembrou com saudade da pré-adolescência, com as amigas Lúcia e Joana. Filhas de pais de tinham muitos bens, estudaram nos mesmos colégios. Recordou as brincadeiras, as festas e as longas viagens ao exterior. Mas eram os filmes de espionagem o maior encanto das moças. Nas saídas do cinema, as amigas sonhavam com uma vida de emoções, solucionando crimes, intrigas diplomáticas. Sabiam que era uma brincadeira de crianças, mas levavam até às últimas consequências o passatempo de forma quase secreta: as amigas saíam trajadas com longos casacos pretos, o uniforme do trio, fabulando histórias incríveis e mistérios inventados nos antigos casarões e pa-

lacetes da vizinhança.

A amiga Lúcia foi a primeira a casar com um rapaz da mesma classe social, Olavo. Sempre apaixonada pelo marido, não se desiluiu quando soube que ele era estéril e se importou ainda menos quando percebeu que era um inveterado jogador. Olavo, com a morte da esposa, chorou durante uma semana, conformando-se incontinentemente ao voltar à mesa de jogo.

Quanto a Joana, não casou. Não encontrou o tão sonhado homem ideal. Era uma pessoa caridosa, que contribuía generosamente para instituições beneficentes. Há três anos atrás, herdou de um tio explorador de minas de diamantes do sul da África, uma caixa que continha um saco de veludo com trinta e dois diamantes raros e valiosos. Deslumbrada com as pedras preciosas, obrigou as fiéis amigas a jurar o mais absoluto sigilo dessa herança.

Como então revelar à polícia que o motivo do crime foram os mal-ditos diamantes? Laura sabia que, além de trair a amiga, a verdadeira razão do assassinato explodiria nos jornais como uma bomba.

Os ladrões saíram de suas tocas e os diamanteiros entrariam em ação. As intrigas e as suposições provocariam uma procura sem tré-gua e novos crimes poderiam ocorrer. Laura estava desesperada para encontrar uma solução e fazer justiça. Sentia que a “sociedade secreta de espionagem” que criara com as amigas devia entrar em ação. Ela devia isso a Joana. Após muito meditar, decidiu repartir esse peso com uma pessoa de confiança. Lembrou de Gustavo, primo de seu marido Fernando. Confortada com a ideia, conseguiu dormir.

No dia seguinte, vestiu o seu casaco preto e telefonou para ele, que prometeu ajudá-la. No escritório de Gustavo, após os cumprimentos, Laura percebeu que ele estava disposto a ouvir tudo o que ela sabia sobre o crime. Nas paredes, fotos encardidas de sua rotina como empresário.

Gustavo disse: “– Os jornais não esclareceram grande coisa, mas eu sinto que existe um mistério envolvendo o caso”.

“– As circunstâncias me obrigam a dividir com você o peso de uma promessa. Há três anos, Joana recebeu de um tio uma caixa que continha um saco com trinta e dois diamantes valiosíssimos. Joana só confiou a existência deste legado a Lúcia e a mim. Aos poucos Joana foi mudando o seu comportamento. Não saía mais de casa, vivendo em função das pedras preciosas”.

Duas vezes ao dia, fechava portas e janelas e se postava a examinar os diamantes com alucinada sofreguidão. Ela se transformou numa escrava deste poder magnético.

Ela não guardava os diamantes num cofre ou no banco. Anos atrás, reformou seu apartamento colocando piso de mármore e teto de gesso com luz embutida. Era nesse local pouco visado que Joana escondia sua preciosidade. Uma escada atrás da porta da sala de almoço servia para alcançar seu vício pernicioso. Envelheceu, tornou-se mesquinha e indiferente à presença de qualquer pessoa.

“– Laura, você tem algum suspeito?”

“– A minha primeira suspeita recai sobre Virgínia, uma vizinha do andar abaixo de Joana. Como amiga, tinha plena liberdade de entrar e sair. Mulher amável, prestativa, porém, demasiadamente curiosa. Seu álibi para a polícia é que todos os dias apanha os netos da escola e permanece na casa da filha até o anoitecer”.

Laura desconfiava que Joana afastara a vizinha de sua casa nos meses anteriores à sua morte e queria descobrir se havia algum motivo.

“– Joana, vamos ao apartamento dessa tal de Virgínia, verificar se tua desconfiança tem fundamento”.

Virgínia não se surpreendeu com a visita, mas pareceu magoada com a desconfiança no semblante de Laura. Para contornar a situação, Laura foi logo esclarecendo que desejava apenas algumas informações. Virgínia então falou:

“– Eu já contei à polícia tudo que sei, entretanto, para preservar a memória de Joana, não falei sobre suas esquisitices. Ela era uma pessoa bondosa que, de repente, mudou radicalmente. Duas vezes ao dia trancava portas e janelas, como se fosse praticar algum ritual. Como tenho um ouvido apurado, achei estranho o som de objetos, batendo na mesa de vidro. Não suportando mais a curiosidade, toquei a campainha e me identifiquei. Joana respondeu rispidamente que fosse embora e nunca mais voltasse. No dia seguinte, desculpou-se, mas nossa amizade nunca mais foi a mesma”.

“– Agradecemos sua boa vontade em nos ajudar. Quando tudo for esclarecido, Virgínia, você será a primeira a saber quem praticou essa barbaridade”.

Laura e Gustavo saíram decepcionados, sentindo que seria pouco provável descobrir o assassino. “– Não vamos perder as esperanças,

qual é o próximo suspeito?”, disse Gustavo.

“– Olavo, marido de Lúcia”.

“– Como é possível se sua amiga faleceu o ano passado sem revelar o segredo de Joana?”

“– Eu meditei muito e cheguei à seguinte conclusão: Lúcia, desde a infância, não tinha um sono tranquilo, falava dormindo tudo o que ocorria no presente e no passado. Certamente revelou, inconscientemente, para Olavo, o segredo dos diamantes. Como o marido ainda tinha propriedades para deparar no jogo, não se interessou pela fortuna de Joana. Acontece que eu soube, que em questão de três meses, o jogador estava desesperado, fugindo dos credores. Nosso próximo destino, portanto, é uma bela mansão, onde vamos conversar com Molly, a governanta”.

O palácio em decadência não harmonizava com os bem-conservados casarões dos Jardins. Quando Laura tocou a campainha, uma senhora idosa, trajando uma roupa impecável, abriu a porta e se aproximou.

“– Como vai, Molly? Sou Laura e este, você deve estar lembrada, é o primo Gustavo”.

A governanta destrancou o portão, pedindo que a acompanhassem.

Laura, sentou em uma confortável poltrona, daquela sala tão familiar e sentiu saudade de um passado feliz ao lado da amiga. Entretanto, as manchas no carpete e as marcas de infiltração no teto mostravam que a situação financeira não era das melhores.

Molly interrompeu seus pensamentos, dizendo:

“– Vou trazer um café que acabei de coar”.

Em questão de segundos, a eficiente Molly trouxe uma bandeja com café e seus famosos biscoitinhos. Laura se enchendo de coragem, perguntou “– O Olavo continua jogando e perdendo o patrimônio da família?”.

“– Ele viajou para a Argentina há dois meses”.

Laura, sem conseguir se controlar, começou a tremer e engasgar com o café.

Gustavo correu em seu auxílio, enquanto Molly apanhava um copo d'água. Já refeita da surpresa, Laura achou que a fuga do jogador era uma prova incontestável do crime.

Molly continuou a conversa interrompida: “– Eu sei que os senhores pensam que Olavo é o assassino da dona Joana. Ele é um jogador com-

pulsivo, mas nunca poderiam taxá-lo de criminoso. Os pais de Olavo me trouxeram de Londres quando ele era um bebê. Eu o eduquei e ensinei tudo o que é certo e errado. A desconfiança dos senhores não tem fundamento, porque ele viajou no dia quatro de maio e o crime ocorreu no dia nove. Olavinho fugiu dos credores e inclusive, a casa está hipotecada. Eu juntei meu pé de meia e retorno para a Inglaterra na semana próxima, onde tenho uma irmã, sobrinhos e primos. O Olavinho prometeu me visitar em Londres”.

Gustavo e Laura, surpresos com o rumo dos acontecimentos, despediram-se da governanta, com pedidos de desculpas, desejando-lhe boa sorte. Foram almoçar num restaurante próximo.

Às quinze horas, Laura e Gustavo seguiram pela Marginal até o bairro de Itaquera, onde residia a terceira suspeita. Durante o trajeto, Laura contou que a diarista Tatiana, era uma russa com quase dois metros de altura. Usava óculos de lentes grossas, sem os quais não enxergava nem um palmo à sua frente.

As casinhas da Cohab se enfileiravam numa rua comprida e estreita. Todas eram praticamente iguais. Estacionaram o carro próximo ao número quarenta e cinco, e tocaram a campainha. Como a casa parecia deserta, Laura resolveu perguntar à vizinha o paradeiro da faxineira. Uma jovem um tanto assustada abriu a porta. Laura foi logo se identificando.

“– Eu sou amiga da falecida Joana, onde a Tatiana trabalhava, e gostaria de saber onde ela se encontra”.

“– Então a senhora não está sabendo? O Onofre, seu marido, recebeu uma herança de parente rico. A Tatiana agora é madame e o motorista de ônibus virou empresário. Moram num palacete no Morumbi”.

Laura foi amparada por Gustavo, que tomou iniciativa, pedindo à moça o endereço do casal.

“– Prometi a eles não revelar o endereço a ninguém”.

Ela insistiu.

“– Acontece que nós estamos aqui porque a Joana deixou um testamento, presentando Tatiana com uma valiosa joia que só pode ser entregue pela Laura”

“– Nesse caso, vou marcar o endereço deles e o telefone num pedaço de papel”.

Laura e Gustavo agradeceram à jovem e saíram atônitos e revoltados

com os prováveis assassinos de Joana. Voltados para seus próprios pensamentos, eles sabiam como seria difícil penetrar na mansão dos criminosos. Era preciso engendrar um plano eficiente.

“– Primeiro vou telefonar para a mansão, perguntando quando o tal Onofre costuma se ausentar e, a seguir entraremos como médicos, devidamente uniformizados”, disse Gustavo.

“– Para não ser reconhecida por Tatiana, eu também preciso de um disfarce. Vou usar lentes de contato azuis”, concluiu Laura.

Pelo telefonema, ficaram sabendo que o doutor Onofre, como a cozinheira da casa se expressou, só voltaria à mansão por volta das cinco horas da tarde. Eles, então, rumaram para o Morumbi. Laura deixou o casaco preto no carro e os dois vestiram os disfarces. O palacete se destacava das outras mansões pelo seu tamanho descomunal e pelo seu estilo arrojado. A tinta das paredes parecia estar fresca e a aparência da fachada era impecável. Uma jovem uniformizada se aproximou do portão com palavras, certamente, impostas pelo patrão.

“– É proibida a entrada de qualquer pessoa por ordem do doutor Onofre”.

“– Acontece que viemos para prestar atendimento médico domiciliar. Disseram que é urgente”.

Gustavo falou com tanta convicção que a convenceu. Acompanharam a moça pelos corredores da mansão enquanto ela contava aos visitantes que madame Tatiana, na última semana, não vinha se comportando como uma pessoa normal. Andaram muitos metros, até alcançar uma sala finamente decorada.

Laura olhou para Tatiana, sentada em frente a uma mesa. Assustou-se com seu aspecto deplorável e seu olhar distante. Segurava nas mãos o saquinho azul dos diamantes. “– Vieram conhecer meus filhos?”, disse ela, antes que Laura e Gustavo se recuperassem da surpresa.

Ambos concordaram com a cabeça.

“– Eu tenho trinta e dois filhos. Imagine que o Onofre vendeu dois deles. Como eu reclamei, ele quebrou meus olhos. Mas meu marido merece perdão, porque recuperou meus dois filhos. Olhem aqui dentro, vão encontrar trinta e duas crianças”.

Laura despejou as pedras na mesa: as pedras eram obviamente falsas e lembravam lascas de vidro.

Diante do choque de Laura, Gustavo solicitou um copo com água

açucarada para a empregada. Enquanto isso, Laura poderia procurar o paradeiro das pedras. Ela sabia que seria como encontrar uma agulha no palheiro naquele labirinto de corredores e salas.

Ao notar Tatiana absorta, com seus filhos de pedra nas mãos, passou por ela e abriu a primeira porta. Era uma sala ampla com poltronas de couro e um televisor recém adquirido. A porta seguinte levava a um vasto salão de recepção, cheio de sacolas de compras. Chegou finalmente a um escritório, com móveis cheios de gavetas. Laura vasculhou em vão. Sentia-se perdida naquela procura inútil, quando reparou em uma porta entreaberta. Um cheiro de tinta fresca lhe chamou a atenção. Entrou numa biblioteca cercada de livros por todos os lados.

Laura não se animava a procurar, quando instintivamente olhou para cima: uma grossa moldura de gesso, idêntica à de Joana, recentemente feita. Os assassinos, querendo imitar a casa da amiga, caíram numa armadilha.

A cabeça de Laura, após tantos choques, começou a girar, junto com as quatro paredes de livros. Sua voz emudeceu e um suor frio se apoderou de seu corpo. Com um tremendo esforço, conseguiu sair do torpor e gritar para Gustavo. Ele, dizendo à cozinheira que era um telefonema do hospital, correu ao encontro de Laura.

Quando ela apontou para o teto, Gustavo levantou a Laura em seus ombros, para que tateasse o esconderijo. Em questão de segundos o saquinho com os diamantes estava em suas mãos.

Avisando a empregada que voltariam no dia seguinte para aplicar uma injeção, saíram imediatamente.

Com uma denúncia anônima, avisaram a polícia sobre os criminosos e o seu paradeiro. Logo que desligaram o telefone, Laura notou que Gustavo estava com as feições endurecidas e um brilho estranho no olhar.

Desde o momento que saíram do palacete de Tatiana e Onofre, ele permanecia praticamente calado.

“– Laura, o que você acha de dividirmos as pedras preciosas?”, disse ele, aparentando incômodo com o olhar inquisidor de Laura. Ela, abalada com as palavras de Gustavo, ficou em silêncio. Com muito esforço respondeu que os diamantes foram a causa da morte de sua amiga e era preciso se desfazer deles. Gustavo, dando uma sonora gargalhada, desconversou.

Resolveram, de comum acordo, jogá-las na represa Guarapiranga. O adiantado da hora e o frio contribuiriam para o lançamento das pedras sem testemunhas. Saíram prontamente, recordando os feitos recentes e os disfarces que foram obrigados a usar.

Ao chegarem à represa, uma densa nuvem impedia que suas presenças pudessem ser notadas a poucos metros de distância. Laura e Gustavo se aproximaram das águas mantendo um silêncio solene. Repentinamente, Gustavo arrancou o saquinho com os diamantes das mãos de Laura.

“– Eu não seria capaz de me desfazer desses diamantes. Nada mais me resta. Desperdicei a fortuna de meus pais e não quero viver de favores. Prefiro que você vá para o fundo da represa e não os diamantes. O meu primo Fernando roubou você de mim. Vocês se apaixonaram e eu, como sempre, fiquei em segundo plano. Fernando era considerado o mais estudioso, o mais charmoso e o mais inteligente. Com os diamantes, terei a chance de provar que tenho algum valor e ninguém mais me tratará assim”.

Laura, atônita, não conseguia acreditar na crueldade daquele homem. Fechou os olhos e pensou angustiada em seu filho e seus netos. Lembrou das amigas e do delírio juvenil da espionagem. Assustada com um baque horrível, abriu os olhos. Gustavo estava caído de bruços sobre as pedras, imóvel. Armandando-se de coragem, verificou que ele estava morto. Afastou seu corpo das pedras, lançando-as uma a uma na represa. A seguir, apanhou seus pertences do carro e voltou para a rodovia. Sentia, apesar de tudo, compaixão por Gustavo. Teria sido uma morte súbita ou ocasionada pelos maléficos diamantes?

Seria melhor esquecer os últimos tumultuados acontecimentos. O sonho juvenil tinha se concretizado, mas ela precisava saber a hora de parar. Lembrando das amigas, aposentou o casaco de detetive e voltou à rotina habitual, esperando a ligação dos netos.

Após dois dias, os jornais anunciaram a prisão de Onofre, identificado como o assassino de Joana e da esposa Tatiana, encontrada com cacos de vidro no estômago.

Laura lembrou da frase de Ditinha, “– A justiça às vezes é tão injusta...” Ela, então, pegou seu casaco preto no armário e saiu.

Herói Anônimo

Grandes catástrofes acompanham a humanidade através dos séculos. Desde tempos imemoriais, o homem enfrenta terremotos, enchentes, vendavais, erupções vulcânicas. Com a modernidade, podemos acrescentar os incêndios em edifícios, nos meios de transporte, os choques de trens e as explosões de aeronaves.

Profissionais destros e bem equipados se arriscam, salvando vidas. Em acidentes de grandes proporções eles têm a colaboração dos voluntários anônimos. Homens de fibra que não carregam medalhas, nem possuem troféus, mas se orgulham de suas cicatrizes. No afã de salvar vidas, muitas vezes esquecem que são mortais e que talvez, um dia, não possam mais voltar.

Esta história começa no pronto-socorro de um hospital no Rio de Janeiro. Médicos e enfermeiras se desdobram para atender as vítimas de um incêndio. Nos casos mais graves as pessoas eram encaminhadas para o hospital de queimados. No ambulatório, as vítimas ligeiramente feridas, foram logo dispensadas. A obstinada equipe, acostumada a prestar socorro a centenas de pessoas todos os dias, fazia o possível para atender os pacientes da melhor forma. Um homem com o braço sangrando esperava pacientemente num canto da sala, quando sua presença foi notada por uma enfermeira.

“– O senhor me acompanhe, vamos costurar este braço. É urgente”.

Levado à sala do médico, a enfermeira aplicou anestesia e, a seguir, o doutor fez os pontos necessários. Enquanto os profissionais trabalhavam, o paciente observava a beleza da enfermeira. Ele recordava que nove anos haviam passado desde que perdera sua querida Valquíria, sendo essa a primeira vez que uma moça lhe prendera a atenção.

“– Patrícia”, disse o doutor, “preencha a ficha do rapaz e trate de ir descansar, que seu expediente terminou há bastante tempo”.

O paciente começou a responder às perguntas de praxe, mas seu olhar estava fixo na enfermeira. Tinha a impressão que a moça também o observava.

Patrícia inesperadamente perguntou: “– Quer tomar um café comigo na lanchonete, senhor Diogo Medeiros”? Ele respondeu: “– Se você tirar o senhor de meu nome, eu aceito”.



Antarelli
L. SAGARI, 314 - FONE 3-2300
SÃO PAULO

Quando entraram no pequeno salão, o cheiro de antisséptico foi substituído pelo aroma agradável de café fresco. Sentados próximos um ao outro se examinavam mutuamente. Diogo notava o quanto ela se assemelhava a Valquíria! Os mesmos cabelos claros, as feições delicadas, com olhos grandes e expressivos. Seus pensamentos foram interrompidos por Patrícia.

“– Você prefere uma refeição ou um sanduíche?”

“– Apenas um café, não disponho de tempo”.

“– Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, e você responde se quiser. Essas cicatrizes que cobrem parte de seu corpo, Diogo, são resultado de um trabalho arriscado, não é mesmo?”

“– É verdade, sou voluntário e não estava no prédio incendiado por acaso. Se você quiser conhecer a minha vida...”, disse Diogo, apertando a mão da enfermeira, “podemos nos encontrar em algum lugar tranquilo para conversar”.

Patrícia tirou um cartão da bolsa dizendo “– Sábado eu folgo, se você puder, telefone”.

Quando Diogo chegou em casa, sua mãe já estava de prontidão com a caixa de curativos e seu pai olhava por um dos óculos, aparentando indiferença.

O filho habituado com esta cena tão familiar foi dizendo “– Foram apenas uns pontinhos que eu ganhei nos braços”.

“– Meu filho”, perguntou dona Norma, “mas não se tratava de um incêndio?”

“– Com o calor do fogo, um objeto pontiagudo desprende da parede e feriu meus braços”, respondeu, sem demonstrar nenhum arrependimento e esboçando certo orgulho.

Os pais perceberam que, pela primeira vez em anos, ele estava feliz.

Na véspera do encontro com Patrícia, Diogo comprou roupas novas e telefonou para a moça.

No dia marcado, Diogo saiu com antecedência, parecendo um adolescente impaciente. Estacionou o carro e assim que se comunicou com o manobrista, apareceu a bela enfermeira. Beijaram-se nas faces como velhos amigos, e seguiram para uma casa de chá, onde pudessem conversar tranquilamente. Ele temia falar sobre seu passado, mas o semblante de Patrícia transmitia tanta paz que Diogo começou a desabafar espontaneamente.

“– Comecei a namorar muito jovem, com uma linda moça cujo nome era Valquíria. Quando terminei a faculdade de Administração, recebi de meu pai uma fábrica de artefatos de couro. Nossa casa era imensa e silenciosa para uma família de quatro pessoas, meus pais, meu irmão Júnior e eu. Já a família de Valquíria era barulhenta e numerosa. Era composta por oito membros: o senhor Guiseppe, a esposa e seis filhas. A cada parto da esposa, a decepção do italiano crescia, até que o último nascimento enfraqueceu tanto dona Lígia que o médico aconselhou um ponto final na perspectiva de uma próxima gravidez. Com a indiferença da mãe e a rejeição do pai, Vanessa, a caçula, afeiçoou-se a Valquíria. Mesmo na ocasião da nossa união, quando a menina tinha dez anos de idade, ela seguia idolatrando a irmã, que correspondia com carinho e abnegação. Quando Valquíria anunciou que nosso casamento se realizaria no prazo de sessenta dias, Vanessa pareceu enciumada e evitava me dirigir a palavra. Os preparativos que antecederam o casamento ocupavam as doze horas do dia: decoração do apartamento, bufê de recepção, serviço religioso e trajés.

Os convites foram distribuídos com a cooperação de todos. Restava somente um convite, que eu fazia questão de entregar pessoalmente, para uma família de amigos em Angra dos Reis. Eles seriam os nossos padrinhos. Amélia, Rafael e seus dois filhos eram, desde a minha infância, companheiros de travessuras nas férias escolares. A propriedade deles ficava em frente ao hotel onde nos hospedávamos. Nossa amizade se fortaleceu quando Amélia, exímia nadadora, salvou meu irmão da morte certa. Como eu poderia prever que aquele convite seria um sinistro passaporte para a morte?

Na véspera da viagem, Valquíria telefonou. Estranhei sua voz triste e insegura, que dizia não poder nos acompanhar, porque sentia, por intuição, um mau presságio. Com minha insistência de que só poderia ser a estafa que precede o casamento, consegui persuadi-la a me acompanhar. Saímos ao amanhecer rumando na direção da Rio-Santos. Eu dirigia com cautela e não ultrapassava os setenta quilômetros por hora. Já próximo de Angra, um caminhão desgovernado saiu da pista colidindo violentamente com meu carro. Sem a mínima chance de desviar, com o tremendo impacto, perdi os sentidos. Quando voltei à consciência estava em um quarto de hospital. Meus pais e meus irmãos estavam diante de minha cama e me olhavam com angústia. Minhas

pernas enfaixadas foram o suficiente para que eu voltasse à realidade.

“– Por que Valquíria não está aqui? Ela foi ferida?”, perguntei aflito.

Meu pai tocou a campainha, chamando a enfermeira. Permaneciam pálidos e emudecidos, sem responder à torrente de perguntas que eu fazia. Uma enfermeira e um médico se aproximaram da minha cama.

Enquanto ela me aplicava uma injeção, o doutor começou a falar.

“– Meu filho, seus pais me incumbiram de dar explicações do ocorrido. Um caminhão saiu da pista colidindo violentamente com o seu carro. O caminhoneiro estava embriagado. Infelizmente sua noiva não teve sorte, morrendo instantaneamente”.

Com as mãos livres, cravei as unhas nos meus braços até sangrar, com a esperança que fosse um pesadelo. Comecei a gritar alucinadamente, até que o efeito do tranquilizante me levou ao esquecimento. Ninguém conseguia me confortar. Eu não aceitava a morte de Valquíria e não me conformava por ter desprezado suas proféticas palavras.

O destino cruel da minha noiva fez com que eu me tornasse arredo, hostil e neurótico. Uma raiva brutal apagava muitas vezes meu raciocínio. Ficava olhando para um ponto fixo, sem mover um músculo. Quando eu voltava à realidade, minha consciência me acusava terrivelmente. Arremessava tudo que estivesse ao meu alcance, inclusive a bandeja de alimentos que mal tocava. Meus amigos desistiram de me procurar, porque eu os hostilizava, gritando “– Ah, vocês me lembram o quanto fui feliz”. Meus pais me levaram aos mais conceituados psiquiatras. Todos diziam que só um tratamento prolongado poderia surtir efeito positivo. Entretanto, diante da barreira impenetrável que obstruía a minha mente, nada surtia efeito. Nascido em berço de ouro, tendo tudo ao meu alcance, não sabia o que era perder. Repentinamente tinha sido negado meu bem mais precioso.

Comecei a enveredar por um caminho perigoso: a fuga da realidade. Penetrei num mundo de fantasias e devaneios. Acomodei-me a esse estado de espírito que amortecia a minha dor, mas estava me levando a um caminho sem volta. Comecei a retroceder ao passado me comportando como se nada tivesse ocorrido. Tomei banho, fiz a barba, troquei de roupa com a alegria de antigamente. Mãe, surpresa, pensou que eu finalmente me conformara e resolvera sair de casa. Ficou desiludida quando lhe disse que Valquíria estava para chegar e que eu vestira a camisa que mais lhe agradava. Não sei quanto tempo fiquei

num hospital psiquiátrico, mas quando voltei estava relativamente curado. Eu não vivia mais no mundo da fantasia e não arremessava mais objetos, entretanto continuava indiferente a tudo que me cercava. Cada vez mais apático, anulava qualquer sentimento. Voltado ao meu egocentrismo, penalizado por mim mesmo, não tomava conhecimento da tristeza dos meus pais. Meu pai me cumulava de presentes, com a esperança que eu reagisse. Numa manhã fria e chuvosa em que todos saíram, fui obrigado a atender ao telefone, que tocava insistentemente.

Quando levantei o fone, ouvi a voz estridente de Vanessa me ferindo os ouvidos.

“– Eu sei que é você Diogo, minha querida irmã morreu por sua causa. Você é um assassino, um as-sas-si-no”.

Em seguida, o telefone foi desligado de forma abrupta. Fiquei por um bom tempo com o aparelho na mão, olhando para o vazio. A lembrança do acidente voltou com o mesmo ímpeto desesperado. Fiquei arrasado, não suportando mais aquela reclusão sufocante. Apanhei as chaves do carro na estante e saí. Continuei dirigindo sem rumo, até que, quando dei por mim, estava na rodovia Rio-Santos. Abasteci o carro e segui dirigindo. Quando cheguei ao local do acidente, parei bruscamente no acostamento, sem conseguir controlar minha angústia. Saindo do carro comecei a subir uma montanha íngreme e escorregadia. Eu caía e tornava a levantar, até que alcancei o cume. Lá embaixo o mar revolto estava quase todo envolto por uma neblina espessa e escura. O esquecimento eterno era minha única solução. Valquíria, em algum lugar estava à minha espera. Prestes a me atirar, um grito alucinante me deteve.

Pensei que fosse imaginação, mas a sucessão de gritos me fez retroceder. Comecei a descer desabaladamente, ferindo meus membros naquele chão rústico. Quase na base da montanha, apurei o ouvido. Pude então distinguir as palavras “– Socorro! Ajudem, por favor”.

Com o tráfego intenso da rodovia, que abafava os gritos, fiquei desorientado. Comecei a correr por uma estrada lateral, que terminava numa pequena praia. Circundada por casas de veraneio, uma delas estava em chamas. Aproximei-me rapidamente, prometendo ajudar.

Uma voz assustada disse “– Somos três pessoas. Minha mãe perdeu os sentidos sufocada pela fumaça e meu pai tem uma grande queimadura nos dois braços. Tentamos a porta dos fundos, mas o

fogo envolveu tudo. As janelas são gradeadas e a chave da porta da frente emperrou”.

Respondi: “– Não há tempo de pedir ajuda, saiam da frente que eu vou arrombar a porta”. Tentei derrubá-la com meu ombro esquerdo, depois o direito, mas a porta não se movia. Arremessei o meu corpo com toda a força que dispunha, até que ela cedeu. Entrei diretamente no fogo do inferno, carreguei a mãe do rapaz para fora, enquanto ele conduzia seu pai. A caminho do hospital, pedimos a um guarda rodoviário que chamasse os bombeiros. Fiquei na sala de espera enquanto o jovem entrava no pronto-socorro com os pais.

Como meus ombros doíam terrivelmente, suavizando a dor psíquica, pensei que ela agisse como um paliativo. Entretanto, logo percebi que, na realidade, sentia uma paz maravilhosa no meu interior. Concluí que não poderia ser apenas uma série de coincidências: a voz agressiva de Vanessa, que me levou a tomar uma atitude, a volta involuntária ao local do acidente, os gritos de socorro que só eu ouvira no momento exato da minha covardia e a força sobrenatural que eu adquirira arrombando a porta. Como Valquíria em vida era dotada de um sexto sentido, comecei a ver que havia algo mais. Leigo para me aprofundar nesse mistério indecifrável além da morte, preferi simplesmente acreditar. Uma enfermeira veio me avisar que todos estavam bem e que dentro de dez minutos viriam falar comigo. Com certeza viriam me agradecer, sem saber que eu também, era imensamente grato a eles. Para evitar explicações sai pela tangente.

De volta para casa, estava otimista, pois tinha encontrado um novo objetivo. Aquele grito de socorro foi para mim um sinal de alerta num mundo sem esperança. Eu encontrara, finalmente, a porta da redenção. Saindo um farrapo humano, voltei um homem. No dia seguinte, retomei o trabalho. Preenchi todas as horas vagas frequentando aulas de judô, karatê, natação, mergulho e paraquedismo. Fazia longas caminhadas, sem dispensar a corrida e a ginástica. Compareci às aulas práticas de defesa e salvamento, inclusive dos bombeiros. Equipei o escritório da fábrica e o meu quarto com um rádio amador e a melhor aparelhagem sofisticada disponível. Qualquer indício de um incidente grave, saio em disparada com a minha moto.

“– Patrícia, eu já falei mais do que o suficiente, agora eu quero saber de você e a sua vida”.

Diogo estava muito feliz de ter contado sua história para alguém, pela primeira vez. A liberdade que essa sensação causara fazia bem. Tinha encontrado alguém que o escutava.

“– Bem, primeiro eu preciso dizer que você é um homem extraordinário que conseguiu fazer de sua dor uma força inesgotável. Quanto a mim, pouco tenho para contar. Sou filha única de funcionários públicos aposentados. Estive prestes a me casar, mas meu noivo e eu tínhamos incompatibilidades insustentáveis. Vivo para minha profissão, que também é meu sustento”.

Patrícia e Diogo casaram seis meses após a data que se conheceram. Diogo comprou uma casa na mesma rua em que ela residia com os pais. Com alguns reparos, ela ficou pronta para recebê-los após a lua de mel.

Patrícia sabia que Diogo a amava muito, mas não tão intensamente quanto amara Valquíria. Nas ensolaradas praias nordestinas, Diogo começou a narrar as histórias que mais o marcaram nos últimos anos.

“– Patrícia, você está vendo, aquele garoto com seu cãozinho? Ele me fez lembrar um episódio que ficou gravado para sempre no meu íntimo. Quando o Rio de Janeiro foi atingido pelas chuvas ininterruptas e torrenciais, a Baixada Fluminense foi a mais castigada. Os soldados e os bravos bombeiros lutaram dias consecutivos sem trégua. Quando terminava a retirada dos desabrigados de uma região, ela ressurgia noutro local. Finalmente a chuva amainara e um sol tímido surgira entre as nuvens esparsas. Aquela pobre gente aguardava pela condução que iria levá-los a um abrigo seguro. Os mortos e feridos já tinham sido retirados.

O rio transbordara carregando casas e destruindo tudo que estava dentro delas. A fúria do vendaval arrebentara televisões, geladeiras, fogões, que se chocavam entre si. Vozes tristes e lamúrias chegavam aos meus ouvidos. Em questão de segundos, a enxurrada carregara sonhos e sacrifícios de anos de trabalho. De repente, ouvi a voz aflita de um homem, gritando para que o filho voltasse. Corri para o rio e retirei um garoto da água. O menino gritava e tive que contê-lo para que aceitasse ajuda.

“– O meu cachorro Negrinho e o meu canário ficaram presos na casa, por favor, moço me ajude, eu não quero que eles morram afogados”.

O pai do garoto apontou para uma casa, que felizmente, não estava totalmente submersa. Parte das janelas e o telhado estavam intactos.

Prometendo tentar salvá-los, atirei-me num mar de lama, que enfraquecia os meus membros e obscurecia meus olhos. Alcancei a casa com dificuldade olhando para todos os lados. Foi quando lembrei o nome do cãozinho e comecei a chamar. Ouvi um fraco latido que vinha do alto. Lá estava ele em cima de uma porta, apoiado nas patinhas abertas. Coloquei o cãozinho nos meus ombros. Numa parede prestes a desabar encontrei o passarinho, ligeiramente molhado, num canto da gaiola.

Como não seria possível levá-lo, abri a portinhola, para que voasse. Afinal, foi o único que saiu lucrando com a enchente. Foi o coraçãozinho do Negrinho, pulsando no meu pescoço que me deu alento para voltar. A alegria do garoto, com seu fiel amigo, foi minha recompensa. Os pais agradeceram e o menino me abraçou, sem coragem de perguntar sobre o passarinho. Conteí então, que seu canarinho voava acima das águas e que estava feliz porque batia as asas da liberdade. Acenando os braços com um adeus, voltei para casa depois de deixar alguns mantimentos com os moradores. Pela primeira vez, o banho não aliviou minha estafa. Fiquei acamado com uma febre infecciosa, que não queria ceder.

Todas as manhãs um canário amarelinho – delírio ou realidade – vinha cantar no peitoril da minha janela. Eu já me habituara com sua companhia como parte da minha imaginação, quando o vi pela última vez numa noite de chuva. Sai imediatamente. Foi ali que começou uma outra história que envolve crianças que gostaria de contar.

Era mais uma temporada de chuvas incessantes. Foram desta vez, os favelados suas maiores vítimas. Os frágeis barracos, construídos desordenadamente e sem arrimo, começaram a despencar, carregando seus infelizes habitantes. A terra arenosa foi rapidamente sacudida, com um ímpeto gigantesco, desmoronando morro abaixo, numa barafunda infernal. O trabalho era árduo, mas aqueles homens experientes estavam habituados a uma luta insana. Removíamos os escombros, sem tomar fôlego, para que as vítimas respirassem. Com máquinas e picaretas conseguimos retirar muita gente. Onde houvesse um sopro de vida cavávamos sem cessar, mesmo que as nossas costas arrebentassem de dor e a lama cegasse nossos olhos. Quando restou apenas o irremediável, batemos em retirada.

Uma criança chorava segurando uma boneca sem cabeça. Perguntei, preocupado, se estava perdida. A garotinha respondeu que

seus pais e irmãos estavam bem, mas que sua boneca morrera e que nunca mais poderia ter outra. Ergui aquela menina franzina e prometi que, se parasse de chorar eu iria comprar uma linda boneca. Ela estancou as lágrimas perguntando se era verdade mesmo. Respondi que logo cedo eu levaria uma boneca para o ginásio de esportes do colégio, onde todos os desalojados ficariam, mas precisava saber seu nome para chamá-la. Respondendo que se chamava Cidinha, correu para contar a novidade.

De manhã, assim que o comércio abriu as portas, escolhi a mais linda boneca da loja e tratei de me apressar, pois queria entregar logo o presente prometido. O ginásio estava repleto de desabrigados, que tomavam café e comentavam sobre o recente acidente. Quando chamei pela garotinha, apareceram três meninas. Reconheci na menorzinha delas, a Cidinha.

Entreguei-lhe o pacote, que ela abriu com agilidade. Seus olhos incrédulos examinaram o conteúdo da caixa. Em silêncio, retirou a boneca com delicadeza e carinho. Suas mãozinhas apalpavam com suavidade cada detalhe. Cidinha penetrou num mundo de fantasia, que ela nunca ousara sonhar, até ser despertada pelas duas meninas, que queriam segurar só um pouquinho a boneca.

Ela não tomou conhecimento do pedido delas, apertando-a contra o peito para protegê-la.

“– Sabe tio, quando eu for do tamanho da minha mãe, eu ainda vou ter esta boneca”. Agradecendo, afastou-se.

As outras duas meninas falavam juntas puxando minha camisa: “– Nós também chamamos Maria Aparecida”.

Apiedei-me delas, planejando repetir a cena. Desta vez fui previdente e comprei quatro bonecas, na certeza que mais garotas poderiam aparecer. Quando chamei pelas Cidinhas, surgiram quatro meninas. Depois que receberam o presente, uma delas falou com a aprovação das outras.

“– Nossas mães disseram que o tio distribui bonecas só para quem chama Cidinha, porque é devoto de Nossa Senhora da Aparecida”.

Rindo, abracei as quatro Cidinhas, que sem compreenderem também, riam abraçadas às suas bonecas.

Mesmo esgotando meu corpo e meu espírito de tanto me dedicar ao que eu acreditava ser transformador para mim, eu não esquecia

Valquíria nem por um momento. Nos fins de semana, a saudade batia mais forte. Sentia falta do seu contato, de seu perfume e de seu alegre semblante.

Numa tarde de sábado, com o pensamento voltado para o passado, eu vinha de longas caminhadas quando alcancei a esquina de minha rua. Vi um aglomerado de mulheres, conversando com meus pais. Quando perceberam minha chegada, correram ao meu encontro, apreensivas e gesticulando. Entre as amáveis amigas de mamãe reconheci as soberbas vizinhas, que ano após ano cumprimentavam, apenas educadamente, com um indiferente “bom dia”. Agora estavam ali reunidas pelo mesmo desespero. Explicaram que, seus filhos escaparam com suas motos, ao amanhecer, rumo à Floresta da Tijuca. Passava das dezessete horas, escurecendo rápido, com a tempestade que se avizinhava. Procurei acalmá-las me comprometendo a trazê-los de volta. Apanhei cordas, lampiões e facões e saí com a moto, imprimindo velocidade máxima. Eu sempre vasculhava aquelas matas nas minhas constantes andanças. Percorri todas as direções, passei por todas as bifurcações e atalhos, procurando as motos, que seriam um indício para que eu penetrasse na mata fechada. Arrependia-me por não ter procurado auxílio. A chuva caiu pesada, quando eu liguei uma possante lanterna. Finalmente descobri as motos, agrupadas junto a uma árvore.

Comecei a chamar pelo nome dos jovens, quando ouvi vozes soluçantes que me guiaram ao local exato do grupo. Eles estavam bem abaixo, numa plataforma natural, beirando um precipício. “– Tenham calma, vou tirá-los daí”.

Amarrei uma corda resistente no tronco de uma árvore e deixei uma das lanternas clareando o local. Munido de outra corda, desci. Os jovens apavorados agarravam-se uns aos outros.

A chuva intensa tornava aquele chão escorregadio e perigoso. Com a corda amarrada na cintura, um a um todos foram subindo. O garoto Tadeu me disse “– Sabe, Diogo, já estávamos de partida, mas aí a Cláudia escorregou e caiu na plataforma. Descemos todos para ajudar e não conseguimos mais subir. Nós lhe devemos a vida”.

Com o som inconfundível das motos, todos vieram ao nosso encontro, suspirando de alívio. No dia seguinte, voltou a costumeira rotina. As amigas de mamãe se apresentavam solícitas, enquanto as mais altivas continuaram orgulhosas e distantes.

Tempos depois, numa noite difícil de resgate, quando eu voltava nas altas horas, fatigado e deprimido, dirigindo a moto com dificuldade com uma perna ferida que doía terrivelmente, virei a esquina da minha rua e fui surpreendido por uma cena inesquecível. As luzes de todas as casas estavam acesas. Logo compreendi que as vizinhas sem exceção esperavam por mim como meus pais sempre faziam. A minha depressão foi substituída pela mesma sensação de maravilhosa paz, que me envolvera anos atrás, na sala de espera do hospital de meu primeiro resgate. Muitas e muitas vezes lá estavam duas muralhas de luzes, como uma forma incontestável de reconhecimento, por aquelas mães, que me adotaram como filho.

Patrícia, com olhar atento, sentia que tinha pouco a acrescentar no relato. Permanecia em total encantamento diante das histórias do esposo.

“– Agora, Patrícia, vou lhe contar um incidente que presenciei e tomei parte numa fazenda distante. Todos os anos íamos ao aniversário de tia Celina, que você conheceu em nosso casamento. Costumávamos passar uma temporada em sua companhia na fazenda em que reside.

Como sempre, saí bem cedo para caminhar. Cansado das mesmas paragens, aventurei-me a seguir uma distância mais longa. Parei para tomar fôlego, em frente da porteira de uma fazenda. A casa grande era bem cuidada e, esticando a vista, podia-se observar dezenas de trabalhadores lavrando a terra. Entretanto, o que me chamou a atenção foi uma casa rústica próxima da cerca com os dizeres “Escola de Maria Eudóxia”.

Fiquei intrigado ao notar as janelas fechadas numa manhã radio-sa. Pulei a porteira e me aproximei. Ouvi ruídos no interior. Olhando pelas largas frestas da janela fiquei estarelecido. Sob a tênue luz de uma lâmpada, uma mulher batia no traseiro de um menino com um chicote. Com movimentos cadenciados, ela contava o número de açoites. Alunos tristes, sentados nas suas carteiras observavam em silêncio. O quadro-negro cheio de números e perguntas provava que houvera aula. Com a décima chibatada a mulher sossegou. Pensei, aliviado, que a aula fosse prosseguir, mas fiquei surpreso quando ouvi a voz cavernosa da professora.

“– Gerson levou só dez açoites, porque se comportou. Agora vamos ver de quem é a vez. Bento, Lurdes e Geraldo já apanharam ontem.

Pode ser você, Terezinha”.

Com o dedo em riste apontou para uma pobre menina. Por que as crianças não se revoltaram aceitando tanta humilhação e sofrimento?

Como a porta estava trancada, arrebentei uma janela e entrei na classe. A professora indignada com a testemunha de suas atrocidades, berrou “– Com que direito o senhor entrou aqui? Saia imediatamente”.

“– Vou comunicar ao delegado o que presenciei aqui. A senhora é perversa e sádica”.

Os alunos permaneciam encolhidos em suas carteiras. Alguns deles tremiam. A megera escancarou a bocarra e, com os olhos fuzilando de ódio, falou “– Eu faço o que me apraz. Estes meninos me pertencem. Meu falecido pai foi prefeito da cidade. Sou irmã de deputado federal e meu tio é o delegado desta cidade. Experimente tomar alguma providência e vamos ver quem sai lucrando”.

Provando sua insanidade mental, não tomou mais conhecimento de minha presença e começou a surrar a pobre menina. Possesso, avancei sobre a professora, tentando arrebatar-lhe o chicote. Ela largou a garota e, com uma fúria incontrolável, começou a me açoitar. De sua boca escorria um líquido viscoso e seus olhos chispavam fogo. O meu corpo, habituado à dor, parecia imune. Olhei bem no fundo dos olhos dela, e permaneci imóvel.

Inconformada com a minha indiferença, ela atingiu meu rosto, provocando o sangramento de meus lábios. Os alunos, sensibilizados, choravam ainda encolhidos em suas carteiras. Repentinamente, a professora tombou sobre a mesa, soltando seu instrumento de tortura. Verifiquei que estava morta. Com certeza foi um infarto, ocasionado pela sua ira animal e pela força que despendera.

A cascavel foi aniquilada pelo seu próprio veneno. Eu acalmei as crianças, afirmando que nunca mais iriam apanhar. Refeitos do susto, endireitaram-se em suas carteiras, enxugando as lágrimas. Pedi a eles que me contassem porque se sujeitaram a tanta maldade. Senti que precisava saber os motivos de tamanha violência. O garoto mais velho da turma tomou a iniciativa e começou a contar

“– Ninguém, nem mesmo nossos pais, sabem o que ocorre aqui. As pessoas contam que dona Maria Eudóxia quando criança se divertia cortando as asas dos pombos e maltratando os gatos e cachorros. Impiedosa, sentia prazer no sofrimento dos animais. Seus pais a levaram

aos mais conceituados psiquiatras, sem nenhum resultado. Depois de uma longa internação, retornou dócil e meiga. Os pais de Maria Eudóxia, felizes com o comportamento da filha, resolveram construir um colégio. Quando ambos morreram em um acidente de avião, Maria Eudóxia, dispensou a professora e resolveu ensinar aos filhos dos colonos. Até às dez da manhã ela ensina muito bem seus alunos, entretanto após esse horário começa nosso suplício. Fomos obrigados a jurar segredo, em troca dos empregos e moradia de nossos pais. Ela dizia que se alguém quebrasse o juramento, todos iriam para o olho da rua”.

“– Patrícia, eu fiquei perplexo, com a crueldade daquela mulher, escondida sob uma máscara de hipocrisia”.

Patrícia respondeu: “– No pronto-socorro, eu já vi pessoas atingidas por ácido ou objetos contundentes, mas uma professora sádica eu nunca poderia supor que existisse”.

“– Felizmente tudo terminou bem. Eu disse às crianças que confiassem em mim, pois eu iria instruí-los como agir. Eles deviam guardar esse segredo infame, para o próprio bem deles. Eu lhes disse que o irmão dela certamente viria de Brasília e julgaria uma difamação se a verdade viesse à baila. Aconselhei a afirmar que dona Maria Eudóxia estava para pedir ao irmão para ampliar a escola, com a construção de um refeitório, uma biblioteca e uma quadra esportiva. Em certos casos, a mentira é necessária para o bem de todos. Pedi para que esperassem no pátio, enquanto um dos alunos ia chamar o doutor, com a explicação que a professora repentinamente caíra de bruços sobre a mesa. Eu terminei as explicações me apresentando como Diogo Me-deiros da fazenda de tia Celina e parti, levando para longe da cena os instrumentos de tortura. Na cerimônia fúnebre os comentários eram sempre os mesmos: uma menina diabólica, transformada num anjo de mulher. O deputado federal, com interesses políticos, prometeu cumprir os desejos da irmã, em proveito de seus alunos. A eloquência do deputado, quase santificando a irmã, chegava indiferente aos ouvidos das crianças. Elas sabiam que a professora não poderia ser julgada pela lei dos homens, mas seria condenada pela justiça de Deus.

Precisamente um ano mais tarde, voltamos à fazenda de tia Celina. Fui o mais rápido possível à fazenda da família de Maria Eudóxia. Avistei uma escola de construção recente, cercada de playground e quadra esportiva. Duas janelas escancaradas recebiam a claridade da manhã.

Alunos saudáveis, sentados em reluzentes carteiras, ouviam atentos as explicações da professora. Eu teria gostado de confraternizar com as crianças, mas resolvi me afastar para que minha presença não trouxesse tristes recordações. Na volta, passei pela praça central do vilarejo. Ao invés de monumentos de homens ilustres se encontrava o de Maria Eudóxia. Seu pedestal era protegido por um canteiro de flores e suas mãos carregavam livros. Prontamente enxerguei a figura de Maria Eudóxia invadida por ervas daninhas, enquanto sua mão direita brandia uma chibata. Eram os olhos da verdade.

Patrícia adorava ouvir os episódios de bravura que Diogo contava nas horas de lazer.

Findava 1988 e com ele, o primeiro ano de união do casal. A família crescera, com o nascimento do bebê. Resolveram comemorar o aniversário de casamento, com a ceia de 31 de dezembro. Compareceram além dos pais de ambos os lados, tia Celina, o irmão de Diogo com a esposa e as filhas gêmeas de seis anos de idade. Entre os convidados, quatro casais de amigos, com seus respectivos filhos.

As crianças brincavam na sala de televisão, enquanto os adultos conversavam animadamente, ingerindo aperitivos e saboreando petiscos. Patrícia dava os últimos retoques na mesa repleta de iguarias, entre as quais o tradicional Peru à Brasileira e o Presunto à Califórnia.

Subitamente Diogo subiu correndo as escadas, voltando rápido com suas roupas de mergulho.

“– Não tenho tempo a perder. Peço mil desculpas, e continuem sem mim. A televisão vai informá-los o que está acontecendo”. Beijando Patrícia, saiu imprimindo alta velocidade à sua moto.

Ninguém foi para casa, todos resolveram esperar. As horas passavam lentas, apesar da companhia de amigos. As crianças dormiam estendidas em sofás e poltronas.

Bastava qualquer ruído externo para que Patrícia corresse em direção à janela. Resolveu então, esperar pelo marido no portão. A profusão de luzes, provenientes de todas as casas, acalentou seu coração.

Patrícia reencontrou Diogo no hospital onde eles se viram pela primeira vez.

Ao acordar nos braços da esposa, ele não sabia que sua vida tinha sido salva, depois de ser encontrado com fracos sinais vitais, vitimado por um afogamento ainda não esclarecido. A obstinação e experiência

de Patrícia, que trabalhava naquele local há quase uma década, tinha sido fundamental para que ele permanecesse vivo. Os trabalhadores daquele hospital eram os únicos que sabiam do heroísmo de Patrícia, que dedicava a sua vida ao trabalho ao lado de uma equipe que, mesmo com poucos recursos e sem uma remuneração adequada, fazia com que aquele hospital da rede pública fosse referência no atendimento de casos graves. Heróis silenciosos, mas não menos obstinados.

Como reconhecimento pela sua dedicação no trabalho, a equipe insistiu para que ela se dedicasse exclusivamente à recuperação do esposo durante os dias que ele estivesse na UTI. Permaneceu ao seu lado com um olhar atento por uma semana.

Quando Diogo acordou, sua respiração estava curta. Abraçando Patrícia, disse pausadamente: “– Devido a ganância de alguns homens que não se preocupam com a segurança dos seres humanos, acontecem trágicos acidentes. São pessoas irresponsáveis, que visam somente lucro, sem a mínima consideração pela preciosa vida de seus semelhantes. O meu cansaço não permite que eu continue falando”.

Patrícia se aninhou nos braços de Diogo e ambos adormeceram. Ela acordou sobressaltada, com a claridade da manhã, infiltrando-se pela janela do hospital. Foi quando lembrou que no dia em que resgatou Diogo, pouco depois da meia-noite, na praia de Copacabana, enquanto centenas de pessoas contemplavam o efêmero brilho dos fogos de artifício, os desafortunados do Bateau Mouche navegavam num barco seguro, por espaços siderais rumo à eternidade.

Olhando para os olhos de Diogo, Patrícia desabafou em voz alta: “– Meu herói está dormindo, o sono merecido dos justos”.



Rosa da Fonseca

Aproximava-se o feriado de Finados e, como sempre, nosso destino era o apartamento de Santos. Essa rotina sem mudanças não entusiasmava mais meus três filhos e meu marido.

Não consigo definir se corria o ano de 1964 ou 1965. Só me lembro que era um enfadonho Domingo, quando resolvi reunir a família ao redor da mesa de jantar. Quando eu propus uma viagem diferente, todos aprovaram na hora. Abrindo o jornal na página de turismo, as propagandas se destacavam com anúncios de letras garrafais. Os olhos dos presentes se fixaram na fotografia de um navio.

Como os transatlânticos do exterior ainda não singravam as costas brasileiras, o Rosa da Fonseca nos dava a impressão de representar o melhor em entretenimento e segurança.

Lemos em voz alta os atrativos: piscina, convés com cadeiras relaxantes, cinco refeições diárias, salão de jogos, cinema, bailes, teatro, banda e orquestra.

Escolhemos o minicruzeiro, que saía do cais de Santos rumo a Vitória, no Espírito Santo passando pelo Rio de Janeiro.

Telefonamos para um casal de amigos, que resolvera nos acompanhar com seus três filhos.

No dia seguinte, fui até à rua Barão de Itapetininga, onde ficava a agência Exprinter e fiz as reservas.

Durante os dias que precederam a viagem, as crianças só tinham em mente as novidades que iriam dispor. Tagarelavam sem parar e faziam perguntas.

Chegando finalmente o dia da viagem, descemos a serra sem conter nossa alegria. Os passageiros foram recebidos com balões coloridos e serpentinas, que se entrelaçavam no ar, provocando um ar festivo aos que partiam. Fomos até o camarote, onde despejamos nossos pertences e começamos a nos preparar com roupas adequadas para o elegante jantar. Eufóricos não nos cansávamos de elogiar a beleza das instalações.

Um grumete veio nos avisar que o nosso jantar seria no segundo turno, porque o salão de refeições não comportava o excesso de passageiros.

Começamos a vestir nossas roupas sociais, quando por curiosidade o meu marido tentou abrir um gavetão, que estava emperrado. Tanto



puxou que ele acabou caindo em um de seus pés, provocando gritos de dor. Colocou com dificuldade o sapato no pé machucado que começava a inflamar assustadoramente.

Fomos direto para o salão das refeições, sonhando com as iguarias, os doces e bolos expostos em um balcão. Os casais do primeiro turno saíram do restaurante, impecavelmente vestidos e com o ar de satisfação. A orquestra tocava uma valsa enquanto nos dirigíamos para as mesas. O salão era muito mais luxuoso do que podíamos imaginar. Que bom que havíamos decidido trocar Santos pelo Rosa da Fonseca! Meu marido se queixava da dor no pé. Decidimos consultar o médico a bordo logo pela manhã.

De repente, um vento gelado penetrou pelas janelas e uma chuva torrencial começou a cair sem trégua. A tempestade e o vendaval eram tão violentos, que afetaram a disposição do bem organizado jantar. Os copos e pratos começaram a cair e as mesas e cadeiras tombavam como se fossem feitas de papel. Os bolos e doces se misturavam, formando uma miscelânea de cremes e geleias. O chão começou a sumir de nossos pés e o restaurante virou um imenso carrossel. A orquestra silenciou, os garçons ficaram empedernidos em seus postos e a pequena multidão abandonou o recinto, apoiando-se uns nos outros.

As pessoas do primeiro turno estavam passando mal, expelindo tudo que haviam ingerido. Com as vestes manchadas e amarrotadas, começaram a seguir na mesma direção.

Aquele espetáculo degradante e o mau cheiro contagiaram todos que ainda se mantinham em boa forma. Mesmo sem ingerir qualquer alimento, começamos a enjoar e mudar de aspecto. Olhei para minha amiga e me assustei, porque sua pele morena adquirira a cor de uma azeitona verde.

Fomos procurar o consultório médico, esperando encontrar uma fila maior que um hospital público. No lugar do médico encontramos uma porta fechada, com um cartaz avisando que o doutor adoecera. As pessoas já comentavam que todos adoeceram, inclusive os médicos e os artistas. Chegara também a notícia de que o estabilizador do navio não estava funcionando. Resolvemos nos abrigar dentro dos camarotes, que ficavam um andar abaixo. Qual não foi nossa surpresa ao encontrar as escadas da parte externa dando pinotes e voando para todos os lados! Vários braços precisaram segurá-la para que conseguíssemos

alcançar os camarotes.

Com o aumento progressivo da tempestade, o navio parecia desgobernado, sacudindo com violência. As pias transbordavam. Nos outros camarotes, certamente aconteceu o mesmo, porque por baixo das portas fomos invadidos por uma água fétida, que vinha e ia conforme o balanço do navio. Corremos para as camas, que era nosso único refúgio. Com um forte analgésico para dor no pé, meu marido acabou adormecendo, como também as crianças no meio de tanta confusão.

Foi a noite mais longa da minha vida. Não preguei os olhos nem por um minuto. Enjoada daquela sujeira, levantei a cabeça e olhei para a parede na minha frente. Sufoquei com as mãos, um grito que teimava sair da garganta. Pendurados na parede, dançavam diabolicamente quatro coletes salva-vidas. Foi colocada uma cama extra, mas esqueceram de providenciar o salva-vidas que faltava.

Se a sirene tocasse anunciando um naufrágio, quem ficaria? Covardemente, lembrei da frase sempre usada: primeiro crianças e mulheres. Rezei, pedindo proteção a Deus, para todos os ocupantes do navio.

Após um tempo indefinido, apoiando-me nos móveis, cheguei até a escotilha e fixei o olhar: vagas gigantescas suspendiam o barco nas alturas que, a seguir, despencava para o abismo do oceano. De repente, a chuva diminuiu de volume e o vendaval perdeu a força. Na linha do horizonte uma tímida claridade anunciava o nascer de um novo dia. O Rosa da Fonseca equilibrou sua carcaça, endireitou seu perfil e seguiu sua rota.

Estávamos nos aproximando do porto do Rio de Janeiro.

Animada com a perspectiva de continuar a viagem, agora com tranquilidade, acordei o pessoal. Após a chuva e troca de roupas fomos chamar nossos vizinhos. Eles estavam sentados nas camas, segurando as bagagens, prontos para desembarcar. Como nenhum argumento os convenceu a ficar, meu marido achou melhor nós também desistirmos da viagem. Descemos as desajeitadas escadas, com a chuva sobre nossas cabeças e com as vaias dos passageiros que haviam decidido em conjunto que ninguém abandonaria o navio.

A decepção causada pela desastrosa viagem foi, pouco a pouco, caindo no esquecimento. No entanto, se ficou uma lacuna, ela foi preenchida nessas linhas.

Os castiçais da vovó



Num dia de maio de 1948,¹ festejava-se um noivado em família. O brinde do champanhe tinha um significado duplo, porque além dos cumprimentos tradicionais, extravasávamos a alegria. No sorriso de cada um, estava presente o sabor do triunfo, depois de anos de sacrifícios, fugas e ausências. Todos sentiam que, em qualquer parte do mundo, cada lar judeu vivia a euforia da vitória.

Na residência da noiva, pequenos grupos de pessoas discutiam política, sionismo, vindo sempre à baila o nome de Theodor Herzl. Os noivos, relegados a um segundo plano, olhavam decepcionados para os convidados.

Quando as mulheres se juntaram na sala contígua para conversar sobre os acontecimentos sociais e a nova tendência da moda. Minha avó, um tanto alheia às conversas, estava elegantíssima num tailleur negro, com um colar de diamantes.

Observando com mais atenção, percebi que lágrimas deslizavam ininterruptamente pelo seu rosto. Quando me aproximei, ela já secara com seu lenço suas faces úmidas. “– Você me levaria para casa? Preciso fazer uma prece diante dos meus queridos castiçais. Com certeza seu avô sairá daqui como o último dos convidados. Quando voltar pra cá, ouça a conversa dele e de seus companheiros. Já passaram por várias cidades do novíssimo Estado de Israel e agora estão atravessando o deserto do Neguev”.

Despedindo-se com um aceno distante, chegamos a ouvir uma de minhas tias “– A mamãe já encontrou sua costureira dor de cabeça”.

Estacionei o carro em frente à sua residência. As amplas salas pouco representavam para minha avó, entretanto ela aceitava com prazer tudo que tinha importância para seu bem sucedido marido.

Assim que subimos as escadas, começou a arrancar suas joias e soltar os grampos que prendiam seus cabelos. Num desabafo nervoso ela disse “– Estas joias parecem feitas de chumbo. Para mim elas pesam mais de trezentos quilos”.

¹ Escrito em resposta aos atentados sofridos pela AMIA-Associação Mutual Israelita Argentina, no dia 18 de julho de 1994 em Buenos Aires.

Apanhou seu xale, colocou um lenço sobre os cabelos e correu para os seus velhos castiçais. Sobre uma mesa, eles pareciam deslocados diante de tantos objetos de valor, ao lado das fatias cobertas de uma chalá. Feitos de latão, tinham pequenos arabescos esculpido na superfície. Principiava o Shabbat e as velas acesas pareciam à espera de sua dona.

Transformada em uma humilde camponesa judia, a bove voltava às suas origens. Conhecia todas as preces diárias (tefilá), mas naquele momento histórico, pedia fervorosamente a Deus por Israel e pela paz com seus vizinhos árabes.

Tranquilizada pela oração, ela se voltou para mim dizendo “– Será que você passaria essa noite aqui comigo? Seu avô costuma chegar tão cansado nos dias de festa que vai diretamente para o seu quarto, sem mesmo me desejar boa noite”. Antes que eu respondesse afirmativamente, ela continuou: “– É bom telefonar avisando seus pais”.

Depois das muitas horas de agitação festiva, não conseguíamos conciliar o sono. Eu então resolvi perguntar “– A senhora gostaria de me contar uma estória, como aquela que eu ouvia quando criança?”.

“– Não, minha querida. Eu gostaria de falar sobre a persistência dos nossos antepassados. Agora mais do que nunca os idealistas de todas as partes do mundo sonham em imigrar para Israel para trabalhar nessa terra abençoada depois de tempos tão sombrios que nos acometeram, e lutar por sua liberdade. Cercada de inimigos, seus jovens soldados terão que ficar sempre de vigília e prontidão. Israel renasceu das cinzas de famílias inteiras dizimadas. Enquanto eu viver, vou orar ardentemente pela paz. Este par de castiçais tem o poder mágico de comunicação com Deus. Eles são a herança de muitas gerações de heroicas mulheres. Suas súplicas, seus agradecimentos, estão condensados nas lágrimas que deslizaram de muitos olhos cansados. Elas pediam a Deus pela fartura nas nossas mesas e que nunca faltasse matzá em Pessach. Também oravam pela proteção dos livros sagrados de seus maridos e parentes, porque vez ou outra, os incorrigíveis racistas explodiam seu ódio em frente às portas e janelas. A minha sofrida mãe escolheu a mim entre sua numerosa prole porque nós tínhamos a mesma sensibilidade. Quando eu morrer, os castiçais ficarão em suas mãos, porque ambas temos muitas afinidades”.

Emocionada, fui até sua cama e lhe dei um beijo afetuoso. A vovó continuou: “– Apesar dos castiçais representarem o que eu tenho de mais

valioso, eles não fazem parte das minhas primeiras recordações. A minha mais remota lembrança da infância, naquele lugar ermo e inseguro, é a figura do meu avô, cercado de seus numerosos netos, contando histórias dos antepassados de Israel com seus vizinhos guerreiros. Quando ele terminava de falar, sua frase predileta ecoava em nossos pensamentos: Israel foi destruída e seu Templo arrasado, mas seus descendentes perseguidos e dispersados pelo mundo, conservaram sua raça, suas leis divinas e inquebrantáveis, para todo o sempre”.

Eu pretendia responder quando notei que finalmente ela adormecera.

A vovó faleceu em 1965, após dois anos da morte do vovô. A nós, suas netas, foi concedido o direito de dividir seus objetos de valor. Enquanto as minhas primas contavam e recontavam as joias, entrei no quarto da vovó. Eu estava triste e angustiada com seu desaparecimento, mas era preciso apanhar os castiçais.

Quando desci, ouvi as primas discutindo. Todas elas queriam ficar com o colar de diamantes. Uma delas, num rasgo de generosidade, disse “– Venha escolher a sua parte”. Como recusei, balançando negativamente a cabeça, outra respondeu “– A prima pobre esqueceu muito depressa o valor das boas coisas da vida”.

Eu estava em estado de choque para responder, mas repentinamente, as palavras da vovó fluíram na minha boca. “– Essas joias parecem feitas de chumbo. Para mim, elas pesam mais de trezentos quilos”.

Todas silenciaram. Não sei se foi por respeito à vovó ou se compreenderam o significado de suas palavras.

O tempo foi passando, e hoje os castiçais que guardo na escrivania contam novas histórias, de guerras, de violência, que não foram capazes de esmorecer a esperança de paz. Mas deixaram marcas. Felizmente vários países vizinhos já compreenderam a importância da paz com Israel. Tratados de paz e calorosos apertos de mãos já foram concretizados. Entretanto, o que causa revolta para qualquer cidadão é o fanatismo desenfreado de indivíduos sem escrúpulos. É preciso lutar contra eles mesmo que a missão seja quase impossível. Eles estendem tentáculos invisíveis, porque sua covardia não permite que lutem de frente. Habitam o vale das sombras. Toda cautela é pouca em Israel e em qualquer parte do mundo. Não podemos mais admitir que ônibus escolares sejam ameaçados no meio da estrada e que um pai de família não retorne mais ao seu lar.

Com a recente tragédia que vitimou nossos irmãos argentinos neste ano de 1994, veio à minha memória a figura de uma elegantíssima senhora que, diante de seus castiçais, transformou-se na bofe camponesa para humildemente orar a Deus pela paz entre todos os homens.

Agradecimentos

À memória de Lascia (Elisa) Abramovictz, minha vó, e de suas filhas Janice e Sarita.

À Luna Alkalay e Victória Lobo pela enorme sensibilidade.

À Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas do Estado de São Paulo.

Aos parceiros da Casa do Povo (em especial, Benjamin Seroussi), do Coral Tradição (Hugueta Sendacz e Mário Sevílio), do Museu Judaico do Estado de São Paulo e da Secretaria de Esporte e Cultura da cidade de Tatuí, assim como a tradução de Clara Geif.

Aos meus pais Angela e Osvaldo - que contribuiu para o glossário - minha avó Neuza e meu tio Sérgio, pelo companheirismo, e toda a família Abramovictz.

Glossário

Alef-beit: Sistema de escrita hebraico.

Anussim: Em tradução literal, “forçado”. É empregado na literatura rabínica para designar os judeus convertidos compulsoriamente ao Cristianismo ou ao Islamismo, principalmente na Espanha, Portugal e Marrocos no final da Idade Média.

Bar Mitzvah: A expressão vem do aramaico, a língua do Talmud. “Bar” significa literalmente “filho de” e “Mitzvah” significa “mandamento”. É o nome dado a cerimônia de passagem para a maioridade religiosa judaica dos meninos que completam 13 anos. Para as meninas, aos 12 anos se dá a celebração do Bat Mitzvah.

Berachah: Bênção judaica realizada antes de alguma ação humana como: alimentar-se, realizar uma Mitzvah (fazer uma boa ação) ou uma cerimônia especial religiosa. Também referido como Brachot.

Casher: Alimentos próprios ao consumo e seus métodos de preparo, de acordo com as leis judaicas. Também referido como Kosher.

Chalá: Pão de formato trançado ou redondo com brilho, servido após as cerimônias do Shabat. Originalmente representam uma lei bíblica que orienta retirar um pedaço da massa do pão antes de ser assado e entregá-lo aos Cohanim (Sacerdotes judaicos).

Chalitzah: Cerimônia de tradição antiga judaica na qual um tribunal rabínico ou um grupo de religiosos da comunidade oficializa a recusa da viúva ou do irmão solteiro do marido falecido de se casarem por compromisso religioso (Yibum). Na cerimônia, a esposa tira os sapatos do irmão, testemunhada pelos religiosos.

Chalot: Pão judaico feito com farinha, ovos e mel. No singular, Chalá.

Cheder: Escola elementar onde se aprende a tradição judaica e a língua hebraica.

Chupah: Tenda ou cobertura usada no casamento judaico que cobre os noivos e representa a vontade do casal estabelecer um lar que estará sempre aberto às visitas.

Kadish: Prece judaica tradicionalmente recitada nos enterros e nos serviços de comemoração dos finados. Representa um louvor e santificação a Deus.

Kidush: Em tradução literal, “santificação” ou “separação”. É a bênção recitada sobre o vinho ou suco de uva para santificar o Shabbat.

Lashon HaKodesh: Na tradução literal “o idioma sagrado”. Na tradição judaica, o hebraico foi a língua que Deus criou o mundo.

Maguid: Em tradução literal, “pregador” ou “orador”.

Matzá: Tipo de pão assado sem fermento, feito com farinha de trigo e água. É usado no Pessach (Páscoa judaica), que representa a saída dos judeus da escravidão no Egito. Pão ázimo.

Melamed: Palavra que, especialmente no período talmúdico, denotava um maestro ou instrutor religioso, que ensinava as crianças.

Minyan: Em tradução literal, ‘conta’. Na religião judaica, refere-se ao número mínimo de dez judeus, com mais de 13 anos de idade, necessário para realizar uma oração ou trechos de uma reza.

Mitzvot: Conjunto de mandamentos da Torá em número de 613 que proíbem ou determinam ações para o judeu. O termo representa a palavra “conexão”.

Pessach: Festa em comemoração ao êxodo dos judeus da escravidão do Egito, com a passagem pelo deserto conduzidos por Moisés até a Terra Prometida. A festa dura sete dias com orações na sinagoga e a

proibição do consumo de alimentos que contenham fermento.

Rosh Hashaná: Em hebraico, “cabeça do ano”. Representa o ano novo judaico, uma data festiva e religiosa com orações nas sinagogas. Ocorre, geralmente, no mês de setembro ou outubro.

Shabbat: Nome dado, no judaísmo, ao dia de descanso semanal, simbolizando o sétimo dia da criação, em que Deus descansou.

Shadchan: Pessoas da comunidade judaica que organizam encontros entre pessoas que querem casar, facilitando sua aproximação.

Shemá: Prece que deve ser recitada duas vezes ao dia por todo judeu. É um mandamento positivo (obrigatório) da Torá. Tem o significado de “ouve” ou “escuta”.

Shemini Atzeret: Dia seguinte após os sete dias da festa de Sucot dentro da cabana na espera do dia seguinte em que se comemora o Simchat Torá.

Shivah: Período de sete dias de luto no judaísmo pela perda de um ente próximo. A família permanece em casa com proibições específicas de algumas atividades.

Shohet: Judeu que abate animais para o alimento de acordo com a Torá. Deve conferir sua faca antes de fazer o trabalho, para que o corte seja suave. Também referido como Shochet.

Simchat Torá: Dia festivo do povo judeu, chamado “Alegria da Torá”. É uma festa em que as pessoas dançam com a Torá, com doces distribuídos para as crianças. Marca o fim do ciclo anual da leitura do texto sagrado do judaísmo e o início de um novo ciclo de leitura.

Sucah: Cabana usada na festa de Sucot, construída com três paredes, geralmente de palha e folhas.

Sucot: Conhecida como festa das Cabanas ou Colheitas, pois coincide

com a época das colheitas em Israel. Relembra os quarenta anos do Êxodo dos hebreus no deserto após sua saída do Egito. São construídas cabanas com palhas e folhas onde são feitas as refeições, lembrando aquela época.

Talit: Xale vestido pelos judeus nas cerimônias religiosas e nas rezas. É um preceito bíblico judaico e nas pontas contém franjas (tsitsit). Tem um significado de envolver-se no cumprimento dos mandamentos da Torá.

Tefilá: Oração ou prece religiosa diária. Em tradução literal, “conexão”.

Talmud: Os escritos que abrangem todo o conjunto de leis e tradições judaicas compiladas e editadas entre o terceiro e sexto séculos. Seu significado literal é “aprendizado”.

Torá: Em tradução literal, “instrução”. Refere-se aos cinco livros de Moisés, base de toda a instrução e orientação judaica.

Yahrtzeit: Aniversário de falecimento lembrado a cada ano pelos familiares de um indivíduo.

Yeshivah: Local onde os judeus se reúnem para estudar Torá e as tradições rabínicas.

Yom Kipur: Significa o Dia do Perdão ou Expição, cujos procedimentos religiosos estão detalhados na Torá. É o dia mais sagrado do ano para o povo judaico. Ocorre dez dias após o ano novo judaico (Rosh Hashaná). As pessoas que completaram a maioridade religiosa fazem jejum por 25 horas e comparecem às cerimônias na sinagoga, onde pedem perdão pelos erros cometidos.

Produção e organização
Felipe Abramovictz
Edição e revisão
Luna Akalay
Design e diagramação
Victória Lobo

Este livro foi composto em Silva Text e Hebrew Adapter e impresso em papel offset 90 g/m² na gráfica Forma Certa em dezembro de 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As Fatias de pão : a literatura de Lisa Abramovictz / Felipe Abramovictz (org.). --Tatuí, SP : Madam Produções, 2024.

ISBN 978-85-69958-05-5

1. Ficção brasileira 2. Judaísmo 3. Tradição (Judaísmo) I. Abramovictz, Felipe.

24-240121

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



PROAC
SP

CULT
SP

SP

SÃO
PAULO

GOVERNO
DO ESTADO
de SÃO PAULO
Secretaria de
Cultura, Patrimonio
e Indústrias Criativas